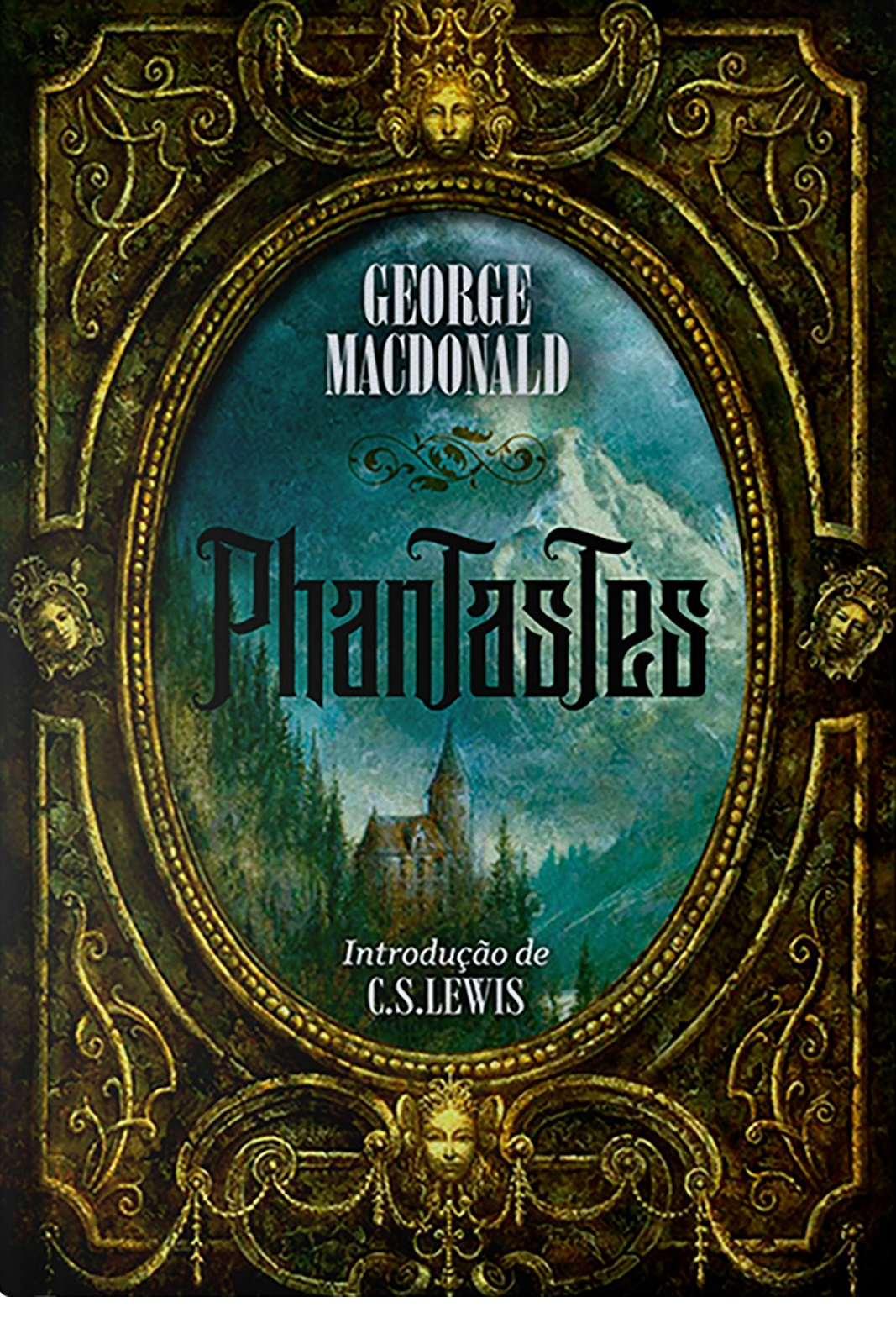




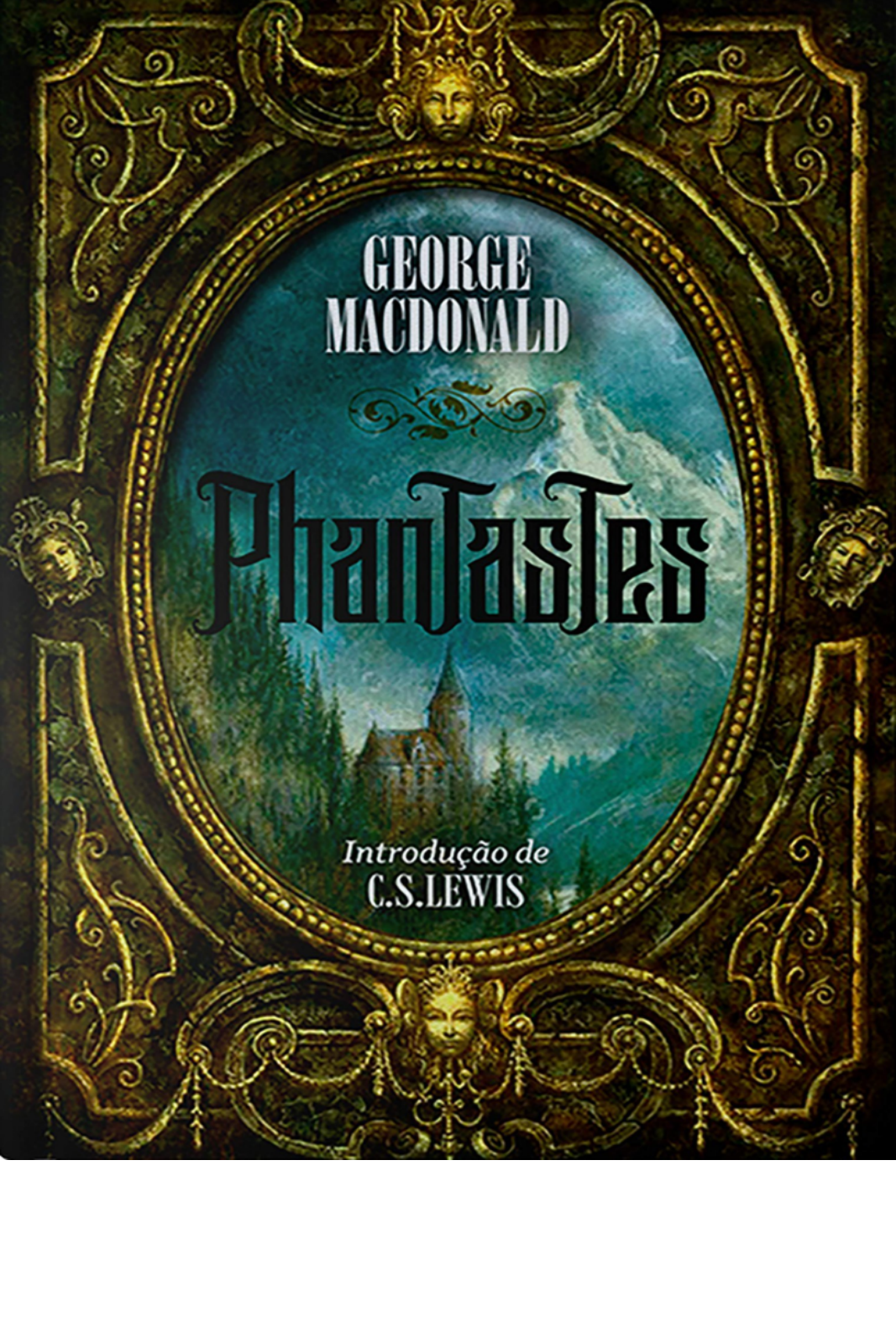
GEORGE
MACDONALD

Phantasies

Introdução de
C.S. LEWIS

VISIT...

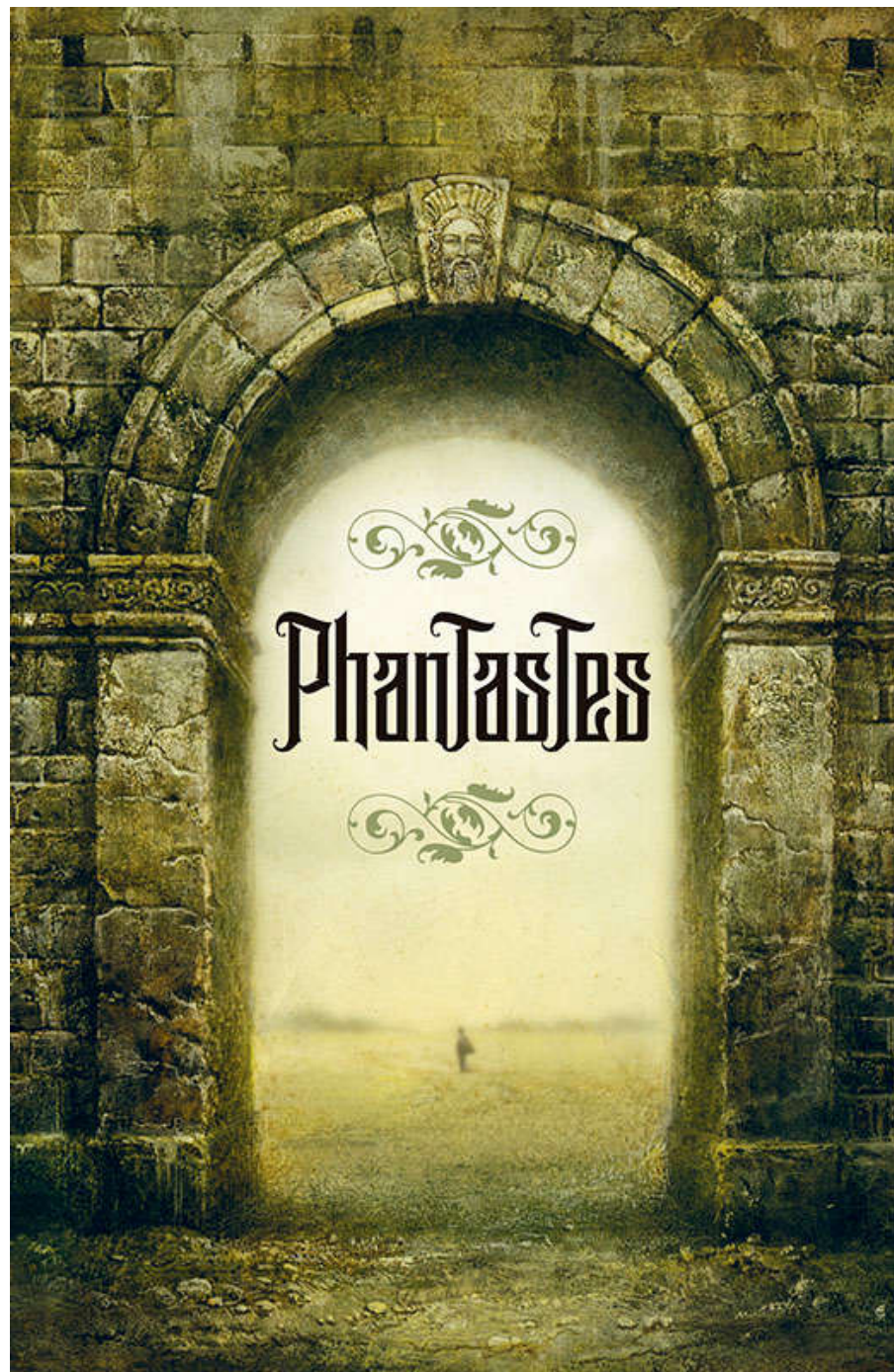
LANZAROTE
Caliente.COM



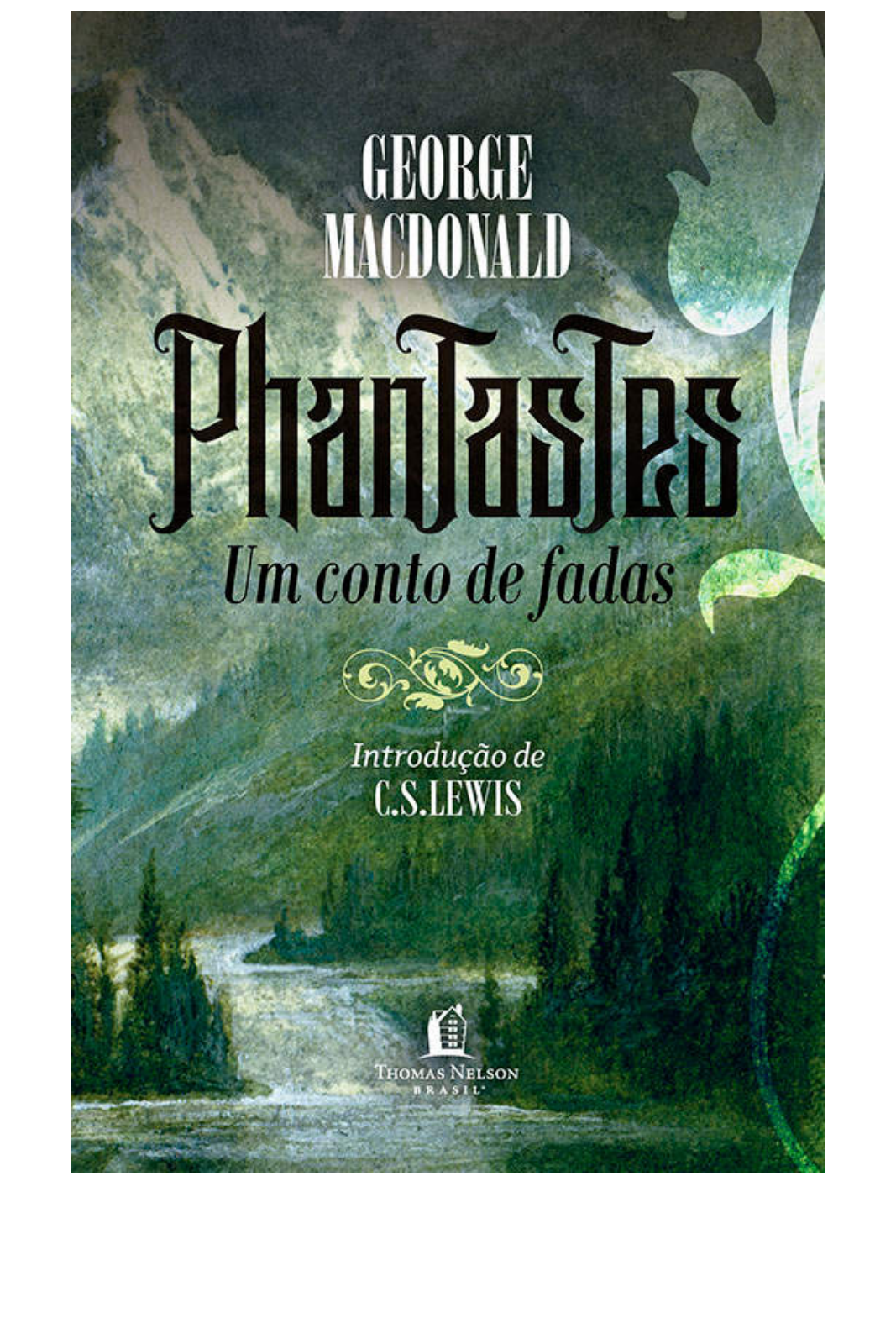
GEORGE
MACDONALD

Phantasies

Introdução de
C.S.LEWIS







GEORGE
MACDONALD

Phantasies

Um conto de fadas



Introdução de
C.S. LEWIS



THOMAS NELSON
BRASIL

Copyright © 2021 por Vida Melhor Editora

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher

Samuel Coto

Editores

André Lodos Tangerino

Bruna Gomes

Tradutor

José Fernando Cristófalo

Copidesque

Clarissa Melo

Revisão

Marina Castro

Eliana Moura Mattos

Capa, projeto gráfico de miolo

e pesquisa iconográfica

Anderson Junqueira

Diagramação

Adriana Moreno

Anderson Junqueira

Imagens de capa

Slava Gerj/Shutterstock

Imagens de miolo

John Bell, 1894

Slava Gerj/Shutterstock

Produção de ebook

S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M112p MacDonald, George

1.ed. Phantastes / George MacDonald, tradução de José Fernando Cristófalo. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2020.

228 p.; il.; 13,5 x 20,8 cm.

Título original : Phantastes

ISBN: 9786556891163

1. Ficção escocesa. I. Cristófalo, José Fernando. II. Título.

CDD E823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura escocesa

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada

à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Sumário

Introdução

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25



INTRODUÇÃO

C.S. Lewis



Tudo o que sei sobre George MacDonald aprendi em suas próprias obras ou na biografia, *George MacDonald and his Wife* [George MacDonald e sua esposa], que seu filho, dr. Greville MacDonald, publicou em 1924. Tampouco conversei, exceto uma única vez, com alguém que o tenha conhecido. Portanto, quanto aos poucos fatos que vou mencionar, sou inteiramente dependente do dr. MacDonald.

Aprendemos com Freud e outros sobre as distorções de caráter e os equívocos de pensamento resultantes de antigos conflitos de um homem com seu pai. De longe, a coisa mais importante que podemos saber sobre George MacDonald é que toda a sua vida ilustra o

processo oposto. Um relacionamento quase perfeito com seu pai constituía a raiz terrena de toda a sua sabedoria. George afirmou que aprendeu de seu próprio pai, em primeiro lugar, que a paternidade deve estar no âmago do universo. Portanto, ele foi preparado de uma forma incomum para ensinar aquela religião na qual a relação entre o Pai e o Filho, de todas, é a mais central.

Seu pai parece ter sido um homem notável — alguém inflexível, terno e bem-humorado, tudo ao mesmo tempo, ao antigo estilo do cristianismo escocês. Esse homem teve sua perna amputada um pouco acima do joelho, em dias que antecederam o advento do clorofórmio, recusando-se a ingerir a usual dose de uísque, sendo que, apenas por um instante, quando a faca primeiro transfixou a carne, virou o rosto e emitiu um débil e sibilante gemido. Com uma piada fantástica sobre si mesmo, o pai de George conseguiu abrandar uma horripilante revolta na qual ele estava quase sendo queimado. Ele proibiu seu filho de tocar uma sela antes de aprender a cavalgar bem sem ela. Ainda o aconselhou a “desistir do infrutífero jogo da poesia”. Igualmente, solicitou e obteve a promessa do filho de renunciar ao tabaco com a idade de vinte e três anos. Por outro lado, opôs-se à prática de atirar em aves pela crueldade do ato e, em geral, demonstrou uma ternura pelos animais pouco usual entre os fazendeiros de sua época. O filho relata que, quando jovem e adulto, o pai jamais lhe pediu algo sem obter o que solicitara. Sem dúvida, isso muito nos revela sobre o caráter tanto do pai quanto do filho. “Quem busca o Pai mais do que qualquer coisa que possa receber provavelmente recebe o que solicita, pois é improvável que peça mal.” A máxima teológica possui raízes nas experiências da infância do autor. Isso é o que pode ser chamado de “dilema antifreudiano” em ação.

A família de George (exceto seu pai, provavelmente) era, claro, calvinista. Do lado intelectual, sua história é, em grande parte, uma história de fuga da teologia na qual foi educado. Histórias de tal emancipação eram comuns no século XIX, porém a de George MacDonald pertence a esse padrão familiar apenas com uma distinção. Na maioria das histórias, a pessoa emancipada, não contente em repudiar as doutrinas, passa também a odiar os seus ancestrais e até mesmo toda a cultura e a maneira de vida a eles associadas. Portanto, obras como *The Way of All Flesh* [01] [O destino de toda carne] vieram a ser escritas, e gerações posteriores, se não engolem toda a

sátira como história, pelo menos perdoam o autor pela compreensível parcialidade que alguém, nas mesmas circunstâncias que ele, dificilmente conseguiria evitar. No entanto, não encontramos qualquer vestígio de tal ressentimento nas obras de MacDonald e tampouco somos nós que temos de encontrar circunstâncias atenuantes para seu ponto de vista. Pelo contrário, ele mesmo, no próprio centro de sua revolta intelectual, é que nos força a ver ou não elementos de real e, talvez, insubstituível valia naquilo contra o que ele se rebela.

Durante toda a sua vida George permaneceu fiel ao seu amor pela rocha da qual foi talhado. O melhor de seus romances nos transporta de volta àquele mundo “rural” de granito e charco, de campos de branqueamento ao lado de riachos que parecem fluir não com água, mas com um líquido mais consistente. Leva-nos também aos sons monótonos do maquinário de madeira, aos bolos de aveia, ao leite, ao orgulho, à pobreza e ao amor passionai do aprendizado obtido a duras penas. Seus personagens principais são os que revelam o quanto o amor real e a sabedoria espiritual podem coexistir com a declaração de uma teologia que não parece encorajar nenhum dos dois. Sua própria avó, uma velha senhora verdadeiramente terrível, capaz de queimar o violino de seu tio como se fora uma armadilha satânica, poderia muito bem ter lhe parecido como o que é agora (imprecisamente) chamado de “uma simples sádica”. Não obstante, quando algo muito parecido com ela é delineado em *Robert Falconer* [02] e novamente em *What's Mine's Mine* [O que é meu é meu], somos compelidos a olhar com mais profundidade — para ver, no interior da crosta repelente, algo de que possamos nos compadecer de todo o coração e até mesmo respeitar com reservas. Dessa forma, MacDonald ilustra não a duvidosa máxima de que conhecer tudo é perdoar tudo, mas a inabalável verdade de que perdoar é conhecer. Quem ama vê.

George nasceu no ano de 1824, em Huntly, Aberdeenshire, entrando para o King's College, em Aberdeen, com a idade de dezesseis anos. Em 1842, ele passou alguns meses no Norte da Escócia, catalogando a biblioteca de uma grande casa que jamais foi identificada. Menciono esse fato porque tal experiência causou uma duradoura impressão no jovem MacDonald. Vista principalmente da biblioteca e sempre através dos olhos de um estrangeiro ou subordinado (o sr. Vane, em *Lilith*, jamais parece estar em casa mesmo na biblioteca que é chamada de sua), a imagem de uma grande casa

assombra os seus livros. Assim sendo, é razoável supor-se que “a grande casa no Norte” tenha sido o cenário de alguma importante crise ou evolução em sua vida. Talvez tenha sido lá que George primeiro veio a ser influenciado pelo Romantismo germânico.

Em 1850, George recebeu o que é tecnicamente conhecido como um “chamado” para se tornar o ministro de uma dissidente capela em Arundel. Por volta de 1852, ele estava em apuros com os “diáconos”, por heresia, sob a acusação de que teria expressado a crença em um estado futuro de provação para os pagãos e estaria maculado com a teologia germânica. Para se livrarem dele, os diáconos adotaram um método indireto, rebaixando seu salário — que somava cento e cinquenta libras ao ano, estando ele já casado — na esperança de que isso o levaria a renunciar. No entanto, eles subestimaram o homem. MacDonald simplesmente respondeu que a notícia era ruim o suficiente, mas que ele iria tentar viver com menos. E, por algum tempo, ele assim prosseguiu, sendo auxiliado pelas ofertas dos paroquianos mais pobres, que não compartilhavam da visão dos diáconos mais prósperos. Em 1853, no entanto, a situação tornou-se insustentável. Ele, por fim, renunciou, abraçando a carreira de palestrante, educador, pregador ocasional e escritor, além de “bicos”, os quais foram a sua sina quase até o fim. George faleceu em 1905.

Seus pulmões adoeceram, e sua pobreza tornou-se extrema. A total inanição foi, algumas vezes, impedida apenas por aquelas salvas de última hora que os agnósticos atribuem à sorte, e os cristãos, à Providência. É contra esse histórico de reiterados fracassos e incessantes perigos que alguns de seus textos podem ser lidos com maior proveito. Suas resolutas condenações à ansiedade vêm de alguém que adquiriu o direito de falar; tampouco o tom delas encoraja a teoria de que devem algo ao pensamento patológico de desejo — a *spes phthisica* [03] — dos tuberculosos. Não há nenhuma evidência a sugerir tal caráter. Sua paz de espírito não vinha da construção do futuro, mas de descansar no que ele chamava de “o presente santo”. Sua resignação com respeito à pobreza encontrava-se no extremo oposto daquela dos estoicos. Ele parece ter sido um homem radiante e brincalhão, dotado de profunda apreciação por todas as coisas realmente bonitas e deliciosas que o dinheiro pode comprar e não menos satisfeito em viver sem elas. Talvez seja significativo e, certamente, tocante o fato de sua principal fraqueza ter sido um

elevado amor pela elegância; por toda a sua vida, George foi tão hospitaleiro como somente os pobres podem ser.

Se definirmos a literatura como uma arte cujo meio são as palavras, então, certamente, MacDonald não tem lugar na primeira fila, quicá nem mesmo na segunda. De fato, há passagens em que a sabedoria e (ousarei chamar de) a santidade em seu interior triunfam sobre, e até mesmo pulverizam, os elementos mais básicos em seu estilo: a expressão torna-se precisa, convincente, econômica, adquirindo um aspecto cortante. Porém ele não mantém esse nível por muito tempo. A textura de sua escrita é indistinta como um todo e, por vezes, hesitante. Tradições ruins de pregação também estão presentes; há, algumas vezes, uma verbosidade não conformista, em outras, uma velha fraqueza escocesa por floreios (isso corre entre eles, de Dunbar[04] a *Waverly Novels* [Os romances Waverly]),[05] ainda em outras, uma excessiva doçura extraída de Novalis.[06] Porém isso não o descarta aos olhos do crítico literário. O que ele faz de melhor é a fantasia — fantasia que flutua entre a alegoria e o mitopeico. E isso, em minha opinião, George realiza melhor que qualquer outro. O problema crítico com o qual somos confrontados é se esta arte — a arte de criar mitos — constitui uma espécie de arte literária. A objeção de assim classificá-la é que o mito não existe essencialmente em *palavras*, afinal. Todos nós concordamos que a história de Balder[07] é um grande mito, algo de valor inesgotável. Mas qual versão, que palavras temos em mente quando proferimos isso?

De minha própria parte, a resposta é que não estou pensando nas palavras de ninguém. Nenhum poeta, pelo que conheço ou recordo, contou essa história de forma suprema. Eu não estou pensando em nenhuma versão em particular. Se a história é, em algum lugar, personificada em palavras, isso é quase um acidente. O que realmente me delicia e alimenta é um padrão particular de eventos que me deliciaria e alimentaria da mesma forma se houvesse chegado até mim por algum meio que não envolvesse palavra alguma — uma mímica ou filme mudo. E descubro que isso é verdade no tocante a todas essas histórias. Quando penso na história dos argonautas e a louvo, não estou louvando Apolônio Ródio[08] (o qual nunca terminei), tampouco Kingsley[09] (a quem esqueci), nem mesmo Morris,[10] embora considere a sua versão um poema deveras agradável. A

respeito disso, as histórias do tipo mítico encontram-se no polo oposto ao da poesia lírica. Ao tentar considerar o “tema” de *Ode a um rouxinol*, de Keats, [11] separado das próprias palavras com as quais o autor personificou a sua obra, você descobrirá estar falando sobre quase nada. Forma e conteúdo podem ser lá separados apenas por uma falsa abstração. Porém, no caso de um mito — em uma história em que o mero padrão de eventos é tudo o que interessa —, as coisas não são assim. Qualquer meio de comunicação que seja bem-sucedido em alojar os eventos em nossa imaginação consegue, como dizemos, “realizar o truque”. Depois disso, você pode jogar fora o meio de comunicação. Na verdade, se o meio de comunicação são palavras, é desejável que sejam bem escolhidas, assim como é desejável que uma carta, ao trazer-lhe notícias importantes, seja adequadamente escrita. Contudo esse é um inconveniente menor, pois a carta acabará, de qualquer modo, dentro de um cesto de lixo tão logo você tome conhecimento de seu conteúdo, e as palavras (aquelas que Lemprière [12] teria escrito) estarão fadadas a ser esquecidas assim que você se apoderar do mito. Na poesia, as palavras constituem o corpo, enquanto o “tema” ou “conteúdo” constitui a alma. Porém, no mito, os eventos imaginados constituem o corpo, e algo inexpressível é a alma: as palavras, ou mímica, ou filme, ou série ilustrada nem mesmo são roupas — não são muito mais que um telefone. Tive evidência disso quando, há alguns anos, ouvi pela primeira vez a história do *Castelo*, de Kafka, narrada em conversação e, mais tarde, li o livro. A leitura nada me acrescentou, pois já havia recebido o mito, que era tudo o que importava.

A maioria dos mitos foi criada em tempos pré-históricos e, suponho, não de modo consciente pelos indivíduos. Porém, de quando em quando, surge no mundo moderno um gênio — um Kafka ou um Novalis — capaz de realizar tal proeza. MacDonald é o maior gênio desse tipo que eu conheço, mas não sei como classificar tal genialidade. Chamá-lo de gênio literário não parece satisfatório, uma vez que isso pode coexistir com grande inferioridade na arte das palavras, já que sua conexão com elas é meramente externa e, de certo modo, acidental. Tampouco pode ser enquadrado em qualquer uma das outras artes. Começa a parecer que há uma arte, ou um dom, que a crítica ignora completamente. Pode mesmo ser uma das mais nobres artes, pois produz obras que nos propiciam, no primeiro contato, tanto

deleite e, no contato mais prolongado, tanta sabedoria e força quanto as obras dos maiores poetas. De certo modo, é mais semelhante à música que à poesia ou, pelo menos, à maioria delas. Vai além da expressão de coisas que sentimos, suscitando em nós sensações que jamais experimentamos e nunca imaginamos ter antes, como se tivéssemos rompido nosso modo normal de consciência e “possuíssemos alegrias não prometidas em nosso nascimento”. Isso penetra a nossa pele, nos atinge em um nível mais profundo que nossos pensamentos ou mesmo as nossas paixões, abalando as mais velhas certezas até que todas as questões sejam reabertas, e, em geral, nos deixa mais conscientes do que na maior parte de nossa vida.

Foi nessa arte mitopeica que MacDonald distinguiu-se. As grandes obras são *Phantastes*, os livros *Curdie*, *The Golden Key* [A chave dourada], *The Wise Woman* [A mulher sábia] e *Lilith*. Deles, simplesmente pelo fato de que são supremamente bons em seu estilo, há pouco a ser extraído. Creio ter sido há mais de trinta anos que comprei — quase a contragosto, pois já havia examinado o volume na prateleira e o rejeitado inúmeras vezes antes — a obra *Phantastes*, da editora Everyman. [13] Horas mais tarde, tive a convicção de haver cruzado uma grande fronteira. Já havia mergulhado no Romantismo, provavelmente fundo o bastante para, a qualquer momento, começar a debater-me em suas formas mais sombrias e malignas, serpenteando o íngreme declive que leva do amor pela singularidade àquele pela excentricidade e dali para o amor pela perversidade. *Phantastes* era romântico o suficiente em toda a consciência, porém havia uma diferença. Naquela época, nada estava mais distante dos meus pensamentos que o cristianismo e, portanto, eu não tinha a mínima noção de que diferença era aquela. Apenas tinha consciência de que, se esse novo mundo era estranho, era igualmente simples e humilde; de que, se isso era um sonho, era um sonho no qual a pessoa, pelo menos, sentia-se estranhamente vigilante; de que todo o livro tinha um tipo de inocência matutina e tranquila e, também, inequivocamente, certa qualidade de Morte, de *boa* Morte. Na realidade, o resultado dessa experiência em mim foi a conversão, até mesmo batismo (no qual a Morte surgiu), da minha imaginação. Nada ocorreu ao meu intelecto e tampouco, naquela época, à minha consciência. Isso aconteceu muito mais tarde e com o auxílio de muitos outros livros e homens. Entretanto, quando o processo se

completou — com isso, claro, quero dizer “quando *realmente* começou” —, descobri que ainda estava com MacDonald, pois ele havia me acompanhado por todo o caminho e, agora, por fim, eu estava pronto para escutar dele muitas coisas que ele não poderia ter me contado em nosso primeiro encontro. Porém, em certo sentido, o que ele estava me dizendo agora era exatamente o mesmo que me dissera desde o princípio. Não havia dúvidas quanto a ir ao cerne e descartar a casca. Nenhum questionamento quanto a isso ser uma pílula dourada. A pílula era ouro puro.

A qualidade que me encantara em suas imaginativas obras transformou-se na qualidade do universo real, do divino, da magia, abalando e extasiando a realidade na qual nós todos vivemos. Eu teria sido impactado em minha adolescência se alguém me dissesse que aquilo que aprendi a amar em *Phantastes* era bondade. Porém, agora consciente, percebo que não houve decepção, pois ela está no sentido contrário — naquele moralismo prosaico que restringe a bondade à região da Lei e do Dever; que jamais nos permite sentir, soprando em nosso rosto, a doce brisa da “terra da justiça”, e nunca nos revela aquela Forma fugidia que, se vista, inevitavelmente é desejada com todo o ardor — algo (na frase da poetisa grega Safo) “mais dourado do que o próprio ouro”.

[01] □ Livro autobiográfico publicado por Samuel Butler em 1903, no qual o autor conta a história de quatro gerações da família Pontifex. Considerado por George Orwell “um ótimo livro, porque oferece um retrato honesto da relação entre pai e filho”, consiste em uma crítica aos valores da época vitoriana. O título é baseado em uma frase do texto bíblico de 2Reis 2:2. [N. E.]

[02] □ Robert Falconer (1867-1943) foi um erudito canadense que, a despeito de ser biblista de formação, escreveu sobre vários assuntos. [N. E.]

[03] □ A expressão latina *spes phthisica* era usada no século XIX para se referir a um estado de criatividade artística que, conforme se acreditava, acometia os diagnosticados com a tísica, isto é, a tuberculose. [N. E.]

[04] □ William Dunbar, poeta escocês nascido em 1459 ou 1460 e morto por volta de 1530, conhecido por sua habilidade em variar temas e estilos e por seu lirismo sofisticado. [N. E.]

[05] □ Refere-se a uma série de romances escritos por Sir Walter Scott, que, por quase cem anos, foi extremamente popular em toda Europa. Publicado em 1814, o primeiro volume conta a história de Edward Waverly, um soldado inglês que, antes de ir para a guerra, visita seus parentes na Escócia. Por terem temáticas parecidas, os demais volumes ficaram conhecidos como “Os romances Waverly”. [N. E.]

[06] □ George Philipp Friedrich von Hardenberg, conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um

dos principais representantes do chamado Romantismo místico alemão, nascido em 1772 e morto em 1801, vítima da tuberculose. [N. E.]

[07]  Na mitologia nórdica, Balder é o deus da sabedoria e da justiça, filho de Odin e Frigga. [N. E.]

[08]  Poeta grego do século III a.C., autor do poema épico *As Argonáuticas*, que narra a história de Jasão e dos argonautas, em sua viagem da Grécia até a Cólquida, onde hoje fica a Geórgia. [N. E.]

[09]  Charles Kingsley, romancista inglês do século XIX e autor de diversas obras sobre a mitologia grega. [N. E.]

[10]  William Morris, poeta e romancista inglês do século XIX, autor de uma versão do mito dos argonautas chamada *The Life and Death of Jason* [A vida e morte de Jasão]. [N. E.]

[11]  John Keats, poeta romântico inglês (1795–1821) [N. E.].

[12]  Refere-se a John Lemprière (1765-1824), classicista, lexicógrafo, teólogo, professor e diretor de escola.

[13]  Everyman foi uma editora fundada no início do século XX na Inglaterra com objetivo de republicar grandes clássicos da literatura ocidental [N. E.].

“Phantastes, derivando de ‘suas fontes’ todas as formas, novos ornamentos rapidamente adornam.”

— *Purple Island* [Ilha Purpúrea],

de Phineas Fletcher



*Para dizer a verdade, mestres, isto não é
uma porta. Mas é uma pequena janela, que
contempla um grande mundo.*

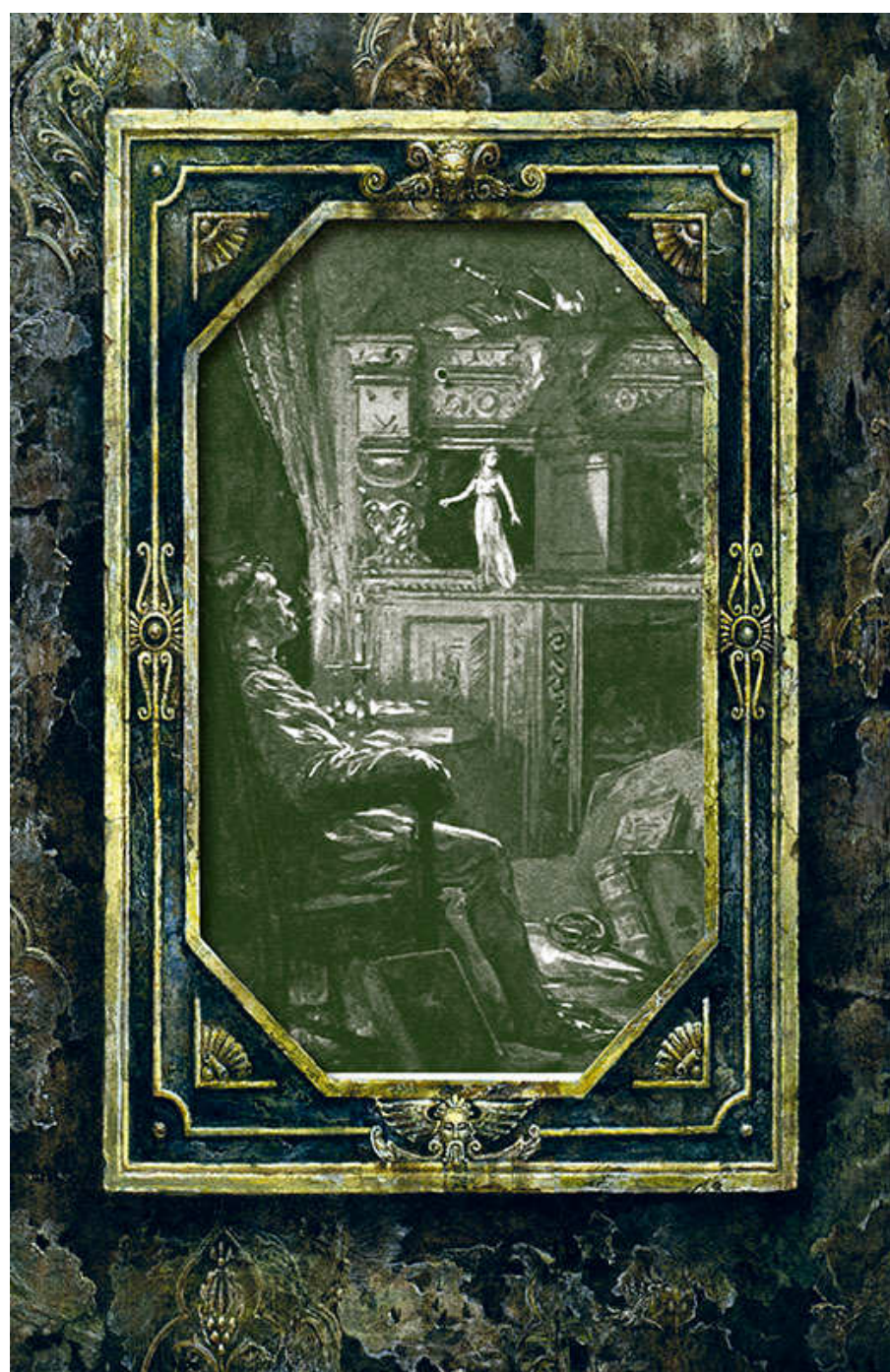
“É possível imaginar histórias sem qualquer coesão racional e mesmo assim repletas de associações, como sonhos, e poemas que são apenas sons adoráveis, repletos de lindas palavras, porém igualmente sem racionalidade e conexões — com, no máximo, versos individuais inteligíveis, como fragmentos das mais variadas coisas. Essa verdadeira poesia é capaz de, tão somente, ter um significado alegórico e um efeito indireto, tal como a música provoca. Consequentemente, a natureza é tão puramente poética como o quarto de um mago ou um físico, como o quarto de crianças ou a oficina de um carpinteiro...

Um conto de fadas é como uma visão sem conexões racionais, um todo harmonioso de eventos e coisas milagrosas — como uma fantasia musical, uma harmoniosa sequência de harpa eólica e a própria Natureza, de fato.

Em um genuíno conto de fadas, tudo deve ser fantástico, misterioso e inter-relacionado, tudo tem de ser vivo, cada um à sua própria maneira. O todo da Natureza deve ser magnificamente misturado com o mundo do Espírito. Em um conto de fadas, o tempo da anarquia, ilegalidade, liberdade, o estado natural da própria Natureza faz-se sentir no mundo... O reino do conto de fadas é aquele mundo totalmente contrário ao mundo da verdade racional e, exatamente por essa razão, é um análogo perfeito dele, tal como

o Caos é análogo da Criação.”

— Novalis Schriften [Escritos de Novalis], de Novalis





CAPÍTULO

1

“Um espírito...

.....

*Florestas ondulantes, e silenciosa nascente,
E riacho agitado e lúgubre entardecer,
Agora aprofundando as formas sombrias,
para assumir voz,
Manteve-se em comunhão com ele,
como se ele e aquilo
Fossem tudo o que existisse.”*
— Alastor, de Percy Bysshe Shelley



Certa manhã, despertei com a usual perplexidade da mente que acompanha o retorno à consciência. Enquanto me sentava e olhava através da janela do meu quarto, um tênue raio cor de pêssego, dividindo uma nuvem que acabara de se levantar acima da pequena elevação do horizonte, anunciava a aproximação do Sol. Quando meus pensamentos, que um sono profundo e, aparentemente, sem sonhos havia dissolvido, começaram novamente a assumir formas cristalinas, os estranhos eventos da noite anterior apresentaram-se outra vez à minha estupefata consciência. Na véspera, havia comemorado meu vigésimo primeiro aniversário. Entre outras cerimônias, investindo-me de meus deveres legais, foram-me entregues as chaves de uma velha escrivaninha, na qual meu pai mantinha seus documentos particulares. Assim que constateei estar só, ordenei que iluminassem o gabinete onde estava o móvel. Foram as primeiras luzes que iluminaram aquele recinto em muitos anos; desde a morte de meu pai, o aposento permanecera intocado. No entanto, como se as trevas tivessem ocupado aquele lugar por tempo demais para serem expelidas com

facilidade, fixando-se e escurecendo as paredes como morcegos, tais velas serviam, embora mal, para iluminar as lúgubres decorações e pareciam jogar sombras ainda mais escuras nos detalhes da bem trabalhada moldura do teto. Todas as outras áreas do cômodo permaneciam envoltas em um mistério cujas raízes mais profundas estavam reunidas em torno do gabinete de carvalho escuro do qual me aproximei com um estranho misto de reverência e curiosidade. Quem sabe, como um geólogo, eu estivesse prestes a iluminar os extratos enterrados do mundo humano, com seu fóssil permanecendo carbonizado pela paixão e petrificado pelas lágrimas. Quem sabe estivesse prestes a entender como meu pai, cuja história de vida me era desconhecida, entrelaçara sua teia da história, como descobrira o mundo e como o mundo o havia deixado. Quem sabe estivesse para encontrar apenas os registros de terras e riquezas, tão escondidas e seguras, vindas de homens estranhos, através de tempos turbulentos, até mim, que pouco ou nada sabia a respeito deles.

A fim de eliminar as minhas especulações e para dispersar o temor que rapidamente estava crescendo ao meu redor, como se os mortos estivessem se aproximando, dirigi-me à escrivaninha e, tendo encontrado a chave que se encaixava na parte de cima, abri-a com certa dificuldade. Então, puxei para perto dela uma pesada cadeira de encosto alto e sentei-me diante de uma infinidade de pequenos compartimentos, gavetas e puxadores. No entanto, a portinhola de um diminuto armarinho no centro, em especial, atraiu a minha atenção, como se lá repousasse o segredo de um mundo há muito escondido. Encontrei sua chave. Uma das enferrujadas dobradiças estalou e partiu-se no instante em que abri a portinhola, revelando inúmeras outras mínimas repartições. Entretanto essas repartições eram mais rasas quando comparadas com a profundidade daquelas ao redor do pequeno armarinho, pois as do lado de fora alcançavam até a parte de trás do móvel. Assim, concluí que deveria haver algum espaço acessível atrás dele. De fato, descobri que elas foram construídas em estruturas separadas, que podiam ser puxadas como uma só peça.

Na parte posterior, encontrei um tipo de porta flexível formada por pequenas barras de madeira horizontalmente unidas. Depois de longa busca, tentando movê-la de diversas maneiras, descobri, afinal, um diminuto botão de aço em um dos lados. Pressionei-o repetidamente com a ponta de uma velha ferramenta ali por perto, até que, depois de

um tempo, ele começou a ceder para dentro, e a pequena lâmina, subindo repentinamente, revelou uma câmara – vazia, exceto por uma pilha de pétalas de rosas murchas cujo perfume havia sumido em uma das extremidades, e, na outra, um pequeno pacote de papéis, unidos por um pedaço de laço, cuja cor havia partido juntamente com o perfume da rosa. Quase temendo tocá-los, pois cumpriram, sem reclamar, a lei do esquecimento, recostei-me em minha cadeira e os fitei por um instante, quando, de repente, vislumbrei na soleira da pequena câmara, como se tivesse emergido do chão, uma diminuta figura de mulher, tão perfeita em sua forma como se fosse uma pequena estatueta grega desperta para a vida e o movimento. Seu vestido era de um tipo que jamais se tornaria obsoleto, porque era simplesmente natural: uma túnica trançada em uma fita ao redor do pescoço e limitada por um cinto na altura da cintura, estendendo-se até seus pés. Somente mais tarde, contudo, eu notei seu vestido, embora minha surpresa não fosse, de forma alguma, tão avassaladora quanto era de se esperar ao testemunhar uma aparição dessa. Entretanto, percebendo, creio eu, alguma perplexidade em minhas expressões, ela caminhou em minha direção, postando-se a cerca de um metro de mim, e disse, numa voz que estranhamente lembrava uma sensação de crepúsculo, bancos de rios formados por juncos e um vento soprando baixo, mesmo nesse cômodo de morte:

— Anodos, você nunca viu uma criatura tão pequena antes, viu?

— Não — respondi —, e, na verdade, acho difícil acreditar no que estou vendo agora.

— Ah! Isso sempre acontece com os homens, pois vocês nunca acreditam em nada na primeira vez, sendo tolos o bastante para deixarem que a mera repetição os convença daquilo que consideram inacreditável. Contudo não vou discutir com você; vou conceder-lhe um desejo.

Nesse ponto, não consegui deixar de interrompê-la em seu discurso tolo, porém não tenho motivos para me arrepender de tê-lo feito.

— Como pode uma criatura tão pequena como você me garantir ou negar qualquer coisa?

— Essa é toda a filosofia que você acumulou em vinte e um anos? — ela ironizou. — O tamanho não é nada, o conteúdo é que importa. Trata-se de mera questão de relação. Suponho que sua altura não se sinta totalmente insignificante do alto de seu um metro e oitenta de

altura, embora, para os demais, você certamente pareça pequeno ao ser comparado com o seu velho tio Ralph, mais alto que você cerca de quinze centímetros, no mínimo. Porém o tamanho significa tão pouco para mim, que me encaixarei em seus tolos preconceitos.

Tendo dito isso, ela pulou da mesa para o chão, onde apareceu como uma alta e graciosa dama, de semblante pálido e grandes olhos azuis. Seus cabelos escuros esvoaçavam atrás dela, ondulados, mas não encaracolados, até a cintura, e suas formas delineavam-se nitidamente contrapostas à sua túnica branca.

—Agora — disse —, você acreditará em mim.

Inebriado pela presença de tamanha beldade que agora vislumbrava e atraído por uma força tão irresistível quanto incompreensível, creio que estendi meus braços em sua direção, ao que ela recuou um ou dois passos, dizendo:

— Garoto tolo, se você pudesse me tocar, eu teria de machucá-lo. Além disso, completei duzentos e trinta e sete anos na metade do último verão e, como você sabe, um homem não deve se apaixonar por sua avó.

— Mas você não é minha avó — afirmei.

— Como pode ter certeza disso? — ela retrucou. — Arrisco dizer que você sabe alguma coisa sobre seus tataravôs até muito antes disso, mas sabe muito pouco sobre suas tataravós de qualquer um dos lados. Agora, indo direto ao ponto. Sua irmãzinha estava lendo um conto de fadas para você ontem à noite, não é mesmo?

— Sim, ela estava.

— Ao terminar de ler, ela lhe perguntou, enquanto fechava o livro: “Existe um país das fadas, irmão?”. Você respondeu com um suspiro: “Presumo que sim, se ao menos alguém encontrasse o caminho para lá”.

— Foi sim, mas eu quis dizer algo bem diferente do que você parece estar pensando.

— Não se importe com o que eu pareça estar pensando. Você encontrará o caminho para o Reino das Fadas amanhã. Agora olhe nos meus olhos.

Ansiosamente, eu obedeci. Eles me preencheram de um desejo desconhecido. De alguma forma, lembrei-me que minha mãe morreu quando eu ainda era um bebê. Olhei cada vez mais fundo, até que seus olhos se abriram ao meu redor como mares e afundi em suas águas.

Esqueci todo o resto até me descobrir ao lado da janela, cujas cortinas sombrias estavam recolhidas, e onde permaneci, observando fixamente um divino céu cheio de estrelas, pequenas e resplandecentes sob o luar. Abaixo havia um mar, parado como a morte e branco à luz da Lua, estendendo-se em direção às baías e ao redor de cabos e ilhas, cada vez mais distante. Jamais vi algo tão branco. Ai de mim! Não era um mar, mas uma névoa baixa e brilhante por causa da Lua. “Certamente há um mar assim em algum lugar!”, disse a mim mesmo. Então, uma voz suave e doce respondeu, atrás de mim:

— No Reino das Fadas, Anodos.

Virei-me, mas não vi ninguém. Fechei a escrivaninha e fui para o meu próprio quarto, direto para a cama.

Lembrei-me de tudo ao permanecer deitado com os olhos semiabertos. Eu logo descobriria que a promessa da dama era verdadeira: neste dia eu encontraria a estrada para o Reino das Fadas.



CAPÍTULO

2

*“Onde está o rio?’, clamou ele,
em lágrimas. ‘Não vês suas ondas
azuis sobre nós?’ Ele olhou para
cima, e o rio azulado estava fluindo
gentilmente sobre suas cabeças.”*

— *Heinrich von Ofterdingen,*
de Novalis



Enquanto rememorava esses estranhos eventos em minha mente, de repente, como alguém que desperta para a consciência de que o mar esteve gemendo ao seu lado por horas ou que a tempestade esteve uivando em sua janela a noite inteira, atentei para o som de água corrente perto de mim. Ao olhar para fora da cama, vi que uma banheira de mármore, na qual costumava me lavar e que ficava num pedestal baixo de mesmo material, posicionada num canto do meu quarto, estava transbordando como uma fonte, e um riacho de água límpida corria pelo tapete, por toda a extensão do quarto, encontrando vazão sabe-se lá onde. Mais estranho ainda é que onde esse tapete, projetado por mim mesmo para imitar um campo de grama e margaridas, margeava o curso do pequeno riacho, as lâminas de grama e as margaridas pareciam balançar por causa de uma pequena brisa que acompanhava o sentido da água, ao passo que, embaixo do pequeno regato, elas se curvavam e agitavam conforme o movimento inconstante da corrente, como se fossem se dissolver com ela, esquecendo-se de sua forma fixa e tornando-se fluentes como as águas.

Minha penteadeira era uma antiquada peça de mobília confeccionada em carvalho preto, com gavetas por toda a sua frente.

Estas eram cuidadosamente entalhadas em ornamentos que imitavam folhas e flores, nos quais a hera formava a parte principal. A extremidade mais próxima dessa peça permanecia como sempre esteve, porém, na mais distante, uma singular mudança havia iniciado. Por acaso fixei o olhar sobre um pequeno ramalhete de folhas de hera. A primeira delas era, evidentemente, fruto do trabalho do artifice; a seguinte já me pareceu curiosa; porém a terceira era, indubitavelmente, hera viva, sendo que, ao lado, um ramo de trepadeira havia se entrelaçado à dourada alça de uma das gavetas. Em seguida, ao ouvir um leve movimento acima de mim, olhei para o alto e notei que os galhos e as folhas desenhados nas cortinas de minha cama movimentavam-se suavemente. Desconhecendo que mudança ocorreria a seguir, pensei ser aquela uma boa hora para me levantar, mas, esticando-me para fora da cama, meu pé desnudo pisou em uma relva verde gelada. Embora tenha me vestido com toda a pressa do mundo, vi-me tendo que fazer minhas necessidades debaixo dos ramos de uma grande árvore, cuja copa balançava sob os dourados raios do nascer do Sol, intercalados a luzes de vários matizes e às sombras das folhas e galhos que dançavam ao sabor do vento gelado da manhã, tal como ondas do mar quebrando na praia.

Depois de me lavar o melhor que podia no límpido riacho, levantei-me e olhei ao redor. A árvore sob a qual parecia ter me deitado durante toda a noite era um dos postos mais avançados de uma densa floresta, em cuja direção fluía o riacho. Traços pálidos de pegadas, muitos dos quais cobertos de grama e musgo, apresentando pimpinelas aqui e acolá, eram discerníveis ao longo da margem direita. “Este”, pensei eu, “com certeza deve ser o caminho para o Reino das Fadas que a dama da noite passada prometeu que eu encontraria em breve”. A seguir, cruzei o riacho e acompanhei-o, seguindo a trilha de sua margem direita, até que cheguei à floresta, como imaginara. Nesse ponto, deixei a trilha, sem qualquer boa razão e com um vago sentimento de que deveria ter seguido seu caminho, tomando uma direção mais ao sul.





CAPÍTULO

3

*“O homem deve usurpar todo o espaço,
Encarar a ti, na pedra,
no arbusto, no rio, no rosto.
Nunca antes teus olhos viram
uma árvore:
Não é um mar o que vês no mar,
É senão uma humanidade disfarçada.
Evitar teu companheiro, vão teu plano;
Tudo o que interessa ao homem é o homem.”*
— Henry Sutton



s árvores, que estavam longe umas das outras onde eu entrei, dando passagem livre aos raios de Sol, fecharam-se rapidamente conforme eu avançava, de modo que logo seus frondosos troncos barraram a entrada da luz solar e formaram uma densa barreira entre mim e o leste. Pareceu-me estar avançando rumo a uma segunda meia-noite. Contudo, em meio àquele crepúsculo que se impunha, antes de adentrar o que aparentava ser a parte mais escura da floresta, vislumbrei uma donzela caminhando em minha direção, vindo de suas profundezas. Ela pareceu não me notar, já que aparentemente estava ocupada com um feixe de flores selvagens que carregava em suas mãos. Mal conseguia ver seu rosto, pois, embora caminhasse diretamente ao meu encontro, em nenhum momento ela levantou a cabeça. No entanto, quando me alcançou, em vez de passar por mim, ela deu meia-volta e andou ao meu lado por alguns metros, ainda mantendo o rosto voltado para baixo e se ocupando com suas flores. Durante todo o tempo, entretanto, ela falava rápido, num tom de voz baixo, como se estivesse falando consigo mesma, mas claramente

dirigindo suas palavras a mim. Aparentava estar com medo de ser observada por algum inimigo à espreita.

— Confie no Carvalho — disse ela —, confie no Carvalho, no Olmo e na grande Faia. Tome conta da Bétula, pois, embora ela seja honesta, ainda é muito nova para ser imutável. No entanto, se afaste do Freixo e da Amieiro, pois o Freixo é um ogro – você o reconhecerá por seus dedos grossos –, e a Amieiro o sufocará com sua rede de cabelos se você permitir que ela se aproxime durante a noite.

Tudo isso foi dito sem pausa ou mudança de tom. De repente, ela se virou e me deixou, caminhando no mesmo ritmo invariável. Não pude conceber o significado disso tudo, mas me dei por satisfeito ao pensar que haveria tempo suficiente para descobrir o que ela quis dizer quando surgisse a necessidade de fazer uso de seus conselhos, que, por sua vez, seriam revelados pela ocasião. Concluí, a partir das flores que carregava, que toda a floresta não poderia ser tão densa quanto aparentava de onde eu me encontrava na hora. Eu estava certo, pois logo cheguei a uma parte mais aberta e, depois, atravessei uma vasta clareira coberta de grama, na qual havia diversos círculos de um verde mais brilhante. Mas, mesmo ali, fui atingido por um silêncio absoluto. Não ouvi o canto de nenhum pássaro nem o zumbido de um inseto. Nenhuma criatura viva cruzou meu caminho. Contudo, de alguma forma, todo o ambiente parecia estar apenas dormindo e, mesmo nesse estado, um sentimento de expectativa pairava no ar. Todas as árvores pareciam ter uma expressão de mistério consciente, como se dissessem para si mesmas: “Nós podemos, se o fizermos”. Todas apresentavam um aspecto grave. Então, lembrei-me de que a noite é o dia das fadas e, a Lua, seu Sol. Assim, pensei: “Tudo dorme e sonha agora: quando a noite vier, será diferente”. Ao mesmo tempo, sendo um homem e um filho do dia, senti um pouco de ansiedade sobre como me sairia estando entre os elfos e outros filhos da noite. Estes acordam quando os mortais, como eu, sonham, vivendo suas rotinas naquelas horas extraordinárias que silenciosamente passam entre figuras imóveis de homens, mulheres e crianças esparramadas na cama e divididas sob o peso das ondas da noite, que fluem e os derrubam, mantendo-os afogados e inconscientes, até que venha a maré baixa e as ondas retornem para o oceano da escuridão. Porém tomei coragem e prossegui. Entretanto logo voltei a ficar ansioso, mas por causa de outra coisa. Não havia

comido nada naquele dia e, durante a última hora, a fome me assolou. Então o meu temor cresceu ao imaginar que não encontraria nada para satisfazer minhas necessidades humanas nesse lugar estranho, mas, de novo, enchi-me de esperança e segui em frente.

Antes do meio-dia, imaginei ter visto uma leve fumaça azul saindo dos troncos das árvores maiores à minha frente. Em seguida, me vi em um lugar aberto onde havia uma pequena cabana construída de maneira a deixar que os troncos de quatro grandes árvores formassem suas extremidades, enquanto os galhos se encontravam e se entrelaçavam sobre o teto, formando uma grande nuvem de folhas sobre ela, em direção aos céus. Imaginei-me encontrando um humano habitando nessa vizinhança, e, ainda que não parecesse totalmente humana, aquela visão era suficiente para me encorajar a esperar algum tipo de comida. Não vendo entrada alguma, dei a volta, indo para o outro lado, e lá encontrei uma porta escancarada. Atrás dela havia uma mulher sentada, preparando alguns vegetais para comer. Era um lugar acolhedor e confortável. Ao me aproximar, ela levantou os olhos e, vendo-me, não demonstrou surpresa alguma, mas curvou a cabeça de novo, retornando ao trabalho e dizendo, num tom de voz baixo:

— Você viu a minha filha?

— Acho que sim — respondi. — Você poderia me dar algo de comer? Estou com muita fome.

— Com prazer — ela respondeu no mesmo tom —, mas não diga mais nada até entrar na casa, pois o Freixo está nos observando.

Tendo dito isso, ela se levantou e mostrou-me o caminho para o interior da cabana. Só então percebi que fora construída por troncos de pequenas árvores colocadas bem juntas e era mobiliada com cadeiras e mesas rústicas, das quais nem mesmo a casca da árvore havia sido removida. Assim que ela fechou a porta e arrumou uma cadeira, disse, me encarando:

— Em suas veias corre sangue de fada.

— Como sabe disso?

— Você não teria conseguido chegar tão longe nessa floresta se não fosse assim, e estou tentando encontrar algum indício em seu semblante. Acho que estou vendo.

— O que você vê?

— Ah, deixa pra lá, posso ter me enganado.

— Mas, então, como você veio morar aqui?

— Porque eu também tenho sangue de fada correndo em minhas veias.

Nesse momento, fui eu que a encarei e pensei distinguir, apesar da rudeza de seus traços, em especial o aspecto sisudo de suas sobrancelhas, algo raro, que dificilmente poderia chamar de “graça”, mas que contrastava de modo estranho com suas feições. Reparei também que suas mãos eram delicadas, embora morenas por causa do trabalho e da exposição constante ao Sol.

— Estaria doente — ela prosseguiu — se não vivesse nos limites do país das fadas e, de vez em quando, não comesse de sua comida. E vejo pelos seus olhos que você também tem a mesma necessidade, embora, por causa de sua educação e da atividade de sua mente, você a sinta menos do que eu. Você também deve ser mais afastado da raça das fadas do que eu.

Lembrei-me do que a dama havia dito acerca de minhas avós.

Nesse momento, ela colocou um pouco de pão e leite diante de mim, com uma amável desculpa pela simplicidade da comida, com o que, entretanto, eu não tinha a menor intenção de criar caso. Naquela hora, pensei ser o momento adequado de tentar obter explicações acerca das estranhas palavras dela e de sua filha.

— O que você quis dizer ao falar daquela maneira sobre o Freixo?

Ela se levantou e olhou através da pequena janela. Meus olhos a seguiram; porém, como a janela era pequena demais para permitir que qualquer coisa fosse vista de onde eu estava sentado, levantei-me e olhei por cima de seus ombros. Tive tempo apenas de ver, através do espaço aberto, no limiar da floresta mais densa, um único grande freixo, cuja folhagem mostrava uma tonalidade azul, em meio ao verde mais forte das outras árvores ao redor. Então ela me empurrou para trás com uma expressão de impaciência e terror ao mesmo tempo, quase extinguindo a luz vinda da janela ao cobri-la com um grande livro velho.

— Em geral — disse, recobrando a compostura —, não há perigo durante o dia, pois nessa hora ele está dormindo profundamente, mas há algo de incomum ocorrendo na floresta. Deve haver alguma solenidade entre as fadas hoje à noite, pois todas as árvores estão impacientes e, embora não possam acordar, elas veem e escutam durante o sono.

— Mas que tipo de perigo ele pode oferecer?

Em vez de responder à minha questão, ela se dirigiu novamente à janela e olhou para fora, afirmando temer que as fadas fossem interrompidas pelo mau tempo, pois uma tempestade estava se formando a oeste.

— E quanto mais cedo escurecer, mais cedo o Freixo acordará — acrescentou ela.

Perguntei-lhe como ela sabia haver alguma agitação anormal na floresta. Ela respondeu:

— Além da aparência das árvores, o cachorro ali está infeliz e os olhos e ouvidos do coelho branco estão mais vermelhos do que o normal. Ele também salta como se esperasse um pouco de diversão. Se a minha gata estivesse em casa, ela estaria com os pelos eriçados, pois as jovens fadas retiram farpas de seu rabo com espinhos de arbustos, e ela sabe quando elas estão vindo. Eu também sei, mas de outro jeito.

Nesse instante, uma gata cinza correu para dentro como um raio, desaparecendo por um buraco na parede.

— Ali! Como eu te falei! — exclamou.

— Mas o que tem o freixo? — perguntei, retornando ao assunto uma vez mais. Aqui, entretanto, a jovem que conheci pela manhã entrou. Um sorriso passou da mãe para a filha e, então, esta última começou a ajudar sua mãe em pequenos afazeres domésticos.

— Gostaria de ficar aqui até o anoitecer — eu disse — e, depois, continuar minha jornada, se vocês permitirem.

— Você é bem-vindo para fazer como preferir. Apenas, talvez, seja melhor você ficar durante toda a noite do que se expor aos perigos da floresta. Para onde está indo?

— Isso eu ainda não sei — respondi —, mas gostaria de ver tudo que há para ser visto. Por isso, gostaria de começar logo que o Sol se puser.

— Você é um jovem corajoso se tem alguma ideia do que está enfrentando, mas precipitado se não sabe de nada. E, me desculpe, seu caso deve ser o segundo, pois você não parece muito bem-informado sobre o país e seus costumes. Mas ninguém vem aqui a não ser por alguma razão, seja ela conhecida pela própria pessoa ou por quem a comanda; então, deve agir conforme desejar.

Assim, eu me sentei e, sentindo-me um tanto cansado e indisposto a continuar conversando, pedi licença para dar uma olhada no velho

livro que ainda cobria a janela. A mulher o trouxe imediatamente para mim, mas não sem antes dar outra olhada para a floresta e, depois, puxar uma cortina branca sobre a janela. Sentei-me de frente para ela junto à mesa, onde apoiei o grande e velho volume, e comecei a ler. O livro continha diversos contos fantásticos do Reino das Fadas, dos tempos antigos e dos cavaleiros da Távola Redonda. Li-os durante muito tempo, até que as sombras da tarde começaram a ficar mais intensas, pois no meio da floresta escurecia mais cedo do que em campo aberto. Por fim, cheguei a esta passagem:

“Nesse ponto, em sua busca, Sir Galahad e Sir Percival se reencontraram nas profundezas de uma grande floresta. Sir Galahad estava todo vestido em uma armadura de prata, límpida e brilhante, um verdadeiro deleite para os olhos, porém de brilho fugaz, e, sem o labor de um escudeiro sempre a postos, dificilmente seria mantida assim, formosa e reluzente. No entanto, mesmo sem um escudeiro ou pajem, a armadura de Sir Galahad resplandecia como a Lua. Ele cavalgava uma grande égua branca que contrastava com a cela e outros ornamentos em preto, salpicados com lírios formosos de um resplendor prateado. Por sua vez, Sir Percival montava um cavalo vermelho, de crina e rabo fulvos, cujos arreios estavam cobertos com barro e lodo, e sua armadura apresentava-se totalmente enferrujada, a ponto de não haver meios de restaurar seu brilho outra vez. Assim, quando o Sol, em sua trajetória descendente, brilhou entre os troncos desnudos das árvores sobre a dupla de cavaleiros, o primeiro pareceu todo brilhante com a luz e, o outro, a arder com um fogo avermelhado. Então, sucedeu que Sir Percival, após fugir da mulher-demônio, quando a cruz no cabo de sua espada atingiu-o no coração, chegou a uma grande floresta. De modo algum recuperado de seu erro, e ainda lamentando assim mesmo, a donzela do amieiro o encontrou. Sua beleza exterior, suas palavras afáveis e a falsa aparência confortaram-no e o enganaram, até que ele a seguiu para...”

Nesse ponto da leitura, um grito apressado de minha anfitriã levou-me a tirar os olhos do livro e a não retornar mais a ele.

— Olhe lá! — exclamou. — Olhe os dedos dele!

Assim como havia lido no livro, o Sol poente brilhou por uma abertura em meio às nuvens acumuladas a oeste, e uma sombra no formato de uma grande mão disforme, com grossos nós e protuberâncias nos dedos, sendo muito mais larga entre os dedos do

que sobre a parte indivisível da mão, passou lentamente pela pequena cortina. A seguir, retornou na direção oposta.

— Ele está quase acordado, mamãe, e mais ávido do que o normal.

— Silêncio, minha filha. Não o faça ficar mais bravo conosco do que já está, pois não sabemos quando poderá ocorrer algo que nos obrigue a ir para a floresta depois do anoitecer.

— Mas vocês já estão na floresta — comentei. — Como podem estar a salvo aqui?

— Ele não ousa chegar mais perto do que está agora — ela respondeu —, porque qualquer um desses quatro carvalhos nos cantos da nossa cabana o partiria em pedaços. Eles são nossos amigos. Mas ele fica parado aqui e faz caretas terríveis para nós às vezes; estica seus longos braços e dedos e tenta nos matar de medo, já que, de fato, é o que mais gosta de fazer. Por favor, fique longe do seu caminho nesta noite.

— Eu serei capaz de ver essas coisas? — perguntei.

— Eu não consigo dizer ainda, já que não sei quanto da natureza das fadas há em você. Mas logo descobriremos se você consegue discernir as fadas do meu pequeno jardim, e isso nos dará uma noção.

— Existem as fadas das árvores, assim como as das flores? — perguntei.

— Elas são da mesma raça — respondeu —, mas aquelas que são chamadas de fadas em seu país são predominantemente as filhas crianças das fadas das flores. Elas gostam muito de se divertir à custa das pessoas estúpidas, como chamam vocês; assim como a maioria das crianças, elas gostam de se divertir mais do que qualquer outra coisa.

— Por que, então, você mantém flores tão perto? Elas não perturbam você?

— Ah, não, elas são muito divertidas ao imitar pessoas adultas e tirar sarro das solenidades. Às vezes elas encenam uma peça inteira diante dos meus olhos, com perfeita compostura e segurança, porque não têm medo de mim. Mas, tão logo acabam, caem em pequenas gargalhadas, como se fosse uma piada levar qualquer coisa a sério. Porém essas sobre as quais falo são as fadas do jardim. Elas são mais serenas e educadas do que as dos campos e florestas. É claro que elas são aparentadas das flores selvagens, mas são condescendentes com elas e as tratam como primas do campo que não sabem nada sobre a vida e não têm boas maneiras. De vez em quando, porém, elas se veem

forçadas a invejar a graça e a simplicidade das flores silvestres.

— Elas vivem *nas* flores? — questionei.

— Não sei dizer — ela respondeu. — Há algo nisso que eu não entendo. Às vezes elas desaparecem completamente, até de mim, embora eu saiba que estão por perto. Elas sempre parecem morrer junto com as flores com as quais se parecem e por cujo nome são chamadas. Mas, se retornam à vida com as flores novas ou se com novas flores surgem novas fadas, eu não sei dizer. Elas têm tantas personalidades quanto os homens e as mulheres, mas seus humores podem variar ainda mais. Vinte expressões diferentes atravessarão seus pequenos rostos em meio minuto. Frequentemente eu me divirto as assistindo, mas nunca fui capaz de fazer amizade com uma delas. Se eu falo com uma, ele ou ela olha para mim como se eu não fosse digna de atenção, dá uma risadinha e sai correndo.

Aqui, a mulher pulou de repente, como se estivesse se recompondo, e disse à sua filha em voz baixa:

— Se apresse! Vá e o observe, veja em que direção ele vai.

Também devo mencionar que a conclusão resultante das minhas observações, feitas mais tarde, foi que as flores morrem porque as fadas vão embora, e não o contrário. As flores parecem ser como um tipo de casa ou corpos exteriores que as fadas conseguem vestir ou tirar a seu bel-prazer. Assim como se pode ter uma noção da natureza de um homem a partir do tipo de casa que ele construiu, caso tenha seguido seu próprio gosto, também é possível, sem ver as fadas, dizer como qualquer uma delas é ao olhar a flor até sentir que a compreende. Pois exatamente o que a flor diz a você, o rosto e a silhueta da fada o dizem; só que muito mais claramente, uma vez que um rosto e uma figura humanos conseguem expressar mais que uma flor. Pois a casa e as roupas, apesar de parecidas com seus habitantes e portadores, não conseguem forjar um poder igual de expressão. Contudo você veria uma estranha semelhança, quase uma unidade, entre a flor e a fada que não poderia descrever, mas que se descreveria a você. Se todas as flores têm fadas, não posso determinar, não mais do que poderia ter certeza de que todos os homens e mulheres têm almas.

A mulher e eu continuamos a conversa por mais alguns minutos. Eu estava muito interessado na informação que ela havia me dado e assombrado pela linguagem que utilizara para transmiti-la. Pareceu-

me que sua relação com as fadas não era propriamente ruim. Porém a filha retornou com notícias de que o Freixo havia acabado de sair em direção ao sudoeste e, como meu curso parecia ser rumo ao leste, ela considerou que eu não correria o perigo de encontrá-lo se partisse imediatamente. Olhei pela pequena janela e lá estava o Freixo, aos meus olhos no mesmo lugar de antes; contudo considerei que elas deviam saber mais do que eu e preparei-me para partir. Peguei minha carteira, mas, para meu desalento, nada encontrei dentro dela. Com um sorriso, a mulher me disse para não me incomodar, pois o dinheiro não tinha a menor utilidade naquele lugar. Além disso, como havia a possibilidade de, em minhas jornadas, encontrar pessoas que não reconheceria como fadas, seria melhor que não tivesse nenhum dinheiro para oferecer, pois nada as ofenderia tanto.

— As fadas pensariam — acrescentou — que você está zombando delas, e esse é um privilégio peculiar delas em relação a nós.

Assim sendo, fomos juntos para o pequeno jardim que se inclinava até uma parte mais baixa da floresta. Aqui, para meu grande prazer, era tudo vida e animação. Ainda havia luz o suficiente para enxergar um pouco; a pálida meia-lua, a meio caminho do seu zênite, tornava cada momento especial. Todo o jardim era como o salão de uma grande festa, repleto de pequenas, alegres e decorativas formas, reunidas em grupos, em cortejos, pares ou trios, movendo-se de maneira majestosa, correndo alucinadamente ou apenas caminhando para lá e para cá. Do alto de cálices ou corolas de flores altas, como se estas fossem camarotes, algumas olhavam para a multidão abaixo, uma hora explodindo em risadas; na outra, sérias como corujas. Contudo, mesmo na mais profunda seriedade, elas pareciam apenas estar esperando pela chegada da próxima risada. Algumas eram lançadas num pequeno córrego lodoso ao fundo, em barcos selecionados entre o amontoado de folhas do último ano espalhadas, retorcidas e secas. Essas logo afundavam, porém elas nadavam de volta à terra e pegavam outras. Aquelas cujos barcos eram pétalas de rosas não murchas flutuavam por mais tempo; mas, para obtê-las, tinham de lutar, pois as fadas das roseiras reclamavam amargamente por estarem lhes roubando as roupas, defendendo sua propriedade com bravura.

— Você não consegue vestir nem metade das que já tem — diziam algumas.

— Não é da sua conta. Eu não permiti que você as pegasse: elas são minhas.

— Tudo pelo bem da comunidade! — disse uma delas, e fugiu com uma grande pétala. Contudo a fada da rosa pulou atrás dela (como era linda! muito parecida com uma jovem dama), derrubou-a com um toque nos calcanhares enquanto ela corria, recuperando sua grande pétala vermelha. No entanto, enquanto isso, outras vinte correram em diferentes direções com outras pétalas tão bonitas quanto, e a pequena criatura sentou-se e chorou. Então, mal-humorada, produziu de sua árvore uma perfeita nevasca rosa de pétalas, pulando de galho em galho, batendo o pé, estremecendo e puxando. Por fim, depois de chorar mais um pouco, ela escolheu a maior pétala que pôde encontrar e correu para longe, rindo, para lançar seu barco em direção ao restante do grupo.

Porém minha atenção foi primeira e especialmente atraída por um grupo de fadas próximas à cabana, que estavam conversando juntas ao redor do que parecia ser uma última prímula, a morrer. Elas conversavam cantando, e suas falas compunham uma música. Algo como:

“A irmã Campânula morreu
Antes de nascermos.”

“Como noiva ela apareceu
Numa manhã coberta de neve.”

“O que é uma noiva?”
“O que é neve?”

“Nunca a provei.”
“Não sei.”

“Quem lhe contou sobre ela?”
“A pequena Prímula
Não consegue viver sem ela.”
“Oh! tão doce e formosa!”

“Nunca tema,
Ela virá,
Querida Prímula.”
“Muda ela será?”

“Ela logo virá.”

“Você nunca a verá.”

“Ela foi para casa morrer,

Até o novo ano aparecer.”

“Campânula!” “Não é salutar

Convidá-la.”

“Prímula é muito vulgar,

Vou mordê-la.”

“Oh! levada Calceolária!”

“Veja, ela derruba sua cabeça.”

“Ela mereceu isso, Rúcula,

E ela estava quase morta.”

“Vá para sua rede de dormir – para longe, você!”

“E balance sozinha.”

“Ninguém rirá com você.”

“Não, ninguém.”

“Agora nos deixe prantear.”

“E cobri-la.”

“Prímula se foi.”

“Menos a flor.”

“Aqui está uma pétala.”

“Coloque-a sobre ela.”

“Sigamos em luto.”

“Calceolária assim fez.”

“Mais profundo, pobre criatura!

O inverno virá.”

“Ele não a alcançará –

Isso é um murmúrio.”

“Ela está enterrada, a beleza!”

“Agora está acabada.”

“Esse era o dever.”

“Agora, para a diversão.”

E, com uma risada alucinada, elas se dispersaram rapidamente, a maioria seguindo em direção à cabana. Durante a última parte da conversa-canção, elas haviam se colocado como em um cortejo

fúnebre, duas delas carregando a pobre Prímula, cuja morte Calceolária apressou ao morder o seu caule, sob uma de suas grandes pétalas. Elas a carregaram solenemente durante algum tempo e, então, enterraram-na debaixo de uma árvore. Embora eu diga *ela*, não vi nada além da primula murcha em seu longo talo. Calceolária, que havia sido expulsa da companhia das outras por consentimento mútuo, foi embora amuada para a sua rede, pois era a fada das calceolárias e parecia muito malvada. Quando chegou à sua haste, ela parou e olhou em volta. Estando tão próximo, não consegui deixar de falar com ela. Eu lhe disse:

— Calceolária, como pode ser tão perversa?

— Eu nunca sou perversa — disse ela, um tanto quanto contrariada e desafiadora. — Vou te morder só se chegar perto da minha rede, então você irá embora.

— Por que você mordeu a pobre Prímula?

— Porque ela disse que nunca mais deveríamos ver a Campânula, como se não fôssemos boas o suficiente para olhar para ela, mas ela sim, a orgulhosa – bem-feito!

— Oh! Calceolária, Calceolária — disse.

Porém, nessa hora, o grupo que havia ido para casa agitou-se novamente, gritando e berrando em meio a risadas. Metade estava nas costas da gata e a outra metade agarrava-se ao seu pelo e rabo ou corria ao seu lado, até que, com a ajuda de outras que vieram em seu socorro, a furiosa gata foi imobilizada. Então, começaram a arrancar dela farpas com espinhos e pinos, que manejavam como arpões. Na verdade, havia mais instrumentos sendo usados na gata do que farpas a serem extraídas. Um rapazinho que segurava forte na ponta do rabo, com seus pés plantados no chão, num ângulo de quarenta e cinco graus, ajudando a mantê-la firme, ministrava um fluxo contínuo de advertências dirigidas ao felino.

— Agora, Gatinha, seja paciente. Você sabe muito bem que tudo isso é para o seu bem. Você não pode estar confortável com todas essas farpas e, de fato, eu estou caridosamente disposto a acreditar — aqui, ele ficou muito pomposo — que elas são a causa do seu mau humor. Então, nós devemos tirá-las todas, cada uma delas, ou seremos obrigados a cumprir a dolorosa tarefa de cortar as suas garras e arrancar seus caninos. Quieta! Fique quieta, Gatinha!

Porém, com uma torrente de maldições felinas, o pobre animal

escapou, fugindo em disparada pelo jardim e atravessando a cerca viva tão rápido, que nem mesmo as fadas conseguiram acompanhar.

— Deixa pra lá! Nós a encontraremos novamente e, até lá, a gata terá deitado numa pilha fresca de farpas. Vamos! — E, então, se dispersaram, atrás de novas travessuras.

Mas eu não vou me prolongar na divertida descrição dessas criaturas brincalhonas. Seus modos e hábitos são agora tão bem conhecidos pelo mundo, tendo sido descritos tantas vezes por testemunhas oculares, que seria apenas presunçoso adicionar o meu relato ao resto. Eu não posso evitar desejar, contudo, que meus leitores as vejam por si mesmos. Em especial, realmente desejo que eles possam ver a fada da margarida: um menino pequeno, rechonchudo, de olhos redondos, com uma confiança inocente em seu olhar! Mesmo as fadas mais maliciosas não o provocavam, apesar de ele não fazer parte do seu grupo de maneira alguma, sendo um caipira típico. Ele vagava sozinho e olhava para tudo com as mãos em seus pequenos bolsos e uma touca branca. Que precioso! Ele não era tão bonito quanto muitas das flores selvagens que eu vi depois, mas era muito querido e amoroso em seus olhares e seu pequeno jeito confiante.







CAPÍTULO

4

*“Quando o fardo está pesado
demais, o alívio está próximo.”*

— Balada de Sir Aldingar



A essa altura, minha anfitriã estava um pouco aflita por eu ainda não ter ido embora. Assim, com calorosos agradecimentos por sua hospitalidade, parti, seguindo meu caminho através do pequeno jardim, rumo à floresta. Algumas das flores do jardim haviam avançado para dentro da floresta e cresciam aqui e acolá, ao longo do percurso, mas logo as árvores se tornaram muito densas e sombrias para elas. Em particular, notei alguns lírios altos que cresciam dos dois lados do caminho, com grandes e deslumbrantes flores brancas contrastadas pelo verde em toda parte. Estava escuro o suficiente para eu perceber que toda flor brilhava com sua própria luz. Na verdade, era por causa dessa luz que eu as via, uma luminosidade interna e peculiar emanando de cada uma delas, e não refletida de uma fonte comum, como o Sol durante o dia. Essa luz era suficiente apenas para a própria planta e não era forte o bastante para lançar a mais fraca sombra ao seu redor ou iluminar qualquer um dos objetos vizinhos com algo além da mais débil tonalidade de sua própria cor. Dos lírios já mencionados, das campânulas, das dedaleiras e de toda flor em forma de sino, pequenas e curiosas figuras levantavam suas cabeças, espreitando-me e retraindo-se. Elas pareciam habitá-las, como lesmas em suas conchas, mas eu tinha certeza de que algumas eram intrusas e pertenciam aos gnomos ou fadas-duendes que habitavam o chão e as plantas trepadeiras terrestres. Dos copos-de-leite surgiam criaturas com grandes cabeças e rostos grotescos, como brinquedos dentro de caixas-surpresa. Elas me faziam caretas ou se levantavam vagarosa e

astutamente por cima da borda do copo, esguichando água em mim e escorregando para baixo de maneira súbita, como aqueles pequenos caranguejos que habitam as conchas dos caramujos. Ao passar por um grupo de altos cardos, vi-os repletos de carinhas miúdas que espreitavam todos atrás de sua flor. De igual sorte, recuavam com agilidade. Eu os escutava falando entre si, evidentemente com a intenção de me fazer ouvir, mas eles sempre se escondiam por trás de seu ramo quando eu olhava em sua direção.

— Olhe para ele! Olhe para ele! Ele começou uma história sem um começo e que nunca terá um fim. Olhe para ele!

Porém, conforme eu avançava floresta adentro, esses sinais e sons tornaram-se cada vez mais raros, dando lugar a outros de um tipo diferente. Um pequeno bosque de jacintos selvagens estava vivo, permeado por extraordinárias criaturas, que permaneciam praticamente imóveis, com pescoços curvados, suportando cada uma pelo caule de sua flor e balançando gentilmente toda vez que um suave sopro de vento varria o abarrotado cenário floral. De igual modo, embora diferindo, obviamente, em forma e significado, encontrava-se um grupo de campânulas, como pequenos anjos a postos, esperando para partir ao sinal de uma mensagem ainda desconhecida. Em locais mais escuros, perto de raízes de árvores cheias de musgo ou em pequenos tufos de grama, cada qual habitando o interior de um globo criado por sua própria luz verde, tecendo uma rede de grama e suas sombras, resplandeciam os vaga-lumes. Eles eram semelhantes aos de nossa terra, pois são fadas em qualquer lugar; vermes durante o dia e pirilampus durante a noite, quando podem aparecer como realmente são para os outros, bem como para si mesmos.

No entanto, até eles tinham inimigos aqui, pois notei grandes e poderosos besouros armados, correndo com a mais incontrollável pressa, desajeitados como bebês elefantes, aparentemente procurando por vaga-lumes. Digo isso porque, no exato instante em que um dos besouros avistava um deles em meio ao que em sua visão seria uma floresta de grama ou uma vegetação rasteira de musgo, ele avançava, abrindo caminho apesar de sua débil resistência. Imaginando qual poderia ser o seu alvo, eu observei um dos besouros e, então, descobri um fato com o qual não contava. Mas não há nenhuma utilidade em tentar explicar as coisas no Reino das Fadas, e quem viaja para lá logo

aprende a abdicar da ideia de fazê-lo e aceita tudo como é, como uma criança que, em uma condição crônica de deslumbramento, não se surpreende com nada. O meu relato vem a seguir.

Por toda parte no chão, aqui e acolá, havia pequenas bolotas de aparência escura mais parecida com terra do que qualquer outra coisa, praticamente do tamanho de uma castanha. Os besouros as caçavam em duplas. Avistando-as um deles permanecia a observá-las enquanto o outro corria atrás de um vaga-lume. Por meio de sinais entre eles, presumo, o segundo logo encontrava seu companheiro de novo. Então levavam o vaga-lume e direcionavam seu traseiro luminoso para a escura pelota com aparência de terra até que, por fim, a bolota lançava-se no ar como um foguete, raramente, entretanto, atingindo a altura da árvore mais alta. Da mesma maneira, tal como um foguete, ela explodia no ar, caindo em uma chuva de faíscas dos mais deslumbrantes e variados matizes. Centelhas douradas e vermelhas, roxas e verdes, azuis e rosadas riscavam os céus, abaixo das sombrias copas e em meio aos troncos colunares das árvores da floresta. Observei que os besouros jamais usavam o mesmo vaga-lume duas vezes, mas deixavam-no ir, aparentemente ileso pelo uso que haviam feito dele.

Em outras partes, toda a folhagem imediatamente ao redor era iluminada pela dança aérea de vaga-lumes coloridos de maneira esplêndida, que ziguezagueavam de lá para cá, viravam, voltavam e cruzavam, repetidas vezes, entrelaçando toda a complexidade de um movimento no outro. Aqui e ali, as poderosas árvores reluziam ao emanar uma luz fosforescente. Era possível traçar o próprio caminho das grandes raízes na terra apenas pela fraca luz que resplandecia; e todo ramo ou veio das folhas constituía um raio de luz de um fogo pálido.

O tempo todo, conforme avançava floresta adentro, fui perseguido por um sentimento de que outras formas, mais parecidas com a minha em tamanho e aparência, estavam se movendo a uma pequena distância de mim, em ambos os lados. Mas, como ainda não podia discernir nenhuma delas, apesar de a Lua estar alta a ponto de enviar muitos de seus raios para baixo, entre as árvores, e de esses raios serem extraordinariamente brilhantes e iluminadores, ainda que fosse uma meia-lua. Com frequência eu imaginava, porém, que as formas eram visíveis em todas as direções, exceto naquela para a qual se

voltava o meu olhar. E que só ficavam invisíveis ou viravam outras formas da floresta no momento em que meus olhos se direcionavam a elas. No entanto, exceto por esse sentimento de presença, as árvores pareciam totalmente desprovidas de qualquer elemento humano, embora repetidas vezes meu olhar recaísse sobre algum objeto que imaginava ser uma forma humana. Porém logo descobria que estava equivocado, pois, ao firmar os olhos, constatava se tratar obviamente de um arbusto, uma árvore ou uma rocha.



Então, um vago sentimento de desconforto apoderou-se de mim. Em meio a períodos de alívio, tal sensação aumentou gradualmente, como se algo maligno estivesse vagando nas proximidades, algumas vezes mais perto e, em outras, mais longe, porém se aproximando cada vez mais. O sentimento prosseguiu e se aprofundou até que o prazer que sentia nas inúmeras e variadas manifestações que indicavam a presença de alegres fadas em toda parte desapareceu aos poucos, deixando-me cheio de ansiedade e medo, que eu era incapaz de associar com qualquer objeto definido. Finalmente, um pensamento cruzou minha mente: “Será possível que o Freixo esteja me procurando? Ou, talvez, em suas perambulações noturnas, seu caminho esteja gradualmente convergindo na direção do meu?”. Mas busquei conforto ao lembrar que ele havia seguido noutra direção e que, se permanecesse nela, ela o levaria para bem longe de mim. Além disso, de minha parte, nas últimas duas ou três horas, rumara diligentemente em direção ao leste. Assim, mantive-me em meu curso, lutando contra o medo opressor por meio de um esforço direto de minha vontade e ocupando minha mente com outros pensamentos o máximo que podia. Até ali, estava sendo bem-sucedido, embora tivesse a consciência de que, se abaixasse a guarda um instante sequer, seria praticamente subjugado pelo horror. No entanto, sentia ser capaz de continuar andando por uma hora ou mais. O que eu temia, não sabia dizer. Na verdade, fui deixado num estado de vaga incerteza quanto à natureza do inimigo, nada sabendo sobre seu modo de agir ou o alvo de seus ataques, pois, de um jeito ou de outro, nenhuma de minhas perguntas havia logrado arrancar uma resposta definitiva da senhora na cabana.

Eu não sabia como poderia defender a mim mesmo nem por qual sinal poderia reconhecer com certeza a presença de meu adversário, pois, até agora, esse vago, ainda que poderoso, medo era toda a indicação de perigo que tinha. Para aumentar minha angústia, as nuvens no oeste elevaram-se quase ao topo do céu, sendo que elas e a Lua estavam viajando vagarosamente uma em direção à outra. De fato, as nuvens mais avançadas já haviam encontrado o astro, e este havia começado a se mover com dificuldade em meio ao vapor opaco que se adensava gradualmente. Por fim, a Lua ficou quase totalmente encoberta. Quando o luar resplandeceu novamente, com o brilho intensificado pelo contraste, vi claramente no caminho diante de mim,

ao redor do qual as árvores retrocediam, deixando um pequeno espaço de relva verde, a sombra de uma grande mão, de juntas calejadas e protuberâncias aqui e ali. Mesmo dominado pelo medo, reparei em especial nas extremidades bulbosas dos dedos. Rapidamente olhei ao redor, mas não encontrei nada que pudesse lançar tal sombra. Entretanto, agora que tinha uma direção para onde projetar minha apreensão, embora indeterminada, o próprio sentimento de perigo e a necessidade por ação sobrepujaram a aflição que sentia, sendo esta o pior atributo do medo. Por alguns instantes, ponderei que, se o que vi tinha sido mesmo uma sombra, então seria inútil procurar pelo objeto que a lançava em qualquer outra direção exceto entre a sombra e a Lua. Procurei e observei atentamente, aguçando minha visão, sem resultado algum. Não consegui ver nada do tipo, nem mesmo um freixo nas vizinhanças.

Ainda assim a sombra permanecia, sem ser constante, movendo-se para frente e para trás. Então, vi os dedos se fecharem, afiando-se, como as garras de um animal selvagem, em uma incontrollável ânsia por alguma presa à vista. Parecia-me haver apenas um modo de descobrir a substância daquela sombra. Avancei de maneira ousada, embora com um arrepio interior, ao lugar onde a sombra se encontrava. A seguir, joguei-me ao chão, coloquei a cabeça dentro da sombra em forma de mão e virei os olhos para a Lua. Deus dos céus! O que era aquilo? Pergunto-me se realmente me ergui e se a própria sombra da mão não me prendeu onde estava até que o medo tivesse congelado meu cérebro. Vi a figura mais estranha de todas. Era fantasmagórica, vaga, quase transparente nas partes centrais e gradualmente mais profunda em substância do centro para fora, até terminar em extremidades capazes de lançar tal sombra como a que se projetava de sua mão, através dos horrendos dedos por entre os quais podia, agora, ver a Lua. A mão estava elevada como uma pata prestes a atacar sua presa. Mas o rosto, que latejava com uma visibilidade flutuante e pulsante – não por causa de mudanças na luz que refletia, mas em seus próprios poderes de reflexão; as alterações vindas de dentro, não de fora –, era horrível. Eu não sei como descrevê-lo. Ele provocava uma nova sensação. Assim como ninguém consegue traduzir um odor terrível, ou uma dor sinistra, ou um som aterrorizador em palavras, eu não consigo descrever essa nova e horrível feiura. Posso somente tentar descrever algo que ela não é,

mas lhe parece análogo, ou ao menos é aludido por ela.

Essa criatura me lembrava do que ouvira sobre vampiros, uma vez que o rosto parecia o de um cadáver mais do que outra coisa que pudesse pensar, em especial quando imagino tal rosto em movimento, sem a indicação de que algum tipo de vida fosse sua fonte. Suas características eram mais bonitas do que o contrário, exceto a boca, que mal apresentava curvas. Os lábios tinham a mesma espessura, mas ela não era nem um pouco extraordinária, apesar de eles parecerem ligeiramente inchados. Eles pareciam fixamente abertos, mas não eram afastados. É claro que não *notei* essas feições na hora: estava horrorizado demais para isso. Eu reparei nelas mais tarde, quando a forma retornou à minha mente com uma vivacidade intensa demais para admitir dúvidas quanto à precisão do reflexo. Mas seus traços mais horríveis eram os olhos. Estes eram vivos, e ainda assim não tinham vida. Pareciam iluminados com uma soberba infinita. Uma voracidade inexorável, que devorava o devorador, parecia ser o poder interior e impulsionador de toda aquela aparição horrenda. Fiquei deitado por alguns momentos, simplesmente imbuído de terror, até que outra nuvem, ao obscurecer a Lua, tirou-me de imediato dos efeitos paralisantes da presente visão de um objeto de horror, enquanto adicionou a força da imaginação ao poder do medo dentro de mim, ao passo que, sabendo haver causa pior de apreensão do que antes, eu me mantive igualmente ignorante a respeito de contra o que deveria me defender ou como tomar quaisquer precauções: ele podia me espreitar na escuridão a qualquer momento. Rapidamente fiquei de pé e disparei não sei para onde, apenas para longe do espectro. Não pensei mais no caminho e muitas vezes escapei por pouco ao me arremessar cheio de medo contra uma árvore, na minha impetuosa fuga.

Grandes gotas de chuva começaram a tamborilar nas folhas. Como murmúrios, trovões começaram a soar e, então, rugir à distância. Corri. A chuva caiu mais forte, até que, por fim, as folhas grossas não foram capazes de aguentar por mais tempo. Como um segundo firmamento, elas derramaram suas torrentes na terra. Logo eu estava ensopado, mas isso não era nada. Cheguei a um pequeno e transbordante córrego que corria pela floresta. Tinha uma vaga esperança de que, se o cruzasse, estaria a salvo de meu perseguidor; porém rapidamente descobri que minha esperança era tão falsa quanto

indefinida. Lancei-me através do córrego, subi num terreno mais alto e alcancei um espaço mais aberto, onde havia somente árvores grandes. Caminhei entre elas, mantendo-me a leste o máximo que poderia imaginar, mas nem um pouco certo de que não caminhava na direção oposta. Minha mente estava se recuperando um pouco do terror extremo, quando, de repente, o clarão de um raio, ou melhor, uma cascata de clarões sucessivos vindos de trás de mim parecia cair no chão à minha frente, porém mais fraca do que antes, a partir de toda a extensão da fonte de luz, a sombra da mesma mão horrível. Fugi a uma velocidade ainda maior que antes. Entretanto não havia ainda percorrido grande distância quando meu pé escorregou e, tentando em vão recuperar o equilíbrio, caí aos pés de uma das grandes árvores. Ainda meio atordoado, consegui me levantar e, quase involuntariamente, olhei para trás. Tudo que vi foi a mesma mão a cerca de um metro de meu rosto. No entanto, ao mesmo tempo, senti dois grandes e suaves braços me envolvendo, vindos de trás, e uma voz feminina a me dizer:

— Não tema o gnomo: ele não ousará machucá-lo agora.

Com isso, a mão recuou, repentinamente, como se recuasse do fogo, e desapareceu em meio à escuridão e à chuva. Tomado por um sentimento misto de terror e alegria, permaneci parado por algum tempo, praticamente sem sentir nada. A primeira coisa de que me lembro é o som de uma voz acima de mim, clara e baixa, que me recordava estranhamente o som de um vento suave em meio às folhas de uma grande árvore. A voz murmurava sem parar:

— Talvez o ame, talvez o ame, porém ele é um homem e, eu, somente uma faia.

Encontrei-me sentado no chão, encostado em uma figura humana e apoiado ainda pelos braços ao meu redor, que eu sabia serem de uma mulher um tanto acima do tamanho humano e de proporções largas. Virei a cabeça, porém sem mover o tronco, pois temia que os braços que me seguravam se soltassem. Então, olhos claros e, de algum modo, tristes encontraram os meus. Pelo menos foi assim que me pareceram, mas não pude ver muito de sua cor ou de seus contornos, já que estávamos sentados na sombra escura e úmida de uma árvore. O rosto parecia ser muito amável e solene em sua seriedade, com o aspecto de alguém que está bem contente, mas esperando por algo. Percebi que minha conjectura a respeito de seus braços estava correta:

ela era totalmente acima da escala humana, mas não muito.

— Por que chama a si mesma de faia? — perguntei.

— Porque sou uma faia — ela respondeu, na mesma voz baixa, murmurante e musical.

— Você é uma mulher — retruquei.

— Você acha que sim? Então eu sou muito parecida com uma mulher?

— Você é uma mulher muito bonita. Será mesmo possível que não saiba disso?

— Fico feliz por você achar isso. Creio que me sinto como uma mulher algumas vezes. Sinto-me assim nesta noite e sempre que a chuva pinga do meu cabelo, pois existe uma velha profecia em nossa floresta que diz que seremos homens e mulheres como vocês. Conhece alguma coisa a respeito disso em sua região? Serei muito feliz quando for uma mulher? Não tenho medo, pois é sempre em noites assim que me sinto como uma. Porém desejo ser uma mulher o tempo todo.

Deixei que continuasse falando, pois sua voz era como uma mistura de todos os sons musicais. Nessa hora, disse a ela que dificilmente conseguia dizer se as mulheres eram felizes ou não. Conheci uma que não havia sido feliz. E, da minha parte, sempre sonhara com o Reino das Fadas, assim como ela agora sonhava com o mundo dos homens. Mas nenhum de nós dois vivera muito ainda, e quem sabe as pessoas se tornassem mais felizes à medida que envelhecessem. Exceto que duvidava disso. Não pude deixar de suspirar. Ela o sentiu, pois seus braços ainda estavam em volta de mim. Então, perguntou-me quantos anos eu tinha.

— Vinte e um — afirmei.

— Ora! Um bebê! — disse ela, beijando-me com o mais doce beijo de brisas e odores. Havia uma suave sinceridade no beijo, que renovou meu coração de maneira maravilhosa. Senti como se não temesse mais o temível Freixo.

— O que o terrível Freixo queria comigo? — questionei.

— Não tenho certeza, mas creio que ele quer enterrar você ao pé de sua árvore. Mas ele não tocará em você, minha criança.

— Todos os freixos são temíveis como ele?

— Claro que não. Todos são criaturas egoístas e desagradáveis (que homens horríveis serão, se a profecia for verdadeira!), mas esse aí tem um buraco no coração sobre o qual ninguém sabe, exceto uma

ou duas pessoas. Assim, ele está sempre tentando preenchê-lo, mas não consegue. Deve ser para isso que ele queria você. Me pergunto se algum dia ele será um homem. Se for, espero que o matem.

— Que gentileza sua me salvar dele!

— Cuidarei para que ele não chegue perto de você de novo. No entanto, há outros como eu na floresta, de quem, infelizmente, não posso protegê-lo. Se vir algum deles muito bonito, tente contorná-lo.

— O que isso quer dizer?

— Não posso te contar mais. Por ora, devo amarrar um pouco de meu cabelo à sua volta e, assim, o Freixo não o tocará. Aqui, corte um pouco dele. Vocês, homens, têm coisas estranhas e cortantes.

Ela agitou seus longos cabelos soltos sobre mim, sem jamais mexer os braços.

— Não posso cortar seu lindo cabelo. Seria uma pena.

— Pode cortar meu cabelo! Ele terá crescido o bastante antes que seja necessário novamente nesta floresta selvagem. Quem sabe talvez nunca mais sirva para nada, não até eu ser uma mulher — e suspirou.

Com uma faca, o mais gentilmente possível, cortei um longo cacho de seu negro cabelo, que pendia inclinado de sua bela cabeça, acima de mim. Quando terminei, ela estremeceu e respirou fundo, como alguém sob uma intensa dor que suporta firme, sem sinal de sofrimento, até que ela cesse. Então, pegou o cabelo e o prendeu à minha volta, entoando uma estranha e doce canção que não consegui entender, mas que deixou em mim um sentimento como esse:

“Jamais o vi antes;

Nunca mais o verei;

Porém, amor, socorro e dor, lindo,

Fizeram-no meu, até que meus anos se acabem.”

Não sou capaz de traduzir mais em palavras. Ela fechou os braços em mim novamente e continuou cantando. A chuva nas folhas e a brisa suave que começara a soprar fizeram companhia à sua canção. Eu estava dominado por um sereno êxtase de encanto. Ouvi-a falar acerca dos segredos da floresta, das flores e dos pássaros. Em um instante, senti como se estivesse vagando, em minha infância, por florestas ensolaradas na primavera, sobre carpetes de prímulas, anêmonas e pequenas coisas brancas e estreladas – eu quase disse criaturas –, e encontrando novas flores maravilhosas a todo momento. Em outro, como se estivesse divagando sob o meio-dia quente de

verão, com um livro de contos ao meu lado, debaixo de uma grande faia. Ou como se, no outono, ficasse triste por ter pisado nas folhas que me abrigaram e recebesse sua última bênção por meio de seus doces odores de decadência. Ou como se, em uma noite de inverno, ainda congelado, olhasse para cima, a caminho de casa rumo a uma lareira quente, através de galhos e ramos emaranhados, em direção à Lua gelada, coberta pela neve, com sua auréola opala ao seu redor. Por fim, fui vencido pelo sono, pois não me lembro de mais nada, até me encontrar deitado sob uma magnífica faia, debaixo da clara luz da manhã, pouco antes do amanhecer. À minha volta havia um círculo de folhas de faia. Ai de mim! Não trouxe nada comigo do Reino das Fadas, exceto memórias. Os grandes galhos da faia estavam pendurados ao meu redor. Sobre a minha cabeça, erguiam-se suas hastes suaves, cujas superfícies curvas se expandiam como membros em crescimento. As folhas e os ramos acima mantinham a canção que me fizera dormir, só que agora, na minha mente, ela soava como um adeus. Fiquei sentado durante um bom tempo, não querendo partir, mas a minha história inacabada impeliu-me a prosseguir. Devia agir e perambular. Com o Sol já bem elevado no céu, levantei-me e coloquei meus braços ao redor da faia o máximo que pude. Beijei-a e lhe disse adeus. Um estremecimento percorreu as folhas; algumas das poucas gotas de chuva que restaram da noite anterior caíram aos meus pés. Conforme ia embora, lentamente, parecia escutar, num sussurro, uma vez mais as palavras: “Talvez o ame, talvez o ame, porém ele é um homem e, eu, somente uma faia”.







CAPÍTULO

5

*“E ela era suave e plena, como
se uma torrente
De vida a houvesse lavado, ou
como se um adormecer
Permanecesse sobre sua pálpebra,
mais fácil de remover
Que abelha de uma margarida.”*
— *Pygmalion* [Pigmaleão],
de Thomas Lovell Beddoes

*“Ela era branca como os lírios em maio
Ou a neve que caía em um dia de inverno.”*
— *Sir Launfal*, de Thomas Chestre



Continuei minha caminhada no frescor do ar matutino, como que renascido. A única coisa que sufocava meu prazer era uma nuvem de algo entre tristeza e encanto que cruzava a minha mente com a recorrente lembrança da minha anfitriã da noite passada. “Mas então”, pensei, “se ela está triste, não posso evitar; e ela tem todos os prazeres de sempre. Um dia como esse certamente é uma alegria para ela, pelo menos, tanto quanto é para mim. E sua vida talvez seja a mais rica, pois guarda em si a memória do que veio, mas não pôde ficar. E, se algum dia ela se tornar uma mulher, quem sabe não nos encontraremos em algum lugar? Há muito espaço para se encontrar no universo”. Assim, confortando-me com tais pensamentos, mas ainda sentindo um vago remorso, como se não devesse tê-la deixado, prossegui. A floresta não era muito diferente das de minha própria terra, exceto que todas as coisas selvagens – coelhos, pássaros,

esquilos, camundongos e os inúmeros outros habitantes – eram muito dóceis, isto é, não fugiam de mim, mas me olhavam quando passava e, em geral, se aproximavam, como se quisessem me examinar mais de perto. Se isso era proveniente da total ignorância ou da familiaridade com a aparência humana de seres que nunca lhes faziam mal, não saberia dizer. Certa vez, ao olhar admirado uma magnífica flor de uma planta parasita, pendurada num galho de árvore acima de minha cabeça, um grande coelho branco galopou vagarosamente até mim. Ele colocou uma de suas patinhas sobre o meu pé, levantou a cabeça e me olhou com seus olhos vermelhos, assim como eu estivera olhando para a flor selvagem acima de mim. Inclinei-me e o acariciei, mas, quando tentei levantá-lo, ele bateu no chão com as patas traseiras e fugiu em disparada, virando-se, entretanto, para me olhar diversas vezes antes que o perdesse de vista. De vez em quando, uma obscura figura humana também aparecia e desaparecia, a alguma distância, entre as árvores, movendo-se como uma sonâmbula. Mas ninguém nunca se aproximou de mim.

Nesse dia, encontrei muita comida na floresta – estranhas nozes e frutas que nunca havia visto antes. Hesitei em comê-las, mas considerei que, se podia viver do ar do Reino das Fadas, poderia viver de sua comida também. Descobri que meu raciocínio estava correto, e o resultado foi melhor do que esperava, pois não somente satisfiz minha fome, como agiu de tal forma em meus sentidos, que estabeleci uma relação muito mais completa com as coisas ao meu redor. As formas humanas pareciam muito mais densas e definidas, mais tangíveis aos olhos, por assim dizer. Parecia saber escolher melhor que direção tomar quando surgia uma dúvida. De algum modo, passei a sentir o que os pássaros queriam dizer em seus cantos, embora não pudesse expressá-lo em palavras, não mais do que se pode fazer com paisagens. Por vezes, para minha surpresa, me vi escutando com atenção uma conversa entre dois esquilos ou macacos como se fosse a coisa mais natural do mundo. Os assuntos não eram muito interessantes, exceto aqueles associados às vidas e necessidades pessoais das pequenas criaturas: onde se encontravam as melhores nozes na região, quem conseguia quebrá-las melhor, ou quem armazenara o maior estoque para o inverno, coisas do tipo. Contudo os animais jamais revelavam onde se encontrava o estoque. Não havia grande diferença entre sua conversa e nosso ordinário diálogo

humano. Jamais ouvi certas criaturas falarem, e acredito que elas nunca o fazem, exceto sob o impulso de alguma grande agitação. Os camundongos conversavam, porém os porcos-espinhos pareciam muito fleumáticos e, embora diversas vezes encontrasse um casal de toupeiras na superfície, nunca as ouvi trocar uma palavra sequer. Não havia feras selvagens na floresta; pelo menos, não vi nada maior que um gato selvagem. Porém havia muitas cobras, e não acho que eram totalmente inofensivas, mas nenhuma jamais me mordeu.

Logo após o meio-dia, cheguei a uma colina rochosa, de pequenas proporções, mas muito íngreme e, não tendo nenhuma árvore – nem sequer um arbusto – sobre ela, inteiramente exposta ao calor do Sol. Meu caminho parecia seguir para além dela, e eu imediatamente comecei a subir. Ao chegar ao topo, suado e extenuado, olhei ao redor e vi que a floresta ainda se estendia em todos os lados, tão longe quanto minha vista podia alcançar. Notei que, na direção em que ia descer, as árvores não estavam tão próximas do pé da colina quanto do outro lado. Eu estava lamentando em especial o inesperado adiamento de abrigo, porque esse lado da colina parecia mais difícil de descer do que o outro fora de subir, quando meu olhar recaiu sobre uma trilha natural. Ela acabava entre pedras rachadas e o curso de um pequeno córrego, que eu esperava ser mais confortável aos pés. Experimentei seguir a trilha e não achei a descida nem um pouco trabalhosa. Ainda assim, quando cheguei ao pé da colina, eu estava exausto, graças ao calor. Mas, justo onde o caminho parecia terminar, surgiu uma grande rocha, repleta de arbustos e plantas rasteiras, algumas desabrochando plena e esplendidamente, quase escondendo uma abertura na pedra, para a qual o caminho parecia guiar. Eu entrei, sedento pela sombra que ela prometia. Qual foi meu deleite ao encontrar uma cela rochosa em que cada borda e saliência estava lotada com adoráveis samambaias cujas formas, agrupamentos e sombras forjaram em mim um poema, pois tal harmonia não podia existir se não em vista de um único fim! Um pequeno poço da água mais límpida enchia um buraco musgoso em um canto. Eu bebi e senti que sabia como devia ser o elixir da vida. Então me joguei em um monte musgoso que parecia um sofá disposto ao longo da extremidade interna.

Ali eu permaneci em um devaneio delicioso por um tempo, durante o qual todas as formas, as cores e os sons encantadores

pareciam fazer do meu cérebro uma área comum onde podiam ir e vir sem ser convidados e sem pedir licença. Jamais imaginara que tal capacidade para a felicidade simples existisse em mim da maneira como fora desperta por essa assembleia de formas e sensações espirituais, que ainda eram muito vagas para admitirem ser traduzidas em qualquer forma conhecida pela minha ou por alguma outra mente. Havia permanecido ali por uma hora, eu supunha, apesar de que deve ter sido bem mais, quando, tendo relaxado o tumulto harmonioso da minha mente, comecei a me dar conta de que meus olhos estavam fixados em um baixo-relevo estranho e desgastado pelo tempo na rocha à minha frente. Após ponderar por um tempo, concluí que ele representava Pigmaleão esperando o nascimento de sua estátua. O escultor se sentava de maneira mais rígida do que a figura para a qual seus olhos estavam virados. Ela parecia pronta a descer de seu pedestal e abraçar o homem, que aguardava mais do que esperava que algo acontecesse.

“Uma linda história”, disse a mim mesmo. “Agora, essa caverna, com os arbustos arrancados da entrada para deixar a luz entrar, talvez fosse um lugar que ele escolheria, afastado dos olhos dos homens, para colocar seu bloco de mármore e moldá-lo em um corpo visível, a que o pensamento já havia dado forma na sala invisível do cérebro do escultor. E, de fato, se não estou enganado”, disse, levantando-me quando um súbito raio de luz adentrou por uma fissura no teto e iluminou uma pequena área da rocha sem vegetação, “a própria rocha é puro mármore, branca e delicada o bastante para qualquer estátua, mesmo se destinada a se tornar uma mulher ideal nos braços do escultor.”

Apanhei minha faca e removi o musgo de parte do bloco sobre o qual eu estava, e então, para minha surpresa, descobri que era mais como alabastro do que mármore comum, pois o gume de minha faca o cortava com facilidade. De fato, era alabastro. Por um inexplicável impulso, embora de modo algum incomum, continuei removendo o musgo da superfície da pedra e logo percebi que ela era polida, ou pelo menos muito lisa, em toda a sua extensão. Prossegui minha empreitada e, depois de limpar um espaço de cerca de meio metro quadrado, observei algo que me motivou a continuar o trabalho com mais interesse e cuidado que antes. Os raios de Sol atingiram o lugar de onde eu havia retirado o musgo e, sob o seu esplendor, o alabastro

revelou sua usual transparência suave quando polido, exceto onde minha faca havia arranhado a superfície. Observei que a transparência parecia ter um limite definido, terminando num corpo opaco como o mais sólido e branco mármore. Fui cuidadoso para não arranhar mais. Em um primeiro instante, uma vaga esperança deu lugar a um surpreendente sentimento de possibilidade.

Então, enquanto continuava minha tarefa, uma revelação após a outra produziu a extasiante convicção de que, embaixo da crosta de alabastro encontrava-se uma forma em mármore debilmente visível, porém, se era de homem ou mulher, eu ainda não sabia dizer. Trabalhei o mais rápido que pude, de joelhos, sem abrir mão do cuidado e, ao descobrir toda a massa, ergui-me e afastei-me um pouco, de modo a aumentar meu campo de visão. Então, vi diante de mim, com suficiente nitidez – embora ao mesmo tempo com certa dificuldade, em virtude da limitada luz natural que o lugar permitia que entrasse, bem como da natureza do próprio objeto –, um bloco de alabastro puro, circundando a forma, aparentemente em mármore, de uma mulher em repouso. Ela estava deitada de lado, com a cabeça apoiada em uma das mãos e o rosto virado para mim. Contudo não podia ver seu semblante como um todo, pois os cabelos haviam caído parcialmente sobre sua face. Não obstante, aquela visão incompleta pareceu-me totalmente adorável, mais próxima do rosto que nascera comigo em minha alma do que qualquer coisa que tenha visto antes na natureza ou na arte. Os contornos restantes da figura eram tão indistintos, que a simples meia opacidade do alabastro parecia insuficiente para justificar o fato. Assim, deduzi que um leve manto deveria ser o responsável por tal indefinição. Muitas histórias passaram pela minha mente sobre mudança de substância por intermédio de encantamentos e outras causas, bem como de encarceramentos, semelhantes a esse diante de mim. Pensei no Príncipe da Cidade Encantada, meio mármore e meio homem; em Ariel; em Níobe; na Bela Adormecida; nas árvores que sangravam; e em muitas outras histórias. Até mesmo minha aventura da noite anterior com a dama da faia contribuiu para suscitar em mim uma esperança arrebatadora de que, por alguns meios, vida poderia ser dada também a essa figura, e que, retirando-a de sua tumba de alabastro, ela glorificaria meus olhos com sua presença. “Pois”, pensei, “quem pode afirmar que esta caverna não seja o lar do Mármore, e

que esse Mármore essencial, aquele espírito do mármore que, presente por toda parte, torna-o capaz de ser moldado em qualquer forma? E se ela pudesse acordar? Mas qual seria o meio de despertá-la? Um beijo despertou a Bela Adormecida! Mas um beijo não pode alcançá-la através da crosta de alabastro.” Entretanto ajoelhei-me e beijei o pálido caixão; porém ela continuou dormindo. Lembrei-me de Orfeu e das pedras que o seguiam – que árvores também seguissem sua música não me parecia nada surpreendente agora. Será que uma música não seria capaz de dar vida a essa forma, que a glória do movimento não desviaria, por um tempo, o encanto do descanso? Doces sons conseguem chegar aonde beijos não conseguem penetrar. Sentei-me e ponderei.

Bem, embora sempre tenha apreciado a música, nunca fui dotado de talento musical, até entrar na floresta das fadas. Eu tinha uma voz e conhecia as notas, porém, quando tentava cantar, elas não combinavam, então permanecia em silêncio. Nesta manhã, entretanto, antes de me dar conta, me descobrira alegre com uma música; contudo, se isso ocorrera antes ou depois de eu ter comido as frutas da floresta, não podia confirmar com segurança. Concluí, entretanto, ter ocorrido depois e que o impulso elevado de cantar que agora sentia era, em parte, por ter bebido do pequeno poço, que resplandecia como um olho brilhante num canto da caverna. Sentei-me no chão ao lado da “tumba pré-natal”, inclinado sobre ela, com meu rosto voltado para o semblante da figura dentro dela, e cantei – palavras e tons se unindo, e inseparavelmente conectados, como se palavra e tom formassem uma só coisa, ou como se cada palavra pudesse ser proferida apenas naquele tom e fosse incapaz de se distinguir dele, exceto em ideia, por meio de uma análise minuciosa. Cantei algo como o que segue, mas as palavras constituem apenas uma grosseira representação de um estado cuja própria elevação impedia a possibilidade de ser lembrado e no qual, creio eu, os termos empregados estavam muito acima destes, assim como aquele estado transcendia este do qual me recordo:

“Mulher de mármore, dormindo em vão
Na própria morte dos sonhos!
Vais tu – o sono a ti varrendo,
Tudo senão com visão abunda –

Ouvir minha voz através da dourada
Névoa de memória e esperança;
E com um sorriso sombrio me encorajar
A com a primitiva Morte lutar?

Todos os escultores a ti buscam,
A si mesmos personificaram;
Seguindo suas visões, de forma as dotam,
Vestes de mármore te confiaram;
Porém a ti mesma, em silêncio cerrada,
Eterna tu permaneceste;
A muitas acharam, mas a busca por ti deu em nada.
Eu te encontrei: desperta para mim.”

Conforme cantava, olhava com sinceridade para aquele rosto que tão pouco se revelava para mim. Imaginei ter visto, através do opaco véu de alabastro, ainda que acreditasse não ser mais do que imaginação, um movimento da cabeça, como se causado por um suspiro de alguém se afogando. Olhei mais atentamente e concluí que não passava de simples imaginação. Todavia prossegui cantando:

“De beleza o descanso está repleto,
E ainda que desistas de ti, creio;
Para outra missão virei completo
Em favor de minha rainha, sem receio.

Ou, se anos forem precisos para despertar-te
De tua solitária tranquilidade,
Venham, como sonâmbulos, para transportar-te
Rumo à floresta amigável e sem atividade.

Sonhos mais doces na floresta estão,
Ao redor de ti a tempestade não aflora
E, quando a necessidade por descanso se torna aflição,
Para tua caverna segues sem demora.

Ou, se o mármore ainda escolher
Sobre mim este encanto seja;
Que o teu sono venha me envolver,

Permita que contigo em sonho eu esteja!”

Mais uma vez, fiz uma pausa e olhei atentamente através da mortalha rochosa, como se, pela própria força de meu olhar, pudesse iluminar cada traço daquele rosto adorável. Então, imaginei que a mão que permanecera apoiando o rosto houvesse deslizado um pouco para baixo. Porém não tinha plena certeza de ter observado cuidadosamente a posição da mão quando a olhei da primeira vez. Assim, cantei de novo, pois o desejo havia crescido até se tornar uma necessidade passional de vê-la viva.

“Ou tu és a Morte, mulher? Desde que eu
Pus-me a cantar ao teu lado,
O céu pela vida foi abandonado,
E todo o mundo exterior morreu.

Sim, estou morto; pois retiraste
Minha vida, para ti a levaste
Lua morta de amor! Liberta o crepúsculo do amanhecer:
Desperta! E faz a escuridão desaparecer.

Dama gelada da rocha adorável!
Desperta! Ou aqui morrerei;
E contigo para sempre estarei,
Minha forma e eu, um par inseparável.
Mas palavras são vãs; a todas diz ‘não’
Exceto uma débil parte, nada expressam:
Ouve as profundezas de onde clamam,
O silencioso anseio do meu coração.”

Nesse instante ouvi um estrondo. Como uma repentina aparição que vem e logo se vai, uma forma branca, coberta por um leve vestido alvo, rompeu para cima da rocha, parou, deslizou à frente e partiu cintilante rumo à floresta. Eu a segui até a entrada da caverna, tão logo o assombro e a concentração do deleite diante daquela visão permitiram que meus nervos responsáveis pelo movimento agissem de novo. Então vi a forma branca em meio às árvores, enquanto cruzava uma pequena clareira no limite da floresta, onde a luz do Sol caía em

cheio, parecendo reunir-se em um esplendor mais intenso sobre aquele objeto que flutuava em vez de voar através de seu lago de raios. Acompanhei-a com o olhar numa espécie de desespero; encontrada, liberta e perdida! Parecia inútil segui-la, mas era imperativo fazê-lo. Observei a direção que ela tomou e, sem nem uma única vez me virar para a caverna esquecida, corri para a floresta.





CAPÍTULO

6

*“Ah, fique o homem atento, quando
seus desejos, satisfeitos, chovem sobre
ele, e sua felicidade é irrestrita.”*

— *Der Zauberring* [O anel mágico],
de Barão Fouqué

*“Teus lábios vermelhos, como lagartas,
Viajam sobre o meu rosto.”*

— William Motherwell



No entanto, assim que cruzei o espaço entre o pé da colina e a floresta, outra visão retardou meus passos. Através de uma abertura para o oeste fluíam, como um riacho, os raios do Sol poente, inundando de um esplendor avermelhado o lugar aberto onde eu me encontrava. E cavalgando, como se estivesse acompanhando o riacho abaixo em direção a mim, surgiu um cavaleiro no que me pareceu uma armadura vermelha. Desde a testa até o rabo, o cavalo igualmente resplandecia, avermelhado ao pôr do Sol. Senti como se já tivesse visto o cavaleiro antes, mas, à medida que ele chegava mais perto, eu não era capaz de me recordar de nenhum traço de seu rosto. Antes que ele me alcançasse, entretanto, lembrei-me da lenda de Sir Percival em sua armadura enferrujada, cuja leitura no velho livro da cabana eu não terminara: ele me lembrava Sir Percival. E não era de se admirar, pois, ao chegar bem perto de mim, vi que, desde a pluma de seu capacete até a espora de sua bota, toda a superfície de sua armadura estava coberta de uma leve camada de ferrugem. As esporas douradas brilhavam, mas suas caneleiras de ferro resplandeciam à luz do Sol. A *estrela da manhã*, pendurada em seu punho, brilhava e

irradiava sua prata e bronze. Em geral, sua aparência era terrível, porém seu rosto não correspondia a ela. Era triste, chegando a ser até melancólico, e algo como vergonha parecia cobri-lo. Não obstante, era nobre e alto, embora, por consequência, fosse uma figura obscura, e sua forma parecia imponente, apesar da expressão de desalento e de seu corpo se encontrar inclinado como se sofresse de uma aflição interna. O cavalo parecia compartilhar do abatimento de seu senhor e caminhava desanimada e lentamente. Reparei também que a pluma branca em seu elmo estava desbotada e inclinada. “Ele tombou num combate de lanças”, disse a mim mesmo, “ainda que seu espírito não esteja vencido só porque seu corpo tombou”. Ele parecia não me ver, pois cavalgou por mim sem desviar o olhar do chão, adotando uma postura de combate assim que o primeiro som da minha voz o alcançou. Então, um rubor, como de embaraço, cobriu toda a face que a viseira aberta revelava. Ele retribuiu o meu cumprimento com uma vaga cortesia e seguiu adiante. Mas, de repente, puxou as rédeas, parou por um momento e, então, virando seu cavalo, cavalgou de volta até onde eu estava parado, olhando para ele.

— Estou envergonhado — disse ele — de parecer um cavaleiro, e neste estado, mas me convém te dizer que aceite meu aviso por receio de que o mesmo mal, da mesma maneira, se apodere do cantor como assolou o cavaleiro. Algum dia tu leste a história de Sir Percival — aqui, ele estremeceu, fazendo sua armadura ranger — e a Donzela do Amieiro?

— Li, em parte — respondi —, pois ontem, na entrada desta floresta, encontrei um volume em uma cabana no qual a história está registrada.

— Então preste atenção — ele respondeu —, veja minha armadura — eu a tirei e sucedeu comigo o que aconteceu a ele. Eu, que antes era orgulhoso, agora sou humilde. Mesmo assim, ela é terrivelmente bonita: cuidado. Nunca — ele acrescentou, levantando a cabeça — essa armadura deverá ser restaurada, a menos que, pelos golpes dos duelos dos cavaleiros, o último grão desapareça de cada lugar que o machado da batalha e a espada de malfeitores ou nobres inimigos tenham atingido. Só aí eu levantarei a cabeça de novo e direi para o meu escudeiro: “Cumpra teu dever novamente e faça esta armadura brilhar”.

Antes que pudesse fazer mais perguntas, ele cutucou o cavalo com

as esporas e seguiu para longe, decerto isolado de minha voz dentro de sua armadura, pois o chamei, ansioso por ouvir mais sobre essa amedrontadora feiticeira, mas foi em vão. “Por ora”, disse a mim mesmo, “já fui bastante avisado. Certamente devo manter a minha guarda. E estou inteiramente decidido a não ser enredado por nenhuma beleza, por mais linda que seja. Sem dúvida, algum homem deve ser capaz de escapar, e serei eu”. Então, segui floresta adentro, ainda com a esperança de encontrar, em um de seus misteriosos descansos, minha dama perdida de mármore.

A tarde ensolarada terminou com o mais lindo crepúsculo. Grandes morcegos começaram a voar de lá para cá em seu voo característico e silencioso, aparentemente sem propósito, porque seus alvos eram invisíveis para mim. A monótona música da coruja emergia de todos os cantos possíveis na quase escuridão ao meu redor. Os vaga-lumes acendiam aqui e ali, desaparecendo no grande universo. O falcão da noite quebrava toda a harmonia e tranquilidade com seu recorrente e destoante guincho. Inúmeros sons desconhecidos saíram da escuridão misteriosa, mas eram do tipo que aparece no crepúsculo, oprimindo o coração com uma pesada atmosfera de amor e anseio indefinidos, como a de um sonho. Surgiram os odores da noite, banhando-me naquele exuberante pesar que lhes é peculiar, como se as plantas fossem regadas por lágrimas do passado. A terra me atraía ao seu âmago, e eu me senti como se pudesse cair ao chão e beijá-la. Esqueci-me de que estava no Reino das Fadas e parecia estar caminhando em uma noite perfeita de nossa velha terra mãe. Grandes troncos se erguiam ao redor, construindo um denso e enorme teto de galhos, ramos e folhas sobre mim. O mundo dos pássaros e dos insetos se erguia acima do meu, composto de suas próprias paisagens, de seus próprios matagais, caminhos, clareiras e habitantes, suas próprias rotas para pássaros e prazeres para insetos. Grandes ramos cruzavam meu caminho, grandes raízes sustentavam enormes troncos de árvores, agarrando-se poderosa e firmemente ao solo, fortes para erguer e fortes para suportar. Parecia ser uma velha floresta, perfeita no que diz respeito aos seus modos e encantos. E quando, no meio desse êxtase, lembrei-me de que, debaixo de algum dossel de folhas, perto de um tronco gigante, ou dentro de uma caverna cheia de musgo, ou ao lado de um poço cheio de folhas, estava sentada a dama do mármore, a qual minhas músicas haviam chamado para o mundo

exterior, esperando (quem sabe?) encontrar e agradecer seu libertador no crepúsculo que encobriria sua confusão, a noite toda se tornou um reino de sonhos de intensa alegria, com a forma principal presente em todo lugar, embora não pudesse ser vista. Então, recordando como minhas canções pareciam tê-la chamado do mármore, penetrando a preciosa crosta de alabastro, pensei: “Por que minha voz não a alcançaria agora, através da escura noite que a envolve?”. Ato contínuo, minha voz começou a entoar uma canção de maneira tão espontânea, que parecia involuntária.

“Não é um som
Mas em mim ecoando,
Vibra em todo o lugar
Com um cego encanto,
Até em ti se quebrar,
Rainha da Noite!

Toda árvore,
Pela escuridão enegrecida,
Parece encobrir
Segredo, sombra e amor de toda a vida,
Num quarto sagrado
Pelo silêncio preenchido

Não deixe que a Lua
Se arraste hoje no céu obscuro;
Eu num meio-dia sombrio
Com esperança caminhando,
Em busca da luz encoberta —
No escuro por ti tateando!

As fronteiras das trevas tão distantes
Chegam cada vez mais perto!
Através dos ramos brilham,
Vindo a partir do celestial teto,
A estrela e o brilho do diamante,
Por amor iluminam.”

Os últimos sons mal tinham escapado do alcance dos meus próprios ouvidos quando ouvi uma risada baixa e deliciosa perto de mim. Não era a risada de alguém que não queria ser ouvida, mas de alguém que acabou de receber algo pelo qual ansiava há muito tempo — uma risada que termina num baixo gemido musical. Virei-me de lado e vi uma opaca figura branca, sentada ao lado de um arbusto entrelaçado de pequenas árvores e vegetação rasteira.

— É minha dama branca! — eu disse, lançando-me ao seu lado e me esforçando, em meio à crescente escuridão, para conseguir um vislumbre da forma que havia se libertado de sua prisão de mármore ao meu chamado.

— Sou a sua dama branca — disse em resposta a mais doce voz, enviando uma vibração de prazer silencioso através de um coração que estivera sendo preparado por todo feitiço de amor do dia e da noite anteriores a esse momento culminante. Porém, para falar a verdade, também havia algo no som da voz, embora parecesse doce por si só, ou alguma outra coisa nessa rendição que não guardava nenhuma escala de amabilidade, que não vibrava em harmonia com o ritmo da minha música interior. E, igualmente, quando tomei sua mão na minha e aproximei-me dela, procurando a beleza de sua face, que, de fato, achei muito generosa, um arrepio gelado percorreu a minha espinha; porém disse a mim mesmo: “É o mármore”, não dando mais atenção ao meu pressentimento.

Ela retirou sua mão da minha e, depois disso, raramente me permitia tocá-la. Após a plenitude de seu primeiro cumprimento, parecia estranho ela não confiar em mim quando tentava me aproximar dela. Embora suas palavras fossem as de uma amante, ela mantinha a si mesma reclusa, como se houvesse uma barreira entre nós.

— Por que você fugiu de mim quando despertou na caverna? — questionei.

— Eu fugi? — ela respondeu. — Isso foi muito rude da minha parte, mas eu não sabia como agir.

— Queria poder vê-la melhor. A noite está muito escura.

— Está mesmo. Venha para minha gruta. Lá há luz.

— Então você tem outra caverna?

— Venha e veja por si mesmo.

Mas ela não se moveu até que eu me levantasse primeiro e, então,

colocou-se de pé antes que pudesse lhe oferecer a mão para ajudá-la. Ela se aproximou, colocou-se ao meu lado e me conduziu através da floresta. Contudo, uma ou duas vezes, quando, num gesto quase involuntário, estive prestes a colocar meu braço em volta dela enquanto caminhávamos na escuridão calorosa, ela avançou vários passos, sempre mantendo o rosto em minha direção. Então, com os olhos ainda em mim, inclinava-se de leve, como se temesse algum inimigo oculto, retornando para perto de mim e caminhando novamente ao meu lado, como se nada tivesse acontecido. Achei isso estranho. Entretanto, como afirmei antes, além de ter quase desistido da tentativa de compreender as aparências no Reino das Fadas, julguei ser injusto esperar de alguém que havia dormido por um longo tempo e sido despertada de maneira tão repentina um comportamento correspondente ao que eu inconscientemente estava esperando. Nada sabia sobre o que ela estivera sonhando. Além disso, era possível que, embora suas palavras fluíssem bem, sua reação ao toque ainda estivesse extraordinariamente sensível.

Com o passar do tempo, após percorrer um longo caminho através da floresta, chegamos a outro bosque cerrado, por cujos galhos e folhas irradiava uma pálida luz rosada.

— Retire os galhos — disse ela — e abra espaço para entrarmos.

Fiz o que ela mandou.

— Entre — ela disse —, vou seguir você.

Fiz conforme seu pedido e me vi no interior de uma pequena caverna, não muito diferente da caverna de mármore. Estava recoberta e decorada com todos os tipos de verde atrelados a rochas que não recebem a luz do Sol. Na extremidade mais distante, um pouco escondida entre a folhagem, através da qual brilhava intensamente, criando adoráveis sombras em meio a ela, queimava uma resplandecente flama rosada, em uma pequena lamparina terrestre. A dama deslizou, seguindo a parede atrás de mim, sempre mantendo o rosto na minha direção, e sentou-se no canto mais distante, de costas para a lamparina, escondendo-a de minha visão. Na realidade, vi uma forma da mais perfeita amabilidade diante de mim. Era quase como se a luz da lamparina rosa brilhasse através dela (pois não poderia emanar dela). Ainda, tal delicada sombra rosa parecia encobrir o que sozinha aparentava ser uma cor branca como a do mármore. Contudo, mais tarde, descobri que havia uma coisa da qual

eu não gostava, a saber, que a parte branca do olho estava tingida com a mesma coloração rosada que o resto da figura. É estranho não conseguir me lembrar de seus traços, mas eles, assim como sua figura de algum modo própria de meninas, deixaram em mim apenas e simplesmente a impressão de uma amabilidade intensa. Deitei-me aos seus pés e olhei para o seu rosto enquanto me estirava.

Então, ela começou a me contar uma estranha lenda que, igualmente, não consigo recordar. Mas, a cada movimento ou pausa, de algum modo, fixava meus olhos e pensamentos em sua beleza extrema, parecendo sempre culminar em algo que tivesse uma relação, revelada ou escondida, porém sempre correspondente, com sua própria doçura. Sentia-me extasiado. Era uma lenda que rememorava um sentimento provocado por nevascas e tempestades, temporais e fadas d'água; amantes separados por muito tempo que se reencontravam; com uma noite deslumbrante de verão no fim. Escutei-a até que ela e eu estivéssemos envolvidos, até que fôssemos um com a história. E, afinal, havíamos nos encontrado nessa mesma caverna cheia de plantas, enquanto a noite de verão nos encobria de amor e os aromas que se elevavam através do silêncio das árvores adormecidas eram os únicos sinais de um mundo exterior que invadia nossa solidão. O que aconteceu depois, eu não consigo me lembrar com clareza. O horror que veio a seguir praticamente apagou tudo de minha memória.

Acordei assim que uma cinzenta alvorada invadiu a caverna. A donzela havia desaparecido, mas, na moita, na entrada da caverna, havia um estranho e horrível objeto. Parecia um caixão aberto apenas em uma extremidade; só a parte que exibia a cabeça e o pescoço, escondendo o restante do corpo. Na verdade, tratava-se de uma tosca representação de uma estrutura humana, só que vazia, como se feita de uma casca apodrecida, arrancada de uma árvore. Tinha braços, que eram levemente costurados, da altura dos ombros até o cotovelo, como se a casca tivesse se restaurado do corte de alguma faca. Mas os braços se moviam e as mãos e os dedos estavam dilacerando em pedaços uma longa e sedosa mecha de cabelo. A coisa se virou – tinha por rosto aquele de minha sedutora, mas agora de uma coloração esverdeada e pálida sob a luz da manhã, apresentando olhos mortos sem brilho. Em meio ao horror do momento, outro temor se apoderou de mim. Coloquei a mão na cintura e descobri que, de fato, meu cinto

de folhas de faia havia sumido. Com o cabelo novamente em suas mãos, ela o estava destruindo furiosamente. Uma vez mais, assim que se virou, soltou uma risada baixa, mas agora cheia de desprezo e escárnio. Depois, disse, como se tivesse estado conversando com alguém enquanto eu dormia:

— Aqui está ele. Pode levá-lo agora.

Permaneci parado, petrificado de pavor e assombro, pois agora via outra figura ao seu lado, que, embora obscura e indistinta, reconhecia muito bem. Era o Freixo. Minha beldade era a Donzela do Amieiro! Ao tirar minha única defesa eficaz, ela estava me entregando nas mãos de meu estranho adversário. O Freixo curvou sua cabeça de Górgona e adentrou a caverna. Da minha parte, não conseguia mover um músculo sequer. Ele se aproximou. Seus olhos demoníacos e seu rosto espectral me fascinaram. Então, curvou-se com sua horrenda mão estendida, como uma ave de rapina. Eu estava fadado a morrer de um incomensurável horror, quando, de repente, e na hora em que estava prestes a me agarrar, o grosseiro e pesado soar de um machado ecoou através da floresta, seguido rapidamente de outros golpes. O Freixo estremeceu e gemeu, recolheu sua mão estendida e retirou-se para a entrada da caverna, desaparecendo em meio às árvores. A outra Morte ambulante olhou para mim uma vez mais, com uma repugnância indiferente em seus traços lindamente esculpidos. Então, sem mais se preocupar em ocultar sua deformidade desprovida de conteúdo, virou-se, exibindo suas assombrosas costas e, igualmente, desapareceu no verde exterior. Fiquei parado e chorei. A Donzela do Amieiro havia me enganado e quase me assassinado, apesar de todas as advertências que eu recebera daqueles que conheciam meu perigo.



CAPÍTULO

7

*“Lutem, meus homens’,
diz Sir Andrew,
‘Estou ferido, mas não o bastante;
Deitar-me-ei e sangrarei um pouco,
Então, levantar-me-ei e
lutarei novamente.”*
— Balada de Sir Andrew Barton



Eu não podia permanecer onde estava por mais tempo, embora a luz do dia me fosse detestável e, a lembrança do magnífico, inocente e valente nascer do Sol, insuportável. Ali não havia nenhum poço em que eu pudesse refrescar o rosto, que doía por causa da amargura de minhas próprias lágrimas. Não me lavaria no poço daquela gruta nem que as águas fluíssem límpidas como rios do Paraíso. Levantei-me e deixei a caverna sepulcral. Segui meu caminho, sem saber se era o certo, ainda em direção ao nascer do Sol. Os pássaros cantavam, mas não para mim. Todas as criaturas falavam uma língua própria, com a qual eu não tinha nada a ver e que nem mais tentava compreender. Continuei andando sem prestar atenção. O que mais me irritava – até mesmo mais do que minha própria insensatez – era a desconcertante questão: como é possível a beleza e a feiura viverem tão próximas uma da outra? Mesmo com sua aparência alterada e sua face de repugnância; desiludido com as crenças que tinha sobre ela; sabendo que era conhecida como um sepulcro vívido e ambulante, sem fé, ilusória e traidora; apesar de tudo isso, achava-a linda. Sobre isso refleti com uma perplexidade que não diminuía, embora também não aumentasse. Comecei a fazer suposições acerca do modo como eu havia sido liberto. Concluí que algum herói, vagando em busca de

aventura, havia escutado como a floresta estava infestada e, sabendo ser inútil atacar a maldade em pessoa, com seu machado de batalha, investiu violentamente contra o corpo no qual ela habitava e do qual dependia para exercer seu poder de destruição na floresta. “Muito provavelmente”, pensei, “o cavaleiro arrependido, que me advertiu sobre o mal que me espreitava, estava ocupado recuperando sua honra enquanto eu afundava em sua mesma tristeza. Então, ao ouvir sons do perigoso e misterioso ser, chegou à sua árvore a tempo, salvando-me de ser arrastado para suas raízes e enterrado como um cadáver, a fim de nutri-lo para insaciabilidades ainda mais profundas”. Descobri mais tarde que minha suposição estava correta. Perguntei-me como ele havia se salvado quando seus golpes atraíram o próprio Freixo. Isso também eu descobriria mais tarde.

Prossegui, caminhando o dia inteiro, com alguns intervalos de descanso, mas sem comida, pois não poderia comer nada, mesmo se alguém me oferecesse, até que, à tarde, pareceu-me estar próximo dos limites da floresta. Finalmente, cheguei a uma casa semelhante a um rancho. Uma alegria inexprimível surgiu em meu coração ao ver, mais uma vez, uma residência de seres humanos. Corri e bati na porta, sendo atendido por uma dona de casa de olhar gentil e semblante belo. Assim que me viu, ela disse, de maneira bondosa:

— Oh, pobre garoto, você veio da floresta! Você estava lá na noite passada?

No dia anterior, detestaria ser chamado de *garoto*, mas nesse momento a gentileza materna da palavra atingiu meu coração e, de fato, como um menino, caí em lágrimas. Gentilmente, ela logo me acalmou e, levando-me para uma sala, deitou-me em um banco e foi providenciar um refresco. Depois, retornou com comida, porém não consegui comer. Ela quase me forçou a engolir um pouco de vinho. Quando me recuperei o suficiente para ser capaz de responder algumas de suas questões, contei-lhe toda a história.

— Exatamente como eu temia — disse ela —, mas esta noite você está fora do alcance dessas criaturas horrendas. Não é de se admirar que tenham sido capazes de iludir uma criança como você. Mas devo implorar que, quando meu marido chegar, você não diga uma palavra sobre isso, pois ele me acha meio louca por acreditar nessas coisas. Porém devo acreditar nos meus sentidos, já que ele não consegue crer além dos dele, que não lhe dão nenhuma indicação desse tipo. Acho

que ele poderia passar toda a véspera do solstício de verão na floresta e voltar dizendo que não viu nada pior que ele mesmo. De fato, é um bom homem e dificilmente encontraria alguma coisa melhor que ele mesmo se tivesse recebido sete sentidos a mais.

— Mas me diga como ela pode ser tão bela sem ter um coração — sem nem mesmo um lugar para um coração?

— Não sei bem — disse ela —, mas tenho certeza de que não seria tão bela se não tomasse providências para parecer mais linda do que é. Então, como bem sabe, a pessoa começa a se apaixonar por ela antes de ver sua beleza, confundindo-a com a dama de mármore — completamente diferente, penso eu. Mas o que a torna bela é o fato de que, embora não ame homem algum, ela ama o amor de qualquer homem. Assim, quando encontra um, seu desejo de enfeitiçá-lo e ganhar seu amor (não pelo bem do seu amor, mas para que ela saiba novamente de sua própria beleza, por meio da admiração que ele manifesta) a torna adorável — uma beleza autodestrutiva, entretanto. É isso que constantemente a corrói por dentro, até que, por fim, a decadência chega à sua face e toda a sua frente. Aí, toda a encantadora máscara vazia se quebrará em pedaços, e ela será banida para sempre. Assim contou-me um sábio homem, que a encontrou na floresta alguns anos atrás e que, penso, apesar de toda a sua sabedoria, não se saiu melhor do que você. Como você, ele passou a noite seguinte aqui e me contou suas aventuras.

Agradei-lhe calorosamente pela explicação, ainda não fosse completa, muito me espantando que nela, assim como na mulher que encontrei quando adentrei a floresta pela primeira vez, houvesse alguma coisa superior que não correspondia à sua aparente condição. Nessa hora, ela me deixou para que relaxasse, embora, na verdade, estivesse agitado demais para descansar de qualquer outra maneira que não fosse simplesmente deixar de me mexer.

Em meia hora, escutei passos pesados se aproximando e entrando na casa. Uma voz jovial, cuja ligeira rouquidão parecia vir do excesso de risadas, chamou:

— Betsy, o cocho dos porcos está bem vazio, o que é uma pena. Dê-lhes lavagem para comer, mulher! Eles não têm utilidade nenhuma a não ser engordar. Ha! Ha! Ha! A gula não é proibida nos seus mandamentos. Ha! Ha! Ha!

A própria voz, gentil e jovial, parecia despojar a sala da estranha

aparência que todos os novos lugares têm – levando-o do reino ideal para o reino da realidade. Comecei a me sentir como se conhecesse cada canto do aposento. Logo depois, a senhora veio me buscar para jantar, e o aperto de sua grande mão e a expressão benevolente de seu rosto, necessária para iluminar a rotundidade do globo abaixo dele, produziram forte reação em mim. Por um instante, quase não acreditei estar no Reino das Fadas e em tudo por que havia passado desde que deixara minha casa. Ponderei que não passava de um sonho delirante de uma imaginação fértil que, operando dentro de uma estrutura ambulante, não somente me incentivava a, de fato, caminhar, mas povoava com obscuras assombrações as regiões através das quais meus verdadeiros passos tinham me levado. Porém, no momento seguinte, minha atenção recaiu sobre uma garotinha sentada no canto da lareira, com um pequeno livro aberto sobre os joelhos, do qual ela aparentemente levantou o olhar só para fixar seus olhos indagadores sobre mim. Passei a acreditar no Reino das Fadas de novo. Ela prosseguiu sua leitura assim que percebeu que eu a tinha visto olhando para mim. Aproximei-me e, espreitando sobre seu ombro, vi que estava lendo *Graciosa e Percinet*.

— Um livro muito proveitoso, senhor — observou o velho fazendeiro, dando mais uma bem-humorada risada. — Nós estamos no canto mais quente do Reino das Fadas. Ha! Ha! Noite chuvosa a de ontem, não, senhor?

— Foi mesmo? — respondi. — Não para mim. Nunca vi noite mais agradável.

— Estranho! Onde esteve ontem à noite?

— Na floresta, perdido.

— Ah! Então quem sabe você será capaz de convencer minha boa mulher de que não há nada muito extraordinário na floresta, pois, a bem da verdade, isso traz uma má reputação para essas partes. Me atrevo a dizer que você não viu nada pior do que você mesmo lá fora.

“Quem me dera” foi a resposta dentro de mim, mas, em voz alta, contentei-me em responder:

— Ora, eu certamente vi algumas aparições que sou incapaz de descrever, mas isso é de se esperar dentro de uma floresta desconhecida, contando apenas com a luz trêmula da Lua para me acompanhar.

— Verdade! Você fala como um homem sensato, senhor. Contamos

nos dedos as pessoas sensatas ao nosso redor. Dificilmente você vai acreditar, mas minha mulher crê em cada conto de fadas já escrito. Não consigo explicar isso. No mais, ela é uma mulher bastante sensata.

— Mas não deveria respeitar sua crença, mesmo que você mesmo não compartilhe dela?

— Sim, na teoria isso funciona muito bem, mas, quando você vive cada dia em meio ao absurdo, fica muito mais difícil se comportar de maneira respeitosa. Minha mulher realmente acredita na história do Gato Branco. Você a conhece, ousa dizer.

— Li todos esses contos quando era criança e conheço esse especialmente bem.

— Mas, pai — interrompeu a garotinha no canto da lareira —, você sabe muito bem que mamãe é descendente da própria princesa que foi transformada pela fada feiticeira num gato branco. Mamãe me disse isso várias vezes e você tem de acreditar em tudo que ela diz.

— Posso facilmente acreditar nisso — acrescentou o fazendeiro, com outro acesso de riso — porque, outra noite, um rato apareceu roendo e arranhando embaixo do assoalho, e não nos deixava dormir. Sua mãe pulou da cama e, chegando o mais próximo que pode, miou tão infernalmente quanto um grande gato, de tal modo que o barulho cessou imediatamente. Presumo que o pobre rato tenha morrido de medo, pois não o escutamos de novo. Ha! Ha! Ha!

O filho, um jovem de aparência doente, que entrara durante a conversa, juntou-se às risadas de seu pai, mas a sua era muito diferente, carregada de escárnio. Observei-o e vi que, logo ao acabar de rir, aparentou estar assustado, como a temer uma terrível consequência advinda de sua presunção. A mulher permaneceu por perto, esperando até que nos sentássemos à mesa e escutando tudo com um ar divertido, com a mesma aparência de alguém que ouve as afirmações de uma criança pretensiosa. Sentamo-nos para jantar e comi com entusiasmo. Meu estresse passado já começara a parecer bem distante.

— Em que direção está indo? — perguntou-me o velho.

— Para o leste — respondi, e nem poderia ter dado uma resposta mais precisa. — Por acaso a floresta se estende muito mais naquela direção?

— Oh! Por quilômetros e quilômetros, não sei quão mais longe.

Embora tenha vivido nos limites da floresta por toda a minha vida, estive ocupado demais para fazer viagens desbravadoras mata adentro. Nem tenho ideia do que poderia descobrir. São apenas árvores e mais árvores, o suficiente para se enjoar delas. Por falar nisso, se você seguir o caminho a leste daqui, passará bem perto do que as crianças dizem ser a própria casa do ogro que o Pequeno Polegar visitou e que comeu suas pequenas filhas com as coroas de ouro.

— Oh, papai! Comeu suas pequenas filhas? Não, ele apenas transformou suas coroas de ouro em toucas. E o grande ogro dos dentes grandes as matou por engano, mas nem creio que ele sequer as comeu, porque, você sabe, elas eram suas próprias ograzinhas.

— Ora, ora, criança, você sabe muito mais sobre isso que eu. No entanto, a casa tem, é claro, numa tola vizinhança como essa, uma fama muito ruim. E devo confessar que há uma mulher vivendo nela, com dentes longos e brancos o bastante para pertencer à descendência do maior ogro que já existiu. Acho melhor não chegar perto dela.

Em meio a conversas como essa, a noite passou rapidamente. Quando o jantar terminou, o que demorou um bom tempo, minha anfitriã conduziu-me ao meu quarto.

— Se não fosse o que você já passou — disse ela —, eu o teria colocado em outro quarto, cuja janela dá para a floresta e de onde provavelmente você veria seus habitantes, pois eles passam por lá com frequência e até entram no quarto algumas vezes. Em certas épocas do ano, estranhas criaturas passam noites inteiras nele. Estou acostumada e nem me importo. Nem minha filhinha, que sempre dorme nele. Mas este quarto dá para o sul, em direção ao interior, e elas nunca aparecem nesta parte, pelo menos nunca as vi aqui.

Sentia-me um pouco triste por não acumular qualquer experiência que pudesse ter com os habitantes do Reino das Fadas. Contudo o efeito da companhia do fazendeiro e das minhas recentes aventuras foi tal, que optei por uma noite tranquila naquele quarto mais humano, que, com suas cortinas e seus lençóis brancos, era muito convidativo ao devaneio.

Pela manhã, acordei me sentindo renovado, após um sono profundo e sem sonhos. Quando olhei pela janela, o Sol estava no alto, brilhando sobre um campo extenso, sinuoso e cultivado. Várias hortas cresciam debaixo de minha janela. Tudo estava radiante sob a límpida

luz do Sol. As gotas de orvalho resplandeciam ainda mais, as vacas pastavam em um campo próximo, como se não tivessem pastado durante todo o dia anterior, e as criadas cantavam enquanto trabalhavam, passando de lá para cá entre as dependências da casa: eu não acreditava no Reino das Fadas. Desci e encontrei a família tomando café da manhã. Mas, antes que eu entrasse na sala onde estavam sentados, a garotinha veio até mim e olhou para o meu rosto como se quisesse me dizer algo. Eu me inclinei em sua direção, ela colocou seus braços ao redor do meu pescoço e sussurrou em meu ouvido:

— Uma dama de branco voou ao redor da casa a noite toda.

— Sem cochichos atrás das portas! — gritou o fazendeiro, e entramos juntos. — Então, dormiu bem? Nenhum bicho-papão, não é?

— Nem um sequer, obrigado. Dormi extraordinariamente bem.

— Fico feliz em ouvir isso. Venha e tome seu café.

Depois do desjejum, o fazendeiro e seu filho saíram, e fui deixado a sós com mãe e filha.

— Quando olhei pela janela nessa manhã — eu disse —, senti como se o Reino das Fadas fosse uma ilusão criada pelo meu cérebro, mas, sempre que chego perto de você ou de sua filha, sinto-me diferente. Mas me convenci, depois de minhas últimas aventuras, a voltar para casa e não ter mais nenhum contato com seres tão estranhos.

— Como você vai voltar? — disse a mulher.

— Isso eu não sei.

— Ouvi dizer que, para os que entram no Reino das Fadas, não há volta. Devem continuar e atravessá-lo. Como, eu não faço a menor ideia.

— Esta é exatamente a impressão na minha própria mente. Alguma coisa me compele a seguir em frente, como se meu único caminho fosse adiante, mas, nesta manhã, me sinto menos inclinado a continuar minhas aventuras.

— Você quer ver o quarto da minha filha? Ela dormiu naquele sobre o qual lhe falei, de frente para a floresta.

Em seguida, fomos todos juntos, a garotinha correndo na frente para abrir a porta. Era um quarto grande, decorado com uma mobília antiga, que parecia ter pertencido a algum casarão do passado. A janela tinha a forma de um arco baixo, preenchida com panos em

forma de losango. A parede era muito espessa, construída de rocha sólida. Notei que parte da casa havia sido edificada diante das ruínas de algum velho castelo, mosteiro ou outra grande construção, cujas pedras caídas haviam provavelmente sido utilizadas para completá-la. Porém, logo que olhei pela janela, um fluxo de admiração e desejo percorreu a minha alma como uma grande onda no oceano. O Reino das Fadas estendia-se diante de mim, atraindo-me em direção a ele com uma força irresistível. As árvores banhavam suas grandes copas nas ondas da manhã enquanto suas raízes fincavam fundo na escuridão, exceto onde as orlas de raios de Sol colidiam contra seus troncos ou grandes correntes varriam suas alamedas, lavando com um colorido mais brilhante as flores que brotavam delas, revelando o marrom rico das folhas decaídas e das pinhas caídas junto com o verde delicado das longas gramas e das pequenas florestas de musgo que cobriam o canal sobre o qual fluíam imóveis rios de luz. Sem mais demora, virei-me rapidamente para dizer “adeus” à minha anfitriã, que sorriu ao ver minha pressa, mas expressando ansiedade em seu olhar.

— É melhor não chegar perto da casa do ogro, penso eu. Meu filho vai mostrar a você outro caminho, que se juntará ao primeiro depois dela.

Não querendo mais ser cabeça-dura ou confiante demais, concordei e, tendo me despedido de meus gentis anfitriões, parti para a floresta, acompanhado pelo jovem. Ele falou pouco enquanto caminhávamos. No entanto, levou-me entre as árvores até nos depararmos com um caminho. Disse-me para segui-lo e, com um “bom-dia” em forma de resmungo, partiu.



CAPÍTULO

8

*“Sou uma parte da parte,
que no início era o todo.”*

— Mefistófeles, em *Fausto*,
de Goethe



Meu espírito se animou à medida que eu adentrava a floresta. Porém minha mente não conseguia recobrar a antiga elasticidade. Encontrei satisfação em ser como a própria vida – não em ser criado por algum raciocínio. Depois, aprendi que o melhor modo de lidar com alguns tipos de pensamentos dolorosos é desafiá-los a fazer o pior que podem; é deixá-los mentir e corroer seu coração até se cansarem. Então você descobrirá que ainda tem um resíduo de vida que eles não são capazes de matar. Desse modo, por bem e por mal, continuei até chegar a uma pequena clareira na floresta. No meio dela, encontrei uma cabana longa e baixa, com uma das extremidades construída contra um alto cipreste, que se erguia como uma viga para a construção. Quando a vi, uma leve apreensão cruzou minha mente, mas senti a necessidade de chegar mais perto e olhar através de uma pequena porta entreaberta, perto da extremidade oposta do cipreste. Não vi janela alguma. Espreitando e olhando em direção à extremidade mais distante, vi um lampião queimando com uma chama avermelhada e tênue e a cabeça de uma mulher, abaixada, como se lendo sob aquela luz. Não consegui ver mais nada durante algum tempo. Por fim, quando meus olhos se acostumaram à falta de luz do lugar, constatei que parte da rude construção era utilizada com propósitos domésticos, pois havia aqui e ali diversos utensílios rudimentares e uma cama no canto. Uma atração irresistível me impeliu a atravessar a porta. Em momento algum a mulher levantou o rosto, do qual eu só conseguia ver

distintamente a parte superior. Contudo, tão logo pisei na soleira da porta, ela começou a ler em voz alta, com uma voz calma e não completamente desagradável, um antigo e pequeno volume que mantinha aberto com uma mão em cima da mesa sobre a qual se encontrava o lampião. Ela leu algo mais ou menos assim:

— Portanto, assim como a escuridão não teve um começo, jamais terá um fim, sendo, dessa forma, eterna. A negação de qualquer outra coisa é sua afirmação. Onde a luz não consegue chegar, ali habita a escuridão. A luz não faz mais do que cavar uma mina na infinita extensão da escuridão. E sempre sobre os passos da luz marcha a escuridão, sim, nascida de fontes e poços em seu meio, dos canais secretos de seu poderoso mar. Na verdade, o homem não é mais do que uma chama passageira, movendo-se inquieto pelo descanso da noite ao seu redor, sem o qual ele ainda não existiria e do qual é, em parte, formado.

Assim que me aproximei, ela continuou lendo, movendo-se um pouco ao virar uma página do velho volume negro. Então vi que seu rosto era pálido e levemente medonho. Sua testa era alta, e seus olhos escuros, quietos de uma maneira opressora. Porém ela não demonstrou sequer perceber a minha presença. Essa extremidade da cabana, se é que se podia chamá-la disso, era destituída de mobília, exceto pela mesa com o lampião e a cadeira sobre a qual a mulher estava sentada. Num canto havia uma porta, aparentemente de um armário na parede, mas que poderia levar a um quarto do outro lado. O mesmo desejo irresistível que me fizera entrar no local instigou-me a abrir aquela porta e ver o que havia atrás dela. Aproximei-me e coloquei a mão sobre a rústica tranca. Nesse instante, a mulher falou, mas sem levantar sua cabeça ou olhar para mim:

— É melhor você não abrir essa porta.

Essa advertência foi proferida com muita tranquilidade, e depois ela prosseguiu em sua leitura, parcialmente em silêncio, parcialmente em voz alta, mas, dessa vez, parecendo ler apenas para si mesma. No entanto, o aviso apenas aumentou meu desejo e, como ela não disse mais nada, gentilmente abri a porta por completo e olhei para dentro. Num primeiro momento, nada vi digno de atenção. Parecia um armário comum, com prateleiras dos dois lados, sobre as quais havia várias pequenas coisas necessárias para os humildes usos da cabana. Havia uma ou duas vassouras em um canto; em outro, um

machadinho e outras ferramentas comuns, demonstrando que o compartimento era usado o tempo todo para fins domésticos. Porém, ao olhar mais atentamente, notei que não havia prateleiras no fundo e que um espaço vazio se estendia mais ao longe. Além disso, a parte final parecia ser uma fina parede ou cortina, mas um pouco menor em largura e altura do que a entrada onde me encontrava. Mas, ao fixar o olhar por alguns segundos em direção a essa extremidade parcialmente iluminada, meus olhos puderam estabelecer uma verdadeira relação com seu objeto. De súbito, com um arrepio de quem se dá conta da presença de um outro em uma sala na qual, por horas, achava estar sozinho, eu vi que a extremidade aparentemente luminosa era um céu, como da noite, contemplado pela perspectiva de uma passagem escura e estreita, através do que ou construída do que, não sabia dizer. Com o olhar fixo, claramente discerni duas ou três estrelas brilhando de maneira tênue no azul distante. Contudo, de repente, como se tivesse corrido por longa distância até aquele ponto e dobrado a esquina sem diminuir a velocidade, uma figura escura correu para dentro e através da passagem vinda da abertura azul para a última extremidade. Dei um passo para trás e estremeci, mas continuei olhando, pois não conseguia desviar o olhar. Sem parar, ela se aproximou rapidamente, até que, por fim, vencendo os diversos graus de aproximação, pareceu estar ao meu alcance. Entretanto, precipitando-se sobre mim, passou direto para a cabana. Tudo o que posso dizer de sua aparição era que parecia ser uma figura humana sombria. Seus movimentos eram silenciosos, e poderiam ser chamados de deslizamentos, se não fossem parecidos com os de um corredor, mas com pés fantasmagóricos. Recuei um pouco para deixá-la passar e olhei imediatamente ao redor depois que passou. Não consegui mais vê-la.

— Onde ela está? — perguntei, com voz alarmada, para a mulher, que ainda permanecia sentada, entretida em sua leitura.

— Ali, no chão, bem atrás de você — disse ela, apontando com o braço meio estirado, mas sem levantar os olhos.

Virei-me e olhei, mas não vi nada. Então, com um sentimento de que ainda havia algo atrás de mim, olhei ao redor, sobre o meu ombro, e, no chão, vislumbrei uma sombra negra, do tamanho de um homem. Era tão escura, que consegui vê-la mesmo sob a fraca luz do lampião, que brilhava totalmente sobre ela, aparentemente em nada

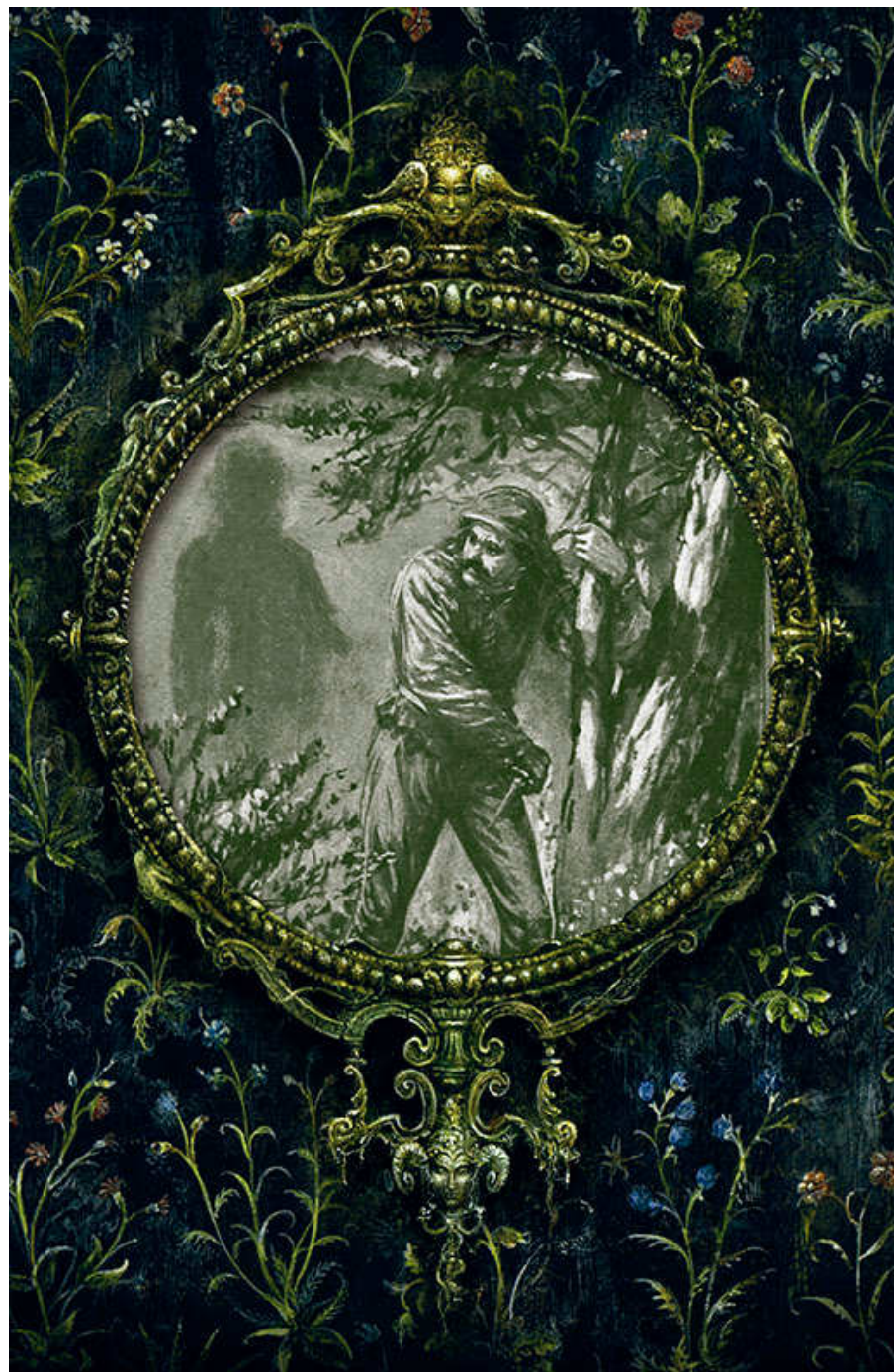
diminuindo a intensidade de sua cor.

— Eu avisei que era melhor não olhar dentro daquele armário — lembrou a mulher.

— O que é isso? — perguntei, com um sentimento crescente de horror.

— É apenas a sua sombra, que o encontrou — ela respondeu. — A sombra de todo mundo vagueia para cima e para baixo à procura do dono. Acho que vocês a chamam por um nome diferente em seu mundo: a sua o encontrou, como acontece certamente a toda pessoa que olha para dentro daquele armário, em especial depois de ter encontrado alguém na floresta, o que me atrevo a dizer que é o seu caso.

Nesse instante, pela primeira vez, ela levantou a cabeça e olhou diretamente para mim: sua boca estava cheia de dentes longos, brancos e brilhantes, e tive a certeza de que estava na casa do ogro. Não consegui falar, mas me virei e deixei a casa, com a sombra em meus calcanhares. “Um bom tipo de serviçal para ter”, disse amargamente a mim mesmo. Caminhei sob o brilho do Sol e, olhando sobre o ombro, vi que a sombra era ainda mais escura debaixo daquela luz. De fato, foi somente quando fiquei entre ela e o Sol que a escuridão sumiu completamente. Estava tão confuso – atordoado –, tanto pelo próprio acontecimento quanto por sua brusquidão, que não conseguia entender, de modo algum, o que seria ter uma presença tão estranha e constante como aquela. Não obstante, com uma leve impressão de que minha repulsa presente logo se tornaria aversão, retomei o meu sombrio caminho através da floresta.





CAPÍTULO

9

*“Oh, Dama! Recebemos aquilo que damos,
E apenas na nossa vida a natureza
vive: Nosso é seu vestido de casamento,
nossa é sua mortalha!*

.....

*Ah! Da própria alma deve resplandecer,
Uma luz, uma glória, uma bela nuvem iluminada,
Vindo a Terra envolver —
E da própria alma deve ser enviada
Uma doce e potente voz, de seu próprio nascer,
De todos os doces sons dos elementos e da vida!”
— Dejection: An Ode [Desânimo: Uma ode],
de Samuel Taylor Coleridge*



Desse ponto até chegar ao palácio do Reino das Fadas, eu não posso tentar oferecer um relato linear das minhas andanças e aventuras. Para mim, tudo daqui em diante existiu em relação à minha sombra. A influência que ela exerceu sobre aquilo com que tive contato pode ser entendida por meio de alguns exemplos em particular. Vou retomar minha narrativa a partir do mesmo dia no qual ela, pela primeira vez, juntou-se a mim. Após ter caminhado por duas ou três horas, senti-me muito cansado e deitei-me para descansar em uma parte extremamente agradável da floresta, repleta de flores selvagens no chão. Passada cerca de meia hora, levantei-me e segui meu caminho. As flores no lugar onde me deitara foram esmagadas por meu peso, mas notei que elas logo levantaram a cabeça e alegraram-se novamente com o Sol e o ar. O mesmo, contudo, não ocorreu com aquelas sobre as quais a minha sombra se deitara. O seu contorno

exato podia ser traçado na esbranquiçada grama sem vida e, ali, flores queimadas e secas se encontravam mortas, sem esperanças de qualquer ressurreição. Estremeci e apressei-me para longe dali, com tristes presságios.

Em poucos dias, tive motivos para temer uma extensão de suas sinistras influências ao constatar que ela não estava mais confinada a mim. Até então, quando tomado por um irresistível desejo de olhar para meu demônio maléfico (um desejo que me dominaria inexplicavelmente a qualquer momento, retornando em intervalos maiores ou menores, às vezes a cada minuto), eu virava a cabeça para trás e olhava sobre o meu ombro, e nessa posição permanecia fascinado, pelo tempo que fosse capaz de mantê-la. Porém, certo dia, tendo chegado a uma colina coberta de grama e sem árvores, que oferecia um glorioso panorama – sobre o qual não posso falar agora –, minha sombra me circulou e, então, ficou de frente para mim. Logo a seguir, uma nova manifestação aumentou a minha aflição, pois ela começou a brilhar e a lançar para todos os lados uma radiação de sombra opaca. Tais raios de escuridão saíam da sombra principal como de um sol negro, aumentando e diminuindo de maneira contínua. Mas, onde quer que o raio atingisse, aquela parte de terra, mar ou céu tornava-se vazia, desértica, o que entristecia o meu coração. Nesse primeiro desenvolvimento de seu novo poder, um dos raios lançou-se mais longe que os outros, parecendo aumentar infinitamente, até atingir em cheio o grande Sol, que murchou e escureceu onde recebeu o golpe. Dei meia-volta e continuei andando. A sombra recuou à sua posição anterior e, quando olhei novamente, ela havia recolhido todas as suas lanças sombrias, seguindo-me de perto como um cachorro.

Uma vez, ao passar por uma cabana, uma adorável criança fada saiu de seu interior portando dois magníficos brinquedos, um em cada mão. O primeiro era o tubo através do qual o talentoso poeta das fadas olha quando quer observar a mesma coisa em todo lugar. O outro era aquele pelo qual ele olha quando combina em novas formas de encanto as imagens de beleza que escolheu reunir de todas as regiões para as quais viajou. Ao redor da cabeça da criança havia uma auréola emanando raios. Enquanto olhava para ela em espanto e deleite, a figura sombria veio por trás de mim, rastejando, e a criança parou em cima de minha sombra. Imediatamente, ele passou a ser um

garoto comum, que usava um rústico chapéu de abas largas feito de palha, através do qual o Sol brilhava às suas costas. Os brinquedos que carregava transformaram-se em um espelho multiplicador e um caleidoscópio. Suspirei e parti.

Certa noite, enquanto uma grande e silenciosa enchente corria através de uma alameda da floresta, corrente abaixo, assim como na primeira vez que o vira, apareceu o cavaleiro triste, cavalcando seu corcel castanho. Porém sua armadura não refletia metade do vermelho de quando o vira pela primeira vez. Muitos golpes de poderosas espadas e machados, desviados pela força de sua malha de aço e ricocheteados pela superfície da couraça, haviam varrido de seu caminho a ferrugem vazada, e o glorioso aço respondera ao amável golpe refletindo luz em agradecimento. Tais arranhões e marcas faziam com que sua armadura parecesse o chão de uma floresta sob a luz do Sol. Sua fronte estava mais elevada que antes, pois as rugas praticamente tinham desaparecido, e a tristeza que restara em seu rosto era a de um úmido crepúsculo de verão, não aquela de uma gelada manhã de outono. Como eu, ele encontrou a Donzela do Amieiro, mas havia mergulhado numa torrente de feitos poderosos e a mancha estava quase limpa. Nenhuma sombra o seguia. Ele não entrara na casa escura, nem tivera tempo de abrir a porta do armário. “Será que um dia ele vai olhar?”, disse a mim mesmo. “Será que a sua sombra *deve* encontrá-lo algum dia?” Entretanto não pude responder às minhas próprias perguntas.

Viajamos juntos por dois dias, e comecei a gostar dele. Era claro que suspeitava de minha história em algum grau, e o vi uma ou duas vezes olhando curiosa e ansiosamente para meu sombrio espectador, que durante todo esse tempo permanecera comportado atrás de mim, mas não lhe ofereci nenhuma explicação. De sua parte, ele não me perguntou nada. A vergonha por ter rejeitado sua advertência e o horror que me oprimia até mesmo quando ele aludia à sua causa mantiveram-me em silêncio. Até que, na noite do segundo dia, algumas nobres palavras de meu companheiro alegraram muito o meu coração. Estive a ponto de jogar-me aos seus pés e contar-lhe toda a história, buscando, se não um conselho útil – pois não tinha esperança disso –, pelo menos conforto e simpatia. Então, a sombra deslizou ao meu redor e envolveu meu amigo, e não pude mais confiar nele. A glória de seu rosto desapareceu e a luz de seus olhos tornou-se pálida,

mas manteve a calma. Na manhã seguinte, nos separamos.

Entretanto o mais assustador de tudo é que nessa época comecei a sentir algo como satisfação na presença de minha sombra. Passei a dar mais importância à minha espectadora, dizendo a mim mesmo: “Numa terra como esta, com tantas ilusões em todo lugar, preciso de seu auxílio para desencantar as coisas ao meu redor. Ela destrói todas as aparências, mostrando as coisas em suas verdadeiras cores e formas. E eu não serei enganado pelas futilidades da multidão comum. Não verei beleza onde não há. Ousarei encarar as coisas como elas verdadeiramente são. E, se tiver de viver no deserto em vez do paraíso, viverei consciente de onde estou vivendo”. Mas logo houve certo exercício de seu poder que me curou, transformando meus sentimentos em relação à minha sombra novamente em repugnância e desconfiança. Foi assim que aconteceu.

Certa tarde ensolarada, por volta do meio-dia, uma pequena donzela juntou-se a mim, vinda da floresta, de um caminho perpendicular ao meu. Ela veio cantando e dançando, feliz como uma criança, embora parecesse quase uma mulher. Ora em uma mão, ora em outra, ela carregava um pequeno globo, límpido e brilhante como o mais puro cristal. À primeira vista, ele parecia seu brinquedo e seu maior tesouro. Em um momento, ela dava a impressão de ser totalmente descuidada com ele e, em outro, parecia tomada de ansiedade por sua segurança. Mas creio que ela estava cuidando do globo o tempo todo, mesmo quando estava menos ocupada com ele. Ela parou ao meu lado com um sorriso e desejou-me um bom-dia com a voz mais doce. Senti uma maravilhosa apreciação pela criança – pois ela produzia em mim mais a impressão de ser uma criança, embora meu entendimento me dissesse o contrário. Conversamos um pouco e, então, caminhamos juntos na direção que eu estava seguindo. Perguntei-lhe sobre o globo que portava, mas não obtive uma resposta definitiva. Estiquei a mão para pegá-lo. Ela recuou e disse, embora rindo e praticamente me convidando a fazê-lo:

— Você não deve tocá-lo.

Então, depois de uma pausa:

— Se o fizer, que seja com cuidado.

Toquei-o com um dedo. Uma leve vibração começou nele, acompanhada, ou talvez manifestada, por um fraco e doce som. Toquei-o de novo e o som aumentou. Toquei-o uma terceira vez: um

ligeiro fluxo de harmonia saiu do pequeno globo. Ela não me permitiu tocá-lo novamente.

Caminhamos juntos por todo aquele dia. Ela me deixou quando o crepúsculo chegou, mas, no dia seguinte, ao meio-dia, encontrou-me como antes, e novamente caminhamos até ao anoitecer. No terceiro dia, ela veio ao meio-dia como de costume, e caminhamos juntos. Nesse ponto, embora havéssemos conversado sobre muitas coisas com relação ao Reino das Fadas e à vida que ela tinha vivido até ali, eu ainda não havia sido capaz de aprender qualquer coisa acerca do globo. Nesse dia, entretanto, enquanto prosseguíamos, a sombra deslizou em volta de mim e envolveu a donzela. Não foi capaz de mudá-la, mas meu desejo de saber mais sobre o globo, que, em sua escuridão, começou a bruxulear com uma luz interior e a lançar lampejos multicoloridos, tornou-se irresistível. Estendi as duas mãos e o segurei. Ele começou a soar como antes. O som rapidamente aumentou, até tornar-se uma baixa agitação em harmonia. O objeto estremeceu, tremeu e pulsou entre minhas mãos. Não tive coragem suficiente para arrancá-lo da donzela, embora eu o tenha segurado apesar de suas tentativas de tomá-lo de mim. Sim, tenho vergonha de dizer que fiz isso, apesar de suas súplicas e, finalmente, suas lágrimas. A música continuou crescendo em intensidade e mistura de tons, o globo vibrou e inflou até que, por fim, explodiu em nossas mãos. Um vapor negro saiu dele e envolveu a donzela, escondendo até mesmo a sombra em sua escuridão. Ela rapidamente recolheu os cacos do objeto, os quais eu abandonei, e fugiu de mim para a floresta na direção da qual viera, chorando como uma criança e dizendo:

— Você quebrou meu globo! Meu globo está quebrado! Meu globo está quebrado!

Decidi ir atrás dela na esperança de dar-lhe conforto, mas não a segui por muito tempo, pois uma repentina e gélida rajada de vento curvou as copas das árvores acima de nós, varrendo os seus ramos ao nosso redor. Então uma grande nuvem cobriu o dia e uma forte tempestade caiu, fazendo-me perdê-la de vista. Ela pesa no meu coração até agora. À noite, antes de cair no sono, com frequência, não importa o que esteja pensando, repentinamente ouço sua voz, gritando: “Você quebrou meu globo! Meu globo está quebrado! Meu globo está quebrado!”.

Aqui mencionarei mais uma coisa estranha, porém, se a

peculiaridade se deve à minha sombra, não sei dizer com certeza. Cheguei a uma vila onde os moradores, num primeiro instante, não podiam ser distinguidos dos habitantes de nossa própria terra. Eles mais evitavam do que procuravam minha companhia, embora se mostrassem extremamente satisfeitos quando eu falava com eles. Porém, afinal, observei que, sempre que ficava a certa distância de qualquer um deles, distância essa que variava de um indivíduo a outro, toda a aparência da pessoa começava a mudar, e essa mudança se acentuava à medida que me aproximava. Quando retrocedia à distância original, a antiga aparência se restaurava. A natureza da mudança era grotesca, sem seguir regra alguma. A coisa mais próxima a isso que conheço é a distorção produzida no semblante quando alguém olha seu reflexo em uma superfície côncava ou convexa, como os dois lados de uma brilhante colher. A primeira vez que me dei conta desse fenômeno foi de um modo absurdo. A filha de minha anfitriã era uma garota linda e muito agradável, que se mostrou mais acessível a mim que a maioria deles. Por alguns dias, minha companheira-sombra havia sido menos importuna do que o normal. E tal foi a reação que ocasionou em meu espírito pelo simples alívio do tormento, que, apesar de eu ter causa o suficiente para estar melancólico, me sentia leve e relativamente feliz. Minha impressão é que a garota conhecia exatamente a lei das aparências que existia entre mim e as pessoas do lugar, decidindo divertir-se à minha custa, pois, numa noite, depois de um pouco de gracejo e zombaria, ela, de um jeito ou de outro, provocou-me, desafiando-me a beijá-la. Porém ela estava bem protegida de qualquer investida do tipo. Seu rosto tornou-se, de uma vez, absurdamente horrendo; a linda boca foi alongada e ampliada o suficiente para permitir seis beijos simultâneos. Recuei em um confuso espanto e ela explodiu no mais alegre ataque de risos, correndo para longe. Logo descobri que a mesma indeterminável lei de mudança operava entre mim e todos os outros aldeões e que, para sentir-me confortável diante de minha companhia, era-me absolutamente necessário descobrir e observar a distância correta entre mim e cada um com quem mantinha contato. Se respeitasse isso, tudo o mais corria bem o suficiente. Contudo, quando acontecia de esquecer tal precaução, apresentava a eles uma aparência igualmente ridícula, que eu mesmo não determinava, mas presumo que a mudança fosse comum a todos próximos de mim. Da mesma

forma, era incapaz de determinar se eu era uma parte necessária na produção dessa estranha transformação ou se ela acontecia do mesmo jeito, sob as circunstâncias dadas, entre os próprios habitantes.







CAPÍTULO

10

*Dos abrigos do Éden correm
rios de grande vazão,
A guiar os proscritos à terra da aflição:
Nossa Terra, um pequeno e tortuoso
riacho produz,
Que os viajantes a campos
alegres conduz.*



Após ter deixado o vilarejo em que havia descansado por quase uma semana, viajei por uma região desértica de terra seca e rochas brilhantes, povoada principalmente por gnomos. Assim que adentrei seus domínios, e na verdade a qualquer hora que me encontrasse em meio a outra tribo deles, começaram a me ridicularizar com mãos estendidas cheias de ouro e joias. Faziam caretas horrendas para mim e realizavam a mais bizarra homenagem, como se pensassem que eu esperava reverência, e me tratavam como um maníaco. Porém, sempre que um deles lançava o olhar para a sombra atrás de mim, fazia uma cara de nojo – uma mistura de pena e desdém – e parecia envergonhado, como se tivesse sido pego fazendo algo desumano. Então, derrubando a mão repleta de ouro e parando com todas as caretas, abria caminho para eu passar em paz e sinalizava aos companheiros que fizessem o mesmo. Não tinha vontade de observá-los por muito tempo, pois a sombra estava em meu coração assim como em meus calcanhares. Andei indiferente e praticamente sem esperança, até que um dia cheguei a uma pequena fonte de água que, jorrando gelada do coração de uma rocha aquecida pelo Sol, de alguma forma, fluía para o sul em relação à direção que eu estivera seguindo. Bebi dessa fonte e senti-me maravilhosamente refrescado.

Um tipo de amor pelo pequeno e alegre riacho brotou em meu coração. Apesar de nascer em um deserto, parecia dizer a si mesmo: “Correrei, cantarei e banharei minhas margens, até que faça do meu deserto um paraíso”. Pensei que não poderia fazer nada melhor do que segui-lo e ver o que acontecia. Assim, segui riacho abaixo, por cima de terras rochosas, queimando com os raios de Sol. Entretanto o ribeirão não ia muito longe antes que algumas folhas de grama aparecessem às suas margens, e a partir daí, aqui e ali, um arbusto definhado. Algumas vezes ele todo desaparecia de repente sob o solo e, após ter caminhado um pouco, o mais próximo da direção que ele parecia tomar, eu o ouvia novamente, cantando, algumas vezes ao longe, à minha direita ou esquerda, entre novas rochas, sobre as quais produzia novas cataratas de úmidas melodias. O verde às suas margens aumentava conforme ele prosseguia e outros riachos juntavam-se a ele.

Por fim, após muitos dias de viagem, numa linda noite de verão, encontrei-me descansando junto a um extenso rio, com uma gloriosa castanheira-da-índia acima de mim, com suas flores brancas como leite e rosadas caindo sobre mim. Logo uma torrente de alegria espalhou-se em meu coração e transbordou em meus olhos. Através de minhas lágrimas, toda a paisagem resplandecia em uma graciosidade tão arrebatadora, que senti como se estivesse entrando no Reino das Fadas pela primeira vez e uma adorável mão estivesse me esperando para afagar minha cabeça e aquecer meu coração com uma palavra amorosa. Rosas, rosas do campo por todo o lugar! Elas eram tão numerosas, que não apenas perfumavam o ar, mas pareciam tingi-lo de uma coloração levemente rosada. A cor flutuava com o aroma, ascendendo e se propagando, até que todo o poente corasse e ardesse com o incenso das rosas. Então senti o coração desfalecer de saudades em meu peito. Se ao menos pudesse ver o Espírito da Terra como vira antes a mulher que habitava a faia e a beldade do pálido mármore, ficaria satisfeito. Satisfeito! Ó quão contente morreria pela luz em seus olhos! Sim, deixaria de existir, se isso me trouxesse uma palavra de amor. O crepúsculo baixou ao redor e envolveu-me de sono. Dormi como se não o tivesse feito por meses, despertando tarde na manhã seguinte, quando, renovado de corpo e mente, me levantei como que de uma morte que aniquila a tristeza da vida e, então, mata a si mesma no novo amanhã. Segui a corrente de novo escalando um

íngreme banco rochoso que a cercava, percorrendo o mato alto e as flores silvestres no seu caminho, através de prados e árvores que se amontoavam à beira d'água.

Finalmente, em um recanto do rio, sombrio por causa do peso da folhagem que pairava, parado e profundo como uma alma na qual redemoinhos de dor cavaram um grande golfo e que, depois, diminuída a violência, deixaram em uma melancolia imóvel e abismal, eu vi um barco em repouso. Tão calma era a água ali, que o barco não precisava de amarras. Ele aguardava, impassível, como a esperar alguém que tivesse ido para a terra firme, mas que voltaria a qualquer instante. No entanto, por não haver sinais de presença e nenhum vestígio da passagem de alguém por entre a espessa vegetação e, acima de tudo, por estar no Reino das Fadas, onde cada qual age como acha melhor, abri meu caminho até a margem. Então, entrei no bote e o empurrei com o auxílio de troncos, deixando-o seguir o curso do rio, não importando qual fosse. Concentrei-me no grande céu acima, ininterrupto em sua infinitude, exceto quando, vez ou outra, ao aproximar-me da margem em uma curva do rio, alguma árvore silenciosamente exibia sua poderosa cabeça sobre a minha e deslizava de volta ao passado, não mais lançando sua sombra sobre mim. Adormeci nesse berço flutuante em que a Mãe Natureza ninava a sua fatigada criança e, enquanto dormia, o Sol descreveu o seu arco no céu. Ao despertar, era o Sol que adormecia nas águas, e prossegui meu silencioso curso sob o luar prateado. Uma pálida Lua me observava do chão de uma grande caverna azul que jazia no silêncio abismal abaixo.

Por que todas as reflexões são mais atraentes do que aquilo que chamamos de “realidade”? Talvez não tão tremendas e poderosas, mas sempre mais fascinantes? Bela no deslizante barco no mar brilhante, a vela oscilante, trêmula, irrequieta é ainda mais formosa quando refletida nas águas. Sim, o próprio oceano que reflete, ao ser refletido no espelho, tem uma magnificência em suas águas que, de algum modo, desaparece quando me volto para ele. Todos os espelhos são mágicos. O mais simples aposento torna-se um poema quando eu o vejo através do espelho. (Isso me fez lembrar, ao escrever, uma estranha história que li no palácio das fadas e sobre a qual tentarei fazer um pequeno relato em seu lugar.) Seja lá a maneira como for levado em consideração, de uma coisa podemos ter certeza: esse sentimento não é trapaça, pois não há trapaça na natureza e nos

sentimentos espontâneos da alma. Deve haver uma verdade, ainda que só compreendamos o significado em parte. Até as memórias de dores passadas são bonitas, e os deleites do passado, ainda que vistos somente através de fendas nas nuvens cinza da tristeza, são encantadores como o Reino das Fadas. Como vaguei no mais profundo reino das fadas da alma, embora só flutuasse em direção ao palácio do Reino das Fadas! A Lua, que é o reflexo ou a memória mais fascinante do Sol posto, o dia alegre visto no fosco espelho da noite, me arrebatou.

Sentei-me no interior do barco. Vi-me cercado por gigantescas árvores da floresta por entre as quais, como uma cobra prateada, serpenteava o grande rio. As pequenas ondas, quando me movia dentro do bote, se elevavam e caíam como prata derretida, quebrando a imagem da Lua em milhares de fragmentos e fundindo-se novamente em uma só, como o som dos risos que morre na face imóvel da alegria. A mata adormecida, em uma solidez indefinida, a água, que fluía em sua sonolência e, acima de tudo, a sedutora Lua, que lançava tudo em um sonho encantado com seu pálido olhar, invadiram minha alma, e senti como se tivesse morrido em um sonho e jamais fosse despertar de novo.

Disso, eu fui acordado em parte por um fraco brilho branco que, através das árvores à esquerda, vagamente atravessou minha visão enquanto eu olhava para cima. Mas as árvores mais uma vez esconderam o objeto. E, naquele momento, um estranho pássaro melódico começou sua canção. Ele cantou não uma música ordinária de pássaro, com repetições constantes da mesma melodia, mas algo que soava como uma frase musical contínua em que um pensamento era expresso, aprofundando-se em intensidade à medida que evoluía em progresso. Pareciam boas-vindas já ofuscadas pela chegada da despedida. Assim como em todas as músicas mais doces, havia um tom de tristeza em cada nota. Tampouco sabemos quanto dos prazeres da vida devemos às dores neles entrelaçadas. A alegria não pode revelar as verdades mais profundas, embora a mais profunda verdade deva ser a mais profunda alegria. Venha, Tristeza de manto branco, inclinada e pálida, e escancare as portas pelas quais ela não pode entrar. Quase desfalecemos de Tristeza pelo verdadeiro amor.

Quando a canção terminou, o curso das águas levou meu pequeno barco, com um leve giro, a vencer uma curva do rio. Para minha

surpresa, logo depois havia um amplo gramado que começava na margem do rio com uma longa e íngreme inclinação até culminar em uma elevação descampada, da qual as árvores recuavam em ambos os lados. Lá, vislumbrei um imponente palácio cintilando fantasmagoricamente sob a luz do luar. Pareceu-me ser totalmente construído com o mármore mais branco. Não havia reflexo do luar nas janelas, o que me levou a pensar que não havia nenhuma. Assim, não havia qualquer brilho gélido, mas, como disse, apenas um vislumbre fantasmagórico. Incontáveis sombras obstruíam o brilho da coluna, do balcão e das torres. Por todo lado viam-se galerias ao longo da parte frontal dos edifícios, alas estendiam-se em várias direções, e numerosas aberturas, por onde os raios do luar desapareciam no interior do palácio e que serviam tanto como portas quanto como janelas, apresentavam à sua frente balcões separados e ligados a uma galeria comum que se elevava em seus próprios pilares. Claro que não obtive uma visão tão detalhada assim ao observar apenas do rio e sob o luar. Contudo, apesar de permanecer ali por muitos dias, não fui capaz de esquadriñar toda a topografia interior daquela construção, devido à sua extensão e complexidade.

Desejei desembarcar ali, mas o bote não tinha remos a bordo. No entanto, descobri que uma das tábuas, que servia como assento, não estava presa e, fazendo uso dela, levei o barco até a margem, pisando em terra firme. A relva macia afundava ao contato de meus pés enquanto eu vencia a subida em direção ao palácio. Ao chegar, deparei com uma grande plataforma de mármore, com amplos degraus do mesmo material ao redor. Lá pude obter uma visão panorâmica da floresta, que, entretanto, estava um tanto encoberta em vez de iluminada pelo luar. Ao entrar por uma ampla passagem sem portões em um pátio interno, cercado por todos os lados por enormes pilares de mármore que sustentavam galerias, encontrei no centro uma grande fonte de pórfiro que lançava para o alto uma grandiosa coluna de água, a qual caía ao ruído da fusão de todos os sons doces em uma bacia abaixo, que, por sua vez, ao inundar, derramava o excesso em um único canal em direção ao interior do palácio. Embora àquela hora da noite a Lua estivesse muito baixa no oeste, de modo que nenhum raio de seu luar iluminava o pátio devido à altura das construções ao redor, o local era iluminado por um segundo reflexo vindo do Sol em outras terras: o topo da coluna de água, ao se espalhar antes de cair,

apanhava os raios do luar e, como uma grande lâmpada pálida, pendurada no alto do ar da noite, lançava uma fraca memória de luz (por assim dizer) sobre o pátio embaixo. O chão do local era revestido de losangos de mármore branco e vermelho. Conforme o hábito que adquiri no Reino das Fadas de sempre escolher um guia ao caminhar pela primeira vez em uma direção, segui a corrente de água que jorrava da base da fonte. Ela me levou a uma grande porta que estava aberta, embaixo dos degraus ascendentes que seguia através de um arco baixo, sumindo em seguida. Ultrapassando a porta, descobri-me em um grande salão circundado por pilares brancos e com o chão preto e branco. Pude ver esses detalhes porque o luar, entrando pelas aberturas na parede contrária, iluminava todo o lugar. Entretanto não fui capaz de discernir sua altura. Assim que entrei, tive a mesma sensação que experimentava na floresta com frequência: a de que havia outros, além de mim mesmo, embora não conseguisse ver mais ninguém e tampouco ouvir qualquer som a denunciar a presença de mais alguém. Desde a minha visita à Igreja da Escuridão, meu poder de ver as fadas de ordens mais elevadas havia gradualmente diminuído até quase extinguir-se por completo. Contudo ainda era capaz de acreditar na presença delas, mesmo desprovido da capacidade de vê-las. Não obstante, mesmo que tivesse companhia, ainda que inofensiva, parecia-me pouco atraente passar a noite em um salão de mármore vazio, embora belo, em especial quando a Lua estava tão perto de seu ponto mais baixo e em breve cederia lugar à escuridão. Desse modo, comecei pelo lugar onde havia entrado e caminhei ao redor do salão, procurando alguma passagem ou porta que me levasse a uma câmara mais hospitaleira. Enquanto examinava o lugar, senti-me deliciosamente preenchido pelo sentimento de que atrás de algum dos aparentemente incontáveis pilares havia alguém que me amava, aguardando por mim. Então, imaginei-a seguindo-me de um pilar ao outro, enquanto eu caminhava, mas nenhum braço surgiu no débil luar e nenhum suspiro denunciou a sua presença.

Por fim, cheguei a um corredor aberto onde me aventurei, apesar de, ao fazer tal manobra, ter deixado a luz para trás. Caminhei ao longo desse corredor com as mãos estendidas à frente, tateando o caminho até alcançar outro, perpendicular àquele em que eu estava. Ao fim deste, vislumbrei uma luz muito fraca, extremamente pálida até mesmo para o luar, assemelhando-se mais a uma vaga

fosforescência. Entretanto, onde tudo era branco, mesmo uma luz fraca aumentava a claridade. Assim, segui até o fim do segundo corredor, que descobri ser muito longo.

Ao alcançar a luz, constatei que ela vinha do que aparentavam ser letras prateadas sobre uma porta de ébano e, para minha surpresa, mesmo estando no lar das maravilhas, as letras formavam a frase “A casa de Sir Anodos”. Embora ainda não tivesse feito jus aos direitos de um cavaleiro, ousei concluir que a câmara de fato havia sido destinada a mim. Então, sem hesitação alguma, abri a porta e entrei. Qualquer dúvida que porventura pairasse em meu coração sobre o direito de estar invadindo a câmara dissipou-se assim que entrei nela. Algo que aos meus olhos pareceu um clarão de luz me atingiu. O fogo formado por grandes pedaços de uma madeira de aroma adocicado estava queimando na lareira. Além disso, havia um candeeiro com uma forte luz à mesa, em meio a uma generosa refeição que, aparentemente, aguardava minha chegada. No entanto, o que me surpreendeu mais que tudo foi o fato de o aposento ser uma cópia fiel e exata, em seus mínimos detalhes, de meu próprio quarto, o mesmo de onde saíra o pequeno regato que me conduzira ao Reino das Fadas. Havia até o tapete de grama, musgo e margaridas que eu mesmo desenhara, assim como as cortinas de seda azul-claro que caíam como uma catarata, cobrindo as janelas, a cama em estilo antigo na qual dormia desde a minha meninice. “Devo dormir agora”, disse a mim mesmo. “Minha sombra não ousará entrar aqui.”

Sentei-me à mesa e comecei a desfrutar com confiança das boas coisas que havia diante de mim. E nesse momento descobri, como em muitas situações anteriores, quão verdadeiros os contos de fadas são, pois fui servido, durante toda a minha refeição, por mãos invisíveis. Tudo o que tinha de fazer era olhar em direção ao que desejava comer ou beber e, então, aquilo me era servido, como se o alimento viesse por si mesmo. Minha taça era mantida cheia do vinho que eu mesmo havia escolhido, até olhar para alguma outra garrafa ou jarra. Imediatamente, uma taça limpa me era trazida e outro vinho fornecido. Após comer e beber o mais ávida e alegremente desde que chegara ao Reino das Fadas, tudo foi recolhido por inúmeros serviçais, homens e mulheres, conforme imaginei distingui-los pela maneira como os pratos eram retirados da mesa e transportados para fora do aposento. Assim que tudo havia sido recolhido, ouvi um som como a

batida de uma porta e soube que estava a sós. Sentei-me próximo ao fogo crepitante, ponderando como tudo aquilo iria acabar. Por fim, cansado de meditar, fui para minha própria cama com a leve esperança de que, ao acordar na manhã seguinte, despertaria não apenas em meu próprio quarto, mas em meu próprio castelo, e caminharia em meu solo nativo, descobrindo, no fim das contas, que o Reino das Fadas fora apenas uma ilusão da noite. O som das águas da fonte conduziu-me ao sono.



CAPÍTULO

11

*“Um deserto de construção,
afundando distante
E retirado por si mesmo em admirável
profundidade,
Afundando em esplendor — sem fim:
O tecido parecia de diamante e ouro,
Com domos de alabastro e pináculos de prata,
E resplandcentes terraços sobre terraços, no alto
Elevados.”*

— *The Excursion* [A excursão],
de William Wordsworth



Mas quando, depois de um sono que, embora sem sonhos, deixara atrás de si uma sensação de bem-aventurança passada, acordei em plena manhã, descobri que, de fato, o quarto ainda era o meu, mas estava voltado de um lado para uma paisagem desconhecida de uma floresta, um monte e uma várzea e, do outro, para o pátio de mármore com sua grande fonte, cuja crista agora cintilava gloriosa sob o Sol, lançando sobre o pavimento abaixo uma tênue chuva de sombras formada pelas águas que se precipitavam sobre a bacia de mármore abaixo.

Comprovando todos os relatos autênticos sobre o tratamento dos viajantes no Reino das Fadas, encontrei ao lado de minha cama um conjunto de roupas limpas, semelhante ao que eu tinha o hábito de usar, embora fosse consideravelmente diferente do que havia tirado. Ainda assim, era totalmente de acordo com o meu gosto. Vesti-me e saí. Todo o palácio brilhava como prata sob o Sol. Em algumas áreas, o mármore estava opaco, sem brilho, mas em outras ainda conservava

a polidez, e cada pináculo, domo e torre finalizava em uma bola, cone ou ponta de prata. Parecia uma imitação do gelo sobre o vidro ou metal e, sob os raios de Sol, era cintilante demais para olhos humanos como os meus. Não tentarei descrever as redondezas, direi apenas que todos os prazeres imagináveis nos mais variados e artísticos arranjos de bosque e rio, gramado e floresta selvagem, jardim e arbusto, montes rochosos e vales exuberantes; nas criaturas vivas selvagens e domesticadas, belas aves, fontes espalhadas, pequenos riachos e lagos juncosos encontravam-se reunidos lá. Eu terei a chance de descrever com maior minúcia algumas partes do próprio palácio.

Durante toda a manhã não me lembrei da minha sombra demoníaca, e foi só quando o cansaço que sobreveio ao prazer a trouxe de volta à memória que eu me virei para ver se ela estava atrás de mim: mal podia identificá-la. Entretanto sua presença, ainda que pouco perceptível, fez-me sentir uma pontada no coração, sentimento esse que nem todas as belezas ao redor foram suficientes para aplacar. Tal dor, no entanto, foi seguida pela reconfortante ponderação de que, por acaso, naquele lugar, poderia encontrar a palavra mágica com poder para bani-la e livrar-me dela, de modo a não ser mais um homem ao lado de mim mesmo. A Rainha do Reino das Fadas, pensei eu, devia habitar ali: com certeza ela poderia usar seu poder para me libertar e me enviar cantando pelos portões mais distantes de seu país de volta para minha própria terra.

— Sombra minha — eu disse —, que não sou eu, mas que se apresenta a mim como eu, aqui talvez encontre uma sombra de luz que a devore, sombra da escuridão! Aqui talvez descubra uma bênção que cairá sobre você como uma maldição, condenando-lhe às trevas de onde emergiu sem ser convidada.

Por fim, tendo dito essas palavras, estirei-me em uma elevação do gramado acima do rio. Enquanto a esperança crescia em meu interior, o Sol surgiu por trás de uma nuvem felpuda que cruzou o seu rosto. Então, a colina e o prado, bem como o grande rio, serpenteando por entre a imóvel e misteriosa floresta, refletiram seus raios como um silencioso grito de júbilo. Toda a natureza respirou e cintilou, o próprio solo aqueceu-se debaixo de mim. Uma magnífica libélula passou como uma flecha lançada pelo arco, e todo um concerto de pássaros irrompeu, enchendo o ar com sua canção.

Logo o calor do Sol tornou-se intenso demais, de modo que me

levantei e busquei abrigo em uma das galerias. Vagando entre elas, para onde quer que meus descuidados pés me levassem, e surpreendendo-me com a magnitude do edifício, cheguei a outro salão, cujo teto era de um azul pálido, salpicado com constelações de estrelas prateadas e sustentado por pilares de pórfiro de um vermelho mais opaco que o normal. Nessa casa (devo dizer de passagem), a prata parecia ganhar a preferência em detrimento do ouro, e tal era a pureza do ar que as peças desse metal não mostravam quaisquer sinais de deslustre. Todo o chão do salão, exceto uma estreita passagem atrás dos pilares, revestido em negro, dirigia-se a uma grande bacia, com muitos metros de profundidade, repleta da mais pura, líquida e cristalina água. As laterais da bacia eram de mármore branco, sendo o fundo revestido com todos os tipos de pedras refulgentes, de todas as formas e matizes. À primeira vista, tinha-se a impressão de não haver qualquer desenho, pois as pedras pareciam não ter padrão algum, como se tivessem sido fixadas por mãos negligentes e brincalhonas. Contudo um olhar mais atento identificava a mais harmoniosa confusão e, quando olhei para o jogo de suas cores, em especial com o movimento das águas, cheguei, por fim, a sentir como se nem uma simples pedrinha pudesse ser removida sem afetar o resultado do conjunto. Abaixo desse solo de águas jazia o reflexo azul do teto invertido, ornado com suas estrelas prateadas, como um segundo e mais profundo mar envolvendo o primeiro. Provavelmente essa banheira de fadas era alimentada pela fonte do pátio. Despi-me, tomado por um irresistível desejo, e mergulhei naquelas águas, que me envolveram com a nova sensação de que éramos um só. As águas estavam tão próximas, que pareciam entrar e reviver meu coração. Subi à superfície, retirei o excesso de água de meus cabelos e nadei como se estivesse em um arco-íris, por entre fulgores de gemas localizadas abaixo de mim e vistas de acordo com a agitação causada pela minha movimentação. Então, de olhos abertos, mergulhei e nadei abaixo da superfície. E então ocorreu uma nova maravilha, pois a bacia parecia estender-se por todos os lados como um mar, apresentando aqui e ali grupos de rochas oceânicas, erodidas por intermináveis vagalhões que inundavam magníficas cavernas e pináculos grotescos. Ao redor das cavernas despontavam algas marinhas de todos os matizes, e corais brilhavam entre elas. Distante, contudo, vislumbrei nas águas o que me pareceram criaturas com

formas humanas. Pensei que estivesse sob o efeito de algum encanto e que, quando subisse para a superfície, me encontraria a quilômetros de distância da costa, nadando sozinho em meio a um mar agitado. Porém, quando meus olhos emergiram das águas, vi acima de mim a abóbada azul e os pilares avermelhados ao redor. Mergulhei de novo e me vi, uma vez mais, no coração de um grande mar. Então, subi à superfície e nadei em direção à beirada, deixando a bacia com facilidade, pois as águas atingiam o nível da borda, formando pequenas ondas sobre o piso de mármore. Vesti-me e saí, sentindo-me profundamente restaurado.

A partir daí, comecei a discernir vagas e graciosas formas, aqui e ali, em todo o palácio. Algumas andavam juntas, conversando animadamente, enquanto outras permaneciam sozinhas. Ainda discernia algumas reunidas em grupos, como se estivessem olhando e conversando sobre um quadro ou uma escultura. Nenhuma delas jamais prestou atenção em mim e tampouco era claramente visível. Por vezes, a forma individual ou mesmo o grupo desaparecia por completo de meu campo de visão enquanto os observava. A noite caiu, trazendo consigo a Lua, tão clara quanto no horizonte do oceano quando o Sol se põe no oeste. Comecei a ver as formas mais nitidamente, em especial quando se posicionavam entre mim e a Lua e de maneira ainda mais clara quando eu me abrigava na sombra. Mas, até mesmo então, às vezes eu via somente a ondulação passageira de um manto branco; ou um braço ou pescoço encantador brilhando no luar; ou pés brancos andando sozinhos sobre a relva iluminada pela Lua. Também, lamento dizer, nunca cheguei muito mais perto desses seres gloriosos nem olhei para a própria Rainha das Fadas. Meu destino tomou outro rumo.

Permaneci no palácio de mármore e prata, de fontes e luar por vários dias, sendo servido constantemente em meu quarto com tudo o que pudesse desejar e banhando-me todos os dias na piscina das fadas. Durante todo esse tempo, quase não fui incomodado por minha sombra demoníaca. Tinha a vaga sensação de que ela estava em algum canto do palácio, mas parecia que a simples esperança de que, naquele lugar, eu finalmente estaria livre de sua odiosa presença bastava para mantê-la afastada por um tempo. Logo relatarei como e onde eu a reencontrei.

No terceiro dia após a minha chegada, descobri onde ficava a

biblioteca do palácio, e lá, durante todo o tempo que permaneci, passei a maior parte da metade do meu dia. Durante as manhãs e as tardes, eu perambulava pelos arredores do palácio, deliciosamente absorto e sonhando acordado, em geral abrigado pela copa de uma poderosa árvore ou até mesmo estirado na relva aberta. Logo passei a frequentar, no período do entardecer, determinada parte do palácio cuja descrição e o relato de minhas aventuras ali eu devo adiar por hora.

A biblioteca era um imponente salão iluminado a partir do teto, formado por algo que parecia vidro, feito de uma única peça e todo revestido com uma grande e misteriosa pintura em cores deslumbrantes. As paredes eram forradas do piso ao teto com livros e mais livros, a maioria apresentando encadernação antiga, mas alguns com estilos novos e estranhos jamais vistos antes por mim e que, caso tentasse descrevê-los, o faria de maneira insuficiente. Ao redor de todas as paredes, em frente aos livros, corriam galerias em filas, interconectadas por escadas. Tais galerias eram construídas com todos os tipos imagináveis de pedras coloridas, com mármore e granito, com pórfiro, quartzo, lápis-lazúli, ágata e muitas outras, dispostas em uma maravilhosa melodia de sucessivas cores. Embora o material do qual as galerias e escadas eram feitas conferisse certo grau de solidez, a amplitude da sala era tal, que elas pareciam correr ao longo das paredes como cordas. Cobrindo algumas partes da biblioteca, havia cortinas de seda em vários tons. Durante o tempo que permaneci lá, nunca as vi levantadas e, de algum modo, senti que seria presunção de minha parte aventurar-me a olhar atrás delas. Mas outros livros pareciam liberados e, dia após dia, dirigia-me à biblioteca, atirava-me sobre os inúmeros e suntuosos tapetes orientais, dispostos sobre o piso, e lia até cansar, se é que se pode chamar de cansaço o que se sente depois de um prazer arrebatador. Por vezes, lia até que a queda de luminosidade me convidasse a sair, na esperança de que a brisa fresca e gentil pudesse envolver como um revigorante banho ao ar livre os membros que o brilho do espírito incandescente interior definhara, assim como o fulgor do Sol abrasador.

Devo tentar dar uma vã descrição de uma peculiaridade desses livros ou, pelo menos, da maioria dos que examinei.

Se, por exemplo, abrisse um livro sobre metafísica, não necessitava ler mais que duas páginas para sentir que estava ponderando sobre a

descoberta da verdade e construindo a máquina intelectual por meio da qual poderia comunicar a descoberta aos meus semelhantes. Com alguns livros dessa natureza, entretanto, era como se o processo retrocedesse mais ainda e eu estivesse tentando encontrar a raiz de uma manifestação, a verdade espiritual da qual uma visão material se origina. Podia ainda combinar duas proposições, ambas aparentemente verdadeiras, fosse ao mesmo tempo ou de maneiras diferentes, e descobrir o ponto no qual suas linhas invisíveis e convergentes se uniriam em uma, revelando uma verdade superior e diferente em relação a ambas, mas tão longe de ser oposta a elas que era desta última que cada uma derivava sua vida e seu poder. Ou, se o livro versasse sobre viagens, me via como o próprio viajante. Novas terras, experiências inéditas e romances surgiam ao meu redor. Eu caminhava, descobria, lutava, sofria e me regozijava em meu sucesso. Era uma história? Então, eu era o ator principal. Tanto sofri a minha própria vergonha como me alegrei em meu próprio louvor. Com a ficção ocorria o mesmo processo. Toda a história era minha, pois assumia o lugar do personagem que mais se parecia comigo. Daí, sua história passava a ser a minha, até que, fatigado de viver anos em apenas uma hora, ou chegando ao meu leito de morte, ou ao fim do volume, eu despertava, subitamente surpreso, consciente de minha vida presente, reconhecendo as paredes e o teto sobre mim e descobrindo que sorria ou chorara apenas em um livro. Se o livro fosse de poemas, as palavras desapareciam ou assumiam uma posição coadjuvante à sucessão de formas e imagens que surgiam com um ritmo silencioso e uma rima escondida.

Em um deles, com um título místico, que não consigo lembrar, li a respeito de um mundo que não era igual ao nosso. De bom grado, compartilharei o extraordinário relato, ainda que me seja possível fazê-lo apenas de modo medíocre e fragmentado. Não posso afirmar que era um poema, mas o impulso que senti ao contemplá-lo pela primeira vez foi de dividi-lo em rimas, impulso ao qual devo dar vazão se vier sobre mim novamente. Acho que era, pelo menos parcialmente, em verso.



CAPÍTULO

12

*Chegada é a Primavera.
O vento noturno ousado
Sopra sobre a terra implacável;
O tempo não mais é confuso e gelado,
Nem mantém mais a alegria invernal.*

*No entanto, sopra e faz o mundo girar;
Sopre, Tempo, soprem, Ventos austrais!
Por entre fendas do Tempo, o céu a espiar,
E a Primavera deixa o frio para trás.*



s que acreditam na influência das estrelas sobre os destinos dos homens estão, pelo menos em sentimento, mais próximos da verdade que aqueles que consideram os corpos celestes apenas obedientes a uma lei externa, em nada afetando suas vidas. Tudo o que o homem vê tem a ver com o homem. Mundos não podem existir sem uma relação entre si. A comunidade do centro de toda a criação sugere uma interconexão e dependência entre as partes. Ademais, pode-se conceber uma ideia mais grandiosa do que a que já está incorporada. O espaço em branco, que é apenas uma vida esquecida por trás da consciência, e o nebuloso esplendor, que é uma vida não desenvolvida diante dela, podem ser repletos de revelações misteriosas de outras conexões com os mundos que nos cercam, além das advindas da ciência e da poesia. Nenhum cinturão cintilante ou Lua brilhante, nenhuma glória verde ou vermelha em uma estrela gêmea que se autoenvolve têm senão uma relação com as coisas escondidas da alma de um homem e, talvez, também até com a história secreta de seu corpo. São partes da casa viva onde ele habita.

Entre os reinos do monarca Sol
Rasteja um mundo, cuja maldição começou,
Por um caminho desgastado com passo fatigado,
Antes de a Terra sua raça gerar:
Porém por muito tempo a Terra girou
Pelo caminho que ainda deve andar,
Antes de o velho planeta, em plúmbeas asas,
A corte do rei do planeta circundar.

Lá, naquela estrela solitária e distante,
As estações não são como as nossas;
Mas, por muitos anos, o Outono deve vestir
As árvores em seu matronal encanto;
Assim como o velho Inverno, em triunfo, tem de ir
Sobre belezas mortas cobertas por seu manto;
E muitas primaveras passarão
Penteando os pingentes de suas madeixas,
E o verão, querido Verão, tem anos de Junho;
Com imensas nuvens brancas e frias chuvas:
E uma beleza que passa a ser pesar
Até que uma explosão de lágrimas venha o coração aliviar.

Crianças nascidas quando o Inverno impera
Talvez nunca se alegrem na esperança da Primavera;
Embora de alegria seus próprios corações tenham
explodido,
E a criança em menina ou menino tenha crescido,
Mas possa morrer com horas frias e dissabores
Olhando-as em lugar das flores.
E algumas que de seu sono primordial despertem,
Quando sinais do verão pelas florestas rastejem,
Vivam, amem e novamente recebam amor,
Busquem o prazer e encontrem sua dor,
E mergulhem em seu derradeiro e desamparado torpor
Com os mesmos e doces rastejantes aromas ao redor.

Bem, as crianças lá não nascem como as nascidas em mundos mais

próximos ao Sol, pois elas aparecem não se sabe como. Uma mulher, andando sozinha, ouve um choro que, mesmo lá, é a primeira expressão, e, seguindo o som, encontra uma pequena criança, seja à sombra de uma rocha entre os arbustos, entre pedras cinzentas ao lado de uma colina ou em qualquer lugar inesperado que sirva de abrigo. Ternamente, ela toma o infante em seus braços e retorna para casa, bradando:

— Mãe! Mãe! — se sua mãe ainda estiver viva. — Eu ganhei um bebê! Eu achei uma criança!

Todos os familiares se reúnem em torno dela para ver a criança e fazer muitas perguntas do tipo:

— Onde ela está? Como é? Onde a encontrou?

A seguir, ela relata toda a história da descoberta e, por meio das circunstâncias – como a estação do ano, a hora do dia, a condição atmosférica, por aí vai, e, em especial, o aspecto peculiar e único dos céus e da terra naquela hora, bem como a natureza do abrigo em que o bebê foi encontrado –, descobre-se a natureza da criança. Portanto, em certas estações do ano e em determinadas condições atmosféricas, de acordo com a imaginação das pessoas, as jovens mulheres saem à procura dos bebês. Em geral, elas evitam procurá-los, embora por vezes não consigam deixar de encontrá-los, em lugares e circunstâncias incomuns. Contudo, tão logo uma criança é encontrada, sua necessidade de proteção e cuidado deixa qualquer sentimento de escolha em segundo plano. Principalmente, porém, durante o verão, que tem longa duração, vindo após longos intervalos, e em especial em tardes quentes, por volta do meio do crepúsculo e, sobretudo, na floresta, ao longo das margens do rio, as donzelas saem em busca de crianças como crianças saem à procura de flores. À medida que a criança cresce, sim, e ainda mais conforme avançam os anos, seu rosto indicará àqueles que entendem o espírito da Natureza e o que ela diz diante do mundo as características do seu local de nascimento: se o Sol claro da manhã guiou sua mãe até o canto de onde veio o grito baixo do menino; se, à tarde, a solitária donzela (porque a mesma mulher nunca encontra uma segunda criança, ao menos enquanto a primeira vive) descobriu a menina deitada graças ao brilho de sua pele branca em um ninho como o da cotovia, em meio a ervas longas que a circundavam e modestas margaridas que olhavam para o alto; se uma tempestade curvou as árvores da floresta ao redor; ou se a geada

imóvel fixou em silêncio a correnteza que antes fluía e balbuciava.

Após crescerem, os homens e as mulheres passam pouco tempo juntos. Há essa peculiar diferença entre eles que, igualmente, distingue as mulheres de lá daquelas da Terra. Os homens têm braços, as mulheres têm somente asas. São asas resplandecentes, com as quais podem se cobrir dos pés à cabeça em uma panóplia de glória reluzente. Em geral, apenas com base nessas asas pode-se determinar em que estação e sob quais aspectos elas nasceram. Aquelas que nasceram no inverno desenvolvem grandes asas brancas, alvas como a neve, com a ponta de cada pena cintilante como prata, de modo que elas lampejam e resplandecem como gelo ao Sol. Contudo por baixo são tingidas com uma tênue coloração rosa. As nascidas na primavera desenvolvem asas de um verde brilhante, como grama viçosa, e próximo às bordas as penas são esmaltadas como a superfície das lâminas de grama. Essas também são brancas por dentro. As nascidas no verão têm asas de uma profunda coloração rosa, forradas com um discreto dourado. Por fim, as nascidas no outono apresentam asas roxas, de uma rica coloração marrom na parte interna. Porém todas essas cores sofrem modificações e alterações de acordo com a condição do dia e da hora, bem como da estação do ano. Por vezes essas cores apresentam-se tão mescladas, que dificultam a identificação da estação pela maioria, embora tais sinais sejam sempre decifráveis por olhos mais experientes. Em particular, recorde-me de esplendorosas asas de um carmesim profundo, com a superfície interior revestida de um cinza vistoso ao redor de uma alvura brilhante. Ela fora encontrada quando o Sol estava se pondo em meio a um nevoeiro baixo sobre o mar, lançando uma coloração avermelhada que atravessava o oceano e terminava em uma pequena caverna na costa, onde foi encontrada por uma jovem que se banhava nas imediações.

No entanto, embora eu fale a respeito de Sol e fogo, mar e praia, o mundo lá é, em alguns aspectos, muito diferente da terra onde vivem os homens. Por exemplo, as águas não refletem forma alguma. Aos olhos desacostumados, parecem, se imperturbadas, a superfície de um metal escuro, exceto que este último refletiria alguma coisa ainda que indistintamente, enquanto aquelas não refletem nada, a não ser a luz que cai de imediato sobre elas. Essa é a grande causa de as paisagens serem tão diferentes das da Terra. Na tarde mais tranquila, nenhum

grande navio no mar envia um longo e oscilante reflexo quase até o pé de quem está na praia nem o rosto de nenhuma donzela se ilumina diante de sua própria beleza em um poço calmo na floresta. Apenas o Sol e a Lua brilham na superfície. O mar é como um mar de morte, pronto para engolir e nunca revelar: uma visível sombra de esquecimento. Não obstante, as mulheres divertem-se em suas águas como belos pássaros marinhos. Os homens raramente entram no mar. Contrariamente, entretanto, o céu reflete tudo o que está abaixo dele, como se fosse formado de águas como as nossas. Claro que, por sua concavidade, há alguma distorção na imagem dos objetos refletidos, porém maravilhosas combinações de formas são, em geral, vistas na profundidade que paira sobre as nossas cabeças. Além disso, sua forma não é como a de uma cúpula arredondada, como o céu terrestre, mas assemelha-se à forma de um ovo, erguendo-se como uma torre de grande altura, parecendo muito mais elevado que o da Terra. Quando as estrelas surgem, na noite, mostra-se como uma poderosa cúpula, “ornamentada com fogos dourados”, com espaço suficiente para a formação de tempestades de todos os tipos.

Certa noite, no começo do verão, eu estava com um grupo de homens e mulheres sobre uma rocha íngreme que pairava acima do mar. Todos faziam perguntas sobre o meu mundo e suas características. Ao responder a uma das suas questões, senti-me compelido a dizer que as crianças terrestres não nascem como as dali. Por consequência, fui assolado por toda sorte de perguntas que, a princípio, procurei evitar, mas, por fim, senti-me na obrigação de abordar o assunto em questão, ainda que da maneira mais vaga que pude conceber no momento. Imediatamente, uma leve noção do que eu queria dizer pareceu surgir na mente da maioria das mulheres. Algumas delas chegaram a cobrir-se por completo com suas asas, como, em geral, faziam toda vez que sentiam o mais leve embaraço, permanecendo eretas e imóveis. Uma delas abriu suas rosadas asas e saiu apressadamente da rocha onde estávamos em direção ao golfo abaixo. Uma forte luz brilhou nos olhos de uma jovem, que deu meia-volta e caminhou para bem longe, com suas asas brancas e púrpuras semiabertas atrás dela. Na manhã seguinte, ela foi encontrada morta, debaixo de uma árvore ressequida, ao lado de uma colina descoberta, a alguma distância dali. Eles a enterraram onde a acharam, conforme o costume entre eles, pois, em geral, antes da morte, eles

instintivamente procuram um lugar semelhante ao local de seu nascimento. Ao encontrarem um que os satisfaça, deitam-se e se cobrem com suas asas, se forem mulheres, ou cruzam os braços sobre o peito como se fossem dormir, no caso dos homens, e, de fato, dormem. O sinal ou a causa da morte vindoura é um indescritível anseio por algo que não conhecem, mas que os domina, levando-os a buscar a solidão e consumindo-os por dentro, até o corpo parar de funcionar. Quando um rapaz e uma moça se olham com intensidade, esse desejo começa a dominá-los, mas, ao invés de se aproximarem um do outro, eles se afastam, cada qual buscando lugares solitários, e morrem por causa desse anseio. No entanto, parece-me que, depois, nascem como bebês em nossa Terra, onde, quando crescidos, caso encontrem um ao outro, tudo corre bem. Mas, se não se encontram, parece que as coisas não dão tão certo assim. Contudo disso não sei nada. Quando contei que as mulheres terrestres não tinham asas como elas, mas braços como os homens, as moças dali me fitaram e comentaram como tais mulheres deveriam ser ousadas e masculinizadas, desconhecendo que suas asas, ainda que gloriosas, eram apenas braços não desenvolvidos.

Entretanto veja o poder daquele livro, pois, enquanto relato o que recorde de seu conteúdo, escrevo como se eu mesmo tivesse visitado esse planeta distante, aprendido seus modos e suas aparências e conversado com seus homens e suas mulheres. E assim me parece, enquanto escrevo estas palavras.

O livro prossegue com a história de uma jovem mulher que, nascida no final do outono e vivendo um longo e – para ela – interminável inverno, lançou-se, por fim, em busca de regiões onde a primavera já tivesse chegado, pois, como em nosso planeta, as estações são divididas ao redor do globo. A história dela começa mais ou menos assim:

Por muitos dias, ela as viu sucumbir,
E das velhas árvores ao redor cair,
Uma após outra, ou mais, como chuvarada,
Sobre flores ressequidas e acumuladas.
Pois, como se tivessem feito algo escabroso,
O Sol, por tanto tempo cuidadoso e amoroso,
Cansou de amar e, após suas costas virar,

Apressou-se em sua rota ao sul trilhar;
Impotente e suspensa, cada folha esmaecida
Com um lamento inútil logo é esquecida.
Como tristes sinais do Outono, surgem ventanias,
Tristemente açoitando suas famílias;
Lançando fora com um gemido impotente
Tudo que ainda lhe é pertencente,
Como a criança, ao ver seu pássaro partir,
Lança a gaiola para no rio sumir.
Como a morte, as árvores gigantes se desnudam,
E, ao grande sopro do Vento, lentamente se curvam;
E suspiram, esforçando-se para não suspirar
Em meio às jovens árvores, sempre a se queixar.
E o mar do planeta, antigo e potente,
Aagitava-se, para cima e para baixo, impaciente,
E as cristas das ondas brancas e quebradas,
Aagitavam-se para ver suas forças aliviadas;
O rio lutava para o mar alcançar,
Mas a onda apressava-se em retornar.
A natureza vivia em tristeza agora;
Vivia o pesar no semblante da senhora,
Enquanto observava, com um fixo e semiconsciente olhar,
Uma folha solitária, na altura, a balançar,
Até cair do galho desolado, afinal.
Ó tristeza, ó aflição! É tempo invernal.
Por uma única folha, suas lágrimas foram vertidas,
Pois com pouco sua barragem de pesar foi rompida:
Quando a água está perto da borda,
Com apenas uma gota, ela transborda.

Muitos e muitos anos de aflição
Devem passar até ressurgir o botão,
Muitas noites de pesar obscuro
Levam à luz de um lúgubre futuro,
Até que, nas árvores cobertas, as cotovias
Encham os galhos com suas melodias.
Ela sonhará com prados repletos de riachos vibrantes;
De agitadas gramas sob um Sol radiante;

De poços escondidos em silêncio brotando,
Como algo santo, sua alegria guardando;
De fontes, o dia inteiro a expressar
Para as árvores ouvintes, um melodioso exultar;
Sonhará com tardes que terminam em noites,
Onde cada sentido é pleno de seus próprios deleites,
E a alma ainda seja como o arco celestial,
Embalada com uma harmonia visceral;
E as flores sob a noite orvalhada,
Em perfume transformem a luz armazenada;
E a escuridão recaia sobre sua anfitriã,
Até que o Sol singre novamente o mar da vindoura manhã.
Ela acordará e verá os galhos desnudos,
Tecendo uma rede nos ares congelados.

A história prossegue, narrando como, por fim, cansada dos rigores do inverno, ela viajou rumo às regiões sulinas de seu globo para encontrar-se com a primavera em seu caminho em direção ao norte. Também narra como, após inúmeros dissabores, muitas esperanças despedaçadas e torrentes de lágrimas amargas e inúteis, ela finalmente encontrou, em certa tarde tempestuosa, em uma desfolhada floresta, uma solitária flor de galanto que brotava entre os limites do inverno e da primavera. Ela se deitou ao lado da flor e morreu. Quase sou levado a crer que uma criança tão pálida quanto uma flor de galanto nasceu na Terra entre as estações, naquela tarde marcada por temporais.



CAPÍTULO

13

*“Vi um barco singrando o mar,
Totalmente carregado como só
um barco pode ser;
Mas não tão profundo como em
amor estou a arder,
Pois não me importo se vou
singrar ou afundar.”*
—Antiga balada

*“Mas o Amor é um Mistério tal
Que não consigo decifrar:
Pois, quando penso resolvido estar,
Na verdade, estou em dúvida crucial.”*
—Song [Canção], de Sir John Suckling



Vou tentar reproduzir uma história. Mas, infelizmente, é como tentar reconstruir uma floresta a partir de galhos quebrados e folhas murchas. No livro das fadas, tudo era como deveria ser – apesar de não saber dizer se em palavras ou outra coisa. Ele brilhava e relampejava os pensamentos na alma com tal poder, que o intermediário sumia da consciência, a qual passava a ser ocupada somente com as próprias coisas. Minha representação deve lembrar a tradução de uma língua rica e poderosa, capaz de personificar os pensamentos de um povo esplendidamente desenvolvido, para o discurso medíocre e semiarticulado de uma tribo selvagem. É claro, à medida que lia, eu era Cosmo e a história era minha. Ainda assim, o tempo todo, parecia que eu tinha uma dupla consciência e, a história, um duplo significado. Às vezes parecia apenas representar uma

história simples de uma vida comum, talvez quase universal, em que duas almas, ao se amarem e desejarem se aproximar uma da outra, conseguem fazê-lo, afinal de contas, mas veem apenas um reflexo obscuro um do outro, como em um espelho.



Assim como os veios prateados trespassam a rocha, os riachos e os golfos do mar indócil até a terra firme, como as luzes e as influências dos mundos superiores atravessam a atmosfera da Terra, o Reino das Fadas invade o mundo dos homens e, algumas vezes, surpreende o olhar comum com uma associação entre causa e efeito, mesmo quando não há um vínculo a ser traçado entre os dois.

Cosmo von Wehrstahl era um estudante da Universidade de Praga. Embora viesse de uma família nobre, possuía poucos recursos financeiros e orgulhava-se da independência que a pobreza fornecia, pois que coisa não trará orgulho a um homem se ele não pode se livrar dela? Apesar de favorito entre seus colegas de estudo, andava solitário, e nenhum deles havia cruzado a soleira de sua residência, localizada no topo de uma das mais elevadas casas na antiga cidade. Na verdade, o segredo por trás da complacência em relação aos seus colegas era a lembrança de seu abrigo desconhecido, em que ele poderia se refugiar e se entregar, sem interrupções, aos seus estudos e devaneios. Tais estudos, além daqueles constantes em seu curso universitário, abrangiam alguns menos conhecidos e aprovados. Em uma gaveta secreta havia as obras de Alberto Magno e Cornélio Agripa, além de outras menos lidas e mais obscuras. No entanto, Cosmo seguia essas pesquisas apenas por curiosidade, não desenvolvendo nenhum propósito prático.

Seu alojamento consistia em uma ampla sala de teto baixo, desprovida de mobiliário, pois, além de um par de cadeiras, um sofá no qual sonhava tanto de dia quanto de noite e um grande armário de carvalho preto, havia pouco no aposento que pudesse ser chamado de “móvel”. Contudo curiosos instrumentos jaziam amontoados nos cantos, sendo que, em um deles, havia um esqueleto semicurvado sobre a parede e semiapoado por um barbante em seu pescoço. Uma de suas mãos descansava sobre o pesado punho de uma grande espada ao seu lado. Inúmeras armas estavam espalhadas sobre o piso. As paredes eram totalmente desprovidas de ornamentos, pois os poucos e estranhos objetos pendurados – como um grande morcego dissecado com asas distendidas, a pele de um porco-espinho e um rato marinho empalhado – dificilmente poderiam ser considerados adereços. Embora tivesse prazer em tais excentricidades, Cosmo permitia que sua imaginação viajasse a lugares muito distantes e diferentes. Até então, sua mente jamais fora dominada por uma paixão arrebatadora,

mas permanecia como uma porta aberta, sensível a qualquer tipo de vento, fosse uma respiração baixa que trouxesse bafejos e odores ou uma rajada de ventania que curva e faz ranger grandes árvores. Ele via tudo através de um vidro cor-de-rosa. Quando olhava para a rua debaixo de sua janela, uma donzela não passava, mas se movia como se estivesse em uma história e fazia com que os pensamentos dele a seguissem até desaparecer de vista. Ao caminhar pelas ruas, ele sempre sentia como se estivesse lendo um conto, no qual buscava descrever cada rosto interessante que por ele passava e cada doce voz que varria sua alma como a asa de um anjo passante. Na verdade, era um poeta sem palavras, cada vez mais absorto e ameaçado. As suas águas nascentes eram represadas na alma: ao não serem expressas, cresciam, inchavam e enfraqueciam. Costumava deitar-se em seu desconfortável sofá e ler um poema ou conto até o livro despencar de sua mão adormecida. Nele sonhava, não sabia se dormindo ou acordado, até o teto subjugar seus sentidos, transformando o dourado em alvorada. Então ele se levantava. Os impulsos de uma juventude vigorosa o mantinham sempre ativo, seja estudando ou praticando esportes, até que o fim do dia o liberasse novamente e o mundo da noite, que permanecera inundado pela catarata do dia, emergisse em sua alma, com todas as suas estrelas e formas fantasmagóricas e obscuras. Entretanto isso não poderia durar muito tempo. Alguma forma cedo ou tarde pisa dentro do círculo encantado, entra na casa da vida e força o mágico perplexo a se ajoelhar e adorá-la.

Certa tarde, perto do crepúsculo, ele vagueava sonhadoramente em uma das ruas principais quando um colega estudante chamou-lhe a atenção com um toque no ombro, convidando-o a lhe fazer companhia a uma pequena viela onde havia algumas armaduras antigas que ele gostaria de adquirir. Cosmo era considerado uma autoridade em qualquer assunto pertinente a armas, antigas ou modernas. Nesse quesito, nenhum dos estudantes poderia sequer lhe fazer sombra, e seu conhecimento prático em determinadas armas, em especial, contribuiu para estabelecer sua autoridade em relação a toda a área. De bom grado, ele seguiu o colega. Os dois entraram em um beco estreito e imundo, como era de se esperar, onde uma porta baixa, em forma de arco, os levou a uma heterogênea reunião de tudo o que se pode imaginar de mais antigo, mofado e empoeirado. Seu veredicto sobre a armadura foi favorável e seu colega, por fim, concluiu a compra. Ao

deixarem o local, o olhar de Cosmo foi atraído por um antigo espelho de forma elíptica, recostado à parede e coberto de poeira. Ao seu redor havia curiosos entalhes, perceptíveis de leve devido à tremulante luz que o proprietário da loja carregava em uma das mãos. Foram exatamente tais entalhes e as inscrições que chamaram a atenção de Cosmo, pelo menos assim lhe pareceu. Contudo ele deixou o local, acompanhado por seu amigo, não mais se lembrando do objeto. Caminharam juntos até a rua principal, onde tomaram direções opostas.

Tão logo Cosmo se viu a sós, a imagem daquele curioso espelho antigo voltou à mente. Um forte desejo de vê-lo com mais nitidez surgiu dentro dele, e mais uma vez ele voltou seus passos em direção à loja. O dono o atendeu assim que bateu à porta, como se já o esperasse. Era um homem velho e pequeno, já consumido pela idade, dotado de um nariz generoso e olhos faiscantes que se moviam lenta e incansavelmente, olhando aqui e ali, como se não quisessem perder coisa alguma. Fingindo observar alguns artigos, Cosmo, por fim, aproximou-se do espelho e pediu ao proprietário para tê-lo em suas mãos.

— Traga-o para baixo você mesmo, senhor! Não posso alcançá-lo!
— respondeu o velho homem.

Cosmo o trouxe para baixo com cuidado ao constatar que os entalhes eram, de fato, delicados e preciosos, com desenho e execução admiráveis e contendo inúmeros dispositivos que pareciam incorporar algum significado do qual ele não fazia a menor ideia. Esse fato, naturalmente, em função de seu gosto e temperamento, intensificou o interesse que sentia pela antiga peça, de tal modo que agora ele ansiava não apenas vê-la, mas possuí-la para estudar sua moldura nas horas livres. Mas ele fingiu querer o objeto apenas para uso comum e, afirmando temer que a camada refletora tivesse pouca serventia por estar muito velha, Cosmo removeu um pouco da poeira da superfície do espelho esperando deparar-se com um reflexo tosco. Sua surpresa foi grande ao encontrar um reflexo brilhante, revelando um vidro não só intacto apesar da idade, mas incrivelmente claro e perfeito (se o espelho todo fosse como essa parte) até para um que tivesse acabado de sair das mãos de seu criador. Sem pensar muito, perguntou ao proprietário quanto queria por aquela peça. O velho homem respondeu com uma quantia de dinheiro muito além das

possibilidades do pobre Cosmo, que começou a recolocar a peça na parede de onde a havia retirado.

— Você achou o preço muito alto? — questionou o velho dono.

— Não sei se você pediu muito — respondeu Cosmo —, mas é muito mais do que eu poderia pagar.

O velho proprietário virou a luz para o rosto de Cosmo, iluminando-o.

— Gostei de sua aparência — disse ele.

Cosmo foi incapaz de devolver o elogio. Na verdade, agora que olhava o homem de perto pela primeira vez, sentia uma espécie de repugnância em relação a ele, misturada com uma estranha dúvida sobre se era um homem ou uma mulher que estava diante dele.

— Qual é o seu nome? — o dono prosseguiu.

— Cosmo von Wehrstahl.

— Ah! Foi o que pensei. Eu vejo seu pai em você. Conhecia muito bem o seu pai, jovem senhor. Ouso dizer que, em alguns cantos obscuros de minha casa, você talvez encontre algumas velhas coisas com seu brasão e monograma sobre elas. Bem, eu gosto de você: poderá levar o espelho por um quarto do que eu pedi, mas com uma condição.

— Qual? — perguntou Cosmo, uma vez que, embora o preço ainda fosse demais para pagar, ele poderia dar um jeito, e o desejo de possuir o espelho aumentou a um nível incomensurável, pois antes parecia fora de seu alcance.

— Caso deseje se livrar dele, deve oferecê-lo primeiramente a mim.

— É claro — respondeu Cosmo com um sorriso. — De fato, é uma condição justa.

— Tenho a sua palavra? — insistiu o vendedor.

— Tem — afirmou o comprador, e a transação foi concluída.

— Eu levo para a sua casa — disse o velho homem, quando Cosmo tomou o espelho em suas mãos.

— De modo algum! Eu mesmo levo — respondeu ele, pois não gostava de revelar sua residência a ninguém, em especial àquele homem, por quem passava a nutrir crescente antipatia.

— Como achar melhor — respondeu a velha criatura, murmurando para si mesma enquanto conduzia Cosmo à saída: — Vendido pela sexta vez! Quero ver qual será o desfecho agora. Achava que minha

dama já havia tido o suficiente!

Com cuidado, Cosmo carregou seu prêmio até sua casa, mas, durante todo o percurso, ele teve a desconfortável sensação de estar sendo observado e seguido. Repetidas vezes, olhou sobre os ombros, ao redor, porém não viu nada que justificasse suas suspeitas. Na verdade, as ruas estavam cheias e mal-iluminadas demais para revelar de pronto um espião cuidadoso, se algum estivesse em seu encalço. Por fim, chegou ao apartamento em segurança, apoiando sua compra sobre a parede, aliviado por se livrar daquele peso, apesar de ser forte. A seguir, acendeu o cachimbo, jogou-se no sofá e logo se viu envolvido em um de seus sonhos recorrentes.

No dia seguinte, Cosmo voltou à sua casa mais cedo que de costume e pendurou o espelho na parede, perto da lareira, numa das extremidades de seu comprido aposento. Então, com exímio cuidado, removeu a poeira da superfície e, cristalino como as águas de uma ensolarada fonte, o espelho brilhou debaixo da invejável cobertura. Mas sua atenção foi atraída principalmente pelo curioso entalhe da moldura. Ele o limpou tão bem quanto pôde com uma escova, depois examinou por um minuto suas diferentes partes na esperança de descobrir algum indício da intenção do escultor. Nisso, porém, não foi bem-sucedido e, durante a inspeção, ao pausar devido a um pouco de cansaço e frustração, fitou absorto a imensidão do cômodo refletido. Mas logo disse em um tom de voz audível:

— Que objeto estranho um espelho é! E que magnífica afinidade existe entre ele e a imaginação humana! Pois este meu aposento, enquanto o vejo no espelho, é o mesmo e, ao mesmo tempo, não é. Não constitui a mera representação do lugar onde moro, mas parece que estou lendo a sua descrição em um livro cuja história me agrada. Todas as generalidades desaparecem. O espelho o transportou da região do fato para o reino da arte, e a sua própria representação para mim revestiu-se de um interesse que, de outra forma, seria estéril e simples, assim como alguém presencia do palco a representação de um personagem que poderia parecer insuportavelmente frágil na vida real. Mas não é preferível que a arte resgate a natureza de nossos sentidos fatigados e fartos e a degradante injustiça do nosso dia a dia e, lançando mão da imaginação, que habita à parte, revele a Natureza em alguma medida como ela realmente é e se apresenta aos olhos de uma criança, cuja vida cotidiana, sem medo ou ambição, encontra a

verdadeira importância do mundo, repleto de maravilhas, e alegra-se aí sem questionamentos? Quase temo o esqueleto agora, tão imóvel, com olhos voltados apenas para o invisível, como uma torre de vigia, olhando através dos restos deste mundo ocupado até as silenciosas regiões de descanso além. Ainda assim, eu conheço cada osso e articulação dele tão bem quanto meu próprio punho. E aquele velho machado de batalha parece que será tomado por uma mão couraçada a qualquer momento e, levantado por um poderoso braço, arrebentará capacete, crânio e cérebro, invadindo o Desconhecido com mais um fantasma aturdido. Eu gostaria de viver *naquele* quarto se ao menos pudesse entrar nele.

Mal as palavras tinham saído de sua boca, enquanto fitava o espelho, quando algo inusitado o atingiu de surpresa como um clarão, silenciosa e inesperadamente. Cosmo vislumbrou, de súbito, deslizando pela porta e adentrando o quarto refletido, com uma postura imponente apesar dos passos hesitantes, a graciosa forma de uma mulher, toda vestida de branco. Suas costas ficaram visíveis apenas quando ela lentamente caminhou em direção ao sofá, localizado no outro extremo do aposento, no qual ela se deitou cansada, exibindo um semblante de indizível encanto, em que o sofrimento, o desgosto e um senso de compulsão estavam estranhamente mesclados à sua beleza. Por alguns instantes, ele permaneceu sem qualquer poder de reação, com os olhos fixos sobre a mulher. E, mesmo após recuperar os movimentos, Cosmo não conseguiu reunir coragem suficiente para virar-se e olhá-la cara a cara, no autêntico aposento onde estava. Por fim, com um súbito esforço, no qual o exercício da vontade foi tão puro que pareceu involuntário, ele virou o rosto em direção ao sofá, encontrando-o vazio. Dominado pelo espanto e terror, ele olhou novamente para o espelho. Lá, no sofá refletido, jazia a estranha forma feminina. Ela estava deitada com os olhos fechados, dos quais duas grandes lágrimas corriam sob as pálpebras cerradas, imóvel como a morte, exceto pelo movimento convulsivo de seu peito.

O próprio Cosmo era incapaz de descrever o que sentia. Suas emoções eram de um tipo que destruía a consciência e jamais poderiam ser claramente recordadas. Ele não conseguia evitar manter-se diante do espelho, com os olhos fixados na dama, apesar de estar dolorosamente consciente de sua falta de educação e temer, a todo

momento, que ela abrisse os olhos e encontrasse os seus. Porém, logo depois, sentiu-se um pouco aliviado, pois suas pálpebras levantaram-se lentamente, descobrindo seus olhos, que, por algum tempo, permaneceram imóveis. Quando, por fim, começaram a explorar com languidez o quarto, como se tentasse familiarizar-se com o ambiente, jamais eles cruzaram com os seus. Parecia que apenas o que estava no espelho podia afetar sua visão e, portanto, se ela afinal o visse, só poderia ver suas costas, que, por necessidade, estavam viradas para ela no espelho. As duas figuras no espelho não poderiam encontrar-se cara a cara, exceto se Cosmo se virasse e olhasse para ela, presente em seu quarto. Mas ela não estava lá. Portanto, Cosmo concluiu que, se ele se virasse para a parte de seu cômodo correspondente àquela em que ela estava deitada, seu reflexo ou seria completamente invisível, ou pelo menos pareceria que ele a estava olhando de maneira absorta, e nenhum encontro dos olhos produziria a impressão de uma proximidade espiritual. Pouco depois os olhos dela recaíram sobre o esqueleto e Cosmo notou que ela estremeceu e os fechou, permanecendo assim. Não obstante, os sinais de repugnância ainda eram evidentes em seu rosto. Cosmo pensou em remover a coisa repulsiva, mas receou que tal intervenção pudesse denunciar a sua presença, e ele correria o risco de contrariá-la ainda mais. Portanto, permaneceu quieto, observando-a. As pálpebras encobriam os olhos como um estojo que guarda joias valiosas em seu interior. Gradualmente, os sinais de perturbação foram desaparecendo de seu rosto, deixando apenas uma tênue expressão de pesar. Logo uma imutável expressão de descanso dominou seu semblante e, graças a esses sinais e à sua respiração lenta e constante, Cosmo concluiu que ela adormecera. Ele agora podia observá-la sem embaraços. Assim, notou que sua figura, vestida com um manto branco muito simples, era digna de seu rosto, e ela era tão harmoniosa, que tanto o pé delicadamente moldado quanto qualquer dedo de sua mão também delicada eram um indício de sua beleza como um todo. Enquanto estava deitada, todo o seu corpo manifestava o relaxamento de um repouso perfeito. Ele a olhou atentamente até se cansar e, por fim, sentou-se próximo ao recém-descoberto relicário e, mecanicamente, apanhou um livro, como alguém que vela um enfermo. Porém seus olhos não apreenderam nenhum pensamento da página aberta diante dele. Seu intelecto estava inebriado pela intensa contradição de toda

aquela experiência, agora passiva, sem afirmação, especulação, nem mesmo uma perplexidade consciente, embora sua imaginação enviasse um desvairado sonho de bem-aventurança após o outro através de sua alma.

Após perder a noção do tempo que permaneceu ali sentado e absorto, por fim, ele voltou a si e levantou-se. Tremendo dos pés à cabeça, Cosmo olhou novamente para o espelho. Ela tinha ido embora. O espelho agora refletia com fidelidade o quarto em que estava, e nada mais. A peça parecia um anel dourado, cuja pedra preciosa havia sido roubada, como o céu noturno sem a glória e o brilho de suas estrelas. Ela havia levado consigo toda a estranheza do quarto refletido, que, então, retornara à normalidade. Contudo, quando as dores iniciais de seu desapontamento já haviam cessado, Cosmo começou a se confortar com a esperança de vê-la novamente, talvez na noite seguinte, à mesma hora. Ele ponderou que deveria remover o odioso esqueleto, bem como inúmeros outros objetos de questionável aparência, para que não a assustassem caso ela retornasse. Então recolheu todos esses artigos e os guardou em um canto ao lado da lareira, de onde não poderiam lançar nenhum reflexo ao espelho. A seguir, passou a organizar e ajeitar o seu humilde quarto o melhor que pôde, saindo em busca do consolo do céu aberto e da brisa noturna que começara a soprar, pois não conseguia encontrar descanso dentro de sua casa. Ao retornar, um pouco mais refeito, lutou consigo mesmo para deitar-se em sua cama, pois não podia evitar o desconforto de pensar que ela estivera deitada ali e que seria uma espécie de sacrilégio ocupar o mesmo lugar. Não obstante, vencido pelo cansaço, ele se deitou ali mesmo, de roupa e tudo, dormindo até de manhã.

Na noite seguinte, com o coração acelerado, batendo tão forte que mal podia respirar, Cosmo postou-se em frente ao espelho, dominado pela esperança. Novamente, o quarto refletido brilhou como se tomado por um vapor púrpura no crepúsculo. Tudo parecia ter a mesma expectativa que ele, esperando pela vinda de algo esplendoroso que glorificasse sua pobre humanidade com a presença de um júbilo celestial. Assim que o quarto vibrou com o repicar dos sinos da igreja ao lado, anunciando a sexta hora, a bela pálida entrou no quarto, deitando-se novamente no sofá. O pobre Cosmo quase perdeu os sentidos de tanta emoção. Ela estava lá, mais uma vez! Os olhos dela buscaram o canto onde o esqueleto costumava ficar e um

leve brilho de satisfação cruzou seu rosto, aparentemente por não o ver. Sua expressão ainda era de sofrimento, mas havia menos desconforto em suas feições que na noite anterior. Ela prestou mais atenção às coisas ao seu redor e pareceu fitar com certa curiosidade algum estranho aparato em seu quarto. Entretanto uma sonolência pareceu dominá-la por fim e ela adormeceu de novo. Dessa vez, decidido a não desgrudar os olhos dela, Cosmo ficou observando a forma adormecida. Seu sono era tão profundo e cativante, que o fascinante repouso pareceu contagiá-lo enquanto ele a observava. Então, quando a dama se moveu e, sem abrir os olhos, levantou-se e andou pelo quarto com um andar típico dos sonâmbulos, ele acordou sobressaltado, como se despertasse de um sonho.

Cosmo desfrutava agora de um estado de extravagante deleite. A maioria dos homens possui um tesouro secreto escondido em algum lugar. O avaro tem sua reserva dourada; o virtuoso possui seu anel de estimação; o estudante, um livro raro; o poeta, um refúgio favorito; o amante, a sua gaveta secreta; mas Cosmo tinha um espelho com uma adorável dama em seu interior. Consciente agora, pelo esqueleto, de que ela era afetada pelas coisas ao redor, ele tinha um novo propósito na vida: transformaria a humilde e simples câmara no espelho em um quarto tal, que nenhuma dama sentiria falta de seu próprio. Isso ele podia realizar apenas mudando a mobília e decorando o aposento. Faltavam-lhe recursos financeiros, mas sobravam-lhe habilidades que poderiam lhe render dinheiro, embora, até ali, ele tivesse preferido viver com seu escasso rendimento a aumentar seus recursos lançando mão daquilo que seu orgulho considerava indigno de sua linhagem. Mas tudo era diferente agora, e Cosmo era o melhor esgrimista da universidade, de modo que se ofereceu para dar aulas de esgrima e outros exercícios para os que aceitassem pagá-lo em troca de algum sofrimento. Sua oferta foi recebida com surpresa pelos demais estudantes, mas ele foi prontamente aceito como professor por muitos, e logo suas instruções não estavam mais restritas aos alunos mais abastados, como também eram ansiosamente disputadas por muitos da jovem aristocracia de Praga e suas vizinhanças. Como resultado, em muito pouco tempo, Cosmo reuniu uma grande soma de dinheiro. Seu primeiro ato foi esconder todos os seus instrumentos, bem como outras esquisitices, em uma despensa no quarto. Em seguida, instalou sua cama e uns poucos artigos indispensáveis em cada lado da lareira,

separando-os do restante do aposento por meio de duas telas de tecido indiano. Depois, colocou um elegante sofá onde a dama pudesse acomodar-se, no mesmo canto onde sua cama costumava ficar antes, e, pouco a pouco, a cada dia, ao adicionar um ou outro artigo de luxo, Cosmo logo transformou o humilde quarto em um rico aposento.

Todas as noites, à mesma hora, a dama surgia. Na primeira vez que viu o novo sofá, ela esboçou um pequeno sorriso, então seu semblante tornou-se muito triste e as lágrimas inundaram seus olhos. A seguir, deitou-se no sofá, pressionando o rosto contra as almofadas de seda, como se tentasse se esconder de tudo. Ela notou cada acréscimo e mudança à medida que a transformação acontecia, e um olhar de reconhecimento, como se soubesse que alguém cuidava dela e estivesse grata por isso, se misturou ao constante ar de sofrimento. Por fim, certa noite, após se deitar como de costume, seus olhos pousaram sobre alguns quadros com os quais Cosmo havia recentemente decorado as paredes. Para a surpresa dele, ela se levantou e caminhou pelo quarto, passando a examiná-los cuidadosamente, expressando grande prazer ao fazê-lo. Apesar disso, uma vez mais aquela sombria e lúgubre expressão retornou ao seu rosto e, como antes, enterrou-o entre os travesseiros e as almofadas do sofá. Gradualmente, no entanto, suas feições recompuseram-se um pouco e muito do sofrimento que manifestara a princípio desapareceu, cedendo lugar a uma expressão mais calma e esperançosa que, porém, vez ou outra, cedia espaço a um olhar mais ansioso e perturbado, associado a algo de uma piedade complacente.

Enquanto isso, o que se passava com Cosmo? Como era de se esperar, devido ao próprio temperamento, sua curiosidade inicial transformara-se em amor, e tal sentimento amadureceu ou definhou, não sei bem, até se tornar uma paixão. Infelizmente, porém, ele amava uma sombra! Ele não podia se aproximar dela, não podia conversar com ela e tampouco ouvir qualquer som daqueles doces lábios, em direção aos quais seus ávidos olhos rumariam como abelhas em busca de favos de mel. Com frequência, Cosmo cantava para si mesmo: “Eu morrerei de amor por esta dama”.

No entanto, ele continuava a observá-la, sem morrer, embora seu coração exibisse sinais de estar a ponto de romper com tanta vida e anseio. E, quanto mais ele fazia por ela, mais a amava, e ele esperava que, apesar de ela jamais demonstrar que o via, ainda lhe agradasse

pensar que um desconhecido daria sua vida por ela. Ele tentava se consolar por essa separação imaginando que, talvez, algum dia, ela o veria e lhe faria sinais que o encheriam de satisfação, “pois”, como pensava consigo mesmo, “não é isso que uma alma amorosa pode fazer para entrar em comunhão com outra? Aliás, quantos amantes nunca podem fazer nada além de se aproximar como se estivessem vendo um ao outro através de um espelho; parecem conhecer, mas jamais conhecem a vida interior, jamais entram na outra alma; e por fim partem senão com a vaga noção do universo em torno de cujas bordas eles giraram por anos? Se eu ao menos pudesse falar com ela e soubesse que me ouvia, ficaria satisfeito”. Uma vez, ele pensou em pintar um quadro de modo a transmitir à dama um pensamento sobre si mesmo. Mas, apesar de ter alguma habilidade com a pintura, sua mão estava tão trêmula quando começou a pintar, que foi obrigado a desistir de sua iniciativa.

“O que vive, morre; o que morre, está vivo.”

Certa tarde, enquanto admirava seu tesouro, Cosmo imaginou ter visto uma leve expressão de autoconsciência no semblante de sua amada, como se ela percebesse que olhos apaixonados estavam fixos sobre ela, de tal modo que logo um intenso rubor surgiu em seu rosto. O anseio que sentia de aproximar-se dela tornou-se quase delirante. Naquela ocasião, ela trajava um vestido de noite que resplandecia com os diamantes que ostentava. Isso nada acrescentava à sua beleza, mas lhe conferia um novo aspecto, capacitando o seu encanto a se manifestar em nova embalagem. Pois a beleza essencial é infinita, e, tal como a alma da Natureza precisa de uma sucessão interminável de formas variadas para expressar seu encanto, de incontáveis faces de beleza, uma diferente da outra, a cada novo pulsar, também a forma individual precisa de infinitas mudanças em seu ambiente para que possa expressar todas as fases de seu encanto e beleza. Diamantes cintilavam por entre os seus cabelos, semiescondidos em seu luxo, como estrelas parcialmente ocultas por nuvens escuras e chuvosas. Os braceletes em seus braços alvos resplandeciam todas as cores de um arco-íris luminoso, enquanto ela levantava as mãos tão brancas quanto a neve para cobrir a face ruborizada. Contudo sua própria beleza brilhava mais que todo o seu adorno. “Se pelo menos eu pudesse

beijar um de seus pés, ficaria muito contente”, disse Cosmo para si mesmo. Infelizmente, ele estava enganado, pois a paixão nunca está contente. Tampouco sabia que havia *duas* saídas de sua casa encantada. Porém, de súbito, sentiu uma pontada no coração quando um pensamento cruzou a sua mente: “Ela deve ter um amante em algum lugar. A lembrança de suas palavras está deixando seu rosto rubro. Eu não estou em lugar nenhum para ela. Ela vive em outro mundo durante todo o dia e toda a noite, depois que me deixa. Por que ela aparece e me faz amá-la até que eu, um homem forte, fique fraco demais para olhá-la ainda mais?”. Ele a observou novamente, e sua face estava tão pálida quanto um lírio. Uma sombria compaixão parecia repreender o brilho de suas joias, e lágrimas lentamente rolaram por seu rosto. Naquela noite, ela deixou o quarto mais cedo que de costume. Cosmo ficou sozinho, sentindo subitamente um grande vazio no peito e o peso do mundo todo o sufocando. Na noite seguinte, pela primeira vez desde que começara a aparecer, ela não veio.

Agora, Cosmo sentia-se desgraçadamente infeliz. Desde que a ideia de haver um rival lhe viera à mente, não tivera mais paz. Mais do que nunca, ele ansiava por ver a dama cara a cara. Convenceu-se de que, se soubesse o pior, ainda assim estaria satisfeito, pois, então, poderia abandonar Praga e encontrar alívio na movimentação constante, que é a esperança de todas as mentes ativas quando invadidas pelo infortúnio. Enquanto isso, ele aguardou a noite seguinte com indescritível ansiedade, na esperança de ela retornar, mas isso não aconteceu. Então ele começou a adoecer. Incomodado pela zombaria de seus colegas devido ao seu deplorável estado, Cosmo parou de frequentar as aulas. Seus compromissos foram igualmente negligenciados. Nada mais importava. O céu, ostentando o grande Sol, passou a ser um deserto cruel e abrasador. Para ele, os homens e as mulheres nas ruas eram meros fantoches, sem motivações internas e não merecedores de sua atenção. Ele os via como um campo imutável observado através de lentes obscuras. Apenas ela constituía o seu universo, seu poço de vida, seu bem encarnado. Por seis noites seguidas, ela não apareceu. Cosmo permitiu que sua intensa paixão e a febre que lentamente consumia o seu cérebro fossem a desculpa para a resolução que tinha tomado e começara a executar, antes de o tempo expirar.

Ponderando consigo mesmo que devia haver algum encantamento ligado ao espelho para que a forma da mulher fosse vista nele, Cosmo decidiu lançar mão daquilo que até então estudara apenas por curiosidade, “pois”, disse a si mesmo, “se um encanto pode forçar a sua presença no espelho (a princípio, ela veio involuntariamente), não é possível que um encanto mais forte, como os que eu conheço, especialmente com sua meia presença no espelho, caso apareça novamente, seja capaz de compelir a sua forma vivente a vir até mim? Se eu lhe fizer mal, que meu amor sirva de desculpa. Só desejo saber meu destino por seus próprios lábios”. Durante todo aquele tempo, ele jamais duvidou de que ela era uma mulher real e terrena, ou melhor, de que havia uma mulher que, de um modo ou outro, lançava seu reflexo naquele espelho mágico.

Assim, Cosmo abriu sua gaveta secreta, retirou seus livros de magia, iluminou o quarto e leu, fazendo anotações da meia-noite até as três da manhã, por três noites seguidas. Então guardou os livros e, na quarta noite, saiu em busca dos materiais necessários para o encantamento. Tais materiais eram difíceis de achar, pois, em feitiços de amor e todas as outras invocações mágicas dessa natureza, são empregados ingredientes cuja simples menção é inadequada, e pelo mero pensamento deles, em conexão com ela, ele só podia se desculpar em razão de sua amarga necessidade. Por fim, Cosmo conseguiu tudo o que era necessário e, na sétima noite após o desaparecimento de sua amada, viu-se preparado para o exercício de um poder tirano e ilegal.

Ele retirou todos os objetos do centro do quarto, curvou-se e desenhou um círculo vermelho no chão, ao redor do lugar onde estava. A seguir, escreveu nos quatro quadrantes sinais místicos e números, todos múltiplos de sete ou nove, examinou cuidadosamente todo o anel para evitar que houvesse a mínima descontinuidade na circunferência e, por fim, ergueu-se de sua postura curvada. Ao levantar-se, o relógio da igreja bateu sete vezes e, tal como na primeira vez, a mulher surgiu relutante, indecisa e lentamente. Cosmo tremeu; quando, ao virar-se, ela mostrou um semblante abatido e lívido, como se estivesse enferma ou com um problema íntimo, ele empalideceu e pensou em desistir do encanto. Entretanto, enquanto olhava para o rosto e a forma, que agora dominavam toda a sua alma a ponto de excluir todas as demais alegrias e sofrimentos, o desejo de

falar com ela, de saber que ela o ouvia tornou-se insuportável, de modo que ele decidiu, de súbito e sem demora, prosseguir. Deixando cuidadosamente o círculo, ele colocou um pequeno braseiro no centro. Então ateou fogo ao conteúdo de carvão e, enquanto este era consumido, abriu sua janela e sentou-se, esperando ao seu lado.

Era uma noite abafada e quente. O céu estava crivado de trovões. Uma sensação de imponente tristeza dominava o cérebro. O céu parecia ficar cada vez mais pesado, comprimindo o ar abaixo dele. Uma coloração púrpura permeava a atmosfera e, através da janela aberta, o aposento era invadido por odores de campos distantes que nem todos os vapores da cidade poderiam suprimir. Logo o carvão tornou-se incandescente. Sobre as brasas, Cosmo espalhou incenso e borrifou outras substâncias que ele mesmo havia preparado, e, pisando no interior do círculo, deu as costas para o braseiro, ficando diante do espelho. Então, fixando seus olhos sobre o rosto da mulher, com voz tremulante, ele começou a repetir um poderoso encanto. Em breve, ela empalideceu e, então, como uma onda que retorna, o sangue inundou todas as suas margens com sua maré escarlata, e ela escondeu o rosto entre as mãos. A seguir, ele passou a entoar uma conjuração ainda mais forte. A dama levantou-se e caminhou inquieta, para lá e para cá. Outro encanto foi pronunciado, e ela pareceu procurar com os olhos algum objeto no qual eles pudessem descansar. Por fim, foi como se ela subitamente o tivesse visto, pois seus olhos, totalmente abertos e imóveis, pousaram sobre os dele. Gradual e, de algum modo, involuntariamente, ela se aproximou da lateral do espelho, como se fascinada pelos olhos de Cosmo. Ele nunca a tinha visto tão perto antes. Finalmente, os olhares se encontraram, mas ele ainda não compreendia a expressão dos olhos dela, pois estavam permeados por uma afável súplica. No entanto, havia algo mais que ele não era capaz de interpretar. Embora tivesse a sensação de que seu coração pulsava em sua garganta, Cosmo não permitiria que nenhum prazer ou agitação o desviasse de sua tarefa. Fitando-a, ele prosseguiu ao mais poderoso encantamento que conhecia. Subitamente, a mulher virou-se e caminhou em direção à porta do quarto refletido no espelho. No momento seguinte, ela própria entrou no quarto real. Esquecendo-se de todas as precauções, ele saiu correndo do círculo encantado, ajoelhando-se diante dela. Lá estava ela, a vívida presença de suas apaixonadas visões, sozinha ao seu lado, em um crepúsculo

trovejante e o brilho de um fogo mágico.

— Por que — disse a mulher, com voz trêmula — fizeste uma pobre donzela atravessar sozinha as ruas chuvosas?

— Porque morro de amores por ti! Mas só te fiz passar daquele espelho para cá.

— Ah, o espelho! — E, olhando-o, estremeceu. — Infelizmente, nada mais sou que uma escrava enquanto o espelho existir. Mas não penses que foi o poder do teu encanto que me trouxe. Foi o teu anseio em me ver que bateu à porta do meu coração, até que me senti forçada a ceder.

— Podes me amar, então? — inquiriu Cosmo, com uma voz tão calma quanto a morte, mas quase inarticulada devido à emoção.

— Eu não sei responder — disse ela, tristemente —, pois estou aturdida com os muitos encantamentos. Seria, de fato, uma alegria enorme deitar minha cabeça no teu peito e chorar até a morte, pois acho que me amas, embora eu não saiba, mas...

Cosmo ergueu-se.

— Eu te amo como... Não, nem sei como, pois, desde que passei a te amar, não há mais nada.

Ele lhe segurou a mão, mas ela a recolheu.

— Não! É melhor não. Estou sob teu poder, portanto, não devo.

Ela irrompeu em lágrimas e, por sua vez, ajoelhando-se diante dele, disse:

— Se tu me amas, liberte-me mesmo de ti. Quebre o espelho.

— E eu a verei realmente, não teu reflexo?

— Não sei dizer. Não posso te enganar. É possível que nunca mais nos vejamos novamente.

Uma feroz luta começou a ser travada no íntimo de Cosmo. Agora ela estava sob seu poder e, pelo menos, a dama não se desagradava dele. Além disso, poderia vê-la quando bem quisesse. Quebrar o espelho significaria destruir a sua própria vida, seria banir de seu universo a única glória que possuía. O mundo passaria a ser como uma prisão se ele eliminasse a única janela a lhe dar uma visão para o paraíso do amor. Não era um amor puro, mas, ainda assim, ele hesitou.

Com um lamento de tristeza, a dama levantou-se.

— Ah! Ele não me ama. Ele não me ama como eu o amo. Mas infelizmente eu me importo mais com seu amor que com a liberdade

que peço.

— Eu não esperarei até estar pronto — exclamou Cosmo, correndo em direção ao canto onde a grande espada estava.

Nesse meio-tempo, a escuridão da noite caiu, e apenas as brasas lançavam um brilho avermelhado sobre o aposento. Ele apanhou a espada pela bainha de metal, postando-se diante do espelho. Porém, quando se preparava para desferir um vigoroso golpe com a extremidade do punho da espada, a lâmina deslizou parcialmente para fora da bainha, atingindo a parede acima do espelho. Naquele instante, um terrível estrondo de trovão pareceu eclodir ao lado deles, e, antes que Cosmo pudesse repetir a tentativa, ele caiu inconsciente ao lado da lareira. Quanto voltou a si, descobriu que tanto a mulher quanto o espelho haviam desaparecido. Então foi acometido por uma febre que o deixou acamado por muitos dias.

Quando recobrou a razão, Cosmo começou a pensar no que teria acontecido ao espelho, pois acreditava que a dama tivesse encontrado o caminho de volta. Além disso, como o espelho envolvia o destino dela com o seu próprio, ele estava mais ansioso a respeito do objeto, como era de se esperar. Ele não imaginava que ela o houvesse levado. O espelho era pesado demais para que uma mulher o removesse da parede, ainda que não estivesse fixado com firmeza. Então, novamente, lembrou-se do trovão, o que o fez acreditar que não fora o raio, mas algum outro golpe que o atingira. Cosmo concluiu que devia ter sido algum agente sobrenatural, pois, ao deixar o círculo, se expusera à vingança dos demônios. Imaginou também que, de uma forma ou de outra, o espelho devia ter encontrado o caminho de volta ao antigo proprietário. Pior ainda era imaginar que, àquela altura, o objeto devia estar mais uma vez à venda, expondo a mulher ao risco de cair nas mãos de outro homem. E, caso esse homem usasse seu poder melhor do que ele, ainda poderia dar-lhe motivo suficiente para amaldiçoar a egoísta indecisão que o impedira de estilhaçar o espelho de uma vez por todas. Na realidade, imaginar que a sua amada, a mesma que lhe implorara por liberdade, poderia estar à mercê do proprietário do espelho ou, pelo menos, exposta à constante observação, era por si só suficiente para enlouquecer um amante cuidadoso.

A ansiedade de se sentir bem acabou retardando a sua recuperação, mas, por fim, sentiu-se plenamente restaurado. No início,

Cosmo procurou o antigo comerciante, fingindo estar à procura de algum outro objeto. O ar risonho estampado no rosto do antigo vendedor convenceu-o de que o velho homem sabia tudo a respeito do que ele passara, mas Cosmo não conseguiu vislumbrar o espelho entre as outras peças da loja, tampouco obteve qualquer informação quanto ao que sucedera a ele. O comerciante demonstrou a mais completa surpresa ao ouvir que o espelho havia sido roubado, surpresa que Cosmo percebeu, de imediato, ser falsa. Ao mesmo tempo, ele notou que o velho patife não estava muito preocupado em demonstrar sinceridade. Tomado pela aflição, que escondeu o máximo que pôde, ele fez várias buscas, porém sem sucesso. Claro que não podia fazer perguntas, mas, em compensação, manteve seus olhos e ouvidos abertos para a mais remota pista que o levaria em direção a uma nova busca. Ele jamais saía de casa sem portar um pesado martelo de metal para que pudesse estilhaçar o espelho no instante em que o fizesse feliz pela visão de seu tesouro perdido, se é que aquele momento abençoado chegaria. Se ele veria a dama novamente era, agora, um pensamento totalmente secundário e adiável até a libertação de sua amada. Cosmo perambulou aqui e ali, como um fantasma ansioso, pálido e extenuado, atormentado até o mais profundo de sua alma, imaginando o que ela poderia estar sofrendo por sua culpa.

Certa noite, ele se misturou a uma multidão que lotava os aposentos de uma das mais distintas mansões da cidade, pois passara a não rejeitar convite nenhum, buscando não desperdiçar qualquer chance, embora mínima, de obter alguma informação que abreviasse a sua busca. Ele andava a esmo, ouvindo com atenção cada palavra que conseguia captar, na esperança de uma revelação. Ao se aproximar de algumas damas que reservadamente conversavam em um canto do salão, ele ouviu uma dizer à outra:

— Você soube da estranha doença da Princesa von Hohenweiss?

— Sim, claro. Ela está enferma há mais de um ano. É muito triste ver uma criatura tão fina ser acometida por uma doença tão terrível. Ela apresentou certa melhora há algumas semanas, mas, nos últimos dias, sofreu os mesmos ataques, aparentemente ainda mais dolorosos que antes. É uma história totalmente inexplicável.

— Há uma história associada à sua enfermidade?

— Ouvi apenas alguns relatos imprecisos, mas dizem que, cerca de dezoito meses atrás, ela ofendeu uma velha senhora que mantinha

negócios com sua família e que, após algumas ameaças incoerentes, desapareceu. Então, essa enfermidade peculiar surgiu em seguida. A parte mais estranha é a sua conexão com a perda de um espelho antigo, que ficava em seu quarto, e que usava constantemente.

Nesse instante, a voz da interlocutora transformou-se em um murmúrio, e Cosmo não conseguiu se aproximar mais, embora sua própria alma estivesse ouvindo. Ele tentou falar com elas, mesmo que isso o expusesse à curiosidade das mulheres, mas não conseguiu. O nome da princesa lhe era familiar. Contudo ele jamais a vira, exceto se, naquela assustadora noite, tivesse sido mesmo ela a ajoelhar-se aos seus pés, como ele agora começava a acreditar. Temeroso de chamar a atenção, pois devido à sua debilitada condição física ele não conseguia recobrar uma aparência de tranquilidade, Cosmo procurou sair dali, chegando ao seu apartamento e sentindo-se feliz por saber, pelo menos, onde ela morava. Contudo ele jamais considerou aproximar-se dela abertamente, ainda que estivesse feliz o suficiente para libertá-la de sua odiosa escravidão. De igual maneira, Cosmo nutria a esperança de que, assim como ele havia inesperadamente descoberto tanto, outra e ainda mais importante informação logo se revelaria.

— Você tem visto Steinwald ultimamente?

— Não o vejo já faz algum tempo. Ele é quase páreo para mim no florete e, pelo visto, acha que não precisa mais das aulas.

— Gostaria de saber o que aconteceu com ele. Desejo muito vê-lo. Creio que, na última vez que o vi, ele estava saindo daquela loja de antiguidades à qual você me acompanhou certa vez para ver algumas armaduras. Está lembrado? Acho que foi há três semanas.

Essa pista foi suficiente para Cosmo. Von Steinwald era um homem de grande influência na corte, conhecido por seus hábitos negligentes e paixões arrebatadoras. A possibilidade de o espelho estar sob a posse daquele homem era o próprio inferno para Cosmo. Porém ações violentas ou precipitadas de qualquer tipo em nada lhe ajudariam. Tudo o que ele desejava era uma oportunidade de quebrar o vidro fatal e, para conseguir, deveria resistir dessa vez. Muitos planos surgiram em sua mente, mas Cosmo não conseguiu se fixar em nenhum deles.

Certa noite, enfim, ao passar em frente à casa de Steinwald, ele percebeu uma luminosidade acima do normal nas janelas. Cosmo

observou por alguns instantes, mas, ao perceber a aproximação de transeuntes, apressou-se em ir para casa, vestindo-se da maneira mais elegante possível, na esperança de conseguir se misturar aos convidados sem ser notado. De fato, isso não seria difícil para um homem de sua conduta.

Enquanto isso, em um aposento imponente e silencioso, em outra área da cidade, jazia uma forma mais semelhante ao mármore do que com uma mulher viva. Seu rosto parecia congelado pelo encanto da morte, pois seus lábios apresentavam-se rígidos e, suas pálpebras, fechadas. Suas longilíneas e brancas mãos estavam cruzadas sobre o peito e nenhuma respiração perturbava seu repouso. Ao lado do corpo, homens sussurravam, como se o mais profundo descanso pudesse ser interrompido pelo som de uma voz vivente. Do mesmo modo, duas mulheres sentadas ao lado da cama conversavam no tom mais gentil possível, acentuado pelo pesar, ainda que a alma estivesse evidentemente fora do alcance de todas as manifestações dos sentidos.

— Ela está assim há quase uma hora.

— Temo que não dure muito.

— Como ela emagreceu nas últimas semanas! Se pelo menos ela conseguisse falar e explicar o que está sofrendo, creio que seria melhor para ela. Acho que ela tem visões em seus transe, mas nada é capaz de fazê-la falar sobre elas quando acorda.

— Ela não fala durante os estados de transe?

— Jamais a ouvi falar alguma coisa, mas dizem que, por vezes, ela sai caminhando por aí. Uma vez, ela deixou todos os familiares em polvorosa, pois desapareceu por cerca de uma hora, retornando ensopada devido à chuva, quase morta de exaustão e frio. Mesmo então, não revelou nada do que lhe aconteceu.

Um quase inaudível murmúrio vindo dos lábios imóveis da dama chamou a atenção de seus criados. Após inúmeras tentativas infrutíferas de articulação, a palavra “Cosmo” irrompeu dela. Então, ela permaneceu imóvel como antes, mas apenas por alguns instantes. Com um pranto desenfreado, ela saltou de seu leito, postou-se de forma ereta, levantou os braços acima da cabeça com mãos retesadas e, com olhos bem abertos e cintilantes, bradou com voz elevada e exultante, como a de um espírito irrompendo do sepulcro:

— Estou livre! Estou livre! Graças a ti!

Então, jogou-se no sofá, soluçando. Em seguida, levantou-se e caminhou inquieta pelo quarto, com gestos que expressavam deleite e ansiedade. Virou-se para seus impassíveis criados, ordenando:

— Rápido, Lisa, traga-me o manto e o capuz! Devo encontrá-lo. Depressa, Lisa! Você pode vir comigo se quiser.

No instante seguinte, já estavam na rua, dirigindo-se apressadamente para uma das pontes sobre o rio Moldau. A Lua estava próxima ao zênite e, as ruas, quase vazias. A princesa logo tomou a dianteira e já estava na metade da ponte quando sua acompanhante começou a atravessá-la.

— Você está livre, senhora? O espelho está quebrado: está livre?

As palavras foram pronunciadas quase ao lado dela enquanto caminhava acelerada. Ela se virou, buscando a origem da voz, e, recostado no parapeito da ponte, lá estava Cosmo, esplendidamente trajado, mas com o semblante pálido e trêmulo.

— Cosmo! Estou livre e sou sua serva para todo o sempre. Eu estava indo ver você.

— E eu a você, pois a Morte me fez ousado, mas não consegui ir mais longe. Estou completamente perdoado? Não acha que a amo de verdade?

— Sei que você me ama, meu Cosmo, mas o que disse a respeito da morte?

Ele não respondeu. Com a mão pressionava o flanco. Ela olhou mais de perto e viu o sangue escorrendo por entre os dedos de Cosmo. A princesa o envolveu com seus braços, com um lamento débil e amargo. Quando Lisa os alcançou, encontrou sua ama ajoelhada, ao lado de um pálido rosto morto, que sorria sob a fantasmagórica luz do luar.

Por ora, não falarei mais sobre esses magníficos volumes, embora deles pudesse extrair inúmeros contos e pudesse, talvez, vagamente apresentar alguns pensamentos arrebatadores de um tipo mais profundo que encontrei neles. Durante muitas tardes sufocantes, do meio-dia até o crepúsculo, sentei-me naquele grande salão, enterrando-me nos velhos livros. Creio que carrego em minha alma algumas das exalações de suas imortais páginas. Depois de horas de tristeza merecida ou necessária, partes do que li muitas vezes vinham a mim novamente, com um inesperado conforto que não era

infrutífero, embora pudesse parecer por si só infundado e vaidoso.



CAPÍTULO

14

*“Passamos por sua galeria,
Não sem muita alegria
Em muitas singularidades; mas não vimos
O que a minha filha veio ver,
A estátua de sua mãe.”*
— *Conto de inverno*,
de William Shakespeare



Pareceu-me estranho o fato de não ter ouvido música durante todo o tempo que permaneci no castelo das fadas. Estava convencido de que devia haver música, porém os meus sentidos é que eram deficientes demais para receber a influência desses misteriosos impulsos que produzem o som. Às vezes tinha certeza disso, pela maneira como as poucas formas das quais obtinha transitórios vislumbres passavam por mim ou deslizavam, como se o fizessem segundo a lei da música. De fato, inúmeras vezes imaginei ouvir alguns tons magníficos vindos não sei de onde. Porém eles não duravam o bastante para me convencer de que os ouvira com meus próprios ouvidos. Tal como eram, entretanto, eles adotavam estranhas liberdades comigo, levando-me, de súbito, às lágrimas, que não eram visíveis, para evitar qualquer embaraço, ou lançando-me em uma espécie de transe de indescritível prazer que, desaparecendo tão inesperadamente quanto surgira, deixava-me desfalecido e sedento por mais.

Em uma noite, antes de completar uma semana no palácio, eu estava vagando por entre arcadas e corredores, e atravesssei, por fim, uma porta que se fechou logo após a minha entrada, chegando a um diferente e vasto salão. O ambiente estava iluminado por uma suave luz avermelhada que me permitiu ver pilares negros e delgados

construídos junto a paredes de mármore branco que se elevavam a uma grande altura. Então eles se dividiam em inumeráveis arcos divergentes que apoiavam um teto de mármore branco, como as paredes, em que os arcos se entrecruzavam de modo complexo, formando um contraste entre o branco e o negro, como o esqueleto de uma folha. O chão era totalmente negro. Entre inúmeros pares de pilares em cada lado, o lugar da parede era ocupado por uma cortina vermelha de uma seda espessa, pendurada em pesadas e ricas dobras. Atrás de cada cortina queimava uma intensa luz, a fonte do brilho avermelhado que enchia o recinto. Um peculiar e delicioso aroma permeava o ambiente. Assim que entrei, a velha inspiração pareceu estar de volta, pois senti uma vontade imensa de cantar, ou melhor, era como se alguém mais estivesse cantando uma canção no interior de minha alma que, por sua vez, desejava sair pelos meus lábios, incorporada à minha respiração. Não obstante, mantive-me em silêncio, deliciando-me, de alguma forma, com o aroma e a luz avermelhada, bem como a emoção que crescia em meu íntimo. Só então vi em uma das extremidades do salão uma cadeira vermelha grande e incomum, mais parecida com um trono, instalada ao lado de uma mesa em mármore branco. Dirigindo-me para lá, atirei-me na cadeira e entreguei-me a uma sucessão desconcertante de belas imagens que passaram pela minha mente em um trem longo e, ocasionalmente, lotado. Ali permaneci pelo que suponho terem sido horas, pois, quando voltei a mim, notei que a intensidade da luz avermelhada havia diminuído muito e senti uma suave e gélida brisa deslizando sobre o meu rosto. Ergui-me e deixei o salão com passos hesitantes, descobrindo o caminho até o meu quarto com dificuldade. Enquanto caminhava, recordei-me vagamente de que apenas na caverna de mármore, antes de encontrar a estátua adormecida, é que vivenciara experiência semelhante.

Após esse dia, passei a ir àquele salão todas as manhãs onde, por vezes, sentava-me à cadeira em forma de trono e sonhava deliciosamente ou caminhava a esmo pelo piso negro. Durante essas peregrinações, desempenhava o papel de um personagem em uma peça dramática, vagava de maneira deliberada por um conto épico e até mesmo aventurava-me a cantar, embora sentisse certo medo de algo que não sabia definir. Ficava surpreso com a beleza de minha própria voz, enquanto o som ecoava pelo palácio, ou melhor,

ondulava, como uma serpente de som, por entre as paredes e o teto daquele imenso anfiteatro. Versos arrebatadores surgiam em meu íntimo conforme sua própria vontade, amoldando-se às suas próprias melodias, não exigindo o acompanhamento de música para satisfazer os sentidos interiores. No entanto, sempre entre as pausas, quando o ímpeto de cantar me invadia, parecia ouvir algo como o distante som de uma multidão de dançarinos, e sentia como se fosse a música inaudível, transmitindo sua ação rítmica, expressando-se em forma de verso e canção através de mim. Sentia também que, se pudesse ver a dança, compreenderia, pela harmonia de movimentos complicados não só dos dançarinos em relação um ao outro, mas de cada um deles individualmente no poder plástico expresso que movia a forma harmoniosa, toda a música nas ondas que flutuavam e balançavam.

Por fim, certa noite, quando esse sentimento de dança subitamente me sobreveio, considerei levantar uma das cortinas vermelhas e verificar se, porventura, atrás delas não se escondia algum outro mistério que pudesse ao menos remover um pouco do espanto que o atual me causava. Não me decepcionei por completo. Caminhei até uma das magníficas cortinas, levantei-a parcialmente e dei uma olhada. Lá queimava uma intensa luz avermelhada em forma de globo, no alto de um centro cúbico de outro salão, que podia ser maior ou menor do que o anterior, pois suas dimensões não eram facilmente percebíveis, uma vez que o piso, o teto e as paredes eram todos de mármore negro. O teto era suportado pelo mesmo arranjo de pilares em arco que havia no primeiro, mas, naquele recinto, os pilares e arcos eram de um vermelho escuro. Contudo o que atraiu meu olhar entusiástico foi um inumerável conjunto de estátuas em mármore branco, de todas as formas e posições, que preenchiam por completo o espaço do salão. Elas ficavam sob o brilho avermelhado da grande luz, apoiadas em pedestais negros. Ao redor da luz brilhavam, em letras douradas, duas palavras claramente visíveis de onde eu me encontrava:

NÃO TOQUE!

Em tudo isso, porém, não encontrei solução para o som de dança. Agora estava consciente de que aquela influência sobre a minha mente havia cessado. Resolvi não entrar naquela noite, pois já estava abatido

e cansado, mas guardei a expectativa de entrar como uma grande alegria vindoura.

Na noite seguinte, como na anterior, caminhei pelo salão. Minha mente era bombardeada com imagens e canções e, por isso, sentia-me tão absorto que, por algum tempo, nem pensei em levantar a cortina e olhar atrás dela, como havia feito um dia antes. Quando tal ideia me ocorreu, por acaso, estava a apenas alguns metros dela. No mesmo instante, percebi que o som de dança já ecoava em meus ouvidos havia algum tempo. Aproximei-me da cortina sem demora e, levantando-a, entrei no grande salão negro. Tudo estava imóvel como a morte. Eu deveria ter concluído que o som vinha de algum lugar mais distante, o que seria totalmente plausível em circunstâncias normais, porém, havia algo naquelas estátuas que ainda me deixava na dúvida. Como já disse, cada uma ficava perfeitamente imóvel sobre um pedestal negro. Mas todas tinham certo ar não de movimento, mas como se tivessem apenas parado de se mover, como se não estivessem imóveis como mármore há milhares de anos. Era como se a atmosfera peculiar de cada estátua ainda conservasse uma espécie de tremor invisível, como se ainda não estivessem em um estado de perfeita calma. Tinha a sensação de que haviam percebido a minha iminente chegada e, tendo abandonado a alegria viva da dança, correram para seus pedestais, mergulhando no silêncio e na escuridão da morte, pouco antes de eu entrar lá. Atravessei o salão em direção à cortina oposta à que havia levantado, entrando em outro salão similar ao anterior, porém as estátuas eram diferentes e distintamente agrupadas. Nenhuma delas produziu em minha mente a impressão de ação recém-finalizada que havia experimentado com as anteriores. Descobri que atrás de cada cortina carmesim havia um salão igual, similarmente iluminado e ocupado.

Na noite seguinte, não permiti que meus pensamentos fossem absorvidos com imagens interiores como antes, mas caminhei furtivamente em direção à cortina mais distante no salão, atrás da qual achei ter ouvido som de dança na visita anterior. Entrei no recinto o mais rápido que pude e, olhando ao redor, constatei que, no amplo salão, tudo mantinha a máxima imobilidade. Atravessei-o de um lado ao outro. Lá descobri que se comunicava com um corredor circular, separado dele por duas linhas de colunas vermelhas. Esse corredor, revestido de negro e com nichos vermelhos suportando

estátuas, interligava todos os salões, que divergiam do salão central, de mármore branco, como raios, encontrando sua circunferência nesse espaço. Utilizando o corredor, então, entrei em todos os salões, que somavam doze e apresentavam construção similar, preenchidos com inúmeras e variadas estátuas que pareciam abranger escultura antiga e moderna. Após caminhar por eles, senti-me fatigado o suficiente para um merecido descanso, razão pela qual retornei ao meu quarto.

Durante aquela noite, sonhei que, ao caminhar perto de uma das cortinas, fui dominado de supetão por um intenso desejo de entrar, o que fiz sem demora. Dessa vez, fui rápido demais até para as estátuas, pois as flagrei em movimento: não mais estátuas, mas homens e mulheres que exibiam todas as formas de beleza já criadas pelo cérebro do escultor, misturados nos rodopios de uma complexa dança. Passando por eles até o fim do salão, eu quase acordei ao ver – sem dançar nem parecer estar cheia de vida como os outros, parada em sua frieza e rigidez de mármore sob o pedestal negro no canto esquerdo extremo – a minha dama da caverna, a beleza de mármore que levantou de sua tumba ou berço ao ouvir minhas canções. Enquanto eu a fitava em completo assombro e admiração, uma sombra escura, descendo do alto como a cortina de um teatro, aos poucos a escondeu de minha visão. Estremecendo dos pés à cabeça, senti que aquela sombra possivelmente era o meu demônio desaparecido, que não via há dias. Acordei com um gemido abafado.

Claro que, na manhã seguinte, comecei a minha jornada pelos salões (pois não sabia a qual deles meu sonho havia me conduzido), na esperança de provar a veracidade do que sonhara ao encontrar minha beleza de mármore sobre o seu pedestal negro. Após entrar no décimo salão, finalmente pensei ter reconhecido algumas das formas que havia visto dançando em meu sonho e, quando alcancei o canto extremo à esquerda, para meu assombro, lá estava o pedestal vazio, localizado exatamente onde eu o vira em meu sonho. A esperança fez meu coração palpitar.

“Ora”, eu disse a mim mesmo, “se outra parte do sonho se tornar realidade e eu conseguir surpreender essas figuras em sua dança noturna, pode ser que o resto também se torne realidade e eu veja minha rainha de mármore no pedestal. Então, se as minhas canções foram o suficiente para acordá-la antes, quando ela estava nas amarras de alabastro, serão mais ainda para dar a ela a capacidade de

deliberação e movimento agora que se encontra sozinha em uma multidão de formas de mármore, rígida e fria.”

No entanto, a maior dificuldade seria surpreender os dançarinos. Constatei que uma ação premeditada seria inútil, mesmo executada com o máximo de cuidado e rapidez. Em meu sonho, tal ação fora efetuada depois de um inesperado pensamento colocado em prática de maneira súbita. Portanto, percebi não haver plano que oferecesse a mínima probabilidade de sucesso, exceto este: permitir que minha mente se ocupasse com outros pensamentos enquanto vagasse ao redor do grande salão central, aguardando até que o impulso de entrar em um dos outros salões surgisse, sem aviso, no exato instante em que estivesse próximo de uma das cortinas. Imaginava que, se entrasse em qualquer um dos doze salões no momento certo, isso me daria o direito de entrar em todos os demais, visto que eram interligados. Eu não perderia a esperança da oportunidade certa, ao supor ser necessário que o desejo de entrar tivesse que surgir dentro de mim precisamente quando eu estivesse perto das cortinas do décimo salão.

No início, os impulsos de dar uma olhada apareciam com tanta frequência, apesar do imaginário abarrotado que atravessava minha mente, que quase formavam uma cadeia contínua, dificultando a esperança de uma surpresa bem-sucedida. Mas persisti em bani-los, e eles ocorreram cada vez menos. Após dois ou três terem aparecido em intervalos consideráveis quando o local em que eu estava era inadequado, a esperança se fortaleceu e me pareceu que, em breve, um surgiria no momento certo, isto é, quando, ao andar pelo corredor, eu me visse perto de uma das cortinas.

Por fim, o momento certo e o impulso coincidiram. Irrompi de maneira abrupta no interior do nono salão, que estava repleto das formas mais extraordinárias em pleno movimento. Todo o espaço oscilava e flutuava com os passos de uma intrincada dança, interrompida com a minha aparição repentina, pois todos pararam e começaram a ir para os pedestais. Porém, aparentemente, ao perceberem o flagrante e a inutilidade da fuga, retornaram à ocupação anterior, sem me dar muita atenção. De algum modo impedido pela multidão que se movimentava pelo salão, esforcei-me o máximo que pude para alcançar o extremo oposto do pavilhão, onde, atravessando o corredor, rumei para o décimo salão. Logo alcancei o canto que almejava, pois o corredor estava comparativamente vazio e, após uma

pequena confusão inicial, os dançarinos desconsideraram totalmente minha presença. Então, quase desmaiei ao ver um pedestal vazio. Contudo tinha a convicção de que ela estava perto de mim e, ao olhar de novo para o pedestal, imaginei ver sobre ele, vagamente revelados como se recobertos por dobras de tecidos, os contornos inconfundíveis de pés femininos. Mas não havia sinal de cortinas ou qualquer sombra. No entanto, lembrei-me da sombra descendente em meu sonho. E acreditei no poder de minhas canções, ponderando que, se elas conseguiram romper o alabastro, poderiam remover o que agora ocultava a minha bela também, mesmo que fosse o demônio cuja escuridão tinha encoberto toda a minha vida.



“Alexander: — Quando
terminarás *Campaspe*?

Apelles: — *Jamais terminarei,
pois, na beleza absoluta, sempre
há algo acima da arte.*”

— *Campaspe*, de John Lyly



Porém, agora, que canção deveria entoar para descobrir a minha Ísis, se, de fato, ela estava presente, mas invisível? Apressei-me em direção ao salão branco da Fantasia, totalmente alheio às inúmeras formas de beleza que povoavam meu caminho. Elas podiam atravessar o meu campo de visão, mas o que ocupava a minha mente era o invisível. Muito vaguei, para cima e para baixo, no espaço silencioso: nenhuma canção me veio à mente. Minha alma não estava quieta o suficiente para canções. Somente no silêncio e na escuridão da noite da alma é que as estrelas do firmamento interior mergulham na superfície inferior dos reinos cantantes além, brilhando na consciência do espírito. Até aqui, todos os esforços mostraram-se infrutíferos. Se as canções não vinham, não podiam ser descobertas.

Na noite seguinte, aconteceu a mesma coisa. Caminhei sob o brilho avermelhado do salão silencioso, porém, da mesma forma que caminhava lá sozinho, a minha alma seguia solitária, vagando por entre os salões de meu cérebro. Por fim, entrei em um dos salões das esculturas. A dança havia apenas começado e deleitei-me em descobrir que estava livre do grupo. Caminhei até chegar ao canto sagrado. Lá, encontrei o pedestal tal como o deixara, com o tênue brilho de pés brancos ainda contrastando com o negro mortal. Tão logo os vi, pensei sentir uma presença que desejava tornar-se visível e, assim, fui

chamado a realizar seu desejo de automanifestação, que se realizaria através de mim. O poder da canção me dominou. Porém, no instante em que minha voz ecoou nos ares do salão, embora cantasse baixo e suave, os dançarinos se espantaram. A entrelaçada multidão estremeceu, perdeu sua forma e se dispersou. Cada um correu para o seu respectivo pedestal e se postou lá não mais como uma vida autônoma, mas como uma estátua de mármore rígida que imita um ser vivente, com todo o corpo expressando um simples estado ou ação. O silêncio atravessou o grande espaço como um trovão. Minha canção foi interrompida, assustada com suas próprias influências. Contudo vi na mão de uma das estátuas próximas a mim uma harpa cujas cordas ainda vibravam. Lembrei-me de que, ao passar por mim, rumo ao seu pedestal, ela deixara sua harpa tocar levemente o meu braço, de modo que o encanto de mármore não a tinha afetado. Corri até ela e, com um gesto de súplica, coloquei a minha mão sobre o instrumento. A mão de mármore, devido ao contato com a harpa livre do encanto, tinha resistência o suficiente para relaxar a força com que a segurava, disponibilizando-a para mim. Não havia qualquer outro sinal de vida.

Instintivamente, toquei as cordas e cantei. E, sem querer apressar o relato de minha canção, eu posso afirmar que, tão logo terminei de cantar as quatro primeiras linhas, pés formosos começaram a ficar mais nítidos no pedestal negro. Assim, conforme cantava, era como se um véu invisível estivesse sendo levantado de cima da forma, de modo que a estátua parecia surgir diante de mim não tanto por evolução, mas como se lhe fossem adicionados pedaços infinitesimais. Enquanto cantava, não sentia que estava diante de uma estátua, como realmente parecia ser, mas que a alma de uma mulher real estava se revelando por sucessivos estágios de corporificação e consequente expressão e manifestação.

Graciosos pés, firmemente delineados,
Alvos arcos em calcanhares rosados!
De onde a vida surge, palpitante, ofegante,
Pulsando, para se revelar adiante!
Coisas belas são menos desprezadas,
Pés e chão se encontram ternamente:
É a mulher, latente, elevada,
Revelando-se sublimemente.

Membros elevam-se, inclinados serenamente,
Fortes e gentis, livres e plenos;
Como certa esperança, suave e lentamente,
Esboçando firmes joelhos.
Para cima se eleva, quase a falar,
Pulsa a vida, da folha à flor,
Em cada detalhe harmonioso a se revelar,
Quase impassível, expressão de poder.

Veja! Formosas curvas, alvas a vagar, entrelaçadas,
Para cima e para fora, destemidamente!
Colunas templárias, intimamente associadas,
Revelam um santo mistério presente.
Ó meu coração! Que estranha surpresa
Tal estrela nos reserva!
Grandiosa visão para o alto se eleva,
Curvilínea e flutuante beleza.

Fitas e laços, vales e montes,
Conduzem meu fascinado olhar
Algum apocalipse surgirá no horizonte,
Uma nova divindade a falar.
Zona invisível em expansão evidente,
De novos pensamentos e maravilhas, a morada,
Majestade real profetizada,
Veja a casa da vida crescente!

Súbita elevação desimpedida
Suspiros eternos, imunes,
Por baixo da neve, montanha escondida,
Em meio à neblina de pleno lume.
Porém o espírito, quase surgindo,
De intensa dor emudece,
Emite apenas um silencioso gemido –
Sua escada edifica e para o alto prossegue.

A rainha, com esperança renitente,

O coração entrega ao seu par, que espera;
Mãos, cegas mãos, que tocam hesitantes,
Antecipando uma visão rara;
E os braços, seguindo os caminhos do coração;
Poderosa beleza, para casa rumando;
Fundindo-se, para lá retornando,
Onde de raízes de amor eles passearão.

Galam seus aclives de brilho radiante,
Espírito, pleno de feminilidade!
Escala teu precipício, de um branco deslumbrante,
Subindo até a hora da bondade.
Taciturna área será despedaçada,
Agora, a brilhante coluna ao dispor,
Pronta para ser com maravilha coroada,
Pelas jubilosas mãos do construtor.

Todas as linhas ao redor a se expandir,
Como águas descendentes da fonte.
Veja o queixo, primeiro traço a surgir,
Base aérea a suportar a frente!
Perto está a fala, ó, veja o rubor,
Doce aproximação dos lábios e do respirar!
Rodeando a boca, em silencioso torpor,
Aguarda para a morte eliminar.

Girando em curvas sinuosas,
Reverência de promessa, lábios a elevar!
Libertos são com manobra graciosa;
Deixe as palavras, ao vento, flutuar e mergulhar.
Muda és tu? Ó amor imortal,
Mais que palavras tua fala deve expressar;
Ainda sem filhos o terno portal
Da casa melodiosa.

Agora, as narinas respiram inabaláveis,
Orgulhosas em inconsciência sem par,
Por certo é algo inigualável

O que a grande Pã pode expressar!
Aprofunda e une ternos significados,
Na pura e preciosa face da dama,
Veja um ofuscante brilho de esplendor! –
É a graça expressa de uma alma liberta.

Dois lagos calmos de somadas glórias
Circundando insondáveis profundezas!
Clarões de tempestades, transitórias,
Cruzam os golfos, onde a escuridão sobeja.
Este portão, por fim, de felicidade,
Leva-me ao mundo exterior:
Em uma chuva de tristeza e ansiedade,
Para longe dos anseios e de seu amor!

Cativo me mantém com sua presença
Mudo, com surpresa prevista,
Presença maior ainda que a descrita
Mesmo na visão gloriosa.
Por entre os golfos, com interior visão,
Posso observar até me perder,
Vagando absorto, com o espírito em confusão,
Num mar, sem costa, até mais não ver.

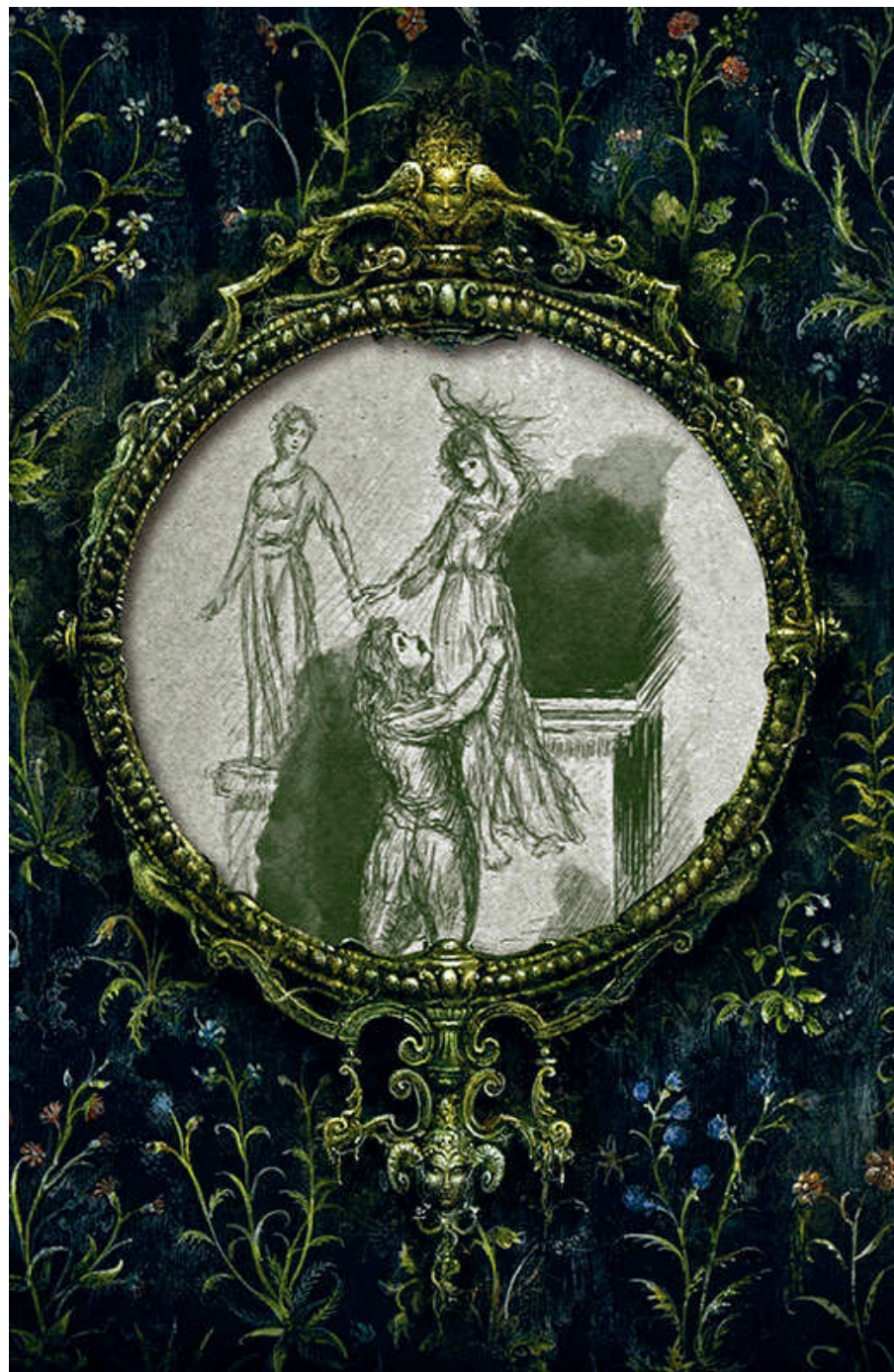
Janelas abertas para a glória!
Tempo e espaço, para além, distanciados!
Mulher! Tua é a vitória,
Quanto a mim definho, apaixonado.
Fontes elevam o que ainda não foi falado
Na perene graça do semblante,
Pleno de silêncio não perturbado,
Desfigurada face, incessante.

Cúpulas acima, monte de prodígio;
A noite envolve a altura e a profundidade;
Nas cavernas esconde sem deixar vestígio
Nações de mulheres em sua autoridade.
Formas passantes, o humano mais elevado,

Diante do Divino desvanecem:
Nenhum traço, seja de mulher ou de homem,
Pode revelar o brilho mais sagrado.

Pórticos laterais e entalhados,
Visíveis apenas ao que vigia,
Constituem os silenciosos, abertos e isolados
Portões de entrada da melodia.
Porém todos os sons ecoam ousadamente,
Gemem e cantam, beijam e choram,
Em suas galerias, se elevam friamente,
Sombrias, quando terra e céu se mesclam.

Beleza, tu estás cansada e não ignoras:
Assim, em débil desespero,
Do pico tu transbordas,
Em uma queda de torrentes cabelos,
Ocultando o que tu criaste
Em uma mortalha semitransparente:
Portanto, com glória suavemente mitigada,
Brilha a Lua por entre nuvens presentes.





*“Mesmo a Estige, que nove vezes
abraçou, Não envolveu a filha de Ceres em
seu fluxo; mas ela segurou a maçã – para
sempre ficou Triste Orcus, lá embaixo.”*

— *Das Ideal und das Leben*

[O ideal e a vida], de Friedrich Schiller



Enquanto eu continuava cantando, o véu era levantado, os sinais de vida se intensificavam, até que os olhos surgiram diante de mim, com aquele amanhecer de esplendor que a minha canção tentava reincorporar. A surpresa foi constatar que eu não estava totalmente subjugado por aquela presença, mas que era capaz de completar a minha canção enquanto o véu se elevava. Essa habilidade vinha apenas do meu estado de sublimidade mental, porque, elevado pela canção, fui capaz de resistir ao fulgor do alvorecer. Contudo não posso dizer se ela se parecia mais com uma estátua ou com uma mulher, só que ela parecia ter sido levada a uma região de fantasia onde tudo é intensamente vívido, porém nada é definido com clareza. Por fim, enquanto cantava sobre seus cabelos, o brilho da alma se desvaneceu, como um Sol que desaparece no horizonte. A luz interna havia se extinguido e a casa da vida brilhou vazia em uma manhã de inverno. Ela se tornou uma estátua mais uma vez, embora visível, e isso já era um ganho. Não obstante, a reação da esperança e da realização foi tal que, desafiando a lei do lugar, corri e lancei meus braços ao redor dela, como se tentasse tirá-la das garras de uma Morte visível, levantando-a de seu pedestal direto para o meu coração. Porém, tão logo o contato entre a dama e o pedestal cessou, ela estremeceu da cabeça aos pés e, então, livrando-se de meus braços antes que pudesse

apertá-la com firmeza, correu em direção ao corredor, advertindo-me:

— Você não deveria ter me tocado.

A seguir, desapareceu atrás de um dos pilares do círculo. Corri em seu encalço o mais rápido que pude, mas, antes de alcançar o pilar, o som de uma porta se fechando, o mais triste de todos os sons, alcançou meus ouvidos. Chegando ao lugar onde ela havia desaparecido, vi, iluminada por uma tênue luz amarelada pendurada nas proximidades, uma porta rústica e pesada, diferente de todas as outras que havia visto no palácio, feitas de ébano, marfim ou revestidas de lâminas prateadas ou de alguma madeira aromática, todas extremamente decoradas. Essa, porém, parecia de carvalho, com pregos robustos e prisioneiros de ferro. Apesar de toda a minha pressa e afobação, não pude deixar de notar, escrita em letras prateadas, bem debaixo da luz, a seguinte advertência: *Ninguém passa por esta porta sem a permissão da Rainha*. Mas quem era a Rainha para mim quando eu seguia a minha dama de branco? Abri a porta com tanto ímpeto, que ela bateu contra a parede com força, entrando em seguida. Que surpresa! Vi-me em um monte deserto onde o vento soprava com força. Grandes pedras como lápides jaziam ao meu redor. Nenhuma porta, nenhum palácio havia ali para ser visto. De súbito, uma figura branca passou por mim, torcendo nervosamente as suas mãos e chorando:

— Ah, você deveria ter cantado para mim! Você deveria ter cantado para mim! — desaparecendo por trás das pedras.

Eu a segui. Uma rajada de vento gélido me acertou, vindo detrás da pedra, e, quando olhei, nada vi além de um grande buraco no chão, no interior do qual não encontrei meios de entrar. Teria ela caído nele? Não tinha como saber. Devia esperar pela luz do dia. Assim, sentei-me e lamentei, pois não havia o que fazer.





*“Primeiro, quase em desespero, pensei,
Isso irá esmagar meu espírito agora;
Embora o tenha suportado, e ainda estou –
Apenas não me pergunte como.”*
— *Anfangs wollt ich fast verzagen*
[Primeiro, quase em desespero, pensei],
de Heinrich Heine



Com a chegada da alvorada, pude agir, porém sem nutrir muitas esperanças. Com o primeiro aumento visível de luz, eu olhei dentro do abismo, mas, por mais de uma hora, não pude enxergar bem o suficiente para descobrir sua natureza. Por fim, constatei que era uma abertura quase perpendicular, como um poço escavado na pedra, apenas bem maior. Não consegui ver o fundo até que o Sol estivesse a pino, quando, então, descobri um tipo de escada natural, somente insinuada em muitos trechos, descendo em forma de espiral no interior do abismo. De imediato, concluí que aquele seria meu caminho para baixo e, sem hesitar, feliz por deixar a luz direta do Sol, que me fitava cruelmente, comecei minha torturante descida. Na prática, a aventura mostrou-se extremamente difícil, pois, em algumas partes, tive que me agarrar às rochas como um morcego. Em dado momento, escorreguei e caí, porém os degraus da escada espiralada logo abaixo eram mais largos e formavam um ângulo reto com a parede, de modo que consegui me apoiar neles em segurança, embora um tanto perplexo pelo susto. Após descer um bom pedaço, descobri que a escada terminava em uma estreita abertura cravada horizontalmente na rocha. Rastejei por ela, constatando que, em seu interior, havia espaço para dar meia-volta. Então, coloquei a cabeça

para fora e examinei o curso de minha descida. Ao olhar para o alto, vi as estrelas, embora àquela hora o Sol devesse estar bem alto no céu. Olhando para baixo, vi que as paredes do poço desciam diretamente, lisas como vidros, e, lá no fundo, vi o reflexo das mesmas estrelas que vira antes no céu, quando olhei para o alto. Virei-me de novo e rastejei no interior do túnel por algum tempo, até chegar a um ponto onde a passagem se alargava o suficiente para permitir que eu ficasse de pé. O túnel ficou mais largo e mais alto, sendo que novas passagens se abriam por todos os lados e grandes salões surgiam no caminho. Por fim, descobri-me vagando por um território subterrâneo, no qual o céu era formado por rochas e, em vez de árvores e flores, havia apenas rochas e pedras, todas fantásticas. E, quanto mais eu caminhava, mais sombrios meus pensamentos se tornavam, até perder totalmente a esperança de encontrar a dama de branco. Decidi não mais chamá-la de *minha* dama de branco. Sempre que uma escolha se fazia necessária, escolhia o caminho que parecia levar para baixo.

Finalmente, comecei a perceber que aquelas regiões eram habitadas. Detrás de uma rocha, o som de risos desagradáveis, carregados de um humor maligno chegou aos meus ouvidos e, olhando ao redor, vi uma criatura ignóbil, com uma cabeça enorme e feições ridículas, tal como as descritas nas histórias e viagens germânicas, como as de Kobold.

— O que quer de mim? — perguntei.

Ela apontou para mim com seu dedo pontiagudo e comprido, muito largo na base, e respondeu:

— He, he, he! O que *você* quer aqui?

Então, mudando o tom de sua voz, ela prosseguiu, com jocosa humildade:

— Poderias, honorável senhor, retirar de diante de teus escravos o fulgor de tua augusta presença, pois teus escravos não suportam a tua luminosidade?

Um segundo ser apareceu, interrompendo:

— Você é tão enorme, que os raios de Sol não chegam até nós. Por sua causa, não podemos ver e estamos com frio.

Então, de todos os lados, irrompeu o mais terrível clamor de risadas, vindas de vozes parecidas com as de crianças no volume, mas fanhosas e ásperas como as de idosos decrepitos, embora, infelizmente, sem sua fraqueza. Toda a algazarra daqueles pequenos

seres demoníacos, ostentando uma feiura fantástica e variada tanto em forma quanto em feições, de todos os tamanhos entre trinta e cento e vinte centímetros, pareceu, subitamente, me oprimir.

Por fim, após um grande murmúrio de conversa entre eles, numa linguagem desconhecida para mim, entremeada por interminável gesticulação, consultas e cutucões de cotovelo, bem como pelas indefectíveis explosões de risadas, eles formaram um círculo ao redor de um deles. Este, após subir em uma pedra, para minha surpresa e desgosto, começou a cantar, com uma voz condizente com sua fala, a música com a qual eu havia trazido a luz de volta aos olhos da dama de branco do começo ao fim. Ele entoou a mesma melodia e, durante todo o tempo, manteve uma expressão zombeteira de súplica e adoração, acompanhando a canção com gestos que imitavam alguém tocando alaúde. Toda a assembleia manteve-se em silêncio, exceto ao fechamento de cada verso, quando gritavam e dançavam, explodindo em risadas e jogando-se no chão, em reais ou fingidas convulsões de deleite. Quando terminou, o próprio cantor jogou-se do alto da pedra, dando várias cambalhotas em sua descida, e, ao cair, apoiou-se sobre a cabeça e começou a fazer as mais grotescas acrobacias com suas pernas ao ar. Risadas inexprimíveis ecoaram, culminando em uma chuva de minúsculas pedras vindas de todas as direções. Devido ao tamanho, elas não me causaram muitos danos, porém sofri pequenos cortes no rosto e na cabeça. Tentei fugir, mas todos eles vieram ao meu encontro, agarrando-me em todos os lugares onde era possível, imobilizando-me por completo. Aglomerando-se ao meu redor como abelhas, eles gritavam um enxame de palavras provocadoras, entre as quais as mais frequentes eram:

— Você não pode tê-la! Você não pode tê-la! Ela é para um homem melhor! Como ele a beijará! Como ele a beijará!

A corrente galvânica dessa bateria de malevolência incitou em meu interior uma faísca de nobreza, e respondi em alto e bom som:

— Bem, se ele é um homem melhor, que a tenha!

Instantaneamente retiraram suas mãos de cima de mim e se afastaram alguns passos com toda uma artilharia de grunhidos e rugidos, como se expressassem uma aprovação inesperada e frustrante. Então, dei um passo ou dois à frente e, de imediato, um corredor abriu-se para me dar passagem entre os risinhos bufões, que se curvavam à medida que eu o percorria. Após caminhar alguns metros,

olhei para trás e os vi imóveis, olhando para mim, como bons escoteiros, até que, de súbito, um deles se virou e, com um grito, correu para os outros. No instante seguinte, todos estavam se debatendo e se contorcendo, lembrando-me dos relatos de viajantes sobre pirâmides de cobras vivas entrelaçadas. Logo um deles se destacou dos demais e, dando alguns passos para trás, correu e saltou, dando piruetas no ar, descendo com todo o seu peso sobre a massa caótica das fantásticas criaturas. Eu os deixei entregues a essa vigorosa, e aparentemente sem objetivo, diversão. Enquanto saía, ainda cantei esses versos:

Se por ti alguém mais nobre almeja,
Eu, de longe, lamentarei;
É melhor que noiva sejas
De alguém mais nobre do que jamais serei.

Pois se o amor edifica o lar,
Onde é livre o amor,
Desabrigado deve o coração vagar,
Que de ti não é conhecedor.

Alguém deve sofrer: eu, por ela,
Concedo a ela a minha porção.
Toma-a, tu és merecedor dela –
Serenos! Calmo tu sejas, meu coração!

Presente imerecido! Dádiva elevada
De um anseio frustrado!
Mas, entregue com afeto,
Ainda é algo a ser valorizado.

Em seguida, uma pequena canção brotou em minha alma e por um momento senti, enquanto a cantava tristemente em meu interior, como se fosse mais uma vez caminhar para cima e para baixo no salão branco da Fantasia, no Palácio das Fadas. Porém essa sensação não durou mais que a canção, como será visto.

O teu perfume de violeta

Não tentes mais produzir:
Nenhum aroma mais irás possuir
De sua pequena reserva.

Nos graciosos olhos da dama
Longamente não debes olhar;
Pois deles a glória se derrama,
E a ela algum dano pode causar.

Dela não debes se aproximar,
Não sejas precipitado;
Ou o esplendor tu podes atenuar,
E deixar teu coração iludido.

Uma explosão de risada, mais destoante e zombeteira que qualquer outra que tenha ouvido, invadiu meus ouvidos. Olhando na direção do som, vi uma pequena e velha mulher, mais alta, contudo, que os gnomos que deixara para trás, sentada sobre uma pedra ao lado do caminho. Ao me aproximar, ela se levantou e veio ao meu encontro. Em sua aparência nada havia de extraordinário, e parecia muito simples, não sendo, de forma alguma, terrivelmente feia. Fitando-me com olhar de sarcasmo, disse:

— Não é uma pena você não ter uma garota bonita para atravessar este doce país com você? Como tudo pareceria diferente, não é mesmo? É estranho que alguém não possa ter o que mais quer. Como as rosas floresceriam e tudo mais, até neste buraco infernal, não é mesmo, Anodos? Os olhos dela iriam iluminar a velha caverna, não iriam?

— Depende de quem fosse a garota bonita — respondi.

— Isso não importa tanto — ela respondeu. — Olhe aqui.

Eu me virei para ir embora depois de dar minha resposta, mas então parei e olhei para ela. Como um broto sem graça e grosseiro pode de repente se tornar a flor mais encantadora; ou como um raio de Sol rompe através de uma nuvem disforme e transfigura a Terra; assim, irrompeu um rosto de beleza resplandecente, como se viesse do rosto feio da mulher, destruindo-o com luz à medida que surgia dele. Um céu de verão apareceu sobre mim, cinza de calor; através da paisagem brilhante e adormecida, via de longe os picos de montanhas

cobertas de neve; e de uma grande rocha ao meu lado descia um véu de água, enlouquecido com seu próprio deleite.

— Fique comigo — ela rogou, elevando sua primorosa face e olhando-me diretamente nos olhos.

Recuei. Uma vez mais a risada infernal invadiu meus ouvidos; novamente as rochas se fecharam ao meu redor e a mulher feia reapareceu diante de mim, olhando-me com olhos perversos e zombeteiros.

— Você receberá a sua recompensa — ela afirmou. — Verá a dama de branco de novo.

— Isso não depende de você — respondi, virando-me para deixá-la.

Ela me perseguiu com gritos e risos enquanto eu seguia meu caminho.

Devo mencionar aqui que, embora sempre houvesse luz suficiente para ver o caminho à frente e alguns metros em ambos os lados, jamais encontrei a origem dessa iluminação triste e sepulcral.





CAPÍTULO

18

*“No alvoroço do vento, ruge
a fúria do mar,
E os suspiros que ele vem a criar.”*
— Heinrich Heine

*“Dos sonhos os homens devem despertar
Um dia, mas não para a dor:
Os sonhos perduram; mas vêm apenas quebrar
O espelho do torpor.”*
— Hesperus [Héspero], de Jean Paul



Como sobrevivi a essa parte sombria de minhas aventuras, não sei dizer. Não acho que fui sustentado pela esperança de que, a qualquer momento, a luz podia recair sobre mim, pois raramente pensava nessa possibilidade. Prossegui com uma resistência tenaz, entremeada por momentos de incontrolável tristeza, pois cada vez mais crescia em meu íntimo a convicção de que jamais veria a dama de branco de novo. Pode parecer estranho que alguém com quem mantive tão pouca comunhão tenha monopolizado de tal maneira os meus pensamentos, porém os benefícios concedidos despertam o amor em algumas mentes certamente da mesma forma como os benefícios recebidos despertam em outras. Além de me deleitar e me orgulhar por *minhas* canções terem chamado tão bela criatura à vida, o mesmo fato despertou em mim uma ternura inexprimível por ela, acompanhado por um tipo de sentimento de propriedade. Por tal, o gnomo Egoísta recompensaria o anjo Amor. Quando a tudo isso se acrescenta um avassalador senso de sua beleza e uma inquestionável convicção de que era um verdadeiro indício de beleza interior, pode-se

entender como a minha imaginação encheu toda a minha alma com o jogo de suas próprias cores e harmonias numerosas em torno da forma que ainda existia, uma graciosa radiância de mármore, no meio de *seu* salão branco de fantasia. O tempo passou despercebido, pois eu estava ocupado em meus pensamentos. Talvez isso também tenha sido em parte a causa de não sentir fome, o que me levou a jamais pensar em descobrir alimento durante essa parte subterrânea de minhas jornadas. Não sei dizer quanto durou, pois não dispunha de meios para medir o tempo. E, quando olhava para trás, havia tanta discrepância entre as decisões de minha imaginação e meu julgamento quanto ao tempo já passado, que acabei desorientado, desistindo de todas as tentativas de chegar a uma conclusão.

Uma névoa cinzenta se formou atrás de mim. Quando olhei em direção ao passado, essa neblina foi o meio por onde os meus olhos tiveram de passar para obter uma visão do que havia acontecido, e a forma da dama de branco havia recuado a uma região desconhecida. Por fim, o país de rochas começou a se fechar de novo ao meu redor, estreitando-se, lenta e gradualmente, até eu me encontrar caminhando em uma galeria rochosa uma vez mais, onde podia tocar ambos os lados com os meus braços estendidos. A galeria estreitou-se ainda mais, de modo que fui obrigado a mover-me com cuidado para não bater meu corpo contra as pedras mais pontiagudas. O teto ficava cada vez mais baixo, até, primeiro, me forçar a me curvar e, então, a rastejar. Isso trouxe de volta à minha mente sonhos terríveis de minha infância, mas não tive muito medo, pois sabia ser aquele o caminho certo, a minha única esperança de sair do Reino das Fadas, do qual já estava farto.

Finalmente, ao vencer uma curva abrupta da passagem pela qual tive que me esgueirar, vi a luz do dia alguns metros à minha frente, há muito esquecida, brilhando em uma pequena abertura, para a qual o caminho, se é que podia ser chamado assim, me conduzia. Com enorme dificuldade, concluí os últimos metros que me separavam da abertura e saí para o dia. Percebi que saíra na praia de um mar gélido, com um Sol igualmente frio, pouco acima da linha do horizonte. A região era árida, erma e cinzenta. Centenas de ondas quebravam constantemente na areia, desaparecendo exaustas sobre uma praia permeada por grandes pedras soltas que pareciam estender-se por quilômetros em ambas as direções. Nada havia para os olhos, exceto

sombras cinzentas; nada para os ouvidos, exceto o rumor da onda se aproximando, o estrondo dela se quebrando na praia e o lamento da onda retirante. Nenhuma rocha oferecia uma severidade acolhedora acima da melancolia ao redor. Mesmo aquela da qual havia emergido elevava-se menos de meio metro acima da abertura de onde tinha alcançado o triste dia, ainda mais lúgubre que a tumba que havia deixado. Um vento frio como a morte varreu aquela costa, parecendo vir de uma tênue boca da nuvem sobre o horizonte. Não havia sinal de vida visível. Perambulei por entre as pedras, de um extremo ao outro da praia, uma personificação humana da natureza ao redor. O vento aumentou de intensidade, suas ondas vigorosas fluíram por minha alma, a espuma das ondas subiu mais alto que as pedras, umas poucas estrelas começaram a brilhar no leste, o som das ondas cresceu, tornando-se ainda mais desesperador. Uma cortina de nuvens escuras formou-se, e uma débil fenda azul brilhou entre seu pé e a extremidade do mar, da qual sobreveio uma tempestade gélida de ventos congelantes, que pulverizavam as águas ao passar, levantando vagalhões sobre a costa desolada. Não pude suportar mais.

— Não serei torturado até a morte — exclamei. — Eu a encontrarei no meio do caminho. A vida em mim ainda é suficiente para me levar à face da Morte e, então, morrerei inconquistável.

Antes de escurecer demais, observei, embora sem um interesse particular, que, em determinado lugar da praia, uma baixa plataforma rochosa parecia avançar até o meio das ondas que arrebatavam. Caminhei desordenadamente em direção àquela plataforma sobre pedras lisas, em que raramente havia um pedaço de alga marinha. Ao alcançá-la, escalei-a e proseguei em sua direção, o máximo que pude adivinhar, no caos aterrador. Mal conseguia firmar meus pés contra o vento e o mar. Diversas vezes, as ondas me jogaram para lá e para cá, mas consegui me manter no trajeto até alcançar o fim do baixo promontório onde as ondas, ao investirem contra ele, elevavam-se alguns metros acima da superfície, cobrindo-o com suas águas. Parei por um instante e fitei o abismo abaixo de mim. Então, mergulhei de cabeça na onda abaixo. Como o beijo de uma mãe, uma bênção pareceu pousar em minha alma. Uma calma, mais profunda que aquela que sucede uma esperança protelada, banhou o meu espírito. Mergulhei fundo naquelas águas e procurei não voltar. De novo, senti como se os grandes braços da faia estivessem ao meu redor,

tranquilizando-me após os mistérios pelos quais passara, dizendo-me, como a uma criancinha enferma, que me sentiria melhor amanhã. As próprias águas me conduziram, com braços amorosos, à superfície. Respirei novamente, mas não abri os olhos. Decidi não olhar para o mar gélido nem para o céu impiedoso e cinzento. Assim, flutuei até que algo me tocou com gentileza. Era um pequeno bote flutuando ao meu lado. Como ele chegara até ali, não sei, mas ele subia e descia ao sabor das águas, tocando-me repetidamente em sua descida, como se tivesse vontade humana para me avisar que o auxílio chegara.

Era um bote decorado de maneira alegre, aparentemente recoberto de reluzentes escamas como a dos peixes, exibindo todos os matizes de um brilhante arco-íris. Subi trôpego e deixei-me cair em seu interior, com uma sensação de extraordinário descanso. Em seguida, puxei sobre mim um rico e pesado tecido que encontrei ao meu lado e, aquietando-me, percebi, pelo som das águas, que minha pequena embarcação seguia velozmente para a frente. Não notando, entretanto, nenhuma agitação no mar como a que enfrentei quando subi ao barco na costa, abri os olhos e, olhando primeiro para cima, vislumbrei um céu violeta típico de uma quente noite do sul. Depois, levantando a cabeça, constatee estar singrando um mar de verão, nos limites de um crepúsculo sulista. A auréola do Sol ainda exibia as tênues pontas de seus longos raios em contraste com as ondas no horizonte. Era como um crepúsculo perpétuo. As estrelas, grandes e nítidas como olhos de crianças, curvavam-se até as águas, e as estrelas refletidas nelas pareciam flutuar, como se ansiassem encontrar as outras. Contudo, ao olhar para baixo, uma nova surpresa estava à minha espera, pois eu, na verdade, flutuava sobre todo o meu passado, vagamente revelado abaixo da onda. Os campos de minha infância, os salões de meus trabalhos na juventude, as ruas das grandes cidades onde morei e as reuniões de homens e mulheres em que me fatiguei em busca de descanso. Porém tão indistintas eram as visões, que por vezes pensei estar navegando sobre um mar raso e imaginei que estranhas rochas e florestas de plantas marinhas estavam iludindo meus olhos para se parecerem com regiões e objetos familiares por intermédio da mágica da fantasia. Não obstante, por vezes uma forma amada parecia estar adormecida próxima a mim; as pálpebras tremiam como se estivessem a ponto de abandonar o olho consciente e os braços estendiam-se à frente, como se buscassem uma presença reconfortante em sonhos.

Contudo esses impulsos podiam vir simplesmente do movimento das águas entre mim e as formas. Logo senti sono, dominado pela fadiga e pelo deleite. Passei por sonhos de indescritível alegria, fruto de amizades restauradas, de abraços revividos, de um amor eterno, de rostos há muito tempo desaparecidos, embora afirmassem com um sorriso nos lábios que jamais o fariam, de perdões implorados e concedidos com tamanha expressão de amor que quase senti alegria em ter pecado. Assim, passei por esse magnífico crepúsculo. Para a alegria do meu coração, despertei com o sentimento de ter sido beijado e amado e descobri que meu barco estava flutuando, sem avançar, junto à costa coberta de grama de uma pequena ilha.



CAPÍTULO

19

*“Em tranquilo repouso, em
imutável simplicidade, incessantemente
eu carreguei, em meu interior,
a consciência de toda a humanidade.”*

— *Monólogos*,
de Friedrich Schleiermacher

*“... tal doçura, tal graça
Aparecia em toda a sua expressão,
Como é para os olhos uma face formosa,
Assim a língua é para a audição.”*

— *The Mistress* [A amante],
de Abraham Cowley



 água era funda desde a beira, e eu saltei do pequeno barco sobre uma relva macia e cheia de grama. A ilha parecia exuberante com a profusão de todas as gramíneas e flores baixas. Tudo era delicado e abundante. Contudo não havia árvores, nem mesmo um arbusto excedia as gramas mais altas, exceto em um lugar perto da cabana que descreverei a seguir, onde algumas poucas estevas, que liberam a cada noite todas as flores que o dia produz, formavam um tipo de caramanchão natural. Toda a ilha descobria-se diante do céu e do mar. Nada em sua superfície elevava-se mais do que uns poucos centímetros acima do nível das águas, profundas desde a margem. Naquele lugar parecia não haver tempestades ou marés. A mente era invadida por uma sensação de persistente tranquilidade e plenitude à vista dos lentos e pulsantes movimentos das águas claras e profundas contra a margem da ilha, pois não podia ser chamada de “praia”,

sendo mais parecida com um barranco de um rio solene e caudaloso. Enquanto caminhava sobre a vegetação em direção à cabana, situada a certa distância da margem, todas as flores de infância olhavam para mim com perfeitos olhos infantis, destacando-se sobre a grama. Meu coração, amolecido pelos sonhos que havia tido, transbordou de um amor terno e triste por elas. Elas me fitavam como crianças inexpugnavelmente fortalecidas por uma confiança impotente. O Sol permanecia a meio caminho no céu poente, irradiando suavemente seus raios dourados e criando um segundo mundo de sombras em meio ao mundo de relvas e flores selvagens.



A cabana era quadrada, com paredes baixas e um elevado teto piramidal revestido com longos caniços, dos quais as flores murchas pendiam em toda a volta do beiral. Digno de nota é o fato de a maioria das construções que vi no Reino das Fadas ser de cabanas. Não havia um caminho que levava à porta e tampouco havia qualquer trilha de pegadas na ilha. A cabana elevava-se bem acima da relva macia. Não notei qualquer janela, mas havia uma porta no centro da parede diante de mim, em cuja direção eu segui. Bati, e a voz mais doce que ouvi em toda a minha vida respondeu:

— Entre.

Prontamente, atendi ao convite. Um caloroso fogo ardia em uma lareira localizada no centro do chão de terra batida, e a fumaça saía por uma pequena abertura no meio do teto piramidal. Sobre o fogo havia uma pequena panela e, curvada sobre o pote, uma mulher com a face mais admirável que meus olhos já viram, pois era mais velha que qualquer outra feição que vira antes. Não havia lugar no qual não houvesse uma ruga. E a pele era envelhecida e queimada, como pergaminho antigo. Ela era alta e magra. Ao se levantar para me receber, notei que sua postura era ereta como uma seta. Poderia aquela doce voz ter saído de lábios tão idosos? Suaves como eram, poderiam ser portais pelos quais fluía tal melodia? Porém, no exato instante em que meus olhos encontraram os dela, não me lembrei mais de sua voz, pois eles eram absolutamente jovens, como os de uma mulher de vinte e cinco anos, grandes e de um cinza-claro. As rugas já os tinham envolvido por completo e as próprias sobrancelhas eram velhas, pesadas e cansadas, mas aqueles olhos eram encarnações de luz suave. Ela estendeu a mão e a voz da doçura mais uma vez me cumprimentou, com uma simples palavra:

— Bem-vindo!

A seguir, colocou uma cadeira para mim junto ao fogo e continuou cozinhando. Uma deliciosa sensação de descanso e refúgio me invadiu. Senti-me como um garoto que chegou em casa, vindo da escola muito distante, após ter enfrentado uma terrível tormenta de vento e neve. Ao olhá-la, senti um impulso de saltar de minha cadeira e beijar aqueles lábios castigados pelo tempo. Ao terminar de cozinhar, ela me trouxe um pouco de comida que havia preparado, colocando-a em uma pequena mesa ao meu lado, coberta com uma toalha branca como a neve. Então não consegui resistir e deitei minha cabeça em seu

colo, irrompendo em lágrimas de felicidade. Ela colocou os braços à minha volta e disse:

— Pobre criança, pobre criança!

Enquanto eu continuava chorando, ela gentilmente desvencilhou-se de mim, apanhou uma colher e deu-me de comer, incentivando-me a engolir o alimento (eu não sei o que era). Para agradá-la, fiz um pequeno esforço, bem-sucedido. Ela prosseguiu a me alimentar como se eu fosse um bebê, colocando um dos braços ao meu redor, até que a olhei, sorrindo. Então ela me deu a colher, mais uma vez, incentivando-me a comer, pois o alimento me faria muito bem. Eu lhe obedeci, sentindo-me maravilhosamente restaurado, conforme ela prometera. A seguir, ela deslocou um velho sofá que havia na cabana para perto do fogo e, me fazendo deitar nele, sentou-se aos meus pés e começou a cantar. Um incrível sortimento de velhas baladas passou a sair de seus lábios, antigas melodias soaram, e a voz era tão doce quanto a de uma donzela afinada que sempre cantava plenamente uma canção. Em sua maioria, as canções eram tristes, mas continham um som de conforto. Guardo uma vaga lembrança de uma delas, que era mais ou menos assim:

Sir Aglovaile pelo cemitério a cavalgar;

Cante, pois totalmente sozinho estou:

Sem preocupações aonde quer que vá,

Totalmente sozinho, lá no céu.

Girou seu corcel e saltou com temor,

Totalmente sozinho estou:

Seu pranto deve ter acordado os mortos ao redor,

Totalmente sozinho, lá no céu.

O próprio morto, aos seus pés enterrado,

Envolto em sudário mofado.

Porém ele o freou e o esporeou, até parar

Como um cavalo de madeira, imóvel em seu lugar,

Com narinas elevadas e olhos doentes;

Mas o suor de seus boletos escorria em torrentes.

Uma alma surgiu do sombrio ar.
E acomodou-se no meio de seu cabelo lunar.
Em seus cabelos brilhantes ela se sentou e pranteou;
Sob a fantasiosa Lua, deitou-se e sonhou,

Os corpos na terra e as sombras no ar,
Deitam-se e dormem sob o lento luar.

Como o lamento de um vento de outono, ela cantou
Sobre o que para trás ficou:

*Ai de mim, facilmente os erros são cometidos!
Um suspiro demasiado, ou um beijo prolongado,
Segue-se uma neblina e uma chuva insistente,
E a vida nunca mais será a mesma novamente.*

*Ai de mim, raramente as coisas certas são!
É difícil observar numa noite de verão,
Pois o suspiro virá, e o beijo será eterno,
E a noite de verão torna-se um dia de inverno.*

“Oh! Adorável fantasma, meu coração está em tormento,
Ao ver teu pranto e teu lamento”.

“Oh! Adorável fantasma”, disse o destemido cavaleiro,
“Pode isso corrigir a espada de um guerreiro?”

Ou a oração suave de um orador,
Como um copo de água a uma criança em febril ardor,

Num descanso sem sonhos, confortaria a ti, afinal
Dormir o sono de uma dama mortal?

Teus olhos me afligirão de modo veemente,
Como se conhecesse a ti por todo o sempre.
Oh! Adorável fantasma, poderia o dia deixar
Para sentar-me contigo sob a luz do luar

Se confiáres em mim, e tua cabeça deitares
Em um colo que está vivo, para repousares.”

A dama levantou-se com um estranho lamento,
E seus alvos braços ela jogou para o alto:

E riu um riso que não era de prazer,
Que perdurou até que veio a morrer.

E os mortos embaixo se reviraram e lamentaram
E as árvores acima tremeram e suspiraram.

“Duas vezes me amarás inutilmente?
Irás aniquilar a pobre alma novamente?

Achei que tu eras boa; mas disse, e chorei:
‘Será que sonhei com alguém que não dormiu?’

Eu sabia, pobre de mim! Ou jamais conheceria
Se eu sonhei, ou tu eras boa.

Quando meu bem morreu, meu cérebro se perdeu.
Mas acordei e descobri que isso jamais aconteceu.”

“Se tu és o fantasma de minha Adelaide,
És uma donzela da cidade,

Pareces uma dama de branco angelical,
Embora magra, pálida e terminal.”

A dama sorriu um sorriso cativante,
Pressionando suas têmporas de modo hesitante.

“Que a morte pode fazer mais a uma mulher podes ver
Que o cavalheirismo a um homem fazer.”

“Porém mostre-me a criança que disseste ser minha,
Está ela lá fora sob o luar, sozinha?”

“Na Igreja de São Pedro ela está brincando,
De esconde-esconde, com o Apóstolo João.

Quando os raios da Lua pela janela atravessam,
Onde os doze em gloriosa exibição estão,

Ela diz aos demais para não se mexerem,
Mas um deles vem com ela brincar.

Então, posso ir para onde quiser e chorar,
Pois o bom São João de minha criança irá cuidar.”

“Tua beleza preenche o próprio ar,
Jamais conheci uma mulher tão peculiar.”

“Venha, se tiveres coragem, ao meu lado te sentar;
Mas, para aflição não teres, tu não podes me tocar.

Pobre de mim, que sou débil: devo bem saber,
Tal alegria indica que uma aflição irá suceder.

Porém venha! A aflição virá, mas posso suportar.
Pois tu ainda me amas, como só um homem pode amar.”

O cavaleiro desmontou com extrema ligeireza;
Em disparada, por entre as lápides, o corcel tropeja,

E cai no muro externo, morrendo desamparado.
Mas o cavaleiro ao lado da dama está ajoelhado;

Assim postado em magnífico enlevo,
Arrebatado em eterno beijo:

Embora perto da dama seus lábios nunca a beijaram,
E seus olhos apenas sobre sua beleza se deitaram.

Durante toda a noite, até ouvir do galo o canto,

Ajoelhado ao lado da dama, envolta em seu manto.

E o que disseram, eu não devo revelar:
A noite morta era mais doce que o dia a raiar.

Como ela fez sentir-se tão bem-aventurado
Aquele que a encontrou e fez tudo tão errado.

Posso não falar, mas o toque não é importante
Para abençoar os que se amam sinceramente.

“Venha todas as noites, meu fantasma, para mim;
E, uma noite, eu irei para ti.

É bom ter uma esposa fantasmagórica:
Ela não tremerá ao som da discórdia;

Porém apenas ouvirá, em meio ao bradar,
Por trás da porta, se ele adentrar.”

Eis como Sir Aglovaile, amiúde,
Caminhava sob o luar, sem saúde.

E, quase sempre, quando a escuridão tênue, porém crescente,
Invadir seu quarto totalmente;

E por baixo da porta de seu aposento,
Cair uma centelha espectral no chão ao relento;

E os que passaram, em temor declararam,
Aqueles palavras murmuradas que, em geral, ouviram.

Foi então que brilhou o oriente crescente,
Através da janela do santuário, e São João indulgente

Com a criança fantasma durante toda a noite brincou,
E a mãe livre ficou até que a luz matutina raiou,

E correu pela noite, para permanecer
Com Aglovaile até o dia romper.

E o amor deles foi um êxtase, solitário e elevado,
E, como a Lua nos altos céus, emudecido.

Certa noite, Aglovaile, sonolento e fatigado,
Um sonho em que chorava, havia sonhado.

Um guerreiro como ele jamais deve chorar,
Porém nesta noite amargamente irá prantear.

Ele despertou – ao lado dele a mulher-fantasma jazia como clarão
Na escuridão: era a noite de São João.

Ele tivera um sonho de uma floresta imóvel e sombria,
Onde a velha dama ao lado dele jazia;

Porém uma neblina caiu, e para longe a levou,
Ele, caminhando em vão, por ela procurou,

Até que lamentou sua dor impotente,
E imaginou que sonhara o sonho antecedente.

E o pranto fluía de seu coração dilacerado;
Mas, veja! A mulher-fantasma brilhava ao seu lado;

Como a luz de um farol brilhou
Sobre o mar de seus sonhos descansou;

Brilhou como aquele magnífico e inexprimível favor,
Que o coração busca, noite e dia, com fervor:

Avisos são esquecidos, quando é importante,
Ele apertou contra seu peito o fantasma radiante.

Ela gritou bem alto, desfaleceu e sumiu.
Com semblante contrariado, frio e vazio,

Em seus braços jazia o corpo da pálida donzela,
E Aglovaile nunca mais colocou os olhos nela.

Apenas uma voz, quando os ventos não eram de bonança,
Soluçava e chorava como uma pequena criança.

*Ai de mim, facilmente os erros são cometidos!
Um suspiro demasiado, ou um beijo prolongado,*

*Segue-se uma neblina e uma chuva insistente,
E a vida nunca mais será a mesma novamente.*

Essa foi uma das canções mais simples, o que talvez seja o motivo de eu me lembrar dela melhor que das demais.

Enquanto ela cantava, senti-me no Paraíso, como se desfrutasse da sensação de ser abraçado, sustentado por uma alma rica, plena de tudo que há de mais abundante e generoso. Senti como se ela pudesse me conceder tudo o que eu desejasse, como se jamais fosse abandoná-la, contente por ouvir suas canções e ser alimentado por ela, dia após dia, para sempre. Por fim, deixei-me vencer pelo sono enquanto ela cantava.

Quando despertei, não sabia mais se era noite ou dia. O fogo havia sido reduzido a umas poucas brasas avermelhadas que ainda forneciam luz suficiente para eu vislumbrar a mulher, parada a alguns metros, de costas para mim, olhando a porta por onde eu entrara. Percebi que estava chorando, de modo suave, porém abundante. As lágrimas pareciam brotar livremente de seu coração. Assim ela permaneceu por alguns minutos. Então, girando o corpo lentamente, formando um ângulo de noventa graus com a posição anterior, ela se postou de frente para uma das quatro paredes da cabana. Notei, pela primeira vez, que lá também havia uma porta e que, na verdade, havia uma no centro de cada parede da cabana. Quando ela olhou em direção à segunda porta, as lágrimas cessaram, mas foram substituídas por suspiros. Repetidas vezes fechava os olhos e, toda vez que assim fazia, um suspiro gentil parecia brotar de seu coração, subindo até os lábios. Contudo, quando os olhos estavam abertos, os suspiros passavam a ser profundos e tristes, seguidos de tremores por todo o

corpo. Em seguida, ela se postou de frente para a terceira porta e um choro de medo ou de dor suprimida irrompeu de seu íntimo. Não obstante, ela parecia resoluta a animar-se contra aquele desalento, enfrentando-o com firmeza, pois, embora eu ouvisse um leve choro e, por vezes, um lamento, ainda assim ela jamais moveu ou curvou a cabeça. Isso me deu a certeza de que mantinha os olhos abertos. A seguir, então, voltou-se para a quarta porta e a vi estremecer e começar a ficar imóvel como uma estátua, até que se virou para mim e se aproximou do fogo. Percebi que sua face estava tão branca quanto a morte. Entretanto ela olhou para cima, expressando o mais doce, infantil e inocente sorriso. Depois, ela alimentou o fogo com madeira nova e, acomodando-se ao lado da chama, puxou a roca para junto de si e começou a fiar. Enquanto estava entretida nessa atividade, murmurou uma estranha canção, para a qual o ruído da roca servia como um tipo de sinfonia infinita. Por fim, ela fez uma pausa em seu trabalho e cantoria e olhou para mim como uma mãe que busca com o olhar saber se o filho está acordado ou não. Ela sorriu quando constatou que meus olhos estavam abertos. Perguntei-lhe se já era dia. Ela respondeu:

— Aqui é sempre dia enquanto eu mantenho meu fogo aceso.

Senti-me magnificamente restaurado, e um grande anseio de conhecer mais da ilha despertou em meu íntimo. Levantei-me e, dizendo que desejava olhar lá fora, dirigi-me à porta pela qual entrara.

— Espere um momento! — exclamou a minha anfitriã, com algum tremor em sua voz. — Ouça. Você não verá o que espera ver quando sair por aquela porta. Lembre-se apenas disto: sempre que desejar voltar para mim, entre em qualquer lugar que estiver assinalado com esta marca.

Ela levantou a mão esquerda entre mim e o fogo. Sobre a palma, quase transparente, vi, gravada em vermelho-escuro, uma marca como esta , que tentei fixar em minha mente.

Ela, então, me beijou, despedindo-se com tamanha solenidade, que me deixou surpreso e, ao mesmo tempo, confuso, já que estava apenas saindo para dar uma volta pela ilha, o que, acreditava eu, poderia facilmente completar em poucas horas de caminhada. Ao me levantar para sair, ela retomou a sua atividade na roca de fiar.

Abri a porta e saí. Contudo, no instante em que meu pé tocou a relva macia, pareceu-me estar saindo de um velho celeiro que ficava

na fazenda de meu pai, onde, nas tardes quentes de verão, costumava me refugiar e ler, deitado na palha. Agora tinha a impressão de que estivera ali dormindo. À pequena distância no campo, vi dois de meus irmãos brincando. No momento em que seus olhos cruzaram com os meus, eles me chamaram para brincar com eles, o que fiz de bom grado. Brincamos juntos a valer, como fazíamos muitos anos atrás, até o Sol avermelhado sumir no oeste e a neblina cinzenta surgir sobre o rio. A seguir, voltamos para casa com uma estranha felicidade. Enquanto seguíamos, ouvimos o crescente trinar de uma saracura-domato na grama alta. Um de meus irmãos e eu nos distanciamos um pouco e começamos a correr na direção de onde o canto parecia vir, na esperança de chegar perto do lugar onde o pássaro estava e, pelo menos, vê-lo, se não conseguíssemos capturar a pequena criatura. A voz de meu pai nos alertou para não esmagar a grama longa e rica, que em breve seria cortada e separada para o inverno. Nem me lembrava mais do Reino das Fadas, da mulher velha e maravilhosa e tampouco da curiosa marca vermelha.

Meu irmão predileto e eu compartilhávamos a mesma cama. Algumas disputas infantis surgiram entre nós, e nossas últimas palavras, antes de dormir, não foram gentis, apesar dos prazeres vividos durante o dia. Quando acordei de manhã, não o vi ao meu lado. Ele se levantara mais cedo, indo tomar banho no rio. Mais tarde, foi trazido para casa afogado. Que infelicidade! Se apenas tivéssemos dormido como de costume, um abraçado ao outro! Em meio ao horror do momento, uma estranha convicção de que já havia passado por aquilo cruzou a minha mente.

Em disparada, saí da casa, nem eu soube por que, soluçando e chorando amargamente. Corri por entre os campos a esmo, em total desespero, até que, passando o velho celeiro, notei a marca vermelha na porta. As mais simples trivialidades prendem a atenção quando se está na mais profunda miséria; o intelecto tem pouco a fazer em momentos de aflição. Aproximei-me para examinar a marca, a qual não me lembrava de ter visto antes. Ao chegar mais perto, pensei em entrar no celeiro e me deitar entre a palha, pois me sentia exausto pela corrida e pelo choro. Abri a porta e vi, no interior da cabana, a velha mulher sentada, como a vira da última vez, entretida com sua roca de fiar.

— Não esperava vê-lo tão cedo — ela comentou, enquanto eu

fechava a porta atrás de mim. Fui até o sofá e lá me deixei cair com aquela fadiga com que se acorda após um sonho terrível de muita aflição.

A velha, então, cantou:

O grande Sol, incivilizado,
Do céu pode despencar;
Porém o amor, uma vez elevado,
Para sempre irá perdurar.

A forma, com sua formosura,
Dos olhos se apartará:
Caminhará, em brancura,
Os salões do coração.

Antes de ela parar de cantar, eu já havia recuperado a minha coragem. Levantei-me do sofá e, sem me despedir, abri a porta dos Suspiros e saltei para o que pudesse surgir.

Eu estava em um salão nobre, onde, ao lado do fogo ardente da ladeira, encontrava-se uma senhora sentada, aguardando, eu sabia, por alguém que desejava há muito tempo. Próximo a mim havia um espelho, mas notei que a minha forma não era refletida em sua profundidade, de modo que não temi ser visto. A mulher magnificamente lembrava a minha dama de mármore, mas com certeza era uma filha dos homens, de modo que não tinha certeza se era ela ou não. Não era por mim que ela esperava. O som do trote de um grande cavalo ecoou pelo pátio. O trote cessou e, então, o tinir de armadura indicou que o seu cavaleiro desmontara. Logo ouvi o ruído de alguém se aproximando do salão. A porta se abriu, mas a dama esperou, pois encontraria o seu amado a sós. Ele entrou no salão e, em seguida, ela voou como uma pomba domesticada para os seus braços, aninhando-se no duro aço. Era o cavaleiro da armadura manchada. Porém, dessa vez, a armadura cintilava como vidro polido e, apesar de o espelho não refletir a minha forma, por mais estranho que pareça, vislumbrei uma tênue sombra de mim mesmo no brilhante aço da armadura.

— Ó meu amado, tu vieste e sinto-me abençoada.

Os dedos macios da dama rapidamente soltaram o seu capacete;

uma após a outra, ela abriu as fivelas de sua armadura, e lutou com o peso da cota de malha enquanto a colocava de lado. Em seguida, removeu as grevas das pernas, bem como suas esporas, após o que, mais uma vez, lançou-se aos braços do cavaleiro, recostando a cabeça onde podia agora ouvir o pulsar do coração de seu amado. Nesse instante, ela se desvencilhou do abraço e, recuando um passo ou dois, passou a olhá-lo com admiração. Sua forma era poderosa, coroada com uma nobre cabeça, de onde toda a tristeza havia desaparecido ou tinha sido absorvida por um propósito solene. Não obstante, supus que ele parecia mais pensativo que o esperado pela dama, pois ela não renovou seus afagos, embora a face dele brilhasse de amor e as poucas palavras que expressou fossem sobre feitos poderosos. Contudo ela o conduziu à lareira e o acomodou em uma antiga cadeira, oferecendo-lhe vinho e sentando-se aos pés dele.

— Fico triste — ele disse — quando penso no jovem que encontrei duas vezes nas florestas do Reino das Fadas e que, de acordo com você, a acordou duas vezes, com suas canções, do seu sonho mortal causado por encantamento maligno. Havia algo de nobre nele, mas uma nobreza de intelecto, não de feitos. Ele ainda pode perecer de um medo vil.

— Bem — respondeu a dama —, você o salvou uma vez e sou-lhe grata por isso, pois não poderia dizer que o amei de algum modo? Mas conte-me o que lhe sucedeu quando você desferiu um golpe com seu machado de batalha sobre o freixo e o jovem o encontrou, pois grande parte da história eu já ouvi de você quando o pequeno pedinte surgiu e o levou.

— Assim que vi o freixo — regozijou-se o cavaleiro —, soube que armas terrenas não prevaleceriam contra ele e que minha alma deveria ir de encontro a ele com sua força nua. Assim, retirei meu elmo, desci do cavalo e, ainda segurando o meu fiel machado, o olhei com firmeza. Ele se aproximou, um horror, de fato, mas não recuei. A resistência deve conquistar o que a força não consegue alcançar. Então, o freixo chegou cada vez mais perto, até que sua face horrível ficou frente a frente com a minha. Fui tomado por um medo da morte, mas acho que não movi um músculo sequer, pois ele pareceu hesitar. Assim que ele recuou, desferi um golpe tão vigoroso em seu tronco, que toda a floresta reverberou. Daí o olhei de novo. Ele se contorceu e esboçou um raivoso sorriso, aparentemente de dor. Uma vez mais, ele

tentou se aproximar de mim, mas recuou mais rápido que antes. Deixei a cautela de lado e o golpeei com resolução até o tronco estalar e a cabeça curvar. Com grande estrondo, o freixo caiu ao chão. Examinei o meu feito e notei que o espectro tinha desaparecido. Não mais o vi, nem mesmo em minhas andanças o ouvi novamente.

— Belo golpe! Bela estratégia! Meu herói! — exclamou a dama.

— Mas ainda amas o jovem? — questionou o cavaleiro, um tanto perturbado.

— Ah! — ela replicou. — Como posso evitar? Por amor, ele me despertou de algo pior que a morte. Eu não estaria aqui para ti se ele não tivesse me procurado primeiro. Mas não o amo como amo a ti. Ele foi como a Lua de minha noite, porém tu és o Sol do meu dia, ó amado.

— Tu estás certa — concordou o nobre homem. — De fato, é difícil não ter nenhum amor em troca por um presente tão maravilhoso como o que ele deu a ti. Eu também devo a ele muito mais do que meras palavras podem exprimir.

Humilde diante deles, com o coração desolado e sofrido, não consegui reprimir minhas palavras:

— Permita-me, então, ainda ser a Lua da tua noite, mulher! E, quando teu dia se tornar sombrio, como acontece até mesmo com os dias mais ensolarados, deixe que a minha canção conforte a ti, como algo antigo, sem viço e quase esquecido, que pertence a um antigo e pesaroso momento, que, não obstante, foi bonito em seu tempo.

Os dois permaneceram em silêncio e quase achei que estavam me ouvindo. A cor dos olhos da mulher tornou-se cada vez mais profunda. Logo as lágrimas surgiram, inundando-os. Eles se levantaram e, de mãos dadas, passaram perto de onde eu estava, cada qual olhando para mim ao passar. Então, desapareceram por uma porta que se fechou atrás deles, porém, antes que se fechasse por completo, notei que a sala do outro lado era, na verdade, uma luxuosa câmara, recoberta com tapeçarias magníficas. Senti um mar de suspiros congelados em meu peito e não consegui mais ficar lá. Ela estava tão próxima de mim, porém não pude vê-la. Tão perto de mim, porém nos braços de alguém mais amado que eu. Eu não a veria, tampouco estaria ao seu lado. Entretanto como escapar da proximidade do mais amado? Dessa vez não me esqueci da marca, pois o fato de não poder entrar na esfera daqueles seres viventes manteve-me consciente de que

eu agia em uma visão enquanto eles agiam na vida. Procurei a marca em todo lugar, sem sucesso, pois evitava olhar para o ponto onde estava. Vislumbrei a marca vermelha brilhando na própria porta da câmara secreta por onde os dois haviam entrado. Tomado pela agonia, irrompi por aquela porta, caindo aos pés da velha, que ainda fiava, e todo o oceano de soluços dissolvidos em mim irrompeu em uma tempestade de soluços sem lágrimas. Não sei dizer se desmaiei ou adormeci, porém, ao recobrar a consciência, e antes de recuperar a capacidade de me mover, ouvi a doce voz da mulher entoando mais uma canção, de cuja letra as seguintes palavras me recordo:

Ó luz dos mortos e dos dias a expirar!
Ó amor, segue em tua glória breve,
Em uma névoa rosada e um labirinto lunar,
Sobre intransitáveis picos de neve.

Mas o que sobra para a alma cinzenta e gelada,
Que geme como uma pomba em dor?
Vinho é deixado na jarra quebrada
Apenas isto – amor, amor, amor.

Então, consegui chorar. Quando ela me viu chorando, cantou:

Melhor é sentar-se em uma nascente,
Que um mar de ondas a vencer;
Viver no amor que flui incessante,
Que no amor a se esconder.

Seja teu coração um poço de amor, meu amado,
Fluindo, livre e seguro;
Pois um poço de amor, embora imaculado,
Não mantém o espírito puro.

Levantei-me de perto da lareira, amando a dama de branco mais que nunca.

Então, dirigi-me até a porta do Desalento, abri-a e por ela saí. Para minha surpresa, me vi em uma rua apinhada de gente, com multidões de homens e mulheres indo para lá e para cá. Eu a conhecia muito

bem. Tomando uma direção, andei tristemente ao longo dela. De súbito, vi, aproximando-se de mim, ainda um pouco distante, uma figura que conhecia muito bem nos anos em que achava que minha meninice havia sido deixada para trás e pouco antes de entrar no Reino das Fadas. O Erro e a Tristeza andavam juntos, de mãos dadas, ao melhor estilo. Para todo o sempre aquele rosto me seria querido. Ela estava em meu coração como uma criança deitada em seu próprio berço branco. Contudo não podia encontrá-la.

— Tudo menos isso — exclamei e, girando o corpo, corri a uma porta, na qual imaginei ter visto o místico sinal. Lá entrei, mas não na misteriosa cabana, e sim em sua casa. Corri pela casa e parei em frente à porta de seu quarto.

— Ela não está — eu disse. — Verei o velho quarto mais uma vez.

Abri a porta gentilmente e entrei em uma igreja grande e solene. Um sino de tom grave, cujas badaladas ecoavam e se espalhavam por todo o edifício vazio, anunciava a meia-noite. O luar entrava pelas janelas da galeria superior, difundindo sua luz fantasmagórica no interior da igreja. Era suficiente para que eu pudesse ver, caminhando com passos imponentes, embora hesitantes, no corredor oposto — pois me encontrava em uma das transversais —, uma figura vestida de branco, se para a noite ou para aquela noite mais longa, não sei dizer. Seria ela? E seria esta a sua câmara? Cruzei a igreja e a segui. A figura parou, parecendo subir como em uma cama alta, e deitou-se. Alcancei o lugar onde ela estava deitada, cintilantemente branca. A cama era uma tumba. A luz era pouca para eu enxergar com clareza, porém passei a mão com gentileza sobre seu rosto, suas mãos e seus pés desnudos. Estavam frios, pois eram de mármore, mas eu os conhecia. A escuridão tornou-se mais intensa. Virei-me para voltar por onde viera, mas logo descobri que havia vagado, ao que parecia, por uma pequena capela. Apalpei meu caminho até a porta. Tudo o que eu tocava pertencia aos mortos. Minhas mãos pousaram sobre a fria effigie de um cavaleiro que jazia com as pernas cruzadas e sua espada quebrada ao lado. Ele estava em seu nobre repouso enquanto eu vivia uma luta ignóbil. Examinei a mão esquerda e um dos dedos, encontrando o anel que me era familiar. Ele era um de meus ancestrais. De fato, estava na capela sobre o cemitério de minha família. Clamei em alta voz:

— Se algum dos mortos aqui estiver, que se apiede de mim,

desafortunado que sou, pois ainda estou vivo; permita que alguma mulher morta me conforte, pois sou estrangeiro na terra dos mortos e não vejo luz.

Um cáldio beijo ardeu em meus lábios, através da escuridão. Então, eu disse:

— Foi um bom beijo. Não terei medo.

Uma grande mão surgiu das sombras e segurou a minha, por um instante, poderosa e ternamente. Disse a mim mesmo: “O véu entre nós, apesar de muito escuro, é fino”.

Tateando o caminho, tropecei na pesada pedra que cobria a entrada da catacumba e, na queda, vislumbrei na pedra a marca, cintilando em vermelho-fogo. Eu apanhara o grande anel. Todo o meu esforço não seria suficiente para mover a enorme placa, mas a porta da cabana se abriu e joguei-me, uma vez mais, pálido e atônito, sobre o velho sofá, ao lado da velha dama. Então, ela novamente cantou:

Tu sonhaste: estás sobre uma pedra,
Sobre a rebentação das ondas, nas alturas;
Sofreste uma terrível queda,
Mas não em tua sepultura;
Pois, andando sob a luz matutina,
Tu sorriste para a noite desaparecida.

Assim, tu mergulharás pálido e calado,
Na noite desfalecente e escura;
Porém, antes que o medo estivesse ao teu lado,
Despertaste – onde está a sepultura?
Despertaste – os mortos no alto sorriem,
Com braços suspensos de amor insone.

Ela fez uma pequena pausa e, então, retomou a canção:

Choramos de felicidade, pranteamos de dor;
As lágrimas são as mesmas;
Suspiramos de anseio, e também de amor;
Os suspiros têm o mesmo nome.

E, misturados na luta agonizante,

Há os lamentos que não são tristes;
As pontadas da morte são a vida pulsante,
E seus suspiros são, por vezes, alegres.

A face é muito estranha e branca:
Da terra o único lugar
Onde a luz bruxuleia mansa
Sem os viventes incomodar.

Caí em profundo sono, embora sem sonhos, por quanto tempo não sei. Quando despertei, descobri que minha anfitriã se deslocara de onde estava sentada e se encontrava postada entre a quarta porta e eu. Presumi que seu intento era evitar que eu saísse por ela. Saltei do sofá e corri em direção à porta, deixando a mulher para trás. Abri-a sem pensar e entrei. Só me lembro do grito de angústia da mulher:

— Não entre por essa porta, meu filho! Não vá para lá!

Tarde demais.

Nada mais sabia ou, caso o soubesse, tudo havia se apagado de minha memória quando recobrei consciência, deitado no chão da cabana, com a cabeça apoiada no colo da mulher. Ela chorava, afagando minha cabeça com as mãos e falando comigo comoalaria uma mãe à cabeceira do filho enfermo, adormecido ou mesmo morto. Assim que meus olhos encontraram os dela, um largo sorriso se abriu em seu rosto enrugado, com olhos juvenis, até que todo o seu semblante se iluminou. Ela lavou minha cabeça, meu rosto e minhas mãos com um líquido incolor e gélido, cujo aroma lembrava um pouco o de terra úmida. De imediato, senti-me capaz de me sentar. Depois, ela levantou e colocou um alimento diante de mim. Ao terminar a refeição, disse:

— Preste atenção, minha criança. Você deve me deixar sem demora!

— Deixá-la! — respondi. — Sou feliz ao seu lado como nunca fui antes, em toda a minha vida.

— Porém deve ir — ela repetiu, tristemente. — Preste atenção! O que você ouve?

— Ouço um som como de uma grande corrente de água.

— Ah! Ouve mesmo? Bem, tive que atravessar aquela porta – a porta da Eternidade (e estremeceu ao apontar para a quarta porta) –

para encontrá-lo, pois, se não tivesse ido, você jamais voltaria. E, porque fui, as águas ao redor de minha cabana subirão e subirão, fluirão e virão até formarem um grande firmamento de águas sobre a minha casa. Mas, enquanto mantiver o fogo aceso, elas não entrarão. Tenho madeira suficiente para alguns anos e, após um ano, elas baixarão de novo, retomando o nível que tinham quando você veio. Faz cem anos que não sou enterrada.

Em seguida, ela sorriu e chorou.

— Miserável e infeliz sou! — exclamei. — Eu trouxe este mal à melhor e mais gentil das amigas, que encheu meu coração de grandes presentes.

— Não diga isso — ela replicou. — Posso resistir muito bem. Algum dia você voltará para mim, eu sei. Porém eu lhe imploro, pelo meu bem, minha querida criança, que faça apenas uma coisa. Seja qual for a tristeza que experimentar, por mais inconsolável e irremediável que possa parecer, acredite que a velha mulher na cabana, com os olhos jovens — ela sorriu —, sabe de algo, embora nem sempre possa lhe contar, que irá satisfazê-lo bem, mesmo nos piores momentos de sua angústia. Agora, você deve ir.

— Mas como posso ir se as águas estão rodeando a cabana, ou mesmo se todas as portas conduzem a outras regiões e mundos?

— Isto aqui não é uma ilha — ela respondeu —, mas a área está ligada ao continente por um estreito istmo. Quanto à porta, eu mesma o conduzirei até a certa.

Ela tomou a minha mão e me guiou até a terceira porta. Ao atravessá-la, vi-me pisando na mesma relva espessa onde havia aportado com o pequeno barco, mas na direção contrária à da cabana. Ela indicou o rumo que eu deveria tomar para encontrar o istmo e escapar das águas crescentes.

Então, colocando os braços em volta do meu corpo, ela me puxou para junto de si. Quando a beijei, senti como se estivesse deixando a minha mãe pela primeira vez, e não pude evitar que lágrimas amargas inundassem o meu rosto. Por fim, ela gentilmente me afastou, com as seguintes palavras:

— Vá, meu filho, e faça algo que valha a pena ser feito.

Em seguida, virou-se e entrou na cabana, fechando a porta atrás de si.

Ao prosseguir para o istmo, senti-me totalmente desolado.



CAPÍTULO

20

*“Tu não tinhas fama de que algo
bom vieste a fazer
Era o teu desejo que fazia o teu sangue correr
Naquele tempo pelo melhor, pois
como uma rajada
Que invade uma casa, deixando-a toda revirada
E tudo fora de lugar, ainda por
acaso pode chegar
E uma coisa possa para seu próprio
quarto soprar,
De modo que teu apetite, não teu fervor,
Por acaso, mova a ti para fazeres
algo por amor.”*
— *Faithful Shepherdess* [Pastora fiel],
de John Fletcher

*“O coração nobre que virtuosos
pensamentos vem abrigar
E é como criança de gloriosos intentos
Jamais descansa enquanto não gerar
A eternal ninhada de glória excelente.”*
— *The Faerie Queene* [A Rainha das
Fadas], de Edmund Spenser



Não precisei caminhar muito para sentir que a relva onde pisava já estava encharcada com as águas que subiam. Contudo alcancei o istmo em segurança. Ele era rochoso e muito mais elevado que a península, de modo que dispus de tempo para atravessá-lo. Vi que, em ambos os

lados da estreita porção de terra firme, as águas subiam rapidamente, embora sem vento ou ondas violentas, como se um fogo brando estivesse aceso embaixo delas. Ao subir uma parte íngreme do istmo, deparei, por fim, com um campo rochoso, amplo e aberto. Após caminhar por muitas horas, tentando ao máximo manter-me em linha reta, cheguei a uma torre isolada, construída no topo de um pequeno monte, que dava vista a toda a vizinhança. Ao me aproximar da construção, ouvi o tilintar de uma bigorna, e tão rápidos e vigorosos eram os golpes, que procurei evitar ser notado até perceber uma pausa no trabalho, o que ocorreu após alguns minutos. Então, bati à porta com força e, quase no instante seguinte, ela foi parcialmente aberta por um jovem nobre, de tronco despido, brilhando de suor e sujo pela atividade na forja. Em uma das mãos segurava uma espada, cuja lâmina ainda brilhava avermelhada pela ação do fogo. Ele abriu a porta por completo tão logo me viu e, colocando-se de lado, cordialmente convidou-me a entrar. Em seguida, fechou e trancou a porta com cuidado, após a minha entrada, conduzindo-me para dentro. Fui levado a um salão rústico que parecia ocupar quase toda a área térrea da pequena torre. Notei que agora o local estava servindo de oficina. Um fogo intenso crepitava na lareira, perto da qual havia uma bigorna. Ao lado dela, vi um segundo jovem com um martelo na mão, vestido de modo similar ao primeiro e tão alto quanto ele, embora mais frágil. Ao contrário do curso normal da percepção em tais encontros, a princípio achei-os muito diferentes, mas, no segundo olhar, tive a certeza de que eram irmãos. O primeiro e aparentemente mais velho era musculoso e de pele morena, com cabelos encaracolados e grandes olhos amendoados que, por vezes, tornavam-se magnificamente ternos. O segundo jovem era esbelto e formoso de aparência, embora seu semblante lembrasse uma águia, exibindo olhos que, apesar do azul pálido, brilhavam com uma expressão quase feroz. Ele manteve a postura ereta, como se estivesse olhando do alto de uma colina um vasto campo estendido aos seus pés. Ao entrarmos no salão, o primeiro virou-se para mim, e notei que o rosto de ambos expressava um brilho de satisfação. Para minha surpresa e grande prazer, ele se apresentou assim:

— Irmão, sente-se ao lado do fogo e descanse até finalizarmos esta parte do nosso trabalho, está bem?

Sentei-me próximo ao fogo e permaneci calado, determinado a

aguardar alguma revelação que, porventura, estivessem inclinados a fazer.

O mais velho, então, deitou a espada no fogo, cobrindo-a bem com as brasas. Quando a arma havia recebido calor suficiente, ele a retirou com cuidado, colocando-a sobre a bigorna, enquanto o mais jovem, com uma sucessão de golpes rápidos e certos, parecia estar soldando ou moldando a espada de modo a adequar-se ao resto. Concluída essa etapa do processo, levaram a espada de novo ao fogo e, quando a lâmina atingiu uma temperatura muito elevada, mergulharam-na em um tanque cheio de algum líquido, de onde subia uma chama azul à medida que o metal era mergulhado. Lá eles a deixaram e, trazendo dois pequenos bancos para junto do fogo, sentaram-se próximos a mim.

— Estamos muito felizes em vê-lo, irmão. Há alguns dias esperávamos sua chegada — afirmou o jovem de cabelos escuros.

— Eu me orgulho de ser chamado de seu “irmão” — respondi —, e não pense que estou recusando esse tratamento, mas por que me honra com esse título?

— Ah! Então ele não sabe de nada — interrompeu o mais novo. — Pensávamos que conhecesse a ligação entre nós e o trabalho que temos de realizar em conjunto. Conte para ele, meu irmão, desde o começo.

Assim, o mais velho passou a relatar:

— Nosso pai é o rei deste território. Antes de nascermos, três gigantes irmãos apareceram por estas bandas. Ninguém sabe exatamente quando, tampouco de onde vieram. Eles se apossaram de um castelo em ruínas há muito tempo desocupado, cujos habitantes anteriores nem eram mais lembrados pela população. As catacumbas do castelo tinham permanecido intocadas pelo tempo e, delas, presumo, os gigantes fizeram uso no início. Raramente eram vistos e jamais ofereceram o menor risco a qualquer pessoa, de modo que eram considerados nas redondezas seres totalmente inofensivos, se não benevolentes. Porém passaram a notar que o antigo castelo havia assumido um aspecto de algum modo diferente do que costumava ter e ninguém sabia como ou quando ocorrera a mudança. Não apenas várias fissuras existentes na parte inferior das muralhas foram tapadas, como também, de fato, alguns dos parapeitos ainda existentes foram reparados, aparentemente para prevenir uma decadência ainda maior,

enquanto as mais importantes partes do edifício iam sendo restauradas. Claro que todos imaginaram que os gigantes tinham feito aquilo, mas ninguém os via empenhados nessa tarefa. Os camponeses ficaram ainda mais apreensivos após um deles reportar o que havia visto quando, escondido nas proximidades do castelo, os observou durante toda uma noite. Ele relatou ter presenciado, em plena Lua cheia, os três enormes gigantes trabalhando com força e afinco, durante toda a noite, na restauração da posição original de algumas pedras enormes que antes formavam os degraus de uma grande escada, cuja maior parte já havia desmoronado há muito tempo com parte da muralha da torre na qual havia sido construída. Tal muralha estava sendo reconstruída pelos gigantes, pedra por pedra, assim como a escada. Contudo os camponeses chegaram à conclusão de que não tinham motivos para justificar uma interferência, embora a verdadeira razão para deixarem os gigantes em paz era o fato de nenhum deles ter a coragem necessária para interrompê-los.

“Finalmente, com o auxílio de uma pedreira nas imediações, toda a muralha externa do castelo foi restaurada. E o povo da região tornou-se mais temeroso que antes. Contudo, por muitos anos os gigantes permaneceram pacíficos. Mais tarde, essa atitude foi supostamente relacionada ao fato de eles manterem um relacionamento cordial com as inúmeras e boas pessoas daquele país. Assim, enquanto elas vivessem, os gigantes manteriam a paz. Entretanto, estando todas elas mortas, a verdadeira natureza desses seres veio à tona. Ao concluírem o lado externo do castelo, eles começaram a pilhar as casas rurais próximas, a fim de construir uma generosa provisão para seu conforto interior. As ocorrências foram tantas, que as notícias sobre os roubos chegaram aos ouvidos de meu pai. Infelizmente, porém, os recursos de meu pai eram escassos devido a uma guerra que estava travando com um príncipe vizinho, de modo que ele pôde apenas designar alguns poucos homens para tentar capturar a fortaleza deles. Mas, durante a noite, os gigantes os atacaram e mataram. Então, cheios de ousadia pelo sucesso e pela impunidade, eles não mais se restringiam aos assaltos às propriedades. Os gigantes começaram a prender familiares de seus distintos vizinhos, cavaleiros e damas, mantendo-os em cárcere privado, cuja miséria era intensificada por todo tipo de indignidade, até serem resgatados por seus amigos, mediante o pagamento de somas exorbitantes. Muitos cavaleiros tentaram derrotá-

los, mas acabaram encontrando a própria derrota, sendo mortos, capturados ou forçados a fugir. Para coroar suas monstruosidades, se qualquer homem tentasse destruí-los, os gigantes, após a captura do opositor, submetiam um ou mais de seus cativos a uma vergonhosa morte em uma pequena torre, à vista de todos, de modo a diminuir a ousadia dos que os queriam mortos. Quanto a nós, embora por anos consumidos pelo desejo de atacar tais demônios e aniquilá-los, não ousamos arriscar uma investida pelo bem dos prisioneiros antes que tivéssemos alcançado, pelo menos, nossa maioridade. No momento, estamos nos preparando, e as bases dessa preparação são estas. Possuindo somente a determinação, mas não a experiência necessária para a empreitada, nós consultamos uma solitária e sábia mulher que vive não muito distante daqui, na direção de onde você veio. Ela nos recebeu gentilmente e nos deu o que consideramos o melhor dos conselhos. Primeiro, ela nos questionou sobre que tipo de experiência em armas nós tínhamos. Respondemos que fomos bem treinados desde a nossa meninice e, por alguns anos, nos mantínhamos em constante prática, com vistas a esse objetivo.

“— Mas vocês nunca realmente lutaram por suas vidas? — ela insistiu.

“— Somos obrigados a confessar que não — respondemos.

“— Em alguns aspectos é melhor que seja assim — ela comentou. — Agora, ouçam-me com atenção. Vão e, primeiro, trabalhem com um armeiro pelo tempo que for necessário a fim de obterem o conhecimento da sua arte na fabricação de armas. Creio que isso não lhes tomará muito tempo, visto que estarão empenhados nesse trabalho com um coração sincero. Então, sigam para uma torre isolada, apenas vocês dois. Não recebam nenhuma visita, seja de homem ou mulher. Lá, fabriquem para si cada peça da armadura que desejam vestir ou usar em sua futura batalha. E mantenham seus exercícios. Como, entretanto, só dois de vocês não são páreo para os três gigantes, eu encontrarei, se puder, um terceiro irmão que completará o trio para a luta, bem como a preparação. Na realidade, já tenho em vista um jovem que, penso eu, exercerá esse papel muito bem, mas ainda levará algum tempo para que ele me procure. No momento, ele está vagando sem qualquer objetivo. Eu o mostrarei em um vidro e, quando ele os procurar, vocês o reconhecerão de imediato. Caso ele concorde em participar de suas aventuras, vocês

devem ensinar a ele tudo o que sabem. Esse jovem os recompensará em canções e em futuras ações.

“Então ela abriu a porta de um curioso e antigo quartinho que havia no aposento. Atrás da porta, havia um espelho oval e convexo. Olhando em sua superfície, por algum tempo, finalmente vislumbramos o lugar onde estávamos e a velha senhora sentada em sua cadeira. Nossas formas não eram refletidas. Contudo aos pés da senhora havia um jovem deitado, chorando convulsivamente.

“— Certamente, este jovem não será útil aos nossos propósitos — afirmei, devido ao choro.

“A velha sorriu.

“— As lágrimas passadas constituem a força do presente — afirmou.

“— Uma vez — disse meu irmão — eu o vi chorar por uma águia que havia abatido.

“— Isso porque ela me lembrava você, meu irmão — respondi —, mas, na verdade, este jovem deve ter motivo melhor para suas lágrimas que as minhas, e posso estar enganado.

“— Tenham paciência — aconselhou a mulher. — Se eu estiver correta, ele pranteará até que suas lágrimas sequem para todo o sempre. As lágrimas constituem a única cura para os desgostos. E talvez vocês precisem dessa cura antes de lutarem contra os gigantes. Vocês devem aguardá-lo em sua torre, até que ele os procure.

“Bem, se você se juntar a nós, logo o ensinaremos a forjar a sua própria armadura, para que trabalhemos e lutemos juntos, amando um ao outro como nunca um trio se amou antes. E você cantará para nós, não?”

— Sem dúvida cantarei, quando puder — respondi —, mas isso ocorre apenas quando o poder da canção irrompe de meu íntimo. Devo esperar por ela, mas tenho a certeza de que, se trabalhar bem, a canção não demorará a suavizar o nosso trabalho.

Um pacto havia sido feito. Os irmãos nada mais exigiram e não pensei em lhes dar nada mais. Levantei-me e removi meus trajes superiores.

— Sei manejar uma espada — disse. — No momento, sinto-me envergonhado por minhas mãos estarem macias e limpas diante das suas, nobremente sujas e ásperas. Mas a vergonha não demorará a passar.

— Não, não! Hoje não trabalharemos mais. O repouso é tão necessário quanto o trabalho. Traga o vinho, irmão. Hoje é a sua vez de servir.

Sem demora, o irmão mais jovem cobriu a mesa com uma refeição simples, mas regada a bom vinho. Comemos e bebemos com prazer, deixando de lado o trabalho. Antes de concluir a refeição, já tinha conhecido a história deles. Cada qual tinha algo no coração que lhe dava a convicção de que morreria vitoriosamente no combate vindouro, uma verdadeira tristeza para cada um. Por outro lado, ambos achavam já ter vivido o suficiente. Os motivos de tal perturbação foram, respectivamente, estes.

Enquanto trabalhavam com um armeiro, em uma cidade famosa pela habilidade na lida com aço e prata, o mais velho caiu de amores por uma dama de classe muito mais elevada que a dele, por ele ser, naquele momento, um aprendiz de armeiro. Tampouco ele procurou tirar vantagem revelando sua verdadeira posição, pois havia nele tamanha coragem, que ninguém jamais pensava em classe social quando em sua companhia. Isso foi o que seu irmão disse. A dama não conseguiu evitar retribuir o seu amor. Quando a deixou, ele contou a ela que tinha uma perigosa aventura pela frente e que, quando a concluísse, ou ela o veria retornar para reclamá-la, ou receberia notícias de sua honrosa morte. A aflição do irmão mais jovem aflorou ao pensar que, se ambos fossem mortos na batalha, seu velho pai, o rei, não mais teria herdeiros. O amor que sentia pelo pai era tão exacerbado que, aos mais insensíveis, poderia parecer extravagante. Ambos amavam o pai da mesma maneira, porém o amor do mais jovem desenvolvera-se mais, porque seus pensamentos e ansiedades não tinham sido ocupados por outras coisas. Quando em casa, o jovem era companhia constante do pai e, nos últimos tempos, dedicara-se a cuidar das enfermidades próprias da idade avançada do rei. O filho mais jovem jamais se cansava de ouvir os relatos sobre as aventuras vividas por seu pai na juventude e ainda não tinha perdido a convicção de que seu pai era o maior homem do mundo. O maior triunfo possível, em sua concepção, seria retornar ao seu reino, carregado com os espólios de um dos odiados gigantes. Entretanto ambos sentiam algum temor de que o pensamento da solidão do pai pudesse surgir em suas mentes no momento em que a concentração e a determinação fossem mais necessárias, perturbando, de algum

modo, o controle exigido para o sucesso da empreitada. Como afirmei antes, ambos ainda eram inexperientes em batalhas reais. “Agora”, pensei comigo mesmo, “vejo para o que podem servir os poderes de meu dom.” De minha própria parte, não temia mais a morte, pois nada possuía que justificasse a minha vida. Contudo temia aquele confronto em função da responsabilidade a ele relacionada, mas decidi trabalhar com afinco e, assim, tornar-me calmo, ligeiro e vigoroso.

O tempo passou entre trabalho e canções, conversas e caminhadas, lutas amistosas e auxílio fraternal. Não pensava em fabricar uma armadura tão pesada quanto a deles, pois não era tão forte como os dois irmãos. Assim, para assegurar o sucesso do ataque, eu era mais dependente de agilidade de ação, em especial do olhar e da firme resposta das mãos. Por isso, comecei a confeccionar para mim uma couraça de placas de aço e anéis eficaz, porém trabalhosa, e que vestia melhor em mim que uma peça mais pesada. Recebi muita assistência por parte dos irmãos, mesmo depois de ser capaz de fazer progresso sozinho. A qualquer instante, abandonavam o trabalho que estavam executando, para me ajudar. Como a velha mulher havia prometido, procurava recompensá-los com minhas canções, sendo que derramaram lágrimas abundantes ao ouvir minhas baladas e cantos. As músicas que mais apreciavam eram duas feitas especialmente para eles. Não eram tão boas quanto as muitas outras que conhecia, em especial algumas que aprendera com a sábia mulher da cabana, mas gostamos mais daquelas que se aproximam de nossas necessidades.

I

O rei, em seu trono sentado,
Cintilava em vermelho e dourado;
A coroa em sua mão direita brilhava,
O cabelo grisalho sua cabeça coroava

Seu único filho entrou,
E em paredes de aço ele se postou:
“Torna-me, ó pai, forte para triunfar,
Com mãos santas vem me abençoar.”

Ajoelhou-se diante de seu progenitor,

Que o abençoou sorrindo debilmente;
Seus olhos brilharam com um augusto fulgor,
Mas seus velhos lábios tremeram levemente.

“Vai, filho meu, para a contenda,
Traz a cabeça do gigante;
E a coroa que minha cabeça ostenta
Brilhará na tua, incessante.”

“Meu pai, não é coroa que almejo,
Mas elogios de ti não recebidos;
Pois, pelo bem do povo e de teu trono,
Morrerei para torná-los libertos.”

O rei sentou-se e lá esperou,
E, noite e dia, não mais se levantou;
Até som de gritos encherem o ar,
A prantear com dolorido pesar.

Então, como rei sentou-se de novo,
A coroa, sobre a cabeça, brilhante;
E para o trono conduziu o povo
A cabeça de um poderoso gigante.

Para o trono conduziram sem demora
Um jovem pálido e sem vida.
O rei ergueu-se como um profeta de outrora,
Em uma alegria mortal e elevada.

Ele pôs a coroa sobre a trêmula fronte:
“Tu deverias reinar comigo;
Mas a morte reina sobre nós e, de agora em diante,
Irei para obedecer contigo.

Decerto, algum bem em mim há interno,
Para um nobre produzir.”
O velho homem sorriu como um dia de inverno,
E ao lado do filho veio a cair.

II

“Ó senhora, teu amante morto está”, foi reportado;
“Morto está, mas o inimigo derrotou sem temor;
Deixando o seu nome para ser exaltado,
Em uma canção de assombro e dor.”

“Ai de mim! Recebi a recompensa”, exclamou
“Com uma dor que fere indizível;
Pois tive medo de sua ternura para comigo,
Receando ser ele apenas um garoto sensível.

Agora, devo manter elevada minha fronte,
Soberana entre os de minha raça;
Se um som ouvir, é apenas lamento
Por uma glória para trás deixada.”

Nas primeiras três vezes que cantei essa balada, ambos choraram copiosamente, porém, nas vezes posteriores, não mais prantearam. Seus olhos brilhavam e suas faces empalideciam, mas eles jamais choraram em qualquer uma de minhas canções novamente.



CAPÍTULO

21

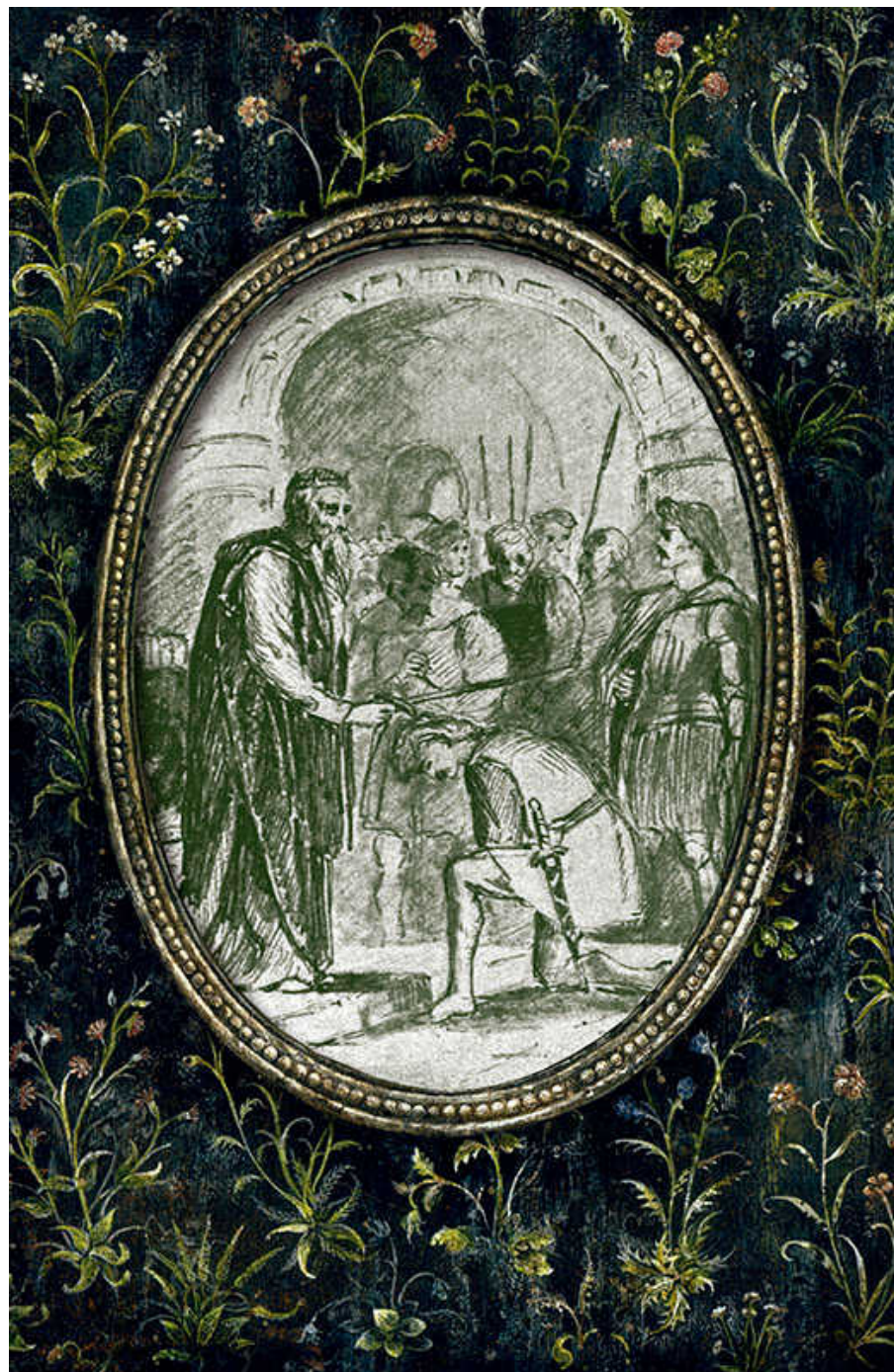
“... arrisquei a vida e fui lutar.”

— Juízes 12:3



Por fim, após muito trabalho e igual prazer, nossas armaduras ficaram prontas. Vestimo-nos com elas e testamos sua força e resistência com inúmeros golpes vigorosos e ao mesmo tempo ternos. Comparado aos meus irmãos de luta, eu era inferior em força, mas, para compensar, um pouco mais ágil que ambos. Sobre tal agilidade associada à precisão em atingir com a ponta de minha arma, depus minhas esperanças de lograr êxito no combate próximo. Igualmente, esforcei-me em desenvolver a sagacidade de meu olhar, já por natureza sagaz, e, com base nas observações de meus companheiros, aprendi sem demora que minhas aventuras não haviam sido em vão.

Era chegada a manhã na qual havíamos escolhido fazer a nossa tentativa de vencer ou morrer, talvez ambos. Decidimos lutar de pé, por sabermos que o fracasso de muitos dos cavaleiros que tentaram aniquilar os malfeitores se deveu ao medo que dominou seus cavalos diante da aparência dos gigantes. Acreditávamos também, com Sir Gawain, que, embora os cavalos pudessem falhar conosco, a terra jamais nos trairia. Contudo a maioria de nossas preparações foi, pelo menos em seu objetivo imediato, frustrada.



Despertamos, naquela fatídica manhã, com o alvorecer. Havíamos descansado de todo o trabalho do dia anterior e, agora, sentíamos-nos plenamente restaurados. Tomamos banho na água fria da primavera e nos vestimos com roupas limpas, como uma preparação para uma grande solenidade festiva. Ao nos sentarmos para o desjejum, apanhei uma velha lira que havia encontrado na torre e reparado, entoando pela última vez as duas baladas sobre as quais já discorri antes. Após cantá-las, terminei com esta canção:

Ó, bom para aquele que seu sonho rompe
Com o golpe que encerra a luta;
E, ao acordar, conhece a paz que segue
Uma vida de dor e labuta!

Estamos mortos, meus irmãos! Nossos corpos prendem
Nossas almas, como uma armadura;
Esta é a mão que o machado de batalha segura,
E este é o meu martelo valente.

Não temam, meus irmãos, porque estamos mortos;
Nenhum ruído pode nosso descanso perturbar;
A calma do túmulo está acima de nossos corpos,
E o coração não está mais no peito a arfar.

Aos nossos, nossa vida de volta jogamos,
Para que vivam mais uma história;
Para que nada falte, os deixamos
Na terra onde apenas vivemos na memória.

Ó, bom para ele que seu sonho rompe
Com o golpe que encerra a luta;
E, ao acordar, conhece a paz que segue
Uma vida de dor e labuta!

À medida que os últimos poucos tons do instrumento seguiam, como um hino fúnebre, a morte da canção, nós todos nos pusemos de pé. Pois, através de uma das pequenas janelas da torre, para a qual eu olhara enquanto cantava, eu vi três enormes cabeças subitamente

surgirem sobre a beira da encosta em que nossa torre se encontrava. De imediato, os irmãos entenderam, pelo meu olhar, o que causara o meu movimento súbito. Estávamos totalmente desarmados, e não havia mais tempo para nos armarmos. Entretanto ocorreu de tomarmos a mesma decisão ao mesmo tempo, pois cada qual apanhou sua arma favorita e, deixando a armadura para trás, corremos até a porta. De minha parte, apanhei um florete longo e muito afiado para usar com a mão direita. Para a outra, escolhi um sabre. O mais velho segurava o seu pesado machado; o mais novo, uma pesada espada, apropriada para usar com as duas mãos, que ele, contudo, segurava apenas com uma, como se fosse uma pena. Tivemos tempo apenas de abandonar a torre, nos abraçarmos e nos despedirmos. Mantivemos certa distância para não atrapalharmos os movimentos um do outro antes que a irmandade tripla de gigantes se aproximasse o suficiente para nos atacar. Eles tinham quase o dobro de nossa altura e estavam armados até os dentes. Seus olhos monstruosos brilhavam através das viseiras de seus capacetes com enorme ferocidade. Eu estava na posição central, e o meu oponente se aproximou. Meus olhos estavam concentrados em sua armadura enquanto eu ponderava sobre o melhor modo de ataque. Notei que o traje fora feito de forma grosseira e rude e que as peças na parte inferior estavam mais folgadas que o necessário. Assim, esperava que, em um momento afortunado, alguma parte visível e acessível de uma junta pudesse se abrir um pouco.

Aguardei até ele se aproximar o suficiente para desferir contra mim um golpe com sua clava, que é, há eras, a arma favorita dos gigantes. No momento certo, saltei para o lado e o golpe acertou o lugar vazio que eu ocupara antes. Eu esperava que os golpes em falso pudessem forçar as juntas da armadura ainda mais. Cego de fúria, ele investiu contra mim de novo, mas eu o mantive ocupado, desviando-me sucessivamente de seus golpes, na expectativa de cansá-lo. O gigante parecia não temer nenhuma investida minha, o que não fiz, mas, enquanto fugia de seus golpes e observava seus movimentos, ao mesmo tempo procurava, entre as juntas de sua armadura, uma que permitisse acertá-lo mortalmente. Por fim, vencido pelo cansaço, o gigante parou por um instante e ergueu-se de leve. Em seguida, curvei-me para frente, desferindo um golpe com meu florete em suas costas, através da armadura. De imediato, soltei o punho e, passando sob seu braço esquerdo, virei-me enquanto ele caía, saltando sobre ele

com meu sabre. Com um golpe certo, parti seu capacete, que caiu, o que me permitiu cegá-lo com um segundo corte na altura dos olhos. Depois, transpassei a sua cabeça e me levantei ileso para ver o que sucedera aos meus irmãos de luta. Os dois gigantes estavam estirados no chão, tal como os dois irmãos. Corri em direção ao primeiro par e, depois, ao segundo. Todos os combatentes estavam mortos, mas entrelaçados, como na batalha. O mais velho havia enterrado o seu machado no corpo de seu adversário, caindo sob o gigante, que o estrangulou enquanto agonizava. O mais jovem havia quase decepado a perna esquerda de seu oponente, lutando corpo a corpo, em seguida. Enquanto rolavam pelo chão, ele vislumbrou uma abertura entre a proteção do pescoço e a armadura do gigante, apunhalando-o mortalmente na garganta com sua adaga. O sangue do gigante escorria sobre a mão de seu oponente, que ainda segurava o punho de sua arma, enterrada no ferimento. Ambos jaziam em silêncio. Eu, o menos digno, era o único sobrevivente.

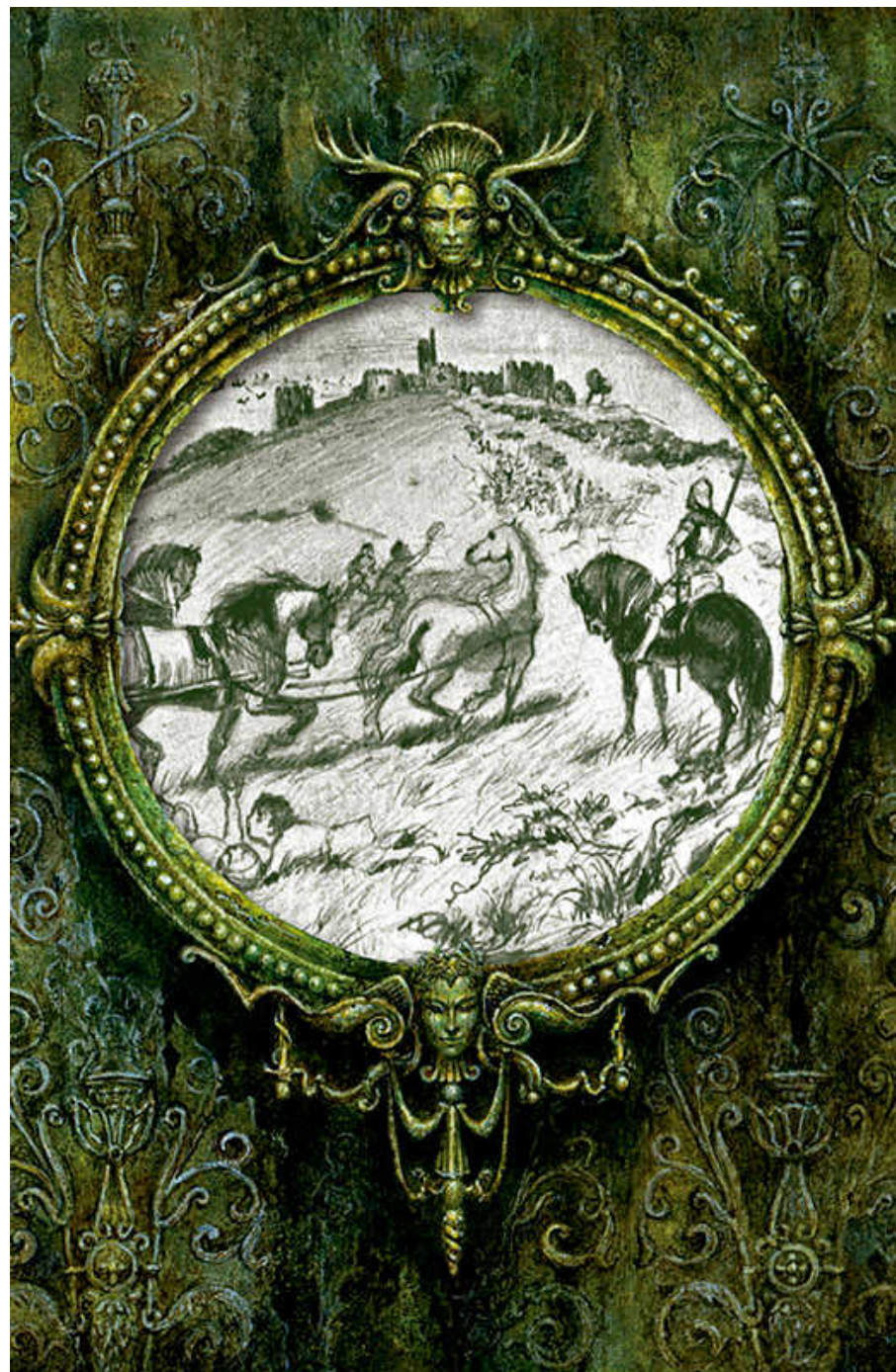
Enquanto permanecia deitado entre os mortos, exausto, após o primeiro feito digno de valor em toda a minha vida, de súbito olhei atrás de mim e vi a Sombra, escura sob o Sol. Retornei sozinho à torre, deixando lá as inúteis armaduras dos nobres rapazes, inertes como eles mesmos. Que cena triste! Havia sido uma morte gloriosa, mas ainda era a morte. Minhas canções não poderiam confortá-los mais. Sentia-me quase envergonhado por estar vivo enquanto eles, os de coração puro, jaziam mortos. Não obstante, respirava mais livre ao pensar que havia passado pela prova e não tinha falhado. Talvez eu seja perdoado, se alguns sentimentos de orgulho surgirem em meu íntimo, quando olhar para a poderosa figura que foi morta pela minha mão.

“Porém, no final”, disse a mim mesmo, com o coração dolorido, “o que prevaleceu foi apenas a habilidade. O gigante era um desajeitado.”

Deixei os corpos de amigos e inimigos, sentindo paz em meu íntimo pela luta mortal haver terminado, e, rumando em direção à cidade, incitei os camponeses. Eles vieram alegres e exultantes, trazendo carroças para transportar os corpos. Decidi levar os príncipes de volta ao rei, cada qual como estava, nos braços de seu oponente. Antes, contudo, examinei os gigantes à procura das chaves do castelo, para onde me dirigi acompanhado por uma multidão de pessoas. Era

quase uma fortaleza. Libertei os prisioneiros, cavaleiros e damas, todos em uma condição deplorável graças às crueldades e aos maus-tratos dos gigantes. Senti-me desconfortável ao ver a multidão cercando-me em gratidão, quando, de fato, os valorosos irmãos, mortos em defesa de sua única torre, eram os verdadeiros merecedores do agradecimento. Nada mais fiz do que ajudar a expressar o pensamento nascido em seus cérebros em uma forma visível diante daqueles que não mais veria. Não obstante, considerava-me um afortunado por ter sido escolhido pelos irmãos para a grande façanha.





Após algumas horas dedicadas a cuidar dos prisioneiros e alimentá-los, iniciamos nossa jornada rumo à capital. Avançamos pouco, a princípio, porém, à medida que a força, bem como o espírito dos prisioneiros retornavam, a peregrinação tornou-se mais acelerada e, após três dias, chegamos ao palácio do rei. Ao atravessarmos os portões da cidade, com as enormes pilhagens, cada qual em uma carroça puxada a cavalos, sendo que dois deles traziam os corpos dos príncipes, a multidão bradou em uníssono e, depois, pranteou, seguindo a solene procissão.

Não tentarei descrever o comportamento do grande e velho rei. A alegria e o orgulho por seus filhos sobrepujaram a tristeza pela perda. Sobre mim ele depositou toda a ternura que um coração pode transferir ou a mão executar. Ele costumava se sentar em seu trono e me questionar, noite após noite, sobre tudo o que, de alguma forma, era relacionado aos filhos e aos preparativos. Nosso modo de vida e a relação de um com o outro, durante o tempo que passamos juntos, constituía um tema recorrente. Ele queria saber até os mínimos detalhes da construção da armadura, mesmo o processo de rebitar algumas das placas, com inesgotável interesse. Pretendia implorar ao rei a concessão da armadura, como um dos únicos memoriais da batalha, mas, ao ver o prazer com que ele a contemplava e a consolação que isso parecia lhe trazer em meio ao seu pesar, senti-me desprovido da coragem necessária para pedi-la. Pelo contrário, ao seu pedido, fui eu que deixei as minhas armas para estarem com eles como troféus, expostos em uma grande área do palácio. O rei, em magnífica cerimônia, nomeou-me cavaleiro com sua própria mão, na qual tremia a espada de sua juventude.

Naturalmente, a minha companhia foi muito requisitada pelos nobres durante o curto período de tempo que lá permaneci. Com frequência estava envolvido em algum evento festivo, embora o luto ainda estivesse presente na corte. Não obstante, o país estava tão feliz com a morte dos gigantes, e a nobreza tão exultante com o retorno dos prisioneiros, que todo esse contentamento suplantava o pesar.

— De fato, vocês entregaram suas vidas pelo seu povo, meus grandes irmãos! — afirmou.

Entretanto sentia-me cada vez mais atemorizado pela velha sombra, que não tinha visto uma única vez durante todo o tempo que passara trabalhando na torre. Mesmo na companhia das damas da

corte, cuja única missão parecia ser tornar a minha estada a mais prazerosa possível, não conseguia evitar a consciência de sua presença, embora ela não se mostrasse inconveniente. Por fim, já um pouco aborrecido desse prazer ininterrupto e não me sentindo fortalecido, seja de corpo ou mente, coloquei uma esplêndida armadura de aço com detalhes em prata que o rei havia me dado e, montando o cavalo também cedido, deixei o palácio. Tinha por objetivo visitar a distante cidade onde morava a amada do príncipe mais velho. Previa ser aquela uma tarefa difícil, qual seja, a de transmitir as novas sobre seu glorioso e trágico destino. Contudo fui poupado dessa provação de uma forma tão estranha quanto as outras coisas que me aconteceram no Reino das Fadas.



CAPÍTULO

22

*“Ninguém tem a minha
forma, exceto o Eu.”*

— *Titan* [Titã], de Jean Paul

*“A alegria é um duende sutil.
Acho que o homem é mais feliz
quando se esquece de si mesmo.”*

— *The Revenger’s Tragedy*

[A tragédia do vingador],
de Cyril Tourneur



No terceiro dia de minha jornada, eu cavalgava por uma estrada aparentemente pouco utilizada, a julgar pela grama alta que se espalhava por ela. Ao longe, vislumbrei uma floresta. No Reino das Fadas, em geral, as florestas são os lugares onde alguém certamente pode encontrar aventuras. Ao me aproximar dela, um jovem desarmado, gentil e formoso, que acabara de cortar um galho de teixo nos limites da mata, provavelmente para fazer um arco, me abordou.

— Senhor cavaleiro, tenha muito cuidado ao cavalgar por esta floresta, pois tem a fama de ser tão estranhamente encantada, que mesmo os que já testemunharam seus encantamentos têm dificuldade em descrevê-los.

Agradei-lhe pelo conselho, que prometi seguir, e avancei. Porém, no instante em que entrei na floresta, pareceu-me que, se lá havia encantamento, devia ser de um tipo bom, pois a Sombra, que tinha estado mais escura e infeliz desde o início da jornada, desapareceu de repente, sem deixar sinal. Senti uma maravilhosa elevação de espírito e comecei a refletir sobre o meu passado, em especial sobre o meu

combate com os gigantes, e com tamanha satisfação tive de recordar que havia matado apenas um deles; que, se não fosse pelos irmãos, eu jamais teria a ideia de atacá-los; sem mencionar que sozinho jamais teria poder para isso. Ainda assim, exultei com esse pensamento e me incluí entre os gloriosos cavaleiros do passado, tendo até mesmo a presunção – minha vergonha e autocondenação ao recordar isso são tamanhas, que escrevo tais palavras como a única e mais dolorosa penitência que eu possa cumprir – de me imaginar (será que o mundo acreditará?) lado a lado com Sir Galahad! Esse pensamento mal havia surgido em minha mente quando, aproximando-se de mim, à esquerda, por entre as árvores, percebi um resplandecente cavaleiro, de tamanho descomunal, cuja armadura parecia ter um brilho próprio, sem precisar do Sol. Quando ele chegou mais perto, fiquei surpreso ao constatar que sua armadura era como a minha. Não só, como também pude verificar, linha por linha, a exata correspondência dos detalhes em prata de minha própria armadura. Igualmente, seu cavalo era semelhante ao meu em cor, forma e movimento, exceto que, como seu cavaleiro, o animal era maior e mais forte que a sua cópia. O cavaleiro cavalgava com a viseira levantada. Quando ele parou no estreito caminho, barrando a minha passagem, vi o reflexo de meu semblante na placa central do brilhante aço que protegia seu tórax. Acima, vislumbrei o mesmo rosto – o dele –, mas, como disse antes, maior e mais feroz. Senti-me totalmente confuso. Não obstante, não pude evitar certa admiração por ele, mas tal sentimento estava mesclado a uma tênue convicção de que era mau e de que eu deveria combatê-lo.

— Deixe-me passar — roguei.

— Quando eu quiser — ele respondeu.

Algo dentro de mim disse: “Lança em punho e cavalgue na direção dele! Caso contrário, para sempre será seu escravo”.

Bem que eu tentei, mas meu braço tremia tanto, que não pude manejar a lança. Para falar a verdade, eu, que havia vencido um gigante, tremia feito um covarde diante do cavaleiro. Ele deu uma risada de puro escárnio, que ecoou floresta adentro, virou seu cavalo e disse, sem olhar ao redor:

— Siga-me.

De imediato obedeci, envergonhado e atônito. Por quanto tempo ele me guiou e eu o segui, não sei dizer. “Jamais conheci a miséria antes”, disse a mim mesmo. “Deveria eu, pelo menos, tê-lo atingido e

talvez receber meu golpe mortal! Por que, então, não o desafiar a virar-se e defender-se? Pobre de mim! Não sei por que, mas não consigo. Um só olhar dele me assusta como a um cão açoitado.” Assim, o segui em silêncio.

Finalmente chegamos a uma torre sombria, de forma retangular, no meio de uma densa floresta. Parecia que nem mesmo uma árvore havia sido cortada para obter espaço para a torre. Diante da porta, em diagonal, havia o tronco de uma árvore tão larga, que só havia espaço para entrar um de cada vez, esgueirando-se pela abertura que restara. Um mísero buraco quadrado no teto era a única indicação visível de janela. Não havia torre de assalto ou parapeito, ou mesmo nenhuma alvenaria de qualquer tipo. Clara, lisa e maciça, a torre elevava-se de sua base e terminava seguindo uma linha reta e ininterrupta. O teto, apoiado no centro de cada uma das quatro paredes, inclinava-se levemente a partir do ponto no qual as vigas se encontravam. Rodeando a base havia inúmeras pequenas pilhas de galhos quebrados, murchos e sem casca, ou ossos esbranquiçados. Não consegui distinguir direito. Ao me aproximar, o chão soou oco debaixo dos cascos de meu cavalo. O cavaleiro tirou uma chave enorme do bolso e, alcançando a trava com dificuldade devido ao tronco na entrada, abriu a porta.

— Desmonte do cavalo! — ele ordenou, e eu obedeci. Ele virou o meu cavalo na direção oposta da torre e, com a parte achatada da sua espada, deu um vigoroso golpe no traseiro do animal, que saiu em disparada desaparecendo no interior da floresta.

— Agora — disse ele —, entre e leve a sua companhia com você.

Olhei ao redor. Cavaleiro e cavalo tinham sumido e, atrás de mim, só vi a horrível sombra. Entrei, pois não tinha o que fazer, tendo por companhia aquele ser tenebroso. Tive a terrível convicção de que o cavaleiro e a sombra eram um. A porta fechou-se atrás de mim.

Agora, sim, estava de fato em uma situação lamentável. Literalmente, nada havia na torre, exceto a sombra e eu. As paredes subiam diretamente ao teto, no qual, como havia visto do lado de fora, havia apenas uma pequena abertura quadrada. Assim, constatei ser aquela a única janela que a torre tinha. Sentei-me ao chão, miserável e impotente. Acho que adormeci e assim permaneci por horas, pois, ao acordar, de súbito, observei que a Lua brilhava pela abertura no teto. Enquanto ela seguia seu curso ascendente, sua luz

deslizava pela parede diante de mim, até que iluminou diretamente a minha cabeça. De imediato, as paredes da torre pareceram sumir como neblina. Estava sentado debaixo de uma faia, no limite da floresta, e o campo estendia-se sob o luar por quilômetros e quilômetros ao meu redor, salpicado de luzes tremulantes vindas de casas, pináculos e torres. Pensei comigo mesmo: “Que alegria! Era apenas um sonho. A horrível torre se foi e despertei debaixo de uma faia, talvez uma que me ame. Agora posso ir para onde quiser”. Levantei-me e, como imaginei, caminhei ao redor, porém não me distanciei da árvore, pois, desde o meu encontro com a mulher da faia, mais do que nunca, eu amava aquela árvore. A noite passou e aguardei o nascer do Sol para retomar a minha jornada. Contudo, tão logo a primeira luz da alvorada surgiu, em vez de brilhar acima de mim, o Sol brilhou furtivo como um tênue fantasma através do pequeno buraco quadrado sobre a minha cabeça, bem como as paredes ressurgiam à medida que a intensidade da luz aumentava. Assim, a gloriosa noite foi engolida pelo odioso dia, que foi longo e sinistro. Minha sombra jazia negra no chão. Não senti fome alguma. A noite veio. A Lua brilhou. Acompanhei sua luz sobre a parede, descendo lentamente, como se estivesse observando a aproximação de um anjo auxiliador vindo do céu. Seus raios me alcançaram e senti-me livre. Noite após noite, assim ocorreu. Preferia ter morrido. A cada noite, a convicção de que estava livre retornava. Na manhã seguinte, sentava-me miseravelmente desconsolado. Por fim, quando o curso da Lua não mais permitiu que seus raios me tocassem, a noite passou a ser tão trevosa quanto o dia. Quando adormecia, era de alguma forma consolado pelos meus sonhos, mas, durante todo o tempo que sonhava, sabia ser apenas um sonho e nada mais. Porém, certa noite, afinal, a Lua, uma mera tira pálida, irradiou alguns poucos e finos raios sobre mim e imaginei que havia adormecido e estava tendo apenas mais um sonho. Sentei-me em uma noite de outono, antes da colheita de uvas, sobre um monte de onde podia avistar o meu próprio castelo. Meu coração palpitava de alegria. Que bom era ser criança de novo, inocente, destemida, sem vergonha ou desejos! Desci o monte em direção ao castelo. Todos estavam consternados pela minha ausência. Minhas irmãs choravam a minha perda. Quando entrei, elas saltaram sobre mim, agarrando-me o pescoço, com gritos incoerentes. Meus velhos amigos vieram me abraçar. Uma luz acinzentada brilhou

no teto do salão. Era a luz do alvorecer reluzindo através da janela quadrada de minha torre. Mais do que nunca ansiei por liberdade após esse sonho; mais sombrio e miserável que nunca foi esse dia. Pelos raios de Sol capturados através da pequena janela na torre, eu avaliava como ele seguia, apenas aguardando os sonhos da noite.

Por volta do meio-dia, senti como se algo estranho a todos os meus sentidos e todas as minhas experiências tivesse, repentinamente, me invadido; não obstante, era apenas a voz de uma mulher cantando. Todo o meu corpo estremeceu de júbilo, de surpresa e com a sensação do imprevisto. Como uma alma vivente, como uma encarnação da Natureza, a canção invadiu a minha prisão. Cada tom dobrava suas asas e pousava, como um pássaro amoroso, sobre o meu coração. O som me banhou como um mar, envolvendo-me como um aromático vapor. A música adentrou minha alma como um longo gole da mais pura e cristalina água, brilhou em mim como luz do Sol essencial, me confortou como a voz e a mão de uma mãe. Contudo, como a mais límpida fonte da floresta apresenta, por vezes, o amargor das folhas decaídas, assim também para o meu coração aprisionado e cansado tal contentamento tinha uma pontada de frio, e sua ternura lembrou-me da debilidade das alegrias distantes. Chorei amarga e copiosamente, mas não por muito tempo. Enxuguei as lágrimas, envergonhado de uma fraqueza que imaginava ter abandonado. Antes disso, havia caminhado até a porta e colocado meu ouvido contra ela, a fim de ouvir qualquer sílaba da revelação do mundo externo e invisível para mim. Agora, ouvia cada palavra com distinção. A cantora parecia estar próxima da torre, pois os sons não indicavam mudança de local. A canção era mais ou menos assim:

O Sol, como um grande nó distante,
Reúne as glórias do céu,
Juntando-as em uma tenda brilhante,
Cobrindo o mundo com o firmamento
E através do pavilhão sopra o rico vento,
E as águas fluem através do pavilhão.
E os pássaros por alegria, e as árvores por oração,
Curvando suas cabeças no ensolarado ar,
E por pensamentos, as gentis nascentes,
Que vêm do centro com coisas secretas

Todos emitem uma música, forte e gentil,
Unidas pelo coração em uma doce canção
Em meio a todas elas, a mãe Terra
Senta-se com os filhos de sua geração
Ela de todos cuida, como uma galinha mãe
De seus filhos ao seu redor, doze ou dez,
Ela se senta, com as mãos no joelho,
Imóvel por amor à sua família.
Procura-a vindo da escuridão e da poeira,
Ao lado dela chora, se necessitares;
Se ela não te apertar contra o peito,
Como a uma criança cansada que chora por descanso;
Pelo menos ela te apertará contra o joelho,
E te contará um doce conto,
Até que a cor de tuas bochechas e a luz de teus olhos,
A força aos teus membros e a coragem elevada
Ao teu débil coração retornem totalmente,
E para o trabalho voltes novamente.
De um estreito deserto, ó homem de orgulho,
Vem até a casa, tão alta e ampla.

Sem saber o que fazia, tentei e consegui abrir a porta. Por que não tinha feito isso antes? Não sei dizer.

A princípio, não vi ninguém, mas, quando me esgueirei para vencer o tronco que bloqueava em parte a entrada, vi sentada no chão, curvada contra a árvore e de costas para a minha prisão, uma linda mulher. Seu rosto parecia familiar e, ainda assim, desconhecido. Ela elevou o olhar e me fitou, sorrindo quando apareci diante dela.

— Ah! Era você o prisioneiro na torre? Estou muito feliz por tê-lo atraído para o lado de fora.

— Então você me conhece?

— Você não me conhece? No entanto, você me magoou, e isso, eu suponho, torna mais fácil para um homem esquecer uma mulher. Você quebrou o meu globo. Mas tenho que lhe agradecer. Talvez eu lhe deva muitos agradecimentos por quebrá-lo. Recolhi os cacos, todos negros, e os molhei com minhas lágrimas enquanto os levava à Rainha das Fadas. Não havia música nem luz neles. Mas ela os apanhou das minhas mãos e os colocou de lado, me instruindo a dormir em um

grande salão branco, com pilares negros e muitas cortinas vermelhas. Eu a procurei na esperança de reaver meu globo inteiro e funcionando, mas ela me mandou embora sem ele, e não o vi mais desde então. Tampouco me importo com ele agora. Tenho algo muito melhor. Não preciso mais dele para me entreter, pois posso cantar, algo que não conseguia antes. Agora posso ir a todos os lugares no Reino das Fadas, cantando até meu coração estar a ponto de quebrar, como o meu globo, com a alegria proporcionada pelas minhas próprias canções. Para onde quer que eu vá, minhas canções fazem o bem e libertam as pessoas. Dessa vez, eu o libertei e estou muito feliz por isso.

Ela parou de falar e as lágrimas inundaram os seus olhos.

Enquanto eu a ouvia, também a observava com atenção e agora reconhecia por completo o rosto da criança glorificada no semblante daquela mulher. Senti-me envergonhado e humilhado diante dela, mas um grande peso foi removido de meus pensamentos. Eu me ajoelhei e a agradei, implorando por seu perdão.

— Levante-se, levante-se — ela pediu. — Não tenho razões para lhe perdoar, apenas motivos para agradecer. Porém devo ir agora, pois não sei quantos devem estar me esperando, aqui e ali, através das sombrias e escuras florestas, e eles não podem sair até que eu chegue.

Ela se levantou e, com um sorriso de despedida, virou-se e me deixou. Quase pedi para que ficasse, mas, na verdade, não conseguia expressar palavra alguma. Entre ela e eu havia um grande abismo. Ela havia sido elevada, pelo pesar e pela beneficência, a uma região em que eu jamais esperaria entrar. Assim, observei a sua partida como quem acompanha o pôr do Sol. Ela se foi como um resplendor em meio à escuridão da floresta, que se tornou, a partir de então, luminosa para mim pelo simples conhecimento de que uma criatura como aquela existia lá. Na verdade, ela estava carregando o Sol para os lugares sombrios. A luz e a música de seu globo destruído estavam agora em seu coração e sua mente. Enquanto desaparecia de minha vista, ela cantava, e ainda consegui captar estas poucas palavras de sua canção, cujo som pareceu ecoar entre as árvores, até que ela desapareceu:

Tu segues o teu e eu sigo o meu –

Muitos caminhos nós seguimos;

Muitos dias e muitas estradas
Terminam em um mesmo fim.

Muitos erros e sua canção curadora;
Muitas estradas, muitas estalagens;
Lugar para vaguear, mas um só lar
Para o mundo todo vencer.

E, assim, ela se foi. Com o coração pesaroso, confortado pela humildade e pelo conhecimento da paz e da alegria daquela mulher, ponderei comigo o que deveria fazer agora. Primeiro, deveria ir para bem longe daquela torre, para que, em algum revés terrível, eu não fosse uma vez mais encarcerado entre suas terríveis paredes. Contudo me sentia fraco demais para caminhar com aquela armadura pesada. Além disso, não me sentia mais no direito de usar as esporas douradas e a resplandecente cota de malha, agora opaca devido ao longo tempo de negligência. Talvez pudesse ser um escudeiro, mas tinha a classe dos cavaleiros em tão alta conta, que não podia mais me autodenominar um integrante da nobre irmandade. Despi-me de toda a armadura, empilhando as peças sob uma árvore, exatamente onde a mulher estivera sentada, tomando meu caminho desconhecido, seguindo entre as árvores, rumo ao leste. De todas as minhas armas, portava apenas um pequeno machado em minha mão. Então, primeiro, conheci o prazer de ser humilde, de dizer para mim mesmo: “Eu sou o que sou e nada mais. Eu falhei! Eu me perdi!”. Olhei ao meu redor. A sombra não estava em lugar algum. Logo descobri que não havia perdido a mim mesmo, mas apenas a minha sombra. Da mesma maneira, aprendi que é melhor, mil vezes mais, para um homem orgulhoso cair e ser humilhado do que manter a cabeça em seu orgulho e ilusória inocência. Aprendi também que aquele que almeja ser um herói acabará sendo apenas um homem. Porém, se o que deseja ser é nada mais que um agente de seu trabalho, está seguro de sua humanidade. Em nada meu ideal foi diminuído ou obscurecido, ou tornou-se menos valioso. Apenas o via com tamanha claridade, que não conseguia deixá-lo de lado por um instante sequer. Na verdade, meu ideal logo se tornou a minha vida, enquanto, no passado, minha vida consistia apenas em uma tentativa de olhar, se não meu ideal em mim, pelo menos, eu mesmo em meu ideal. Agora, entretanto, em

primeiro lugar, eu procurava desprezar e degradar a mim mesmo, o que talvez fosse um prazer equivocado. Um outro eu parecia surgir, como um espírito branco de um homem morto, vindo do mudo e pisoteado eu do passado. Sem dúvida alguma, esse “eu” necessita morrer de novo e ser enterrado para, mais uma vez, de sua tumba, emergir como uma criança alada. Porém disso a minha história ainda não tem registro. O eu ressurgirá para a vida mesmo na sua morte, porém há sempre algo mais profundo e forte que isso que emergirá, por fim, dos desconhecidos abismos da alma. Será como uma solene melancolia, de olhos incandescentes? Ou como uma clara manhã após a chuva? Ou, ainda, como uma criança sorridente que encontra a si mesma em lugar algum e em todo lugar?





“Pensamento altamente elevado, assentado em um coração de cortesia.”

— *The Countess of Pembroke’s Arcadia*

[A Arcádia da condessa de Pembroke],

de Sir Philip Sidney

“Um tipo de graça doce e atraente,

Uma plena afirmação dada por

olhares singelos,

Conforto contínuo em um semblante,

Os contornos dos livros do Evangelho.”

— *An Elegy; or, Friend’s Passion for his Astrophel* [Uma elegia, ou a paixão de um amigo por seu Astrofel], de Matthew Roydon, sobre Sir Philip Sidney



Ainda não havia ido muito longe, pois apenas acabara de perder a torre de vista quando uma voz de outro tipo, ecoando perto ou distante, conforme as árvores permitiam ou interceptavam a sua passagem, chegou aos meus ouvidos. Era uma voz plena, profunda e varonil, porém, sobretudo, clara e melodiosa. Num momento, explodia nos ouvidos com uma súbita intensidade para, logo mais, agonizar tão repentinamente quanto tinha começado, parecendo chegar aos meus ouvidos através de um grande espaço. Entretanto o som se aproximou até que, por fim, consegui distinguir as palavras da canção, obtendo transitórios vislumbres do cantor entre os troncos das árvores. Ele chegou mais perto, surgindo como um pensamento crescente. Era um cavaleiro armado dos pés à cabeça, montado sobre uma besta de estranha aparência, cuja forma eu não consegui compreender. As palavras que o ouvi cantar eram como estas:

Coração, seja determinado,
E, olho, verdadeiro;
Bom golpe desferido!
E o fraco irá lamentar.

Cavalo, coragem!
Não te falta habilidade;
Tua força completou bem
A minha vontade.

Pois o inimigo
Com feroz respirar,
De um golpe preciso,
Veio mortalmente tombar.

Gentilmente, corcel!
Com destemor marcha;
É seu curso cruel,
Que sobrecarrega a ti.

O olho do Sol no céu
Ao meio-dia é inclemente;
Tu e eu
Logo repousaremos plenamente

E com força renovada
Novos trabalhos encontraremos;
Até que, por fim,
O longo e doce repouso desfrutaremos.

Então, cavalo e cavaleiro chegaram perto o bastante para eu ver o corpo de um enorme dragão amarrado pelo longo pescoço à parte posterior da sela e deixando a marca de seu terrível comprimento no solo. Não surpreendia, portanto, que, com tamanha carga em seus calcanhares, o pobre animal não pudesse fazer grandes progressos, além de seu evidente desânimo. A horrível cabeça de serpente, com sua língua negra, bipartida e pendurada entre suas presas, balançava

contra a lateral do cavalo. O pescoço era coberto com uma longa crina azul e, suas laterais, com escamas douradas e verdes. A traseira era de uma pele enrugada de cor púrpura. Sua barriga era de natureza similar, mas a coloração era de chumbo, entremeada de manchas de um vívido azul. As asas eram finas como de morcego e, sua cauda, de um cinza opaco. Foi estranho ver cores tão deslumbrantes, tantas linhas curvilíneas e tantos outros detalhes, como asas, crinas e escamas, em combinação com a forma de tão horrenda criatura. Realmente era algo além da imaginação.

O cavaleiro ia passando por mim com uma saudação, mas, uma vez que caminhei em sua direção, ele puxou as rédeas e eu parei ao lado do estribo. Ao me aproximar, percebi, para minha surpresa e alegria, embora com uma súbita dor no coração, como uma brasa, que era o cavaleiro da armadura manchada, o mesmo que conhecera antes e vislumbrara, na visão, com a dama de mármore. Contudo seria capaz de me lançar aos seus pés apenas pelo fato de ela o amar. A descoberta apenas fortaleceu a resolução que eu havia tomado, antes mesmo de reconhecê-lo, de oferecer-me ao cavaleiro e servi-lo como seu escudeiro, pois ele parecia desacompanhado. Fiz o meu pedido em poucas palavras. Ele hesitou por um momento e olhou-me, pensativo. Percebi que ele suspeitava saber quem eu era, mas continuava incerto acerca da suspeita. Sem dúvida ele se convenceu de sua veracidade, porém, em todo o tempo que estive com ele, nem uma única palavra saiu daqueles lábios com respeito ao que ele evidentemente concluiu que eu desejava manter despercebido ou esconder dele.

— Escudeiro e cavaleiro devem ser amigos — disse ele. — Pode apertar a minha mão? — estendendo a sua enorme mão direita.

De bom grado, apertei-a com força. Nem uma palavra mais foi dita. O cavaleiro deu sinal ao cavalo, que novamente reiniciou a sua lenta marcha, tendo a minha companhia, que o seguia a curta distância.

Não precisamos caminhar muito até chegarmos a uma cabana, do interior da qual saiu uma mulher, gritando:

— Minha filha! Minha filha! Você encontrou a minha filha?

— Sim, eu a encontrei — respondeu o cavaleiro —, mas ela está muito ferida. Então, fui forçado a deixá-la com o eremita, quando retornava. Você a encontrará lá e, creio, bem melhor. Veja que lhe trouxe um presente. Este miserável não a machucará mais.

A seguir, ele soltou o pescoço da criatura e jogou a atemorizante carga na soleira da porta.

A mulher já estava quase fora do alcance de nossa vista na floresta quando o marido saiu à porta, com agradecimentos silenciosos em seu rosto.

— Você deve enterrar o monstro — instruiu o cavaleiro. — Tivesse eu chegado um instante depois, teria sido tarde demais. Mas, agora, não precisa mais temer, pois uma criatura como essa raramente aparece por duas vezes na mesma região durante toda a vida.

— Não desmontará para um descanso, senhor cavaleiro? — questionou o camponês, que a essa altura já havia se recomposto.

— De bom grado o farei — respondeu, desmontando.

Então, ele me deu as rédeas e me disse para remover o freio do cavalo e levá-lo a um lugar com pouca luz.

— Não precisa amarrá-lo — acrescentou. — Ele não vai fugir.

Quando retornei, após cumprir suas ordens, entrei na cabana e vi o cavaleiro sentado, sem o seu capacete e conversando com o humilde anfitrião de maneira mais familiar. Parei na porta por um instante e, ao vê-lo, justifiquei internamente a preferência da dama de branco por ele. Jamais conheci um semblante mais nobre. A ternura irradiava de cada traço de seu rosto. Parecia que ele se recompensava pelo árduo combate anterior ao se entregar a toda a bondade de um coração feminino. Entretanto, quando a conversa cessou por um momento, ele pareceu cair em um devaneio. Então, as delicadas curvas de seu lábio superior desapareceram. O lábio estava comprimido e alongado ao mesmo tempo. Poderia se dizer que, atrás dos lábios, os dentes estavam firmemente cerrados. Todo o semblante tornou-se inflexível e determinado, expressando certa ferocidade. Apenas os olhos queimavam como um sacrifício santo, oferecido em uma rocha de granito.

A mulher retornou, carregando sua machucada filha nos braços. Ela estava tão pálida quanto a sua pequena carga. A mãe olhou, com um amor irrestrito e desesperada ternura, para a face mortalmente imóvel, branca e lívida devido à perda de sangue e ao terror.

O cavaleiro levantou-se. A luz que havia sido confinada aos seus olhos agora brilhava em todo o seu rosto. Ele tomou a pequena criança em seus braços e, com o auxílio da mãe, a despiu e examinou as suas feridas. As lágrimas correram pelo seu rosto enquanto ele a

examinava. Com mãos ternas, ele as tratou, beijou o pálido rosto e devolveu a criança à sua mãe. Quando ele fosse embora, todo o seu relato seria sobre o sentimento de pesar e alegria dos pais. Para mim, que apenas observara, concentrando-me no gracioso semblante do homem armado, radiante em sua couraça de aço sobre a criança aparentemente morta, enquanto poderosas mãos cuidavam dela, se possível mais gentilmente que a própria mãe, o cavaleiro constituía o centro da história.

Após compartilharmos o melhor que eles podiam nos dar, o cavaleiro preparou-se para partir, com algumas poucas instruções finais à mãe sobre como ela deveria cuidar da filha.

Eu trouxe ao cavaleiro o seu corcel, segurei o estribo enquanto ele montava e então o segui pela floresta. O cavalo, deliciado por se ver livre de sua hedionda carga, saltava debaixo do peso do homem e de sua armadura e nada o fazia desistir do galope. Contudo o cavaleiro conseguiu fazê-lo cavalgar conforme o meu ritmo, e assim prosseguimos por uma ou duas horas, após o que o cavaleiro desmontou e me obrigou a tomar seu lugar na sela, dizendo:

— Cavaleiro e escudeiro devem partilhar o trabalho.

Segurando o estribo, ele caminhou ao meu lado, mesmo com todo aquele peso sobre si, com aparente facilidade. Enquanto seguíamos, ele iniciou uma conversa, na qual assumi o humilde papel que minha condição me permitia.

— De certa maneira ou de outra — disse ele —, apesar da beleza do país das fadas em que nos encontramos, há muita coisa errada com ele. Se há grandes esplendores, há horrores correspondentes: alturas e profundezas; mulheres lindas e terríveis inimigos; homens nobres e pessoas fracas. Tudo o que um homem pode fazer é o seu melhor. E, se ele se convencer disso, de que nem renome nem sucesso em si mesmos têm grande valor, e se contentar em ser derrotado, caso a culpa não seja dele, dando continuidade ao trabalho com mente calma e vontade forte, ele terá êxito, e o pior não prevalecerá no fim, pois ele se preocupou com a provisão e a precaução.

— Porém nem sempre há um final feliz — arrisquei-me a comentar.

— Talvez não — concordou o cavaleiro —, analisando o ato individual, mas o resultado em sua vida vai satisfazê-lo.

“Assim sucederá com você, sem dúvida alguma”, pensei comigo

mesmo, “mas quanto a mim...”

Aventurando-me a retomar a conversa após uma pausa, disse com hesitação:

— Posso perguntar por que a pequena garota quis a sua ajuda quando o procurou em seu palácio?

Ele me fitou por um momento em silêncio e, então, disse:

— Não posso deixar de me perguntar como você sabe disso. Mas há algo em você estranho o suficiente para lhe dar o privilégio do país, a saber, não ser questionado. Eu, no entanto, sendo apenas um homem, como você vê, estou pronto para lhe dizer o que quiser, tanto quanto eu puder. A garotinha veio ao salão onde eu estava sentado e me contou uma história muito curiosa, da qual me recordo apenas vagamente, mas era muito peculiar. Apenas lembro que ela fora enviada para ganhar asas. Tão logo obtive um par de asas para si, ela me disse que estava pronta para voar até o país de onde viera, mas não disse qual país. Ainda contou que teve de implorar por asas às borboletas e traças e que, sempre que implorava, seu pedido era atendido. Porém era preciso uma grande quantidade de asas das mariposas e traças para fazer um par para ela. Assim, ela perambulou dia após dia procurando borboletas, e noite após noite procurando traças, a quem solicitava suas asas. Contudo, no dia anterior, ela relatou ter chegado a uma parte da floresta onde havia miríades de esplêndidas borboletas esvoaçantes para lá e para cá, com asas que eram perfeitas para ela. A garota sabia que poderia ter tantas quantas pedisse, mas, assim que começou a pedir, surgiu uma grande criatura à sua direita que a derrubou e passou por cima dela. Quando conseguiu se levantar, ela percebeu que a floresta estava repleta de tais seres andando à espreita, que não pareciam ter nada a ver um com outro. Toda vez que ela começava a pedir asas, um deles caminhava por cima dela, até que, por fim, em desespero e crescente horror diante das insensíveis criaturas, ela fugiu em busca de algum socorro. Perguntei-lhe como as criaturas eram. Ela me respondeu que eram como homens grandes, feitos de madeira, sem joelhos ou articulações nos cotovelos. Também não tinham nariz, boca ou olhos. Ri diante da garotinha, imaginando que estaria zombando de mim, mas, embora ela também risse, insistiu na veracidade de sua história.

“— Apenas venha, nobre cavaleiro. Venha e veja. Eu o guiarei.

“Apanhei as minhas armas para estar pronto para qualquer

eventualidade e segui a garota, pois, embora ainda não acreditasse em sua história, podia ver que ela precisava de ajuda. Enquanto a menina seguia adiante de mim, pude observá-la com atenção. Se ela havia sido derrubada e pisoteada várias vezes, não podia afirmar, porém suas roupas estavam muito desgastadas e rasgadas em alguns pontos, deixando à mostra sua pele branca. Achei que era corcunda, mas, olhando-a com mais cuidado, percebi, através dos farrapos de seus trajes – não ria de mim – uma elevação das cores mais deslumbrantes em cada ombro. Olhando ainda mais atentamente, vi que tinham a forma de asas dobradas, confeccionadas a partir de todos os tipos de asas de borboletas e traças, unidas como as asas de uma única borboleta, porém arranjadas de maneira mais rica e produzindo uma harmonia perfeita de cores e sombras. A partir daí, consegui crer com mais facilidade no restante da história, em especial quando via, de vez em quando, certo mover das asas, como se a menina quisesse abri-las, embora asas completas não pudessem ser escondidas debaixo de seus rasgados trajes e, de fato, como ela mesma contara, ainda não estavam concluídas.

“Após uma caminhada de duas ou três horas (como a garotinha achou o caminho, nem posso imaginar), chegamos a certa área da floresta onde o próprio ar estava agitado com o mover de multidões de resplandecentes borboletas, deslumbrantes em cor. Era como se as penas de pavões tivessem a capacidade de voar, mas com uma variedade infinita de matizes e formas. A única diferença é que parecia haver algum tipo de olho em cada asa.

“— Veja! Lá estão eles! Lá estão eles! — gritou a garota, em um tom de vitória mesclado ao terror. Não fosse pelo tom, eu pensaria que ela estava falando das borboletas, pois eu mesmo não conseguia ver nada. Contudo, naquele instante, uma imensa borboleta, cujas asas tinham grandes olhos de cor azul circundados por nuvens de uma coloração menos viva, como uma brecha nas nuvens durante uma tempestade no crepúsculo, aproximou-se de nós. Instantaneamente, a garota começou a murmurar: — Borboleta, borboleta, dê-me as suas asas.

“No instante seguinte, ela caiu ao chão e começou a chorar como se estivesse ferida. Retirei a minha espada, desferindo um vigoroso golpe na direção em que a garotinha havia caído. A lâmina atingiu algo e, imediatamente, a mais grotesca imitação de um ser humano

tornou-se visível. Como você sabe, o Reino das Fadas é cheio de esquisitices e toda a sorte de coisas incrivelmente ridículas que um homem é obrigado a encontrar e tratar como existências reais, embora, durante todo o tempo, ele se sinta um tolo por isso. Tal ser, se é que podia ser chamado assim, era como um bloco de madeira toscamente esculpido como um simples esboço de um homem, pois tinha cabeça, nenhum rosto, corpo e membros sem forma. Como o golpe havia cortado uma de suas pernas, mas as duas partes ainda se moviam o melhor que podiam independentes uma da outra, eu teria de agir novamente. Saltei sobre ele, partindo-o em dois, de alto a baixo, mas o ser não se convenciu de que sua vocação não era mais andar sobre as pessoas. Tão logo a garotinha voltou a pedir asas, todas as três partes vieram apressadas, de tal modo que, se eu não a protegesse com meu corpo, ela teria sido pisoteada de novo. Percebi que algo mais teria que ser feito. Se a floresta estava cheia daquelas criaturas, seria um trabalho interminável cortá-las em pedaços tão pequenos de modo a não causarem mais danos. Além disso, os pedaços seriam tão numerosos, que as borboletas estariam em perigo com possíveis lascas voadoras. Ainda assim, decidi cortar o ser dessa forma. A seguir, instruí a garotinha que pedisse as asas de novo e apontasse na direção em que a criatura surgisse. Logo surgiu outra, mas, dessa vez, fiquei feliz por poder vê-la, ponderando comigo mesmo como tais seres podiam ficar invisíveis. Não permitiria que a criatura pisoteasse a garota, mas, enquanto cuidava dela, a menina continuou pedindo e, logo, outra apareceu. Tudo o que pude fazer, usando o peso da minha armadura, foi proteger a garota dos estúpidos e perseverantes esforços dos dois seres. Porém, subitamente, um plano perfeito veio à minha mente. Derrubando um deles, agarrei-o pelas pernas, colocando-o de cabeça para baixo, com os calcanhares contra uma árvore. Deliciei-me ao descobrir que ele não podia mais se mover. Enquanto isso, a pobre criança foi pisoteada pelo outro ser, mas pela última vez. Sempre que um deles surgia, eu executava o mesmo plano – colocava-o de cabeça para baixo contra uma árvore – e, assim, a garotinha foi capaz de recolher as suas asas sem qualquer dificuldade, o que fez por muitas horas em minha companhia.”

— O que sucedeu a ela? — perguntei.

— Eu a levei para o meu castelo e ela me contou toda a sua história. Mas, durante todo o seu relato, pareceu-me estar ouvindo a

conversa de uma criança em pleno sono. Minha mente não conseguiu assimilar sua história de modo algum, embora ela parecesse estar narrando tudo em alguma ordem própria. Minha esposa...

Nesse ponto, o cavaleiro parou, e nada mais disse. Tampouco insisti na conversa.

Portanto, assim caminhamos por muitos dias, repousando à noite no melhor abrigo que encontrávamos. Quando isso não era possível, dormíamos debaixo de alguma árvore, forrando o chão com folhas murchas.

Eu apreciava o cavaleiro cada vez mais, e creio que nenhum outro escudeiro serviu ao seu mestre com mais cuidado e alegria que eu. Cuidava de seu cavalo, lustrava e consertava a sua armadura, lançando mão de minhas habilidades de artífice, quando necessário, e cuidava de todas as suas necessidades, sendo muito bem pago com o próprio amor que nutria por ele.

“Com certeza”, disse a mim mesmo, “este é um verdadeiro homem. Eu o servirei e lhe darei toda a deferência, vendo nele a incorporação do que me alegraria em ser. Se não posso ser o próprio nobre, pelo menos serei um servo de sua nobreza.”

Por sua vez, ele logo me mostrou sinais de amizade e respeito, alegrando o meu coração, e senti que, afinal, a minha vida não seria em vão se o seguisse até o fim do mundo, embora nenhum sorriso, exceto o dele, deveria me cumprimentar, e ninguém exceto ele deveria dizer, afinal: “Muito bem! Ele foi um bom servo!”. Entretanto eu ardia com o desejo de fazer algo mais por ele do que permitia a rotina comum de um escudeiro.

Certa tarde, começamos a observar algo semelhante a estradas na floresta. Galhos haviam sido cortados e, trilhas, feitas, mas não havia pegadas marcando o caminho. Tais indicações aumentaram à medida que avançamos, até que, por fim, chegamos a uma longa e estreita avenida, formada pela derrubada de árvores, como as raízes no chão evidenciavam. A certa distância, em ambos os lados, observamos sinais de avenidas similares, que pareciam convergir com a nossa, em direção a um mesmo local. Ao longo delas, indistintamente, vimos inúmeras formas se movendo como nós, em direção a um centro comum. Por fim, nosso caminho nos levou a uma parede formada por teixos que cresceram tão próximos uns dos outros, que seus galhos se entrelaçaram, bloqueando qualquer visão para além deles. Contudo

uma abertura como uma porta havia sido cortada, e toda a parede seguia uma disposição plana e perpendicular. O cavaleiro desmontou e aguardou até eu providenciar um lugar confortável para o cavalo; após entramos juntos.

Era um espaço imenso, sem árvores e circundado por quatro paredes de teixos, similar àquela por meio da qual entramos. Todas as árvores atingiram uma grande altura e não se dividiam umas das outras senão perto do topo, onde seus picos formavam uma fileira de parapeitos cônicos em todo o perímetro das paredes. O espaço formava um paralelogramo de grandes comprimentos. Ao longo de cada um dos dois lados mais longos do interior estavam alinhadas três fileiras de homens trajando roupas brancas, em atitude solene e silenciosa, cada qual portando uma espada ao seu lado, embora o restante de seus trajes estivesse mais para o de pastores que de soldados. A alguma distância, indo ao interior, o espaço entre essas fileiras opostas era preenchido por um grupo de homens, mulheres e crianças em trajes festivos. Os olhares estavam todos voltados para dentro, em direção à extremidade mais remota. Para muito além da multidão, em uma longa avenida que parecia estreitar à distância, seguiam as longas fileiras de homens trajados de branco. Não sabíamos dizer o que atraía a atenção da multidão, pois o Sol havia se posto antes de nossa chegada e estava ficando cada vez mais escuro. Todos aguardavam em silêncio. As estrelas começaram a brilhar no local fechado, tornando-se cada vez maiores e mais brilhantes. Uma brisa começou a soprar, balançando os picos das árvores, ecoando um estranho som, misto de música e lamento, por entre os galhos e folhas entrelaçados das árvores-muros. Uma jovem que estava ao meu lado, vestida da mesma forma que os sacerdotes, curvou a cabeça em reverência.

O cavaleiro sussurrou ao meu ouvido:

— Como tudo é solene! Com certeza aguardam ouvir a voz de um profeta. Há algo bom se aproximando!

Mas, embora de algum modo afetado pelo sentimento expresso por meu mestre, eu ainda tinha uma inexplicável convicção de que algo ruim iria acontecer. Assim, resolvi observar tudo o que estava por seguir.

Subitamente, uma imensa estrela, como um Sol, surgiu no céu sobre o templo, iluminando-o por completo. Então uma grande canção

ecoou cantada pelos homens de branco, enquanto seguiam circundando o prédio, ora rumando para o fim, ora aproximando-se pelo outro lado do local onde estávamos. Os cantores se alternavam a intervalos regulares. Quando o que estava cantando parava de cantar, o seu companheiro do lado retomava a canção, de modo que a música prosseguia com graduações pelas mudanças quase imperceptíveis em si mesmas, pois apenas alguns dos que cantavam paravam ao mesmo tempo. A canção cessou e vi um grupo de seis dos homens trajados de branco caminhar até o centro da avenida humana, acompanhando um jovem, garbosamente vestido debaixo de sua alva roupa e portando uma coroa de flores sobre a cabeça. Segui-os sem perder um movimento, com toda a atenção, e, ao acompanhar seu lento progresso com o olhar, fui capaz de perceber com maior clareza o que aconteceu quando eles chegaram à outra extremidade. De antemão, sabia que minha capacidade visual era maior que a da maioria das pessoas. Portanto, tinha bons motivos para supor que enxergava melhor que os demais àquela distância. Na extremidade mais distante, havia um trono sobre uma plataforma, acima das cabeças dos sacerdotes ao redor. Vi aquele pequeno grupo começando a subir ao palco, aparentemente por uma rampa de baixa inclinação. O próprio trono também era elevado em um tipo de pedestal quadrado, dotado de degraus para acesso. Sentada no trono, consegui discernir uma figura de aparência majestosa, cuja postura parecia indicar uma mescla de orgulho e benignidade, enquanto ela olhava a multidão lá embaixo. O grupo dirigiu-se ao pé do trono, onde todos se ajoelharam por alguns minutos. Em seguida, se ergueram, circundando lateralmente o pedestal onde o trono estava apoiado. Lá, postaram-se atrás do jovem, colocando-o em posição de destaque, e um deles abriu uma porta existente no pedestal para ele entrar. Tive a certeza de vê-lo estremecer e hesitar, sendo impelido pelo grupo às suas costas. Novamente, então, a multidão de branco entoou uma canção que durou alguns minutos.

Quando a cantoria acabou, um novo grupo de sete pessoas começou sua marcha rumo ao centro. Enquanto avançavam, olhei para o meu mestre: seu nobre rosto estava cheio de reverência e assombro. Por ser ele próprio incapaz de algum ato maligno, era-lhe muito difícil suspeitar do mal, muito menos em meio a uma multidão como aquela e cercado de tamanha aparência de solenidade. Eu estava

certo de que os grandiosos acompanhamentos é que o tinham fascinado, bem como as estrelas no firmamento, os topos escuros e elevados das árvores-muros, além da brisa que, como um invisível espírito, balançava seus galhos. Tudo isso havia levado o seu espírito a acreditar que, em todas essas cerimônias, havia um grande significado místico que, como sua humildade o fazia pensar, sua ignorância o impedia de compreender.



Ainda mais convencido de que havia algum mal em tudo aquilo, não pude suportar a ideia de meu mestre ser ludibriado, de alguém como ele, tão puro e nobre, estar respeitando – se minhas suspeitas fossem verdadeiras – algo pior que as decepções comuns do sacerdócio. Não sabia dizer o quanto ele poderia seguir aquela crença e, assim, apoiar ações antes de encontrar motivo para se arrepender amargamente de seu equívoco. Acompanhei a nova procissão com ainda mais interesse que antes. Dessa vez, a figura central era uma garota e, com mais atenção, observei sem dúvida alguma sua hesitação e a coação dos demais para que ela entrasse. O que aconteceu com as vítimas, eu jamais descobri, mas já tinha visto o suficiente e não podia suportar mais. Inclinei-me e sussurrei à jovem ao meu lado para que me emprestasse o traje branco. Eu o queria para que não estivesse inteiramente em desacordo com a solenidade e, com o disfarce, pudesse passar despercebido. Ela olhou para mim com um misto de incredulidade e divertimento, como se duvidasse da minha seriedade. Contudo, em sua perplexidade, me permitiu retirar o traje de seus ombros. Facilmente o apanhei e, ajoelhando-me no meio da multidão, levantei-me com a roupa dos demais adoradores.

Entreguei o meu machado à garota como garantia da devolução do traje, pois desejava investigar o evento desarmado e, se houvesse um homem sentado ao trono, atacá-lo de mãos vazias, pois supunha que ele estava assim também. Em seguida, abri caminho entre a multidão e segui em frente enquanto a cantoria prosseguia, desejoso de alcançar a plataforma enquanto ela estivesse desocupada por qualquer dos demais sacerdotes. Consegui caminhar pela longa avenida de trajes brancos sem ser incomodado, embora percebesse olhares questionadores em muitos dos rostos pelos quais passei. Presumo que minha frieza tenha ajudado em minha passagem, pois me senti totalmente indiferente quanto ao meu destino. Não me sentia digno de alguma preocupação comigo mesmo, dados os últimos eventos de minha história, e desfrutei talvez de alguma satisfação maligna na vingança sobre o eu que havia me enganado por tanto tempo.

Ao chegar à plataforma, a canção havia acabado de terminar, e senti como se todos estivessem olhando para mim. Porém, em vez de me ajoelhar ao pé da escada, subi diretamente os degraus em direção ao trono, segurei a grande imagem de madeira que parecia sentada no trono e tentei removê-la de seu assento. A princípio, não obtive

sucesso, pois a imagem estava fixada com firmeza ao trono. No meio-tempo, após se recuperarem da surpresa inicial, os guardas saltaram sobre mim antes que eu pudesse atingir meu objetivo. Então, em um último e desesperado esforço, agarrei-me à imagem com todas as minhas forças e, com um ruído de estalo e ruptura de madeira já apodrecida, algo se soltou e lancei a imagem para bem longe da plataforma. Sua remoção revelou um grande buraco no assento do trono, como a parte oca de uma árvore decadente, que parecia ainda descer muito. No entanto, não tive tempo de examiná-lo, pois, enquanto o observava, senti contra mim o impacto de um brutamonte, como um lobo, porém duas vezes maior, que me derrubou, rolando comigo a escadaria. Entretanto, ao cairmos, eu o agarrei pelo pescoço e, no instante em que atingimos a plataforma, uma grande luta teve início, em que logo me vi em vantagem devido à minha mão em seu pescoço e meu joelho em seu coração. Porém ouviu-se um grande choro de ira, vingança e resgate, e o peculiar silvo de aço, quando todas as espadas foram removidas de suas bainhas, pareceu cortar o próprio ar em pedacinhos. Ouvi o tropel de centenas de pessoas em direção à plataforma na qual eu estava. Então apertei com mais força ainda a garganta de meu oponente. Seus olhos estavam saltados e, sua língua, pendurada. Minha esperança era de que, mesmo após me matarem, eles não conseguissem retirar minha mão de sua garganta antes de o monstro perder a respiração. Assim, depusitei toda a minha vontade e propósito sobre a mão que o sufocava. Uma súbita fraqueza me dominou e perdi a consciência.



*“Jamais seremos como anjos, até que
nossas paixões morram.”*

— *The Second Part of a Honest Whore*

[A segunda parte de uma vagabunda honesta], de Thomas Dekker

*“Esta ordinária estalagem, onde raramente paramos para descansar,
Nós a chamamos de nossa morada:*

A um passo denominamos corrida:

Porém anjos em seu pleno e iluminado estado,

Anjos, que Vivem e sabem Ser,

Que todo o absurdo de nossa linguagem veem,

Que falam coisas, e nossas palavras, seus mal traçados retratos, zombam

Quando nós, por uma tola imagem dizemos:

Olhem um velho homem morto! Eles, então,

Falam com propriedade e choram: Olhem!

Um homem-criança nasceu!”

— *Life* [Vida], de Abraham Cowley



Eu estava morto e muito contente. Jazia deitado em meu caixão, com as mãos cruzadas em paz. O cavaleiro e a dama que amava choravam sobre mim. Suas lágrimas caíam em meu rosto.

— Ah! — suspirou o cavaleiro. — Avancei sobre eles como um lunático. Eu os ceifei como matagal. Suas espadas bateram em mim como granizo, mas não conseguiram me ferir. Eu abri caminho até o meu amigo. Ele já estava morto, mas conseguira estrangular o monstro e o segurava tão firme, que fui obrigado a decepar sua mão antes de poder transportar o corpo.

— Ele morreu com honra — comentou a dama.

Meu espírito exultou. Eles me deixaram em meu repouso. Senti como se uma gélida mão estivesse sobre o meu coração, tranquilizando-o. Minha alma era como uma noite de verão após uma forte chuva passageira, quando os pingos ainda estão brilhando nas árvores sob o efeito dos últimos raios do Sol poente e a brisa do crepúsculo começa a soprar. A febre da vida já passara, e eu respirava o límpido ar da montanha na terra da Morte. Jamais havia sonhado com tamanha bem-aventurança. Não significava que eu, de algum modo, deixara de ser o que tinha sido. O próprio fato de que qualquer coisa morre implica a existência de algo que não pode morrer, que deve tomar outra forma, como a semente que morre ao ser plantada, ressurgindo de novo, ou, em uma existência consciente, pode talvez continuar rumo a uma vida puramente espiritual. Se minhas paixões estavam mortas, as almas das paixões, esses mistérios essenciais do espírito que se incorporaram a elas, concedendo-lhes toda a sua glória e maravilha, ainda viviam e brilhavam com um fogo puro e imortal. Elas se elevam acima de suas roupas terrenas e mortais, revelando-se como anjos de luz. Mas como são lindas além da antiga forma! Estou aqui, portanto, deitado por um tempo, e, tendo vivido como se fosse uma existência não radiante, minha alma como um lago imperturbável, que recebeu todas as coisas e nada devolveu, permanece satisfeita em imóvel contemplação e consciência espiritual.

Logo me transportaram ao meu túmulo. Jamais uma criança cansada deitou-se em sua cama branca e ouviu o som de seus brinquedos sendo guardados para a noite com mais satisfação provocada pelo repouso do que eu quando senti o caixão ser posto em solo firme e ouvi o som da terra caindo sobre sua tampa. Dentro do caixão, não emite o mesmo ruído oco que envia para a beira do túmulo. Eles não me enterraram em um cemitério, pelo que lhes sou grato, pois me amavam muito e decidiram me enterrar no solo de seu próprio castelo, em meio a inúmeras árvores, onde, por ser primavera, havia botões de prímulas e jacintos, bem como todos os tipos de plantas.

Agora que eu me deitava em seu seio, toda a terra e cada um de seus muitos nascimentos eram como um corpo para mim, ao meu dispor. Parecia sentir o grande coração da mãe batendo no meu e me nutrindo com sua própria vida, seu próprio ser essencial e natureza. Ouvi os passos de meus amigos acima e uma vibração cruzou o meu

coração. Sabia que todos tinham saído, exceto o cavaleiro e a dama, que falavam palavras humildes, gentis e tristes sobre aquele que agora jazia debaixo da terra. Eu ascendi a uma grande e solitária prímula que crescia junto ao túmulo e, da janela de seu rosto humilde e confiável, olhei diretamente para o semblante da dama. Senti que podia me manifestar através da prímula, que diria o que eu desejava dizer, tal qual nos velhos tempos, quando eu costumava transportar-me para uma canção com o mesmo objetivo. A flor chamou sua atenção. Ela inclinou-se e arrancou a prímula do solo, dizendo:

— Oh! Que bela criatura! — Beijando-a e apertando-a gentilmente contra o peito. Esse foi o primeiro beijo que dela recebi. Contudo logo a flor começou a murchar, de modo que eu a abandonei.

Estava anoitecendo, e o Sol estava quase abaixo da linha do horizonte, porém seus rosados raios ainda iluminavam uma esparsa nuvem que flutuava nas alturas do mundo. Ascendi novamente e alcancei a nuvem, lançando-me nela, flutuando com ela à vista do Sol poente. O astro rei se foi e a nuvem tornou-se cinzenta, mas sua cor não tocou meu coração. Ela carregava o tom rosa no interior, pois agora eu podia amar sem ser amado em troca. A Lua surgiu, desfilando todo o passado em sua pálida face. Ela trocou a cor de meu leito por uma palidez fantasmagórica, lançando seus raios sobre toda a terra abaixo como ao fundo de um pálido mar de sonhos. Contudo a Lua não conseguiu me deixar triste, pois sabia agora que é por amar, e não por ser amado, que alguém pode chegar o mais perto possível da alma de outra pessoa. Sim, onde há dois amores, é o amor de um para com o outro que origina e aperfeiçoa a bem-aventurança de ambos, e não o ser amado. Sabia também que o amor concede àquele que ama poder sobre qualquer alma amada, mesmo se aquela alma não o conhecer, trazendo-o internamente para perto daquele espírito. Tal poder só pode ser bom, pois, à medida que o egoísmo avança, o amor retrocede e o poder originado por ele morre. Não obstante, todo o amor encontrará, um dia, o seu retorno. Todo o amor verdadeiro irá, um dia, observar a sua própria imagem nos olhos do ser amado e sentir-se humildemente feliz. Isso é possível nos reinos da altiva Morte. “Ah, meus amigos”, pensei eu, “como eu zelarei e aguardarei por vocês, como os assombrarei com o meu amor.”

Minha carruagem flutuante levou-me sobre uma grande cidade. Seu débil e abafado som ecoava pelo ar. Como era feito esse som?

“Quantos gritos desesperados”, ponderei, “quantos gritos insanos formam um tumulto, aqui tão tênue, onde flutuo em paz eternal, sabendo que, um dia, todos eles serão tranquilizados na calma reinante, que o desespero sucumbe diante da esperança infinita e que o aparentemente impossível lá embaixo é lei aqui! Ó mulheres de semblante pálido, homens de cenhos sombrios e crianças esquecidas, como eu cuidarei de vocês e lhes ministrarei, abraçando-os na escuridão, inspirando esperança em seu coração quando imaginarem não haver mais nenhuma! Em breve, quando todos os meus sentidos retornarem e se acostumarem com esta nova e abençoada vida, estarei entre vocês com o amor que restaura e cura.”

Com isso, uma pontada e um terrível tremor me atravessaram. Uma convulsão como de morte me fez contorcer e tornei-me, uma vez mais, consciente de uma mais limitada, até mesmo corporal e terrena, vida.





CAPÍTULO

25

*“Nossa vida não é um sonho, mas
deveria tornar-se um, e talvez será.”*

— Novalis

*“E no solo, que é o meu portão,
Nele bato com o meu honesto
e tardio bastão,
E digo: querida mãe, deixe-me entrar.”*

— *The Pardonere’s Tale*

[O conto do perdoador],
de Geoffrey Chaucer



Caindo de tal estado de felicidade ideal em um mundo de sombras, que mais uma vez me envolveram e se fecharam ao meu redor, meu primeiro temor naturalmente foi de que a minha própria sombra havia me encontrado de novo e toda aquela tortura iria recommençar. Foi uma triste reação de sentimentos. Isso, de fato, parecia corresponder ao que imaginamos como morte antes de morrermos. Ainda assim, senti em mim um poder de calma tolerância ao qual, até então, tinha sido um completo estranho, pois, na verdade, o simples fato de ser capaz de pensar em coisas como aquelas em que eu estava pensando já constituía um deleite indescritível. Uma hora nessa paz fez valer a pena ter passado pelo turbilhão de toda uma vida.

Encontrei-me deitado ao ar livre, nas primeiras horas da manhã, antes do alvorecer. Sobre mim elevava-se o céu de verão, à espera do Sol. As nuvens já o viam, à distância, e logo toda gota de orvalho se regozijaria com sua presença individual no seu próprio interior. Permaneci imóvel por alguns minutos e então lentamente me levantei

e olhei ao redor. Vi-me no pico de um pequeno monte; um vale estendia-se abaixo e uma cadeia de montanhas bloqueava a visão daquele lado. Entretanto, para meu horror, de lado a lado do vale, elevando-se até a altura das montanhas opostas, estendida desde os meus próprios pés, havia uma sombra enormemente expandida. Lá estava ela, longa e imensa, negra e poderosa. Virei-me em total desespero, mas então percebi o Sol começando a elevar sua cabeça acima do monte oriental e vi que a sombra que saía de mim surgia apenas onde seus raios não incidiam. Dancei de alegria, pois era a minha sombra natural, que acompanha todo aquele que caminha sob o Sol. Enquanto ele subia cada vez mais alto, a sombra descia pelo monte, rastejando ao longo do vale e retornando aos meus pés.

Agora que me sentia tão alegre por estar livre de meu temor, olhei e reconheci o país ao meu redor. No vale abaixo estava o meu castelo, e os esconderijos de minha infância estavam todos ali. Corri para casa. Minhas irmãs me receberam com indescritível alegria, contudo suponho que elas perceberam alguma mudança em mim, pois um tipo de respeito, com um leve toque de reverência, mesclava-se à alegria que experimentavam, fazendo com que me sentisse envergonhado. Elas tinham vivenciado grande aflição por minha causa. Na manhã em que desapareci, elas encontraram o assoalho de meu quarto inundado e, durante todo o dia, um magnífico e quase impenetrável nevoeiro cercou o castelo e as redondezas. Permaneci desaparecido, segundo elas, por vinte e um dias. Para mim tinha sido como vinte e um anos. Tampouco me sentia seguro em minhas novas experiências, pois, naquela noite, ao deitar-me de novo na minha própria cama, não estava totalmente confiante de que, ao despertar, não habitaria alguma misteriosa região do Reino das Fadas. Meus sonhos foram incessantes e agitados, porém, quando acordei, vi que estava claramente em minha própria casa.

Minha mente logo se acalmou e lancei-me às responsabilidades de minha nova posição, de algum modo instruído, esperava eu, pelas aventuras que vivera no Reino das Fadas. Conseguiria trazer as experiências de minhas viagens lá para uma vida comum? Essa era a questão. Ou devia viver tudo e aprender tudo de novo, nas formas que pertencem ao mundo dos homens, cuja experiência ainda corre paralela àquela do Reino das Fadas? Tais questões eu não sou capaz de responder. Mas sinto medo.

Ainda assim, algumas vezes me surpreendi olhando ao redor com ansiedade, a fim de ver se minha sombra estava no lugar em que devia estar sob o Sol. Jamais percebi qualquer desvio de sua exata posição. E, mesmo se me vejo frequentemente triste, ainda assim não lanço na Terra uma sombra maior do que a maioria dos homens que viveu nela tanto quanto eu. Por vezes tenho um sentimento estranho de que sou um fantasma, enviado ao mundo para ministrar aos meus camaradas, ou ainda para reparar os erros já cometidos. Talvez o mundo seja mais radiante para mim, pelo menos, naquelas regiões que a minha escuridão não alcança.

Portanto eu, que fui em busca de meu ideal, retornei exultante de haver perdido a minha sombra.

Quando a lembrança da bem-aventurança que experimentei após a minha morte no Reino das Fadas torna-se elevada demais para que a ela me apegue e tenha esperança, com frequência penso na mulher sábia da cabana e em sua solene afirmação de que sabia algo bom demais para ser revelado. Quando me sinto oprimido por algum pesar ou uma perplexidade real, em geral sinto como se apenas tivesse deixado sua cabana por uns tempos e em breve fosse tornar a vê-la novamente. Às vezes, em tais ocasiões, descubro-me, quase inconscientemente, procurando pela mística marca vermelha, com a vaga esperança de adentrar sua cabana e ser confortado por sua sábia ternura. Então me consolo, dizendo: “Eu atravessei a porta do Desalento, e o caminho de volta do mundo para o qual ela me conduziu é através de meu túmulo. Sobre ele jaz a marca vermelha, e devo encontrá-la algum dia e ser feliz”.

Finalizarei a minha história com o relato de um incidente que me ocorreu alguns dias atrás. Estava na companhia de meus ceifeiros e, quando eles interromperam o trabalho que faziam ao meio-dia, deitei-me à sombra de uma enorme e antiga faia, localizada na beirada do campo. Enquanto estava deitado, de olhos fechados, comecei a ouvir o som das folhas no alto. A princípio, elas produziam uma música isolada e desarticulada. Contudo, pouco a pouco o som pareceu começar a tomar forma e, gradualmente, se transformar em palavras, até que, por fim, imaginei distinguir a frase que a seguir descrevo, disfarçada em um pequeno oceano de tons circunfluentes:

— Um grande bem se aproxima de ti, Anodos — e assim repetidamente.

Imaginei que o som fosse parecido com a voz da mulher da cabana de quatro paredes. Abri os olhos e, por um instante, quase acreditei ter visto o seu rosto, com suas inúmeras rugas e seu olhar juvenil, fitando-me entre dois antigos galhos da faia sobre a minha cabeça. Porém, ao olhar com mais atenção, vi apenas ramos e folhas, além do infinito céu azul, em pequenas aberturas, que me via através delas.

Não obstante, sei que o bem está vindo para mim. Esse bem está sempre próximo, embora poucos tenham a simplicidade e a coragem de acreditar nele. O que chamamos de “mal” é a única e melhor forma que o maior bem podia assumir para uma pessoa e suas condições no momento. E, assim, *adeus!*





George MacDonald

C.S. LEWIS

Edição especial



THOMAS NELSON
PUBLISHERS

George MacDonald

Lewis, C.S.

9786556891149

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

George MacDonald (1824—1905) foi um gigante intelectual e pioneiro da literatura fantástica moderna. Seus textos influenciaram grandes nomes do final do século XIX e início do século XX, como J.R.R. Tolkien, G.K. Chesterton, Lewis Carroll, W.H. Auden e, claro, C.S. Lewis, que o considerava o seu grande mestre. Lewis, aliás, declarou que tudo o que escreveu foi influenciado por George MacDonald. De acordo com o próprio Lewis, "difícilmente exista qualquer outro escritor que pareça estar mais próximo, ou mais próximo sem cessar, do próprio Espírito de Cristo". Assinando o prefácio e selecionando os textos mais marcantes de MacDonald, Lewis nos apresenta esses tesouros extraordinários na forma de uma antologia com 365 reflexões diárias. Variando de "Amor inexorável" a "O tormento da morte", os escritos de MacDonald serviram de instrução e inspiração para o autor que dá nome a esta coleção, e continuam a inspirar ainda hoje.

[Compre agora e leia](#)

*Tremper Longman III
& John H. Walton*

com CONTRIBUIÇÃO de STEPHEN O. MOSHIER



O MUNDO
PERDIDO
do
DILÚVIO

TEOLOGIA, MITOLOGIA
E O DEBATE SOBRE OS DIAS
QUE ABALARAM A TERRA



THOMAS NELSON
BRASIL

O mundo perdido do dilúvio

Longman III, Tremper

9788566997828

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

O relato de Gênesis, em nossa era moderna, foi investigado e analisado em busca de respostas científicas, apologéticas e históricas. É um texto que trouxe à tona uma geologia sobre o dilúvio, incitou buscas por restos da arca no Monte Ararate e inspirou uma réplica de tamanho real da arca de Noé em um parque bíblico temático. Alguns chegam ao ponto de afirmar que a veracidade das Escrituras está ligada a uma leitura específica da narrativa do dilúvio. No entanto, estamos realmente entendendo o que estamos lendo? Longman e Walton nos encorajam a tirar o pé do acelerador e a perguntar: o que o autor bíblico poderia estar comunicando para seu público antigo? A resposta para nossa busca de redescobrir o dilúvio bíblico exige que coloquemos de lado nossas suposições culturais e interpretativas e examinemos o texto dentro de seu próprio contexto antigo de linguagem, literatura e estruturas de pensamento.

[Compre agora e leia](#)

PEN JAMES K. A. SMITH
SANDO
EM CONTRIBUIÇÕES PENTECOSTAIS
PARA A FILOSOFIA CRISTÃ
LÍNGUAS

Pensando em línguas

Smith, James K.A.

9786556891576

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

UMA EXPOSIÇÃO TÁCITA DOS ELEMENTOS QUE CONSTITUEM UMA FILOSOFIA DISTINTAMENTE PENTECOSTAL. As últimas décadas testemunharam um renascimento da filosofia cristã, liderado pelo trabalho de Alvin Plantinga, Nicholas Wolterstorff, William Alston, Eleonore Stump, dentre outros. No espírito do famoso manifesto de Plantinga, Conselhos aos filósofos cristãos, o que James K. A. Smith oferece aqui não é apenas conselhos aos filósofos pentecostais, mas também alguns conselhos pentecostais aos filósofos cristãos. Neste livro, o autor começa com a convicção de que há uma visão de mundo tácita ou um "imaginário social" implícito na espiritualidade pentecostal e carismática. Pensando em línguas descompacta e articula os elementos-chave dessa cosmovisão pentecostal e, em seguida, explora suas implicações para a reflexão filosófica sobre ontologia, epistemologia, estética, linguagem, ciência e filosofia da religião. Em cada caso, Smith demonstra como a sabedoria implícita da espiritualidade pentecostal faz contribuições únicas para as conversas atuais na filosofia cristã.

[Compre agora e leia](#)



DICIONÁRIO DE CRISTIANISMO E CIÊNCIA

OBRA DE REFERÊNCIA DEFINITIVA PARA A INTERSEÇÃO
ENTRE FÉ CRISTÃ E CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

- Entradas para mais de 600 termos-chave, teorias, indivíduos, debates e muito mais.
- Mais de 140 principais citações internacionais
- Exposições de múltiplas perspectivas sobre tópicos controversos
- Sistema completo de referência cruzada com recomendações para leitura adicional



PAUL COPAN, THOMAS LONGMAN III,
CHRISTOPHER L. REESE E MICHAEL G. STRAUSS,
ORGANIZADORES

Dicionário de Cristianismo e Ciência

Thomas Nelson Brasil

9788578609429

704 páginas

[Compre agora e leia](#)

OBTENHA RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DIFÍCEIS
ENVOLVENDO FÉ E CIÊNCIA

Adão e Eva • A idade da Terra • Mudança climática • Evolução
• Registro fóssil • Dilúvio de Noé • Milagres • Cosmologia •
Teoria do *Big Bang* • Bioética • Darwinismo • Morte • Vida
extraterrestre • Multiverso • Teoria das cordas • e muito, muito
mais...

Qual é a relação entre cristianismo e ciência? Como a teologia cristã se relaciona com a investigação científica? Quais são as filosofias concorrentes da ciência, e elas "trabalham" com uma fé cristã baseada na Bíblia?

Nenhuma obra de referência cobriu esse terreno suficientemente — até agora. Em um volume, você terá acesso instantâneo a mais de 450 conceitos cruciais na interação contínua entre ciência, filosofia, teologia, história e fé cristã.

ELEMENTOS CONTIDOS NESTE DICIONÁRIO

- Entradas para mais de 450 termos-chave, teorias, indivíduos, debates e muito mais irão ajudá-lo a pensar em algumas dos tópicos mais desafiadores da atualidade, incluindo mudanças climáticas, evolução, bioética e muito mais.
- Ensaios de mais de 140 principais estudiosos internacionais, incluindo Francis Beckwith, Michael Behe, Darrell Bock, William Lane Craig, James Hannam, Rodney Holder, Hugh Ross, Craig Keener, J.P. Moreland, Davis Young e John Walton.
- Exposições de múltiplas perspectivas sobre tópicos controversos permitem que você entenda e compare os pontos de vista.
- Subsídios sobre personagens que moldaram a interação entre ciência e religião — Agostinho, Aquino, Bacon, Darwin e Stephen Hawking são apenas o começo.
- Sistema completo de referência cruzada, e os verbetes incluem referências e recomendações para leitura adicional.

Paul Copan (PhD, Marquette University) é teólogo cristão, filósofo analítico, apologista e escritor; é professor da cátedra Família Pladger de Filosofia e Ética na Palm Beach Atlantic University, em West Palm Beach, Flórida.

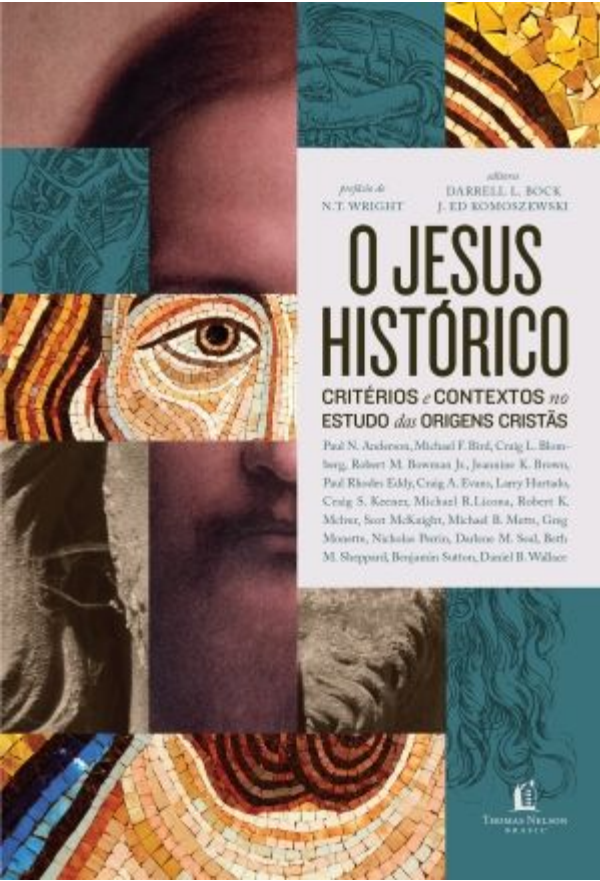
Tremper Longman III (PhD, Universidade de Yale) é professor da cátedra Robert H. Gundry de Estudos Bíblicos na Westmont College em Santa Bárbara, Califórnia.

Christopher L. Reese (Mestre em Teologia pela Talbot School of Theology) é escritor, editor e estudioso independente; é cofundador da Christian Apologetics Alliance.

Michael G. Strauss (PhD, Universidade da Califórnia, Los Angeles) é professor da cátedra David Ross Boyd de Física na

Universidade de Oklahoma, em Norman, Oklahoma.

[Compre agora e leia](#)



perfil de
N.T. WRIGHT

editores
DARRELL L. BOCK
J. ED KOMOSZKOWSKI

O JESUS HISTÓRICO

CRITÉRIOS e CONTEXTOS *no*
ESTUDO *das* ORIGENS CRISTÃS

Paul N. Anderson, Michael F. Bird, Craig L. Blomberg, Robert M. Bowman Jr., Jeanine K. Brown, Paul Rhodes Eddy, Craig A. Evans, Larry Hurtado, Craig S. Keener, Michael R. Licona, Robert K. Mctur, Scot McKnight, Michael B. Metz, Greg Mosserts, Nicholas Perrin, Darlene M. Seal, Beth M. Sheppard, Benjamin Stott, Daniel B. Wallace


THOMAS NELSON
NASCITA

O Jesus histórico

Bock, Darrell

9786556891552

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos últimos anos, vários estudiosos do Novo Testamento engajaram-se em estudos acadêmicos sobre o Jesus histórico e concluíram que tais estudos não podem produzir conclusões seguras e esclarecedoras sobre esse assunto, argumentando que a busca por um Jesus historicamente "autêntico" encalhou.

O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs reúne uma equipe de estudiosos brilhantes do Novo Testamento que afirmam que tais estudos sobre a historicidade de Jesus estão longe de estarem mortos.

Todos esses estudiosos valorizam o uso das ferramentas dos métodos históricos contemporâneos no estudo de Jesus e das origens cristãs. Embora o uso cético de critérios para formar um Jesus contrário ao retratado nos Evangelhos seja metodologicamente incorreto e teologicamente inaceitável, esses critérios, devidamente formulados e aplicados, produzem resultados positivos que sustentam os relatos dos Evangelhos e a narrativa histórica em Atos. Este livro apresenta uma alternativa matizada e vitalmente necessária aos céuticos extremados da erudição revisionista de Jesus que, por um lado, usam métodos históricos para questionar o Jesus dos Evangelhos e, por outro, negam a possibilidade de usar métodos históricos para aprender sobre Jesus.

Compre agora e leia